UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA
PORTUGUESA

JOÃO HENRIQUE LARA GANANÇA

Um estudo da prefixação em unidades lexicais neológicas coletadas de
blogs da internet

Versão corrigida

São Paulo

2017

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA
PORTUGUESA

Um estudo da prefixação em unidades lexicais neológicas coletadas de blogs da
internet

Versão corrigida

João Henrique Lara Ganança

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Filologia e Língua Portuguesa
do Departamento de Letras Clássicas e
Vernáculos da Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo, para obtenção do título de Mestre em
Letras

Orientadora: Prof^a Dr^a Ieda Maria Alves

De acordo,

São Paulo

2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

G195e   Ganança, João Henrique Lara
Um estudo da prefixação em unidades lexicais
neológicas coletadas de blogs da internet / João
Henrique Lara Ganança ; orientador Ieda Maria Alves. -
São Paulo, 2017.
276 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Clássicas e
Vernáculos. Área de concentração: Filologia e Língua
Portuguesa.

1. Linguística. 2. Lexicologia. 3. Morfologia. 4.
Neologia Lexical. 5. Prefixação. I. Alves, Ieda
Maria, orient. II. Título.

GANANÇA, J. H. L. Um estudo da prefixação em unidades lexicais neológicas coletadas de blogs da internet. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em: 05/04/2017

Banca Examinadora

Profa. Dra. Elis de Almeida Cardoso Caretta Instituição: FFLCH- USP

Julgamento: Aprovado Assinatura: _____

Prof. Dr. Bruno Oliveira Maroneze Instituição: UFGD

Julgamento: Aprovado Assinatura: _____

Profa. Dra. Fernanda Mello Demai Instituição: CEETPS

Julgamento: Aprovado Assinatura: _____

Dedico este trabalho aos meus pais e à minha orientadora,
que sempre me apoiaram e me abriram as portas.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me proporcionou a existência e me sustentou até o presente momento;

Aos meus pais, Carmem e Silvestre, pelo apoio incondicional em todos os momentos de minha vida, sem o qual nada disso teria sido possível;

À profª Ieda Maria Alves, pela imprescindível orientação para a elaboração deste trabalho, por todas as leituras e discussões que me proporcionou e pela paciência e carinho que sempre dispensou a mim, mesmo diante da minha imaturidade pessoal e acadêmica, ao longo de dez anos de convivência;

Aos profs. Elis de Almeida Cardoso e Bruno Oliveira Maroneze, pelas valiosas e imprescindíveis contribuições, na Banca de Qualificação, ao desenvolvimento deste trabalho;

Aos profs. Ataliba T. Castilho, Verena Kewitz e Beatriz Gil, pelas aulas e discussões acadêmicas maravilhosas que me proporcionaram e que, certamente, contribuíram para que este trabalho tomasse o rumo que tomou;

A todos os profs. com os quais pude conviver e aprender durante o período de graduação em Letras;

À Fabiana Sader, pela amizade, apoio e por tantos e tão agradáveis cafés;

A todos os colegas e amigos que se tornaram essenciais em minha vida: Janaína Lopes Salgado, Mariana Reis, Evelyn Seto, Samara Serralheiro, Natalia Marcelli, Paula Ribeiro, Caio e Gabriel Mancini, Rosângela Amato, Gdalva Maria da Conceição, Ludmila Romanovski, Jacqueline Nunes Lima, José Francisco, Solange de Almeida, Paulo Quintiliano, Jorge Lúcio, Darci Ajonas, Mariana Bianchini, Márcia Arcanjo, Thatiane Boteguim, Marco Antonio, Nelson Abdala, Fernando Cabral, entre tantos outros corações queridos que não caberiam jamais em um espaço tão pequeno de papel.

A todos os alunos da Rede Estadual de Ensino, de ontem e de hoje, com os quais sempre aprendi mais do que ensinei;

À Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, por ter aberto a mim, um ainda jovem estudante recém-egresso da escola pública, as portas do conhecimento que fascina.

RESUMO

GANANÇA, J. H. L. **Um estudo da prefixação em unidades lexicais neológicas coletadas de blogs da internet**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2017.

O objetivo desta pesquisa é estudar alguns aspectos do comportamento morfolexical e semântico de formantes prefixais, previamente registrados ou não pelas obras de referência de nossa língua, empregados na formação de unidades lexicais neológicas do português brasileiro contemporâneo. Como *corpus de extração*, selecionamos 89 blogs variados da internet veiculados, durante o ano de 2014, pelo portal *UOL*, pelo site do jornal *Folha de S. Paulo* e pela página da revista *Veja*. A metodologia empregada para a conferência do caráter neológico às formações prefixais recolhidas envolveu o processamento dos textos pela ferramenta computacional *Extrator de Neologismos*, utilizada pelo projeto *TermNeo* (FFLCH-USP), e a verificação da existência ou não dessas formações em três dicionários de língua geral: *HOUAISS* (versão eletrônica), *AURÉLIO* (versão eletrônica) e *MICHAELIS* (versão online). A diversidade inerente aos prefixos, de que resulta a histórica incerteza sobre ser a prefixação processo derivacional ou composicional, levou-nos a buscar uma análise que, de certo modo, privilegiasse justamente as idiossincrasias de cada formante prefixal. Sendo assim, guiados pela teoria do protótipo (ROSCH, 1973; 1975, *apud* CANÇADO, 2015; GEERAERTS, 2006, *apud* MARONEZE, 2011; GONÇALVES, 2012), propusemos a criação de um *continuum* de prefixidade, no qual os prefixos reais pudessem ser, após comparação de suas características às do protótipo, identificados como mais ou menos prefixais.

Palavras-chave: 1. Morfologia 2. Lexicologia 3. Neologia 4. Neologismo 5. Prefixação

ABSTRACT

GANANÇA, J. H. L. **A study of prefixation process in neological lexical unities collected in internet blogs.** Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2017.

This research aims to study some morphological, lexical and semantic aspects of the prefixes, considered or not by the lexicographic and grammar traditions, used to create neologisms in the contemporary Brazilian Portuguese. We selected 89 blogs as the *extraction corpus* of our study. These blogs were published, during 2014, by three important Brazilian journalistic websites: *UOL*, *Folha de S. Paulo* and *Veja* magazine. In order to recognize the lexical unities as neologisms or not we first submitted the texts to *Extrator de Neologismos*, a software used within *TermNeo* project (FFLCH-USP), and then we verified the existence of the words selected by the software in three different dictionaries: *HOAUISS* (electronic version), *AURÉLIO* (electronic version) and *MICHAELIS* (online version). The diversity since always presented by the prefixes, which historically divided the studies into those that consider prefixation as derivational process and those that consider it as compositional process, made us to look for an analytical point of view that privileged exactly the idiosyncrasies of each prefix. So, guided by the prototype theory (ROSCH, 1973; 1975, *apud* CANÇADO, 2015; GEERAERTS, 2006, *apud* MARONEZE, 2011; GONÇALVES, 2012), we proposed the creation of a prefixity *continuum*, in which the real prefixes could be, after the comparison between them and the prototype prefix, identified as more or less prefixal.

Keywords: 1. Morphology 2. Lexicology 3. Neology 4. Neologism 5. Prefixation

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1. Lista de candidatos a neologismos criada pela ferramenta <i>Extrator de Neologismos</i> a partir de textos recolhidos do blog de <i>Caio Blinder</i> , da revista <i>Veja</i>	77
Imagem 2. Continuação da lista de candidatos a neologismos criada pela ferramenta <i>Extrator de Neologismos</i> a partir de textos recolhidos do blog de <i>Caio Blinder</i> , da revista <i>Veja</i>	78
Imagem 3. Gráfico ilustrativo das porcentagens de prefixos de alta produtividade	81
Imagem 4. Gráfico ilustrativo das porcentagens de prefixos de produtividade intermediária	82
Imagem 5. Gráfico ilustrativo das porcentagens de prefixos de baixa produtividade	84
Imagem 6. <i>Continuum</i> entre prefixidade e lexicalidade	266
Imagem 7. Elementos afixais alocados no <i>continuum</i> de prefixidade	267

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Quadro-resumo dos critérios de prefixidade	62
Tabela 2. O elemento <i>ex-</i> e os critérios de prefixidade	92
Tabela 3. O elemento <i>exo-</i> e os critérios de prefixidade	94
Tabela 4. O elemento <i>super-</i> e os critérios de prefixidade	104
Tabela 5. O elemento <i>sobre-</i> e os critérios de prefixidade	106
Tabela 6. O elemento <i>não-</i> e os critérios de prefixidade	116
Tabela 7. O elemento <i>anti-</i> e os critérios de prefixidade	124
Tabela 8. O elemento <i>pós-</i> e os critérios de prefixidade	131
Tabela 9. O elemento <i>pré-</i> e os critérios de prefixidade	137
Tabela 10. O elemento <i>mini-</i> e os critérios de prefixidade	145
Tabela 11. O elemento <i>auto-</i> e os critérios de prefixidade	151
Tabela 12. O elemento <i>mega-</i> e os critérios de prefixidade	158
Tabela 13. O elemento <i>recém-</i> e os critérios de prefixidade	161
Tabela 14. O elemento <i>pró-</i> e os critérios de prefixidade	167
Tabela 15. O elemento <i>re-</i> e os critérios de prefixidade	174
Tabela 16. O elemento <i>des-</i> e os critérios de prefixidade	180
Tabela 17. O elemento <i>micro-</i> e os critérios de prefixidade	185
Tabela 18. O elemento <i>semi-</i> e os critérios de prefixidade	188
Tabela 19. O elemento <i>ultra-</i> e os critérios de prefixidade	192
Tabela 20. O elemento <i>neo-</i> e os critérios de prefixidade	196
Tabela 21. O elemento <i>pseudo-</i> e os critérios de prefixidade	199
Tabela 22. O elemento <i>multi-</i> e os critérios de prefixidade	203
Tabela 23. O elemento <i>sub-</i> e os critérios de prefixidade	208
Tabela 24. O elemento <i>sem-</i> e os critérios de prefixidade	210
Tabela 25. O elemento <i>quase-</i> e os critérios de prefixidade	213
Tabela 26. O elemento <i>hiper-</i> e os critérios de prefixidade	216
Tabela 27. O elemento <i>mal-</i> e os critérios de prefixidade	219
Tabela 28. O elemento <i>extra-</i> e os critérios de prefixidade	222
Tabela 29. O elemento <i>co-</i> e os critérios de prefixidade	225
Tabela 30. O elemento <i>com-</i> e os critérios de prefixidade	225
Tabela 31. O elemento <i>trans-</i> e os critérios de prefixidade	229
Tabela 32. O elemento <i>narco-</i> e os critérios de prefixidade	231

Tabela 33. O elemento <i>contra-</i> e os critérios de prefixidade	234
Tabela 34. O elemento <i>vice-</i> e os critérios de prefixidade	237
Tabela 35. O elemento <i>meta-</i> e os critérios de prefixidade	239
Tabela 36. O elemento <i>eco-</i> e os critérios de prefixidade	241
Tabela 37. O elemento <i>bi-</i> e os critérios de prefixidade	244
Tabela 38. O elemento <i>inter-</i> e os critérios de prefixidade	247
Tabela 39. O elemento <i>entre-</i> e os critérios de prefixidade	247
Tabela 40. O elemento <i>poli-</i> e os critérios de prefixidade	249
Tabela 41. O elemento <i>ciber-</i> e os critérios de prefixidade	251
Tabela 42. O elemento <i>para-</i> e os critérios de prefixidade	253
Tabela 43. O elemento <i>bio-</i> e os critérios de prefixidade	255
Tabela 44. O elemento <i>macro-</i> e os critérios de prefixidade	257
Tabela 45. O elemento <i>in-</i> e os critérios de prefixidade	259
Tabela 46. O elemento <i>bem-</i> e os critérios de prefixidade	261
Tabela 47. O elemento <i>tele-</i> e os critérios de prefixidade	264
Tabela 48. O elemento <i>infra-</i> e os critérios de prefixidade	265
Tabela 49. Os elementos prefixais e os critérios por eles preenchidos	268

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. A NEOLOGIA E OS NEOLOGISMOS: ASPECTOS TEÓRICOS	16
1.1. Neologia e Neologismos: a construção de um conceito	16
1.2. O Neologismo e suas funções: por que se criam neologismos?	22
1.3. Os processos de criação lexical: como se criam neologismos?	29
1.3.1. A Neologia: fenômeno de sincronia dinâmica	29
1.3.2. Conceitos básicos em Morfologia	30
1.3.3. Os principais processos de criação lexical em língua portuguesa	36
2. A PREFIXAÇÃO	41
2.1. A prefixação: um <i>continuum</i> entre a derivação e composição	41
2.1.1. A prefixação e as Gramáticas Tradicionais	42
2.1.2. A prefixação e os estudos linguísticos	46
2.1.3. Critérios para uma análise da prefixação via <i>continuum</i>	55
2.2. A prefixação e as funções da criação neológica	63
3. METODOLOGIA E CORPUS DE EXTRAÇÃO: O GÊNERO BLOG	68
3.1. Uma metodologia para o trabalho com Neologismos: os <i>corpora</i> de exclusão	72
4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	80
4.1. Prefixos de alta produtividade	84
4.1.1. <i>Ex-</i>	85
4.1.1.1. <i>Exo-</i>	93
4.1.2. <i>Super-</i>	94
4.1.2.1. <i>Sobre-</i>	105
4.1.3. <i>Não-</i>	107
4.1.4. <i>Anti-</i>	116
4.1.5. <i>Pós-</i>	124
4.2. Prefixos de produtividade intermediária	131
4.2.1. <i>Pré-</i>	131
4.2.2. <i>Mini-</i>	137
4.2.3. <i>Auto-</i>	145
4.2.4. <i>Mega-</i>	151
4.2.5. <i>Recém-</i>	158
4.2.6. <i>Pró-</i>	161
4.3. Prefixos de baixa produtividade	167
4.3.1. <i>Re-</i>	168
4.3.2. <i>Des-</i>	174

4.3.3. <i>Micro-</i>	180
4.3.4. <i>Semi-</i>	185
4.3.5. <i>Ultra-</i>	188
4.3.6. <i>Neo-</i>	193
4.3.7. <i>Pseudo-</i>	196
4.3.8. <i>Multi-</i>	199
4.3.9. <i>Sub-</i>	203
4.3.10. <i>Sem-</i>	208
4.3.11. <i>Quase-</i>	210
4.3.12. <i>Hiper-</i>	213
4.3.13. <i>Mal-</i>	216
4.3.14. <i>Extra-</i>	219
4.3.15. <i>Co-/Com-</i>	222
4.3.16. <i>Trans-</i>	225
4.3.17. <i>Narco-</i>	229
4.3.18. <i>Contra-</i>	231
4.3.19. <i>Vice-</i>	234
4.3.20. <i>Meta-</i>	237
4.3.21. <i>Eco-</i>	239
4.3.22. <i>Bi-</i>	241
4.3.23. <i>Inter-/Entre-</i>	244
4.3.24. <i>Poli-</i>	247
4.3.25. <i>Ciber-</i>	249
4.3.26. <i>Para-</i>	251
4.3.27. <i>Bio-</i>	253
4.3.28. <i>Macro-</i>	255
4.3.29. <i>In-</i>	257
4.3.30. <i>Bem-</i>	259
4.3.31. <i>Tele-</i>	261
4.3.32. <i>Infra-</i>	264
5. OS ELEMENTOS NO CONTINUUM DE PREFIXIDADE	266
CONSIDERAÇÕES FINAIS	269
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	274

INTRODUÇÃO

O objetivo principal desta pesquisa é investigar o importante fenômeno da prefixação na língua portuguesa contemporânea do Brasil¹ tomando, como ponto de partida, unidades lexicais neológicas surgidas em contextos diversos de diferentes blogs da internet durante o ano de 2014.

Escolhemos compor nosso *corpus* apenas de textos veiculados em blogs, pois, por ser um gênero essencialmente híbrido, o qual mescla, simultaneamente, elementos de escrita e de oralidade (OLIVEIRA, 2013), acreditamos que se constitua em ambiente bastante propício para a observância da criação lexical em seu dinamismo.

Antes de iniciarmos o estudo, porém, faz-se necessário tornar explícita a epistemologia que embasa nossa pesquisa, isto é, o “olhar científico” de que lançamos mão durante este percurso intelectual.

Desde sempre nos estudos da linguagem, tem-se trabalhado numa epistemologia que se pode chamar de *clássica*, que remonta a Aristóteles, segundo a qual “as categorias linguístico-cognitivas são organizadas de forma a apresentarem um conjunto de características necessárias e suficientes que estão presentes em todos os seus membros” (MARONEZE, 2011: 13). Esta maneira de organizar e categorizar os fenômenos linguísticos busca regularidades e homogeneidades entre os elementos das diferentes classes da língua, de modo a discriminá-las de forma inequívoca. Todas as exceções são vistas como aberrantes e imediatamente postas em segundo plano.

Desde há algum tempo, porém, tem-se desenvolvido em vários ramos das ciências humanas e naturais um novo olhar epistemológico, que busca dar conta não apenas das regularidades, mas sobretudo das irregularidades e instabilidades que subsistem e sempre subsistiram em qualquer forma de classificação. No caso específico da análise linguística, o intuito é mostrar o quanto os elementos que compõem determinadas classes apresentam discrepâncias gramaticais e semânticas entre si e o que é “esperado” idealmente daquele grupo. Em outras palavras, pode-se dizer que nem todos os advérbios são, no mesmo grau, plenamente adverbiais, nem todos os adjetivos são plenamente adjetivais... e nem todos os prefixos são plenamente prefixais! E isso é natural, uma vez que a língua é um “domínio

---

¹ Segundo dados do *Projeto Base de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo* (http://www.fflch.usp.br/dlc/neo/dados_termneo.php), os neologismos formados pelo processo de prefixação correspondem a aproximadamente 30% do total de unidades lexicais neológicas coletadas, a partir de *corpora* jornalísticos variados, e analisadas, o que faz com que a prefixação seja, segundo este importante estudo, o processo formal de criação de palavras mais produtivo no estágio atual de nossa língua.

complexo” (CASTILHO, 2010: 63-5), heterogêneo, irregular, instável, vivo.

Várias teorias surgiram a partir dessa nova epistemologia, as quais se opõem à visão aristotélica de categorização, com destaque para a teoria do protótipo (ROSCH, 1973, 1975, *apud* CANÇADO, 2015; GEERAERTS, 2006 *apud* MARONEZE, 2011), da qual nos valem para o estudo dos formantes prefixais do português. Sendo assim, propomos, neste trabalho, que sejam estabelecidos, a partir de seleta bibliografia sobre a prefixação, alguns critérios possíveis para o estabelecimento do que seria um protótipo de prefixo, isto é, do que seria um prefixo “ideal”, que reúna em si as características definidoras do elemento prefixal. À luz destes critérios, os prefixos reais, surgidos em unidades lexicais neológicas extraídas de seus contextos de uso, serão analisados quanto ao seu maior ou menor pertencimento à classe prefixal, isto é, quanto ao seu maior ou menor grau de prefixidade ou de lexicalidade. Sobre isso, porém, falaremos melhor em seção apropriada desta dissertação.

Subdividimos o estudo em duas partes fundamentais: uma teórica, composta pelos capítulos primeiro, segundo e terceiro, e outra analítica, que engloba os capítulos quarto e quinto.

No primeiro capítulo, serão abordadas questões referentes ao fenômeno da neologia enquanto criação lexical, ao passo que o segundo capítulo será dedicado, como um todo, ao fenômeno da prefixação: qual é a natureza da prefixação? Quais são as características e possíveis critérios definidores do prefixo prototípico? Por que o falante cria unidades lexicais neológicas por meio da prefixação? O capítulo seguinte, terceiro, tratará, por sua vez, da metodologia empregada nesta pesquisa para a coleta e validação dos neologismos, bem como apresentará aspectos dos *corpora* de extração selecionados: blogs jornalísticos da internet.

Finalmente, os capítulos quarto e quinto, analíticos, têm como objetivos descrever e analisar o comportamento morfolexical dos elementos prefixais encontrados nos *corpora*, a fim de que seja possível entendê-los como mais ou menos próximos do protótipo construído ao longo do capítulo dois.

Esperamos realmente que nosso modesto estudo, sem nenhuma pretensão de ser definitivo ou de dar a palavra final sobre o assunto, possa contribuir para a compreensão do instigante fenômeno da prefixação em nosso português do Brasil.

1. A NEOLOGIA E OS NEOLOGISMOS: ASPECTOS TEÓRICOS

Neste primeiro capítulo, buscaremos tratar de aspectos teóricos concernentes ao fenômeno da neologia lexical em língua portuguesa. A fim de organizar nosso pensamento, subdividimos o presente estudo em três seções, as quais foram estruturadas a partir de três perguntas instigadoras, cuja função é guiar nosso olhar para a problemática do fenômeno neológico em âmbito lexical.

A primeira seção busca responder à questão principal do capítulo, a saber: o que se entende por neologia e neologismo? A partir desta reflexão, duas outras questões podem ser formuladas e, na medida das pesquisas que realizamos e das reflexões acerca do material pesquisado, ser respondidas nas seções que se seguem à primeira: por que se criam neologismos, isto é, qual a função dos neologismos na língua? E, afinal, como se formam novas unidades lexicais?

1.1. Neologia e Neologismos: a construção de um conceito

Segundo o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, a palavra *neologismo* data de 1813, enquanto que o surgimento de *neologia* é mais recente, tendo sido registrado seu aparecimento em 1858.

O verbete *neologia* traz, nesta obra lexicográfica, três acepções: “1. Processo de formação, caracterização e emprego de novas unidades léxicas; 2. Registro dessas unidades; 3. Conjunto de neologismos”. Quanto a *neologismo*, o dicionário registra as seguintes acepções: “1. Emprego de palavras novas, derivadas ou formadas de outras já existentes, na mesma língua ou não; 2. Atribuição de novos sentidos a palavras já existentes na língua; 3. Unidade léxica criada por esses processos.”. Em sua macroestrutura, encontramos ainda registrados os seguintes derivados: *neológico*, *neologismar*, *neologista* e *neólogo*.

De forma mais concisa, diz-nos o dicionário *Caldas Aulete*, em sua versão online², que *neologia* é “criação ou uso de palavras novas, ou com novos significados”, ao passo que *neologismo* seria “1. Uso de palavra ou expressão nova, ger. com base em léxico, semântica e sintaxe preexistentes, na mesma língua ou em outra; 2. p. ext. qualquer palavra ou expressão resultante desse processo”.

Os exemplos elencados acima parecem apontar para uma grande identidade semântica

---

² Disponível para consulta em: www.aulete.com.br

entre os vocábulos neologia e neologismo. A despeito das peculiaridades de sentido identificadas em cada verbete, percebe-se, por exemplo, que o traço semântico “emprego de novas unidades léxicas” está presente, no primeiro excerto, tanto para definir neologia quanto neologismo. No exemplo extraído do dicionário *Caldas Aulete*, por sua vez, a ideia de “uso de palavra nova” encontra-se, igualmente, nos dois verbetes.

A fim de dispersarmos essa nebulosidade, identificada nas obras lexicográficas, quanto ao sentido mais exato que se pode ou se deve conferir a esses dois vocábulos, neste trabalho, reservaremos a palavra *neologia* apenas para designar o *processo* de criação de novas unidades léxicas, ao passo que os *produtos* resultantes desta criação chamaremos de *neologismos*. Esta tem sido, aliás, a postura teórica adotada nos principais estudos realizados, desde as últimas décadas, sobre o tema (BARBOSA, 1981; ALVES, 1990, 2000, 2010; entre outros.).

Alves (2010: 63-4) informa-nos que os primeiros estudos acerca da neologia lexical no português brasileiro surgiram entre gramáticos na primeira metade do século XIX e se voltaram a discutir, sobretudo, a questão da inserção, na língua portuguesa, de estrangeirismos, mormente galicismos, que, à época, abundavam na fala e na escrita dos brasileiros cultos e geravam bastante preocupação entre os gramáticos.

De modo geral, a postura desses estudiosos reflete uma concepção purista da língua, em que se deve, a todo custo, preservá-la de influências estrangeiras nefastas que a poderiam facilmente corromper e destruir. Assim, se a neologia enquanto processo tende a ser compreendida como necessária para nomear fatos e artefatos novos, o neologismo enquanto produto do processo neológico, se em excesso (ainda que não se consiga estabelecer exatamente quando o uso do neologismo é excessivo), deve ser evitado e combatido. Nada reflete melhor essa visão do que a diferença, estabelecida por L. S. Mercier (*apud* GUILBERT, 1972: 9), entre neologia e neologismo: “A *Neologia* é sempre bem-aceita, ao passo que o *Neologismo* não; há entre essas duas palavras a mesma diferença que entre religião e fanatismo, filosofia e filosofismo”.³

Da primeira metade do século XIX, quando surgiram os primeiros estudos gramaticais sobre neologia, até o final do século XX, pouca coisa mudou no pensamento dos gramáticos acerca do fenômeno neológico.

J. Ribeiro, em sua *Grammatica Portugueza* (1914: 353) diz-nos incisivamente que:

---

³ *Néologie* se prend toujours en bonne part, et *Néologisme* en mauvaise, il y a entre ces deux mots la même différence qu’entre religion et fanatisme, philosophie et philosophisme. (Original)

A mania do neologismo é das mais detestáveis. O neologismo só se justifica pela necessidade de uma denominação nova, para uma descoberta que também é nova, para um novo instrumento, ou então quando vem apadrinhado por um nome respeitado na língua. Os neologistas não passam de deturpadores da língua.

Interessante notar o emprego da palavra “neologista”, atualmente não utilizada em língua geral nem em trabalhos especializados a respeito do tema, como denotando aqueles indivíduos não ilustres que, deliberada e imprudentemente, criam neologismos. Esses neologistas, por sua vez, não se confundem com “nomes respeitados da língua”, a quem se opõem na visão subjetivista do gramático. Aos primeiros ficaria vedada, em absoluto, a permissão de criar neologismos e, aos segundos, ao que tudo indica, esta permissão não conheceria restrições. Dois pesos, duas medidas.

Mais neutras e igualmente interessantes são as palavras de C. Eduardo Pereira em sua *Gramática Expositiva* (1952: 278):

Neologismo é o fenômeno contrário ao arcaísmo, e consiste no emprego de palavras novas, quer formadas no seio da língua, como bilontra, ferrovia, ferroviário, bisar; quer importadas de línguas estrangeiras, como fonógrafo, velódromo, decímetro etc.

Ainda na mesma página, mais adiante, diz-nos o gramático que:

O neologismo obedece, em geral, à lei do progresso ou evolução linguística, e deixa de ser um vício quando necessário para a expressão de uma ideia nova, ou quando formada de acordo com o gênio da língua. Não obedecendo ao critério esclarecido de judiciosas conveniências literárias, o arcaísmo e o neologismo constituem elementos de obscuridade e tornam-se verdadeiros barbarismos.

Podemos notar que o autor toma a palavra neologismo por fenômeno de criação de palavras novas, aceção esta que reservamos, conforme acima esclarecido, apenas para a palavra neologia.

À semelhança de Ribeiro, Pereira ressalta a necessidade de limitar o uso de neologismos apenas à designação de ideias ou fatos novos, de acordo com “o gênio da língua”, ou seja, em conformidade com as estruturas fonéticas, morfológicas e sintáticas da língua portuguesa. Caso contrário, segundo ele, o neologismo passa a ser um “barbarismo”, um “vício linguístico”, que, como tal, é patológico e deve ser eliminado.

A única esfera que parece não ser passível de condenações, segundo esses gramáticos

do começo do século XX, é a literária, esfera dos “ilustres da língua”, na terminologia de Ribeiro.

O fato de terem entrado, na língua portuguesa, vocábulos franceses em abundância, que não estão de acordo com o “gênio da língua”, fez com que, na mesma obra, Pereira condenasse vários galicismos léxicos e propusesse a sua substituição por palavras ou formações sintagmáticas mais adequadas à morfossintaxe do português. Temos, assim, a proposta de substituir, entre outros inúmeros exemplos citados na gramática, “abat-jour” por “quebra-luz” e “deboche” por “devassidão”. Como pudemos notar, nenhuma das sugestões do autor permaneceu em nossa língua. “Abat-jour” conformou-se fonética e morfológicamente à língua portuguesa e passou a ser grafado como “abajur”, fazendo desaparecer por completo a duvidosa expressão “quebra-luz”. “Deboche”, igualmente, permaneceu no português e, modernamente, seu sentido quase nada tem a ver com o de devassidão. Isso mostra inequivocamente que legislar sobre a língua é uma tarefa ingrata e inócua, uma vez que é o uso entre os falantes que acaba por dar a última palavra sobre a permanência ou não de uma palavra ou expressão no sistema linguístico.

Por outro lado, algumas substituições levantadas por Pereira, a bem da verdade, consolidaram-se na comunidade de falantes e suplantaram suas rivais francesas, tais como “saltar aos olhos”, que é muito mais comum hoje que “ser mais claro que o sol” e “censurar”, que transformou o galicismo “reprochar” em uma raridade lexical.

Napoleão Mendes de Almeida, na vigésima edição de sua *Gramática Metódica da Língua Portuguesa* (1967: 463-64) apresenta, como Pereira o fizera antes, alguns galicismos reprováveis e propostas de substituição por termos vernáculos. Como exemplos, podemos citar o verbo “abordar”, cujo sentido de “tratar” é, segundo o gramático, um galicismo, o que não se pode dizer do mesmo verbo quando toma o sentido de “assaltar”. O uso moderno do verbo mostra que as duas acepções permanecem, a despeito do alerta dado por Almeida. Igualmente, encontra-se, nesta gramática, a condenação de palavras que hoje são comuns no português brasileiro como “tabagismo”, que deveria ser “tabaquismo”, e “gafe”, que se deveria substituir por “rata”.

Na página 461 de seu estudo, diz-nos Almeida que só podem ser aceitos os estrangeirismos que nomeiam diretamente elementos próprios da cultura e da natureza de seus países e, mesmo assim, devem ser eles adaptados à fonética, à morfologia e à sintaxe da língua portuguesa.

No que tange, não apenas aos estrangeirismos, mas aos neologismos de modo geral, a *Gramática Metódica* de Almeida, mesmo em edição póstuma (2009: 520), continua a seguir a

conhecida orientação teórica purista da tradição gramatical, ou seja, só se pode livrar do estigma de “vício linguístico” a unidade lexical neológica que for necessária para nomear algo novo, ainda que possamos nos perguntar quando, exatamente, em língua, já se criou uma palavra neológica que não atendesse a uma necessidade de nomear um fato novo, material ou imaterial, na busca constante por aprimorar a construção e a expressão do pensamento.

Atualmente, a tradição gramatical brasileira parece ter avançado no entendimento do fenômeno neológico, a nosso ver influenciada pelos avanços da Linguística em suas várias áreas. É o que atestam as palavras de Bechara (2009: 351):

As múltiplas atividades dos falantes no comércio da vida em sociedade favorecem a criação de palavras para atender às necessidades culturais, científicas e da comunicação de um modo geral. As palavras que vêm ao encontro dessas necessidades renovadoras chamam-se *neologismos*, que têm, do lado oposto ao movimento criador, os *arcaísmos*, representados por palavras e expressões que, por diversas razões, saem de uso e acabam esquecidas por uma comunidade linguística, embora permaneçam em comunidades mais conservadoras, ou lembrados em formações deles originados.

A *Moderna Gramática Portuguesa* exclui qualquer referência a “vícios de linguagem” e não faz diferenças subjetivas entre “neologismos indispensáveis” e “neologismos reprováveis”, tão ao gosto das gramáticas conservadoras. Evanildo Bechara entende, portanto, que a neologia faz parte do próprio desenvolvimento cultural e tecnológico da sociedade, atendendo a demandas sempre crescentes de comunicação e expressão dessas mudanças.

Os primeiros estudos referentes à criação de palavras novas, ou neologismos, estiveram restritos, como se verificou, a trabalhos normativos no âmbito das gramáticas. Desde a década de 1960, contudo, o desenvolvimento da Linguística enquanto ciência autônoma e independente tem ajudado a lançar boa luz sobre essa questão.

Em 1958, o lexicólogo e lexicógrafo francês Bernard Quemada criou, a fim de sistematizar e desenvolver o estudo continuado do fenômeno neológico no léxico da língua francesa, um *Observatório de Neologia* no *Centre d'Étude du Vocabulaire Français de l'Université de Besançon*. A partir deste projeto pioneiro, vários Observatórios foram criados, com os mesmos objetivos, como o OBNEO, criado em 1988 e atualmente parte do Institut Universitari de Linguística Aplicada da Universidade Pompeu Fabra, na Espanha, que tem investigado as criações lexicais no espanhol e no catalão. Podemos citar, ainda, o Osservatorio neologico della lingua italiana (ONLI), da Universidade La Sapienza de Roma e o

Observatorul neologic român, de Bucureste, cujos trabalhos têm ajudado a analisar a neologia no romeno.

No mundo lusófono, destacam-se o Observatório de Neologia do Português, do Instituto de Linguística Teórica Computacional, ILTEC, de Lisboa e o Observatório de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo (Projeto TermNeo), da Universidade de São Paulo. Este último serviu, por sua vez, de inspiração para outros Observatórios no Brasil, como o Observatório de Neologismos na Linguagem Jornalística, da Universidade Federal do Pernambuco e o recente Observatório de Neologismos na Publicidade Impressa, criado por Aderlande Pereira Ferraz na Universidade Federal de Minas Gerais.

A finalidade de um Observatório de Neologia é, como dissemos anteriormente, realizar estudos sistematizados acerca da neologia lexical no âmbito de uma ou mais línguas. Para tanto, faz-se necessário o estabelecimento de *corpora de extração* significativos da língua em estudo e de critérios metodológicos de identificação e seleção dos neologismos encontrados, a fim de que se possam realizar análises consistentes dos dados obtidos. Ora, os bancos textuais e bases neológicas resultantes do trabalho dos Observatórios configuram-se, portanto, como um material muito valioso a partir do qual é possível verificar a língua em sua realidade de uso. É o que nos diz Cabré (2010: 15):

No caso dos Observatórios de neologia, aquilo que é detectado, contemplado, recompilado e analisado são os neologismos léxicos que aparecem no discurso oral ou escrito dos falantes de uma língua. A finalidade desta atividade é muito clara: para conhecer a realidade de uma língua, devemos dispor permanentemente de amostragens de seu uso. Os bancos textuais são, pois, um recurso que permite atender a essa necessidade (...).⁴

Diz-nos ainda a autora (*op. cit.*: 21-3) que os resultados colhidos a partir do trabalho dos Observatórios são essenciais para se conhecer a vitalidade interna de uma língua, isto é, quais são os mecanismos e materiais linguísticos disponíveis para a criação lexical que, contemporaneamente, são mais ou menos produtivos em determinada língua. Tal conhecimento é fundamental, por exemplo, para se verificar quais seriam as tendências dessa língua, quais unidades lexicais devem ou não figurar nos dicionários não especializados e em materiais didáticos de ensino desse idioma como língua materna ou estrangeira.

---

⁴ En el caso de los Observatorios de neología aquello que se detecta, se contempla, se recopila y se analiza son los neologismos léxicos que aparecen en el discurso oral o escrito de los hablantes de una lengua. La finalidad de esta actividad es muy clara: para conocer la realidad de una lengua, debemos disponer permanentemente de muestras sobre su uso. Los bancos textuales son pues un recurso que permite cubrir esta necesidad (...). (Original)

Além de tudo isso, o trabalho dos Observatórios ao redor do mundo tem ajudado a desenvolver metodologias de pesquisa cada vez mais precisas para a lida com o fenômeno neológico em questão, as quais apresentaremos em capítulo específico desta dissertação. Vários estudos surgiram a partir de então, entre os quais destacamos, no Brasil: Barbosa, 1981; Carvalho, 1984; Sandmann, 1989, 1992 e Alves, 1990, 2000.

A partir do trabalho prático e sistemático de todos esses pesquisadores foi possível conceituar, assim, com maior precisão, o que se entende por neologismo enquanto produto da neologia.

Biderman (1978: 158-66) diz-nos que as unidades lexicais neológicas podem ser divididas em dois grandes grupos: formais e conceptuais. Por neologismo formal, a autora entende “(...) uma palavra nova introduzida no idioma. Pode ser um termo vernáculo ou um empréstimo estrangeiro”. Já o neologismo conceptual, ainda segundo ela, é resultado de “(...) uma aceção nova que se incorpora ao campo semasiológico de um significante qualquer”.

Assim também entende Alves (1990: 5), quando diz que um neologismo pode ser: “(...) uma nova forma, uma nova aceção atribuída a uma unidade lexical ou um estrangeirismo recebido de outra língua”.

É, portanto, nesse sentido triplo – forma vernácula nova, forma estrangeira recém-incorporada ao universo linguístico da língua portuguesa e mudanças no campo semântico de uma unidade lexical já existente - que também entendemos e conceituamos neologismo em nosso trabalho.

A seguir, trataremos, especificamente, das razões que embasam o surgimento de novas unidades lexicais nas línguas naturais e, em especial, na língua portuguesa do Brasil.

1.2. O Neologismo e suas funções: por que se criam neologismos?

O surgimento e desenvolvimento do léxico das línguas naturais, ao que tudo indica, atendeu à necessidade humana de conhecer, apreender e categorizar os dados da realidade exterior. Ao nomear as coisas do mundo, apropriamo-nos delas e lhes conferimos ordem e significado. Nomear o mundo é, assim, ordenar o caos da natureza, conhecer o que nos rodeia - e consequentemente dar-lhe estatuto de realidade - e conceptualizar as experiências empíricas. Nas palavras de Biderman (2001: 13)

O léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente.

Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao reunir os objetos em grupos, identificando semelhanças e, inversamente, discriminando os traços distintivos que individualizam esses seres e objetos em entidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas. Foi esse processo de nomeação que gerou o léxico das línguas naturais.

Podemos, desse modo, dizer que o léxico de qualquer língua é o espelho mais fiel da realidade sócio-histórico-cultural de sua comunidade de falantes. Cada um de nós categoriza e representa a realidade exterior e interior por intermédio da língua que falamos, a qual condiciona nosso olhar, nosso pensamento, nossa percepção. O inventário léxico de um idioma é, assim, um repositório de signos que testemunham o recorte específico efetuado por essa língua na informe massa dos significados da experiência humana no mundo. Qualquer alteração, portanto, na história, nos costumes, na cultura e / ou na vida social de uma comunidade de falantes modifica, igual e necessariamente, o sistema lexical e a neologia capta exatamente essa relação entre as alterações inevitáveis na realidade extralinguística e sua representação na língua. É exatamente por esse motivo que Barbosa (1981: 78) nos diz que falar em neologia é o mesmo que falar em neologia do léxico, uma vez que é no âmbito desse sistema que mais percebemos a inovação.

Podemos entrever, assim, que a função primordial do fenômeno neológico é nomear, dando estatuto de realidade linguística às alterações psicossociais, políticas, históricas ou culturais, assim como a novos artefatos tecnológicos. A proficuidade das terminologias em línguas de especialidade, nesse sentido, é mais um fato que comprova este argumento.

Inspirando-se nas conhecidas funções da linguagem identificadas pelo linguista russo Roman Jakobson, Barbosa chama a função neológica de nomear realidades novas de “função referencial”.

Consideramos, pois, o neologismo enquanto desempenho da função referencial. O seu emprego tem caráter particularmente informativo: transmite ao receptor *um novo conceito de modelo antro-po-cultural*. (...) Com efeito, esse é o seu emprego mais comum, ou seja, verbalizar um novo *designatum* e transmitir a informação desse referente, linguisticamente estruturado, ao receptor. (p. 82-3)

Essa mesma função nomeadora foi reconhecida também por Guilbert (1972: 24-5), que lhe chamou “denotativa” e a identifica, contemporaneamente, sobretudo, na nomeação de

novos artefatos nas línguas de especialidade.

É necessário, de início, diferenciar as criações lexicais em que o princípio não reside na vontade de inovação linguística dos falantes, mas no movimento do mundo em si. O objeto fabricado entra na língua desde o instante em que é criado ou desde que o inventor ou autor planeja sua criação. Não se pode ignorar a relação entre o sistema da língua e a realidade do referente; esta relação é evidenciada pelos inúmeros neologismos formais ou semânticos criados para acompanhar a evolução do mundo contemporâneo, denominando as invenções científicas e técnicas. É esta forma de neologia que chamamos denotativa, (...).⁵

A função nomeadora da criação lexical é reconhecida também por Sandmann (1992: 25), que lhe dá, por sua vez, o nome de “função semântica”, alargando, porém, o âmbito de sua influência nomeadora não apenas para os artefatos do mundo exterior, mas para realidades novas no interior dos sujeitos falantes.

Dar nome às coisas ou seres, a novos objetos, a fatos culturais novos, a fenômenos da natureza que nos cerca ou da nossa realidade interior são fatos bastante comuns da nossa atividade linguística e fazê-lo é dar à formação de palavras uma função semântica.

Do mesmo modo, Rocha (2008: 79), inspirado em Basílio (1987), chama essa função do neologismo de “função de rotulação” e nos dá alguns exemplos de unidades lexicais neológicas que, segundo ele, atendem justamente a essa necessidade denominativa.

A função de rotulação está relacionada com a necessidade que tem o homem de dar nome às coisas, às ações, aos lugares etc. Está ligada à pragmática, à cultura, à História, à tecnologia, enfim, ao mundo que nos cerca. São exemplos de rotulação: *malufar, tancredar, carreata, bondeata, sambódromo, celulódromo, doleiro, sacoleiro, superfaturamento, mega-estrela, secretária eletrônica, antena parabólica* etc.

---

⁵ Il convient d'abord de faire la part des créations lexicales dont le principe ne réside pas dans la volonté d'innovation linguistique des locuteurs mais dans le mouvement même du monde. L'objet fabriqué fait son entrée dans la langue dès l'instant qu'il existe ou même dès que l'inventeur ou le promoteur en conçoit l'existence. Il ne suffit pas de mettre en pointillé la relation entre le système de la langue et la réalité du référent comme pour l'ignorer ; celui-ci s'impose au système linguistique comme en témoignent les innombrables néologismes de forme ou de sens créés pour faire face à l'évolution du monde contemporain, à la dénomination de toutes les inventions scientifiques et techniques. C'est cette forme de néologie que nous appelons dénominative, (...). (Original)

Ainda à semelhança de Basílio, “função de rotulação” é também a forma como Gonçalves (2016: 14), recentemente, tem-se referido à necessidade humana de criar novas palavras para nomear novos artefatos ou realidades extralinguísticas.

(...) aparecem palavras novas quando novos fenômenos ocorrem ou quando surge um conceito diferente ou, ainda, um objeto é inventado. (...) Na esteira de Basílio, chamemos essa habilidade da renovação lexical de **função de rotulação**.

Como exemplos, o autor cita neologismos bastante em voga atualmente, que materializam, no léxico, algumas profissões, artefatos e questões problemáticas recentemente incorporadas à nossa vida cotidiana em sociedade, como *bullying* (violência física e/ou psicológica infligida conscientemente por alguns indivíduos sobre outros, que, a despeito de não ser fenômeno novo, tem chamado, mais do que antes, a atenção de pais e educadores), *flex* (carro bicomustível), *chapeiro* (indivíduo que trabalha nas chapas, fazendo lanches e hambúrgueres em lanchonetes) e *cachorreiro* (passeador de cachorros).

Além da função primordial de nomeação de novas realidades, as criações lexicais têm desempenhado, não raro, uma função puramente expressiva, isto é, seu surgimento marca uma atitude intencional do falante, que visa a causar alguma forma de estranhamento àquele que, por ventura, entrar em contato com a palavra nova. Nesse sentido, a função expressiva, que não se circunscreve apenas ao âmbito da literatura, mas tem sido bastante frequente também em criações jornalísticas e publicitárias, revela o caráter ideológico da criação lexical, ou seja, marca a posição do falante em relação ao tema tratado, que pode se revelar por neologismos carregados de ironia, sarcasmo, humor, cor local etc.

A esta função, Barbosa chama, ainda inspirada por Jakobson, função conativa, cuja marca seria, sobretudo, uma coerção que o emissor-falante, criador da unidade lexical neológica, deseja sobre o receptor: “O emprego do neologismo passa, então, a ter como função dominante outra que não a referencial: a busca de um efeito, de uma ação produzida sobre o destinatário. É a função *conativa*.” (p. 92).

Mais adiante, diz-nos a autora que

(...) quando o neologismo é empregado de maneira que seja dominante a função conativa, existe uma coerção intencional de emissor sobre receptor, uma intenção de atingi-lo, em si mesmo, positiva ou negativamente, e provocar uma reação de sua parte. Trata-se de uma criação consciente da parte do locutor, que estabelece uma espécie de cumplicidade entre ele e o destinatário do discurso. Existe, pois, nessa

criação neológica, uma dupla informação: a informação do novo *designatum* e, ao mesmo tempo, uma informação crítica, ideológica, satírica, acentuando-se a segunda em relação à primeira. (p. 93-4)

“Neologia conotativa”, por sua vez, é a forma como Guilbert (1972) refere-se a esta função expressiva da criação lexical.

Existe outra forma de neologia, que busca expressividade, a fim de traduzir pensamentos antigos de uma maneira nova ou dar nome a modos de pensar ou sentir inéditos. A esta neologia, que se origina da pesquisa estilística relacionada à originalidade e à personalidade do falante, plena de conotações afetivas, psicológicas e mesmo psicanalíticas, nós chamamos *neologia conotativa*. (p. 25)⁶

Pelo que se pode depreender do pensamento de Guilbert, parece-nos que entre neologia denotativa e conotativa existe a mesma diferença que entre objetividade e subjetividade. Enquanto as alterações objetivas, embora nem sempre materiais como nos ensina Sandmann, ocorridas no mundo exterior dão origem ao fenômeno neológico denotativo, o caráter conotativo da neologia aparece naquelas criações ligadas ao desejo consciente de inovação por parte do falante, cuja intenção é buscar novas formas de expressão de ideias, pensamentos, impressões, afetividade etc.

É a isso que Sandmann chama “função discursiva” da formação de palavras, definida por ele como “a função de expressar aspectos subjetivos do emissor em relação ao conteúdo do que é comunicado” (1992: 27). Reconhece o autor nos sufixos, mormente os de grau – aumentativo ou diminutivo-, os principais mecanismos de desempenho dessa função. Alves (1990: 46-8) lembra-nos ainda que também unidades lexicais formadas pelo processo da composição, quando seus elementos formativos apresentam caracteres semânticos muito díspares, por exemplo, podem ativar a função discursiva. Do mesmo modo, acreditamos que, em alguns contextos, a prefixação, principalmente a intensificadora, é um processo criativo que dialoga com a função expressiva da neologia.

Rocha (p. 78) denomina, por sua vez, a função propriamente expressiva da criação neológica “função expressiva de avaliação”. Diz-nos ele que, “na função expressiva de avaliação, o papel do sujeito falante é preponderante na formação do novo item lexical. É o

---

⁶ Il existe une autre forme de néologie fondée sur la recherche de l'expressivité pour traduire des pensers anciens d'une manière nouvelle ou pour donner leur nom à des modes de penser ou de sentir inédits. Cette néologie qui relève de la recherche stylistique liée à l'originalité et à la personnalité du locuteur, pleine de résonances affectives, psychologiques, psychanalytiques même, nous l'appellerons néologie connotative. (Original)

que se dá com os sufixos afetivos, enfáticos e intensificadores.”.

“Função atitudinal” é como Gonçalves (2016: 21) chama, a seu modo, essa necessidade expressiva da criação lexical, na qual o falante “imprime sua marca no enunciado” (*op. cit.*), inscrevendo-se implícita ou explicitamente nele.

Há outra importante motivação para a criação de novas palavras, tão ou mais importante que a própria rotulação. Muitas vezes, o emissor pode externar seu ponto de vista através do uso de determinadas marcas morfológicas, (...). Novas palavras complexas podem veicular juízos de valor e sinalizar impressões subjetivas do falante (...).

Além dos caracteres nomeador e expressivo, reconhecidos por Barbosa, Guilbert, Sandmann, Rocha e Gonçalves e nomeados por eles de modos distintos, os três últimos estudiosos reconhecem, também, na formação de palavras novas, uma “função de adequação sintática” (SANDMANN), “função de mudança categorial” (ROCHA) ou ainda “função de adequação categorial” (GONÇALVES), que ocorre quando, ao criarmos um neologismo a partir de outra palavra já existente na língua, forçamos a mudança da classe gramatical em que outrora era classificada essa unidade léxica.

Menciona Gonçalves (2016: 14-7) que grande parte das novidades lexicais formadas por sufixação tiveram sua criação motivada não apenas pela necessidade de veicular uma informação nova (função de rotulação), mas também de lhes adequar sintaticamente o conteúdo, alterando-lhes, para isso, a classe gramatical. É o caso, por exemplo, do verbo neológico *malufar*, gerado a partir da associação do sufixo verbal *-ar* ao substantivo próprio *Maluf*, nome do ex-prefeito da cidade de São Paulo conhecido por imprimir sua marca pessoal, associada à corrupção, às obras construídas durante sua gestão. Percebe-se que, neste caso, o neologismo ativa não apenas a função de rotulação (nomeia a expansão da influência de Paulo Maluf sobre a política brasileira), como também a função de adequação categorial, pois o item léxico verbal neológico *malufar* é fruto da alteração da classe gramatical em que se inseria a base da qual foi derivado.

Ressalta ainda Sandmann que a mudança categorial, sobretudo nos casos de nominalização, permite a variabilidade e a flexibilidade na criação de enunciados, com reflexos na gestão textual. Assim, um enunciado como “o sujeito que fala pode criar neologismos que expressam a realidade que sempre se modifica” pode simplificar-se e tornar-se sonora e estilisticamente mais aceitável em língua portuguesa se dissermos “o falante pode

criar neologismos expressivos da realidade em constante mudança”, substituindo as sentenças subordinadas “que fala”, “que expressam” e “que sempre se modifica” pelos nomes “falante”, “expressivos” e “mudança”, respectivamente.

Por essa razão, Gonçalves (*op. cit.*: 18) identifica, nos casos de mudanças categoriais que estão “a serviço do texto”, uma “função textual” da criação lexical. Como exemplos, lembra o autor os adjetivos formados por *-vel* a partir de verbos (*desejável* a partir de *desejar*). Nesses casos, explica, enquanto o verbo exige dois argumentos (quem deseja e o que é desejado), o adjetivo derivado pede apenas um (o que é desejável), possibilitando, pois, o apagamento do sujeito nos ambientes textuais que assim o exigirem. Compare-se: “O chefe deseja a secretária” e “A secretária é desejável”. Além disso, Gonçalves ainda cita casos em que a nominalização de verbos retoma, anaforicamente, ideias e elementos já mencionados anteriormente, colaborando para a coesão e a consequente progressão textual: “O prédio histórico *foi demolido* na noite de ontem. A *demolição* entristeceu os moradores do bairro...”.

Além da função de nomear novas realidades (rotulação), de posicionar-se perante elas (expressão) e de mudar a classe gramatical de uma palavra (mudança categorial) fazendo progredir um texto (textual), Gonçalves ainda depreende uma quinta função que responde à pergunta primordial desta seção: por que criamos unidades léxicas novas? É a chamada “função indexical” (2016: 24-8).

A língua portuguesa conta com diversas maneiras de expressar, por exemplo, a intensificação. Podemos utilizar advérbios intensificadores (lindo **demais**), prefixos de semântica intensiva (**super**lindo, **megalindo** etc.), sufixos superlativos (lindíssimo, lindérrimo etc.), dentre outros. Independentemente do mecanismo elencado para intensificar uma ideia, ela revela, além da necessidade de rotulação, também uma atitude do falante perante o objeto intensificado, razão por que defendemos que a intensificação associa-se à função expressiva da neologia. Todavia, diante de tantas maneiras que a língua oferece para expressão da intensidade, lembra-nos Gonçalves que a escolha por determinada forma revela o nosso pertencimento a determinados grupos sociais e linguísticos. Explica-nos ele que, por exemplo, construções com advérbios ou com prefixos intensificadores são mais associadas, atualmente, à fala masculinizada, ao passo que os sufixos superlativos *-íssimo* e *-érrimo* têm sido marca do modo de falar feminilizado. Seguindo esse raciocínio, podemos inferir que o aparecimento de certos itens léxicos de valor semântico intensivo segue não apenas um desejo de expressão subjetiva do falante (função atitudinal ou expressiva), mas também o insere em determinado grupo sociolinguístico (função indexical): um homem que expresse a intensidade por meio de sufixos, hoje, pode ser associado ao universo feminino e sofrer, por isso,

preconceito.

Na próxima seção, apresentaremos, com maiores detalhes, os processos de criação lexical atualmente mais produtivos em língua portuguesa de acordo com os estudos elencados na primeira seção do presente capítulo.

1.3. Os processos de criação lexical: como se criam neologismos?

Refletir acerca dos processos pelos quais o léxico se renova leva-nos, necessariamente, a nos perguntarmos como é possível surgirem novas palavras em uma língua. Portanto, antes de iniciarmos a apresentação da tipologia dos processos de criação lexical mais produtivos no português brasileiro contemporâneo, achamos por bem tecer ainda algumas breves, mas importantes considerações teóricas a respeito do fenômeno neológico em si. Para isso, dedicaremos o primeiro subitem (1.3.1) desta seção.

A fim de entender os mecanismos pelos quais o léxico se renova, é importante também que se tenham bem definidos alguns conceitos básicos de morfologia, -como *raiz*, *radical* e *base* -, os quais têm aparecido com muita frequência nos principais estudos realizados sobre o tema e que, invariável e necessariamente, surgem também em nossa modesta discussão sobre formação de palavras. Para isso, dedicaremos o segundo subitem (1.3.2) desta seção.

Finalmente, após todo o percurso realizado até então, o terceiro e último subitem (1.3.3) pretende tratar, de modo resumido, da tipologia dos principais processos de criação lexical em nossa língua.

1.3.1. A Neologia: fenômeno de sincronia dinâmica

Para começarmos a penetrar na compreensão do fenômeno neológico nas línguas naturais, é importante, em primeiro lugar, que se tenha em mente o fato de que, por neologia, entende-se o fenômeno de *criação* de unidades lexicais novas, os chamados neologismos, *em sincronia* e não a mudança linguística que se dá em diacronia (REY, 1976). Assim, a criação inesperada de uma palavra nova não acarreta, como nos casos de mudanças elaboradas ao longo de dezenas e centenas de anos na estrutura da língua, o desaparecimento necessário de um item lexical antigo para que outro novo possa surgir, pois o fenômeno neológico permite que, a partir de materiais linguísticos já existentes e processos de formação de palavras consolidados na língua, criem-se sempre novos elementos, num constante enriquecimento e numa permanente ampliação do léxico, movimento denominado por Guilbert “sincronia

dinâmica” (1972: 10-2).

A neologia não é evolução, mas criação; como tal, manifesta-se, principalmente, pela formação de um novo termo, que enriquece uma série lexical ou uma série de empregos de uma palavra, sem que a base lexical ou as utilizações anteriores do termo desapareçam no processo. Há apenas um aumento de formas linguísticas disponíveis. (p. 11)⁷

Ensina-nos, ainda, Guilbert que, para compreender o fenômeno neológico, não basta apenas superar a dicotomia saussuriana diacronia-mobilidade/sincronia-estabilidade, em favor de uma sincronia dinâmica, na qual eclodem criações lexicais novas, mas igualmente é necessário analisar o fenômeno à luz de outra dicotomia conhecida, língua/fala.

Como sabemos, a língua, para Saussure, representa o caráter social e compartilhado da linguagem, enquanto que a fala seriam suas realizações individuais. A princípio, parecer-nos-ia correto alocar o fenômeno neológico como sendo da ordem da fala, uma vez que é produto da vontade, intencional ou não, de um falante individual. Entretanto, alerta-nos Guilbert (*op. cit.* 12-5) que o falante não se encontra isolado, mas é parte de uma comunidade e toda a sua produção, neológica ou não, atende a imperativos comunicativos.

Desse modo, o neologismo é, também, parte da língua, pois, para comunicar uma realidade nova qualquer ou seu posicionamento crítico em relação a essa novidade, o falante deve, obrigatoriamente, dispor dos materiais morfo-fonêmico-lexicais e das regras de combinação presentes no sistema linguístico compartilhado.

Isso não significa que devemos entender por sistema um bloco monolítico imutável, uma vez que o uso de seus recursos virtuais, em combinatórias formais e semânticas diversas, pode mudar o sistema e não raro o faz, como veremos, por exemplo, com o caso, identificado por Alves (2010: 63-82), do surgimento de novos prefixos no português brasileiro.

Esse movimento dinâmico e recíproco entre uso concreto e sistema virtual mostra-nos que, em verdade, longe de representar estruturas rígidas ditatoriais, o sistema é, na realidade, acervo sócio-histórico-cultural dos usos linguísticos disponíveis para atualização e enriquecimento crescentes.

1.3.2. Conceitos básicos em Morfologia

⁷ La néologie relève, non de l'évolution, mais de la création; à ce titre, elle se manifeste essentiellement par la formation d'un terme nouveau, qui vient enrichir une série lexicale ou la série des emplois d'un mot, sans que la base lexicale ou les emplois antérieurs du mot disparaissent du même coup. Il se produit seulement une augmentation des formes linguistiques disponibles. (Original)

Dentre todos os conceitos com os quais a Linguística tem trabalhado, o de “palavra”, certamente, é o mais obscuro deles. Apesar de constituir-se em realidade psicolinguística (SAPIR, 1949: 33-4, *apud* BIDERMAN, 1978: 72-3), os critérios para se delimitar o que, exatamente, é uma palavra jamais foram inequívocos. Os clíticos podem ser consideradas palavras em português? E as locuções ou mesmo as chamadas “expressões idiomáticas”, que apresentam mais de uma forma gráfica e unidade de sentido, são palavras? Biderman (1978: 104-19) nos fala em, pelo menos, quatro critérios possíveis a partir dos quais é possível reconhecermos uma ou mais formas como palavras: gráfico, fonético, gramatical e semântico. Reitera a autora, contudo, que, apesar de situada em um lugar incerto entre o morfema e o sintagma, ela só pode ser pensada dentro do universo estrutural e lógico de cada língua, sendo utópica qualquer tentativa de se chegar à definição perfeita e universal da palavra. Por essa razão, no âmbito desta pesquisa, evitaremos, sempre que possível, utilizar “palavra”, preferindo, em seu lugar, algumas denominações que têm aparecido regularmente em trabalhos sobre o léxico: unidade lexical, unidade léxica, item lexical, item léxico.

Apesar da nebulosidade quanto à conceptualização da palavra, curiosamente é ela que está na base dos estudos da Lexicologia e da Morfologia. Quanto a esta última disciplina, especificamente, lembram-nos Maroneze (2011: 29-30) e Schwindt (2014: 109-13) que têm coexistido, desde idos tempos nos estudos da linguagem, três modelos principais de análise morfológica, que, por suas características, ficaram conhecidos como *Palavra-e-Paradigma* (PP), *Item-e-Arranjo* (IA) e *Item-e-Processo* (IP).

Como o próprio nome já indica, o modelo PP foca sua atenção na “palavra” (não importando o que se entenda por “palavra”) e nas relações paradigmáticas que essa unidade léxica estabelece com outras. Assim, a partir do item *laranja*, podemos pensar em relações, no eixo paradigmático, com outros de mesma raiz, como *laranjeira*, *laranjada*, *laranjal*, ou mesmo com outras frutas (visto que *laranja* é também uma fruta e forma, com os outros elementos de mesma natureza, um “campo semântico” das frutas), como *limão*, *maçã*, *banana* etc. Lembra-nos Maroneze (*op. cit.*: 30) que, no que tange especificamente à renovação lexical, pela abordagem PP, entende-se que o falante cria uma palavra sempre a partir de relação paradigmática com outras: “(...) o falante cria *bluseiro* por analogia com a série paradigmática já existente na língua que relaciona *arqueiro*, *engenheiro*, *marceneiro*, *padeiro*, *roqueiro* etc.”.

Na abordagem IA, contudo, o enfoque da análise sai da palavra e suas relações paradigmáticas e vai para o morfema (aqui entendido como signo mínimo). Um item léxico,

assim, é descrito como uma sequência de morfemas. Se o modelo PP compreende a palavra *laranjeira* em interface com relações paradigmáticas possíveis que estabelece com unidades léxicas, a análise IA compreenderia essa unidade léxica como a sequência do morfema radical *laranj-* e do morfema sufixal *-eira*. Depreende-se desse raciocínio que, pela abordagem IA, “a criação lexical se dá pela combinatória de morfemas: o falante cria *bluseiro*, por exemplo, combinando o morfema radical *blues* ao morfema sufixal *-eiro*, ambos disponíveis na língua” (*op. cit.*: 30).

Finalmente, no modelo IP, o enfoque sai das relações entre as palavras e da combinatória entre morfemas e vai para “as regras de transformação capazes de transformar uma forma subjacente em uma unidade lexical da língua.” (*op. cit.*: 29). Assim, pela abordagem IP, um item lexical como *colonização* seria analisado como a aplicação de uma série de regras: a partir de *colônia*, formar-se-ia o verbo *colonizar* e, a partir de *colonizar*, o substantivo *colonização*. IP, portanto, é um modelo de análise morfológica que, por suas características, busca investigar com maior ênfase os processos de criação lexical. Conforme nos lembra Maroneze (*op. cit.*: 30), numa abordagem IP, “a unidade *bluseiro* seria criada por meio de uma Regra de Formação de Palavras (RFP) que tem como *input* a unidade *blues*”.

Apesar de aparecerem em linhas teóricas diferentes, é comum associar essas três abordagens a determinadas correntes de estudos da Linguagem, que delas se valeram com mais força: a Linguística Histórica e, mais atualmente, a Linguística Cognitiva são as escolas linguísticas em que mais é empregado o modelo PP. O Estruturalismo de Bloomfield (que no Brasil é representado por Mattoso Câmara Jr.), por sua vez, valeu-se sobremaneira da análise IA. Por fim, IP aparece com mais força na reflexão linguística do Gerativismo de Aronoff (no Brasil, representado por linguistas relevantes como Margarida Babilio).

Especificamente no que concerne à prefixação, objeto imediado de nossa reflexão neste trabalho, acreditamos que as abordagens PP e IP, em contraste com IA, adequam-se melhor a descrever o fenômeno, consoante argumentaremos adiante. Antes de procedermos, porém, ao estudo do processo da prefixação em interface com os modelos de análise morfológicas acima resumidos, faz-se necessário situar melhor os conceitos de *raiz* e *radical*, os quais têm sido, não sem algum grau de obscuridade, largamente utilizados nos estudos da Morfologia.

Entre os gramáticos, grosso modo, *raiz* e *radical* podem ser entendidos de dois modos distintos. A maioria deles (CEGALLA, 2009: 77; ROCHA LIMA, 2010: 242; CUNHA & CINTRA, 2008: 92; etc.) considera *radical*, na esteira do modelo IA, como o elemento que resulta da retirada total dos chamados “morfemas gramaticais” (afixos, desinências, vogal

temática etc.). Assim, uma palavra como *desfavorecimento*, liberta dos afixos *des-*, *-ecer* e *-mento*, tem como radical a forma “favor”. Diz-nos Cunha & Cintra (2008: 92) que “é o radical que irmana as palavras da mesma família e lhes transmite uma base comum de significação”.

Curioso notar que Cunha & Cintra não tratam, em sua obra, do conceito de *raiz*, o qual, segundo Cegalla (*op. cit.*: 77) e Rocha Lima (*op. cit.*: 242) só interessa à Gramática Histórica, aos estudos de Etimologia, pois o elemento a que chamam *raiz*, ainda segundo eles, só é perceptível, muitas vezes, diacronicamente. O exemplo clássico que se tem utilizado, nas Gramáticas Tradicionais, para diferenciar *raiz* (conceito diacrônico) e *radical* (conceito sincrônico) é o verbo *comer*, cuja raiz histórica é *ed-* (do latim *edere* < *cum* + *edere* = *cumedere* < *comer*), ao passo que o radical sincrônico é *com-* (**comer**, **comida**, **comilão** etc.)

Bechara (2009: 341), por sua vez, na contramão da tradição, afirma que é possível perceber diversos graus de radical a depender do morfema que subtraímos à palavra. Partindo-se de uma unidade lexical como *desregularizar*, se lhe retirarmos apenas a desinência de infinitivo e a vogal temática, teremos um radical possível, *desregulariz-*. Despojado também do prefixo, surge outro radical, *regulariz-*. Sem o sufixo, teremos *regular-*, que, por seu turno, pode ser reduzido a *regul-* (do latim *regŭla*), até, finalmente, chegarmos a *reg* (presente também em **reger**, **régua** etc.), elemento irreduzível e comum a todas as unidades lexicais cognatas. A esse *radical primário*, irreduzível, o gramático chama de *raiz*.

Este último radical que constitui o elemento irreduzível e comum a todas as palavras do grupo chama-se *primário* e coincide, em relação à língua atual, com a *raiz*. *Regul-* é um radical secundário (ou do 2º grau), como *regular-* um radical terciário (ou do 3º grau), e assim por diante. (*op. cit.*: 341)

Como se pode ver, Bechara desvincula o conceito de raiz de qualquer matiz histórico ou diacrônico, identificando-a, sincronicamente, como um tipo de radical, o mais elementar deles, destituído de qualquer morfema gramatical e constituindo-se núcleo lexical das famílias de palavras semanticamente relacionadas (**mar**, **maresia**, **marinheiro**, **marinha** etc.). O que as gramáticas chamam, portanto, de *radical*, Bechara chama de *radical primário* ou *raiz*.

Esta tem sido a postura adotada também por alguns linguistas que trataram sobre o tema, como Schwindt (2014: 114-5), Monteiro (2002: 43-6) e Rocha (2008: 100-1). Ao contrário destes, porém, outros estudiosos de Morfologia, como Kehdi (2007: 26-7), preferem seguir a orientação gramatical e considerar a “forma irreduzível da palavra” como radical, reservando aos estudos diacrônicos o termo *raiz*.

Justamente por entender *raiz* de um ponto de vista sincrônico, isto é, como o elemento mínimo irreduzível de uma palavra, Rocha (2008: 100) prefere dizer que ela é “o morfema comum a várias palavras de um mesmo grupo lexical” e não de uma mesma “família”, uma vez que essa expressão, segundo ele, é termo marcado da Gramática Histórica.

Interessante, contudo, é a sua definição de *radical* como “a parte da palavra que está presente em todas as formas de uma mesma palavra.” (*op. cit.*: 101), como **estudar**, **estudei**, **estudamos** etc. Diz-nos ele que “para se encontrar o radical de uma palavra, flexiona-se o nome em gênero e número e o verbo em pessoa, número, tempo, modo e aspecto. A parte da palavra comum às variações de flexão é o radical”, que, a seu turno, “pode coincidir ou não com a raiz ou o radical de outras palavras.”.

Para Rocha, portanto, o que difere raiz e radical não são as perspectivas diacrônica e sincrônica, mas sim se estamos falando de grupo lexical (raiz) ou de variações em uma mesma palavra (radical). Desse modo, enquanto em *desregularizar* Bechara reconhece vários radicais mais ou menos afastados da raiz (*desregulariz-*, *regulariz-*, *regular-*, *regul-*, *reg-*), Rocha reconheceria apenas um, *desregulariz-*, pois é a forma que aparece em todas as flexões do verbo (**desregularizo**; **desregularizas**; **desregularizávamos**; **desregularizarei**). Estamos diante, pois, de uma terceira definição de radical.

Mas o que tudo isso tem a ver com o fenômeno da prefixação? Este processo é descrito em todas as obras gramaticais (CUNHA & CINTRA, 2008; BECHARA, 2009; dentre outros) e em algumas obras linguísticas (MONTEIRO, 2002; CASTILHO, 2010) como a adjunção de um prefixo a um radical (as características e os problemas relacionados a esse processo serão retomados e melhor analisados no próximo capítulo). Nesse sentido, chamamos a atenção e julgamos bastante acertada a afirmação de Gonçalves (2012: 151) de que, na realidade, são os sufixos que se unem a radicais, ao passo que os prefixos ligam-se a palavras.

Prefixos combinam-se com palavras e, em decorrência, são menos integrados às bases, podendo ser retirados da construção de que participam sem resultar numa forma presa. Sufixos, por sua vez, agregam-se predominantemente a radicais, sendo raros os que se combinam com palavras, como *-mente* (“sabidamente”) e *-zinho* (“elazinha”). Desse modo, a retirada do sufixo quase sempre resulta numa forma presa.

De fato, se pensarmos bem, do ponto de vista do processamento mental que permite a criação e materialização linguística de uma unidade lexical como *descentralizar*, seria absurdo supor que o falante agregou o prefixo de negação *des-* ao radical *centr-* (entendendo

aqui radical como a tradição gramatical o entende, isto é, forma lexical mínima e comum a várias palavras). Nesse sentido, parece-nos mais coerente analisar a formação de *descentralizar* como a adjunção do prefixo à palavra morfológicamente complexa *centralizar*. Se retirarmos o afixo, neste exemplo, como anunciou Gonçalves, teremos uma palavra, o que não acontece caso tiremos o sufixo da palavra *paliteiro*, de que resultará apenas o radical *palit-*. Mesmo em palavras mais simples como *refazer*, sente-se claramente que o falante associou o morfema prefixal ao verbo *fazer* (*faz-* + *-e* + *-r*), não ao radical (ou raiz) *faz-*. A regra de formação desta palavra é, pois, [re- + verbo] e não [re- + radical].

O próprio fenômeno da prefixação leva-nos, assim, ao modelo de análise *Item-e-Processo* (IP), visto que, neste caso, analisar o processo, depreender as Regras de Formação de Palavras (RFPs) das unidades lexicais prefixadas, ajuda-nos a compreender não apenas como funciona a prefixação mas inclusive nos dá maior clareza das diferenças entre esse processo e a sufixação.

Como dissemos no início destas considerações, em virtude da obscuridade que envolve o conceito de palavra, evitaremos este termo, de modo que teremos que buscar outra forma de conceituar a prefixação que não “união de prefixo a uma palavra”, muito embora seja exatamente a palavras que ele se associe. Mesmo que consideremos diversos graus do radical, como o faz Bechara, e entendamos, acertadamente, *descentralizar* como resultante da união entre o prefixo e o radical de terceiro grau *centralizar*, preferiremos não utilizar também este termo por compreendermos que, além de não haver unanimidade na literatura no que se refere a esse conceito, ele está fortemente ligado à tradição gramatical normativa, não havendo aparecido em boa parte dos trabalhos de Morfologia mais recentes.

Para lançar luz sobre essa questão, deveremos nos voltar, mais uma vez, para a abordagem morfológica IP. Os estudiosos que se orientaram por ela têm considerado, como visto acima, que as unidades léxicas são formadas a partir da aplicação de várias regras a uma base (MARONEZE, 2011). Assim, um derivado substantival como *formigueiro* formou-se pela aplicação da regra [subst. + *-eiro* → subst.]: submeteu-se a base substantiva *formiga* à regra em questão, originando o também item léxico substantivo *formigueiro*.

Surge, assim, no âmbito dos estudos acerca dos processos de criação lexical, o termo “base”, designando aquele elemento lexical sobre o qual aplica-se uma Regra de Formação de Palavras (RFP). Base é, pois, “o núcleo para a formação de uma nova unidade léxica” (ALVES, 1990: 88), “uma sequência fônica recorrente, a partir da qual se forma uma nova palavra, ou através da qual se constata que uma palavra é morfológicamente complexa.” (ROCHA, 2008: 98). Como se pode depreender disso, o conceito de base não coincide

necessariamente com os de raiz e radical, pois não importa, sob a perspectiva IP, se a base é unidade mínima irreduzível ou não, uma vez que não é o estatuto do morfema que está em jogo, mas o processo que deu origem a determinado item lexical.

Sendo assim, podemos dizer que a prefixação é a união entre um prefixo e uma base, que serve de núcleo léxico para a formação prefixada. Este é o termo que tem aparecido recorrentemente em vários estudos sobre Morfologia desde as últimas décadas (BASILIO, 1987; ALVES, 1990, 2000, 2010, 2015; GONÇALVES, 2012, 2016; SCHWINDT, 2014; ROCHA, 2008; dentre outros) e que, em nosso trabalho, adotaremos com sentido análogo ao de unidade lexical.

Apesar de considerarmos a abordagem IP bastante adequada para entendermos a prefixação enquanto processo, não podemos deixar de recorrer também ao valioso modelo de análise PP (*Palavra-e-Paradigma*). Ainda que existam Regras de Formação de Palavras (RFPs) a partir das quais o falante renova o léxico, é necessário, sem dúvida, que, para isso, ele as depreenda, analisando estruturalmente as unidades do léxico de sua língua. É mister, portanto, considerar as relações paradigmáticas e analógicas na formação não apenas de palavras prefixadas como de demais itens léxicos. Ademais, o olhar analítico PP é central, a nosso ver, para compreendermos as questões semânticas que envolvem os prefixos, uma vez que se podem estabelecer relações de sentido entre os elementos prefixais de modo a identificar, neste subsistema, domínios semânticos. Nesse sentido, os trabalhos de Alves, principalmente sua Tese de Livre Docência *Um estudo sobre a neologia lexical: os microsistemas prefixais do português brasileiro* (2000), são valiosos, pois identificam, a partir da relação paradigmática entre os prefixos, domínios semânticos de negação, intensividade, temporalidade, entre outros, e nuances de sentido assumidas por cada um dos elementos prefixais. Certamente, isso será levado em consideração durante nossa análise.

1.3.3. Os principais processos de criação lexical em língua portuguesa

Para apresentarmos a tipologia dos principais processos de criação lexical da língua portuguesa, tomaremos como base os trabalhos de Guilbert (1972; 1975) e Alves (1990).

Conforme dissemos ao final da seção 1.1., os neologismos têm sido agrupados pelos estudiosos do tema em dois grandes grupos: os neologismos formais, em que a novidade inscreve-se na forma da palavra, e os semânticos ou conceptuais, em que o elemento novo ocorre no âmbito do significado da palavra, ou seja, no conjunto de traços semânticos que ela atualiza.

Entre os neologismos formais mais produtivos, Guilbert e Alves chamam de neologismos sintáticos as novidades formais resultantes da combinação entre elementos linguísticos preexistentes. No âmbito dos neologismos sintáticos, encontram-se os dois processos de formação de palavras mais produtivos do português brasileiro atual: a derivação (processo de associação de um afixo a uma base lexical) e a composição (processo de associação entre duas ou mais bases lexicais).

Entre os casos de derivação, os dois tipos mais produtivos para a criação de unidades lexicais no português brasileiro são a derivação prefixal, ou prefixação, e a derivação sufixal, ou sufixação. Para falar a respeito do primeiro tipo, objeto específico de nossa pesquisa, dedicaremos o próximo capítulo.

No que tange, porém, à derivação sufixal, podemos defini-la como a associação entre um sufixo e um radical ou uma base lexical. Segundo Alves (p. 29), um formante sufixal é um “elemento de caráter não autônomo e recorrente”, o qual “atribui à palavra-base uma ideia acessória e, com frequência, altera-lhe a classe gramatical.”. Reside justamente na função de alterar a classe gramatical das palavras uma das principais diferenças entre o sufixo e o prefixo.

A quase totalidade das obras gramaticais da língua portuguesa costuma apresentar os sufixos agrupados de acordo com a classe gramatical em que inserem a base a que se associam. Assim, temos, frequentemente, a apresentação dos sufixos nominais (formadores de substantivos a partir de verbos: *-ção*, *-mento*, *-dor* etc.; formadores de adjetivos a partir de verbos: *-vel*; formadores de adjetivos a partir de substantivos: *-ano*; dentre outros), sufixos verbais (formadores de verbos a partir de nomes: *-ar*, *-izar*; dentre outros) e o sufixo formador de advérbios a partir de adjetivos: *-mente*.

Alves destaca, em seu estudo acerca das formações neológicas do português, que, contemporaneamente, os sufixos mais produtivos para a formação de novidades lexicais têm sido os nominais *-ismo*, para designar movimento sócio-político-cultural, geralmente ligado a personalidades, e *-ista*, para indicar os que aderem a esses movimentos. (p. 29-30). Destaca ainda a autora que os sufixos, em especial os diminutivos e aumentativos, têm sido utilizados em formações neológicas de caráter satírico (função expressiva ou atitudinal). Esse fato foi identificado também por Sandmann (1992: 27).

Quanto ao fenômeno da composição, como dissemos, trata-se este da associação menos recorrente ou mais imprevisível entre duas bases lexicais. Nas palavras de Alves:

O processo da composição implica a justaposição de bases autônomas ou não

autônomas. A unidade léxica composta, que funciona morfológica e semanticamente como um único elemento, não costuma manifestar formas recorrentes, o que a distingue da unidade constituída por derivação. Revela um caráter sintático, subordinativo ou coordenativo. (p. 41)

A composição subordinativa é aquela em que seus elementos apresentam a relação determinante + determinado ou determinado + determinante. Geralmente, esse tipo de relação se dá entre elementos de classes gramaticais diferentes (substantivo + adjetivo; verbo + substantivo etc.). Todavia, também se verificam casos em que a relação subordinativa deu-se entre dois substantivos, como *enredo-denúncia*, *Operação-Desmonte* etc.

Na composição coordenativa, por sua vez, os elementos lexicais que a formam não apresentam relação determinado + determinante ou determinante + determinado, por se tratarem de bases lexicais de mesma classe gramatical (substantivo + substantivo, adjetivo + adjetivo, verbo + verbo etc.).

A despeito de a composição ser tradicionalmente descrita como um processo *ad hoc*, com produtos mais imprevisíveis e não-seriados, Gonçalves, em estudo recente (2016: 52-8), tem-nos chamado a atenção para alguns padrões composicionais (geralmente associações entre dois substantivos em que um deles aparece recorrentemente na mesma posição) surgidos ultimamente no português brasileiro, que criam palavras novas em série, “com padronização bem próxima à da derivação” (*op. cit.*: 57). São os casos de **X-bomba**: *homem-bomba*, *carta-bomba*, *avião-bomba*, *mulher-bomba* etc., **Maria-X**: *maria-chuteira*, *maria-gasolina*, *maria-tatame* etc. e **Mulher-X**: *mulher-pêra*, *mulher-maçã*, *mulher-melancia* etc. Antes dele, Alves já verificara, no início da década de 90, a tendência à criação de padrões composicionais no português do Brasil a partir de composições neológicas formadas pelo padrão **X-chave**: *testemunha-chave*, *amigo-chave* etc. (1990: 48-9). Em trabalho posterior (2006: 137-8), a autora traz exemplos de outros neopadrões composicionais do português, como **X-base**: *cidade-base*, *moeda-base*, *núcleo-base* etc.; **X-chefe**: *cargo-chefe*, *cozinheiro-chefe*, *embaixador-chefe* etc.; **X-fantasma**: *candidato-fantasma*, *cheque-fantasma*, *conta-fantasma* etc.; **X-monstro**: *biblioteca-monstro*, *bicho-monstro*, *comício-monstro* etc.; **X-padrão**: *comportamento-padrão*, *argumento-padrão*, *paciente-padrão* etc. e **X-relâmpago**: *ataque-relâmpago*, *campanha-relâmpago*, *torneio-relâmpago* etc. Tais exemplos evidenciam que a demarcação de limites precisos entre derivação e composição é assunto mais complexo do que se pode, a princípio, imaginar. No próximo capítulo, voltaremos a discutir esta questão.

Além da derivação e da composição, são processos formais de criação neológica do

português, ainda que não necessariamente sintáticos, registrados por Alves: a neologia fonológica (muito rara), a siglagem e a acronímia e a lexicalização de sintagmas, isto é, quando um sintagma passa a ser sentido pelos falantes como tendo um único referente, um único sentido, configurando-se, portanto, como um único item léxico. A lexicalização de sintagmas, contemporaneamente, tem sido o principal processo de formação de termos nas línguas de especialidade. (p. 50-5)

Alocam-se igualmente entre os neologismos formais aqueles que resultam de processos deformacionais, ou seja, processos nos quais as bases lexicais que são a eles submetidos deformam-se em alguma medida. Entre eles, Alves destaca a truncação, processo no qual há perda de parte da palavra; o cruzamento vocabular ou palavra-valise, em que há o encontro entre partes de palavras distintas para formar um terceiro elemento, não raro satírico e causador de estranhamento; a reduplicação, quando o neologismo se forma pela repetição de sílabas iguais e a derivação regressiva, quando a nominalização de verbos se dá, não pelo acréscimo de sufixos, mas pela perda do morfema flexional verbal. (p. 68-71)

Entre os neologismos formais, os estudiosos costumam citar também o elemento lexical estrangeiro, uma vez que se trata de nova forma que penetrou o sistema lexical de uma determinada língua. Alves chama de empréstimo a palavra que, oriunda de sistema linguístico diverso, esteja adaptada gráfica, fonética ou morfossintaticamente à língua de chegada, podendo, inclusive, servir de base para novas formações. Estrangeirismo, por sua vez, é uma expressão que a autora prefere reservar apenas aos casos em que a palavra não esteja adaptada, ou seja, não tenha entrado como virtualidade no sistema lexical. Nestes casos, destaca Alves (p. 72-3) que ela geralmente é empregada em contextos que se referem à cultura alienígena em questão e, quase sempre, vem assinalada entre aspas, destacando, assim, o não pertencimento da unidade lexical ao código linguístico em que foi escrita a mensagem.

O segundo grupo de neologismos identificados pelos principais estudos realizados sobre o tema é o dos neologismos semânticos. Como dissemos anteriormente, qualquer alteração no significado da palavra sem que se lhe altere a forma tem sido considerada processo de neologia semântica. Apesar de não apresentar uma tipologia tão vasta quanto a formal, trata-se, obviamente, de um fenômeno linguístico bastante comum e, ao mesmo tempo, complexo.

Na segunda parte do seu estudo intitulado *Teoria Linguística*, mais especificamente no capítulo nono (1978: 145-57), Biderman debruça-se sobre a questão da construção do significado das unidades lexicais. Grosso modo, diz-nos a autora que cada lexema, ou unidade lexical, apresenta um significado nuclear e outros significados periféricos dados pelo contexto

de uso. Dentre os significados periféricos, têm-se aqueles oriundos de conotações afetivas, metáforas, metonímias, usos estilísticos etc. O chamado “campo semântico”, ou semasiológico, seria, então, formado pela união entre o significado nuclear da palavra e todos os seus significados periféricos. Ora, prever uma situação de uso metafórica ou uma conotação afetiva associada a uma palavra é praticamente impossível e tanto escritores, jornalistas ou publicitários quanto falantes comuns demonstram diariamente que a expansão do campo semântico de um signo linguístico é ilimitada. Com efeito, a neologia semântica ocorre diariamente, nos mais variados contextos, formais ou informais.

A metáfora, aliás, identificada por Alves (p. 62-7) como sendo um dos recursos que mais tem ajudado a criar neologismos semânticos é, em verdade, não apenas uma ferramenta estilística típica da literatura, mas, principalmente, é uma forma de cognição da realidade, pois permite identificar um domínio da experiência desconhecido tendo como base outro domínio já conhecido (CASTILHO, 2010: 132).

Após havermos discutido as questões referentes ao fenômeno neológico no português do Brasil, trataremos, no capítulo seguinte, especificamente de um processo em especial de formação de palavras altamente produtivo no português brasileiro contemporâneo, a prefixação, objeto imediato das atenções do presente trabalho.

2. A PREFIXAÇÃO

A primeira seção deste capítulo tratará da definição do conceito de prefixo e da incerteza quanto ao processo lexical formativo – derivativo ou compositivo – em que se pode encaixar a prefixação. Em seguida, procederemos à definição de critérios que nos possibilitarão construir um protótipo de prefixo com o qual trabalharemos na análise dos elementos reais identificados no *corpus*. Finalizaremos o estudo, em seção posterior, abordando algumas das funções da renovação lexical elencadas no capítulo precedente e relacionadas, em maior ou menor grau, ao sistema prefixal.

2.1. A prefixação: um *continuum* entre a derivação e composição

A prefixação, como vimos, consiste na associação de um prefixo a uma base lexical. O prefixo é reconhecido por ser um morfema derivacional, que, junto com o sufixo, forma a classe dos afijos. Ao adjungir-se a uma palavra-base, o prefixo não lhe altera a classe gramatical ou o gênero como fazem os sufixos, mas modifica-lhe o sentido, intensificando-a, negando-a etc. Além disso, é um elemento que, apesar de unido a um item lexical, é facilmente perceptível e destacável. Quanto à posição que ocupa, sabe-se que aparece sempre à esquerda da base, ou seja, é uma informação que vem primeiro, antes da informação veiculada pelo item lexical. Esta característica, aliás, é o que está na raiz da palavra “prefixo”, cuja etimologia é justamente essa: aquilo que é fixado / determinado antes (*lat. praefixus*).

Boa parte dos elementos que formam o acervo prefixal da língua portuguesa, quer sejam eles produtivos ou não na criação de neologismos, é herança do latim. Há, historicamente, estreita relação entre prefixos e preposições, sendo que muitos morfemas prefixais listados pelas gramáticas tradicionais como sendo partículas oriundas do latim funcionavam, nessa língua, também como preposições, isto é, como palavras. Do mesmo modo, sincronicamente, existem, em português, vários elementos que ora aparecem como preposições ora como prefixos, a exemplo de *sobre* (preposição - “falei *sobre* você ontem”) e *sobre-* (prefixo - “*sobreloja*”). Alves (1990: 26) e Gonçalves (2016: 99-102), por sua vez, registram vários casos de lexicalização de prefixos em neologismos a partir da truncação de palavras derivadas, como “micro” (< microcomputador), “vice” (< vice-presidente), “pós” (< pós-graduação), “bi” (< bissexual) dentre outros.

Esses dados nos levam a questionar se de fato os elementos a que chamamos prefixos são mesmo morfemas derivacionais ou se se trata de unidades lexicais que ora aparecem

adjungidas a outras bases, formando compostos, e ora aparecem livres na sentença como preposições ou mesmo como advérbios.

Ao que nos parece, o que tem permitido a diferenciação, nos estudos linguísticos, entre esses dois elementos é basicamente a percepção, muitas vezes implícita, de seu maior ou menor grau de gramaticalização⁸, isto é, quanto mais gramaticalizada estiver a partícula, quanto mais integrada fonética e morfologicamente à base lexical tanto mais prefixal ela será, uma vez que, conforme nos diz Monteiro (2002: 55), a principal característica do prefixo é o fato de ser forma presa, não independente, não autônoma.

A preposição, por sua vez, tem sido vista, na tradição gramatical, como palavra, ou seja, como forma que aparece graficamente independente na sentença, ainda que, por se tratar de palavra relacional (CUNHA & CINTRA, 2008, p. 572), apresente conteúdo lexical menos denso em comparação com formas livres como substantivos ou verbos, de alta densidade lexical.

Entretanto, se a diferenciação entre prefixos e preposições parece ser tão evidente, como se explica o fato de o mesmo elemento ser preposição em alguns contextos e prefixo noutros? Como podemos entender o fato de um elemento mórfico, sem deixar de sê-lo em alguns contextos, lexicalizar-se em outros? A fim de ampliar a discussão teórica sobre o conceito de prefixo e sua identificação, realizamos abaixo um modesto percurso, recolhendo informações nas principais Gramáticas Tradicionais e em alguns estudos linguísticos que se debruçaram sobre a problemática em questão.

2.1.1. A prefixação e as Gramáticas Tradicionais

De acordo com Evanildo Bechara, um prefixo é um elemento mórfico acrescentado ao início de um radical. Para este gramático, o formante prefixal

(...) empresta ao radical uma nova significação e se relaciona semanticamente com as preposições (...). Ao contrário dos sufixos, que assumem valor morfológico, os prefixos têm mais força significativa, podem aparecer como formas livres – isto é, ter existência independente na língua – e não servem, como aqueles, para determinar uma nova categoria gramatical. Nem sempre existe em português a preposição que corresponde ao prefixo empregado. (p. 338)

⁸ Por gramaticalização, entendemos o conceito proposto por Hopper & Traugott (*apud* ALVES, 2006: 137), segundo o qual itens lexicais podem, em não raros contextos, desempenhar funções prototípicas de itens gramaticais: “We define grammaticalisation as the process whereby lexical items and constructions come in certain linguistic contexts to serve grammatical functions (...)”.

Como se pode observar, Bechara refere-se, em primeiro lugar, ao maior valor lexical, em comparação aos valores mais morfológicos dos sufixos, advindo do fato de os prefixos acrescentarem diferentes nuances de sentido à palavra a que se unem. Além disso, destaca-se aqui a conhecida relação prefixo-preposição sem, contudo, estabelecer-se qualquer critério que possa diferenciá-los. O gramático reconhece, por fim, a possibilidade de ocorrência de alguns prefixos como formas livres, o que parece sinalizar a necessidade de superarmos o critério “forma presa” como definitivo para se conceituar e reconhecer um prefixo.

Apesar de admitir que o elemento prefixal agrega sentido às bases a que se associa, as extensas listas de prefixos trazidas pela *Moderna Gramática Portuguesa* (p. 366-70) não são estruturadas segundo a semântica desses elementos, o que seria mais útil ao consulente e ao estudioso, mas sim segundo sua origem etimológica -grega ou latina-, como se a informação de onde surgiu determinado formante fosse imprescindível para o entendimento de seu uso no português atual. O sentido do prefixo é mencionado na obra, mas não destacado.

Além disso, essas listas fossilizadas de prefixos trazem outro problema: fazem parecer que o acervo prefixal da língua portuguesa é fixo, fechado e imutável, não sendo possível a inserção de nenhum elemento novo, o que os recorrentes estudos realizados por Alves, e indicados nas referências bibliográficas ao final deste trabalho, têm desmentido. Por fim, a listagem de prefixos apresentada por Bechara coloca lado a lado, por terem a mesma origem etimológica, prefixos muito produtivos no português brasileiro contemporâneo, como *anti-*, e prefixos arcaicos, não mais produtivos no estágio atual de nossa língua, como *catá-*, que derivou catacumba, por exemplo.

Recorrendo a Cunha & Cintra, chamou-nos a atenção a seguinte consideração sobre os formantes prefixais:

Os prefixos são mais independentes que os sufixos, pois se originam, em geral, de advérbios ou de preposições que têm ou tiveram vida autônoma na língua. A rigor, poderíamos até discernir as formações em que entram prefixos que são meras partículas, sem existência própria no idioma (como *des-* em *desfazer*, ou *re-* em *repor*), daquelas de que participam elementos prefixais que costumam funcionar também como palavras independentes (assim: *contra-* em *contradizer*, *entre-* em *entreabrir*). No primeiro caso haveria DERIVAÇÃO; no segundo, seria justo falar-se em COMPOSIÇÃO. Mas nem sempre é fácil estabelecer tal diferença, razão por que preferimos considerar a formação de palavras mediante o emprego de prefixos um tipo de derivação (...). (p. 97-8).

Os gramáticos supracitados, assim como Bechara, reconhecem no prefixo, ao que se pode notar, esse seu caráter fluido quanto à liberdade em relação à base lexical. Entretanto, diferentemente do primeiro gramático, que não apresenta solução para essa questão, eles admitem que se podem estabelecer categorizações dentro do sistema prefixal. Assim, segundo os gramáticos, poderíamos distinguir os prefixos entre aqueles que são sempre formas presas não autônomas e formam neologismos por derivação daqueles que também podem ser formas livres autônomas, ou seja, palavras, e formam neologismos por composição. Estes últimos, por sua vez, aproximar-se-iam muito das preposições e advérbios, por serem, justamente, independentes na língua.

No que tange à apresentação dos elementos prefixais, Cunha & Cintra seguem a tradição gramatical e trazem as mesmas listas imutáveis de prefixos de origens grega e latina com todos os problemas já apontados (p. 98-101). A novidade da *Nova Gramática do Português Contemporâneo* em relação à de Bechara é a menção aos chamados “pseudoprefixos” ou “prefixoides” (p. 127-29), termos que, segundo eles, designam, grosso modo, elementos de composição eruditos que, no estágio atual da língua, popularizaram-se, deixaram de formar termos apenas nas línguas de especialidade e adentraram a língua geral, ampliando, consecutivamente, seu campo semântico de modo a comportarem-se como prefixos sem serem, todavia, considerados genuínos: (*mini-* em minissaia, *micro-* em microfilme, entre outros.).

No âmbito deste trabalho, apesar de reconhecermos que há elementos mais ou menos prefixais segundo os critérios a serem levantados mais à frente, julgamos por bem não adotar as nomenclaturas “pseudoprefixos” ou “prefixoides”, justamente por entendermos que quase todos os elementos mórficos, quer tenham sido eles sempre classificados como prefixais ou não, apresentam maiores ou menores discrepâncias em relação ao protótipo de prefixo, isto é, a um “ideal de prefixo”, a depender do ambiente discursivo em que se encontrem. Assim, há elementos cujo estatuto prefixal não é colocado em dúvida pelas gramáticas, a exemplo de *super-*, mas que em alguns contextos perdem suas características de afixo (“esse professor é *super* de boa”), mantendo-as, porém, em outros contextos (criança *super*agressiva). O que é pseudoprefixo, afinal? Diante da heterogeneidade inerente ao comportamento de um mesmo prefixo em ambientes discursivos diferentes, parece-nos que a categorização entre prefixos sempre verdadeiros e elementos que são sempre “pseudoprefixos” não se sustenta.

Atualmente, em virtude da necessidade de adequação à NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira), de 1958, a esmagadora maioria, tanto das gramáticas tradicionais

quanto das escolares, não coloca mais em dúvida o caráter derivacional da prefixação, razão por que mencionam haver derivação sufixal e também prefixal (SILVEIRA BUENO, 2014: 96-7; ROCHA LIMA, 2010: 251; LUFT, 2002: 129; AZEREDO, 2010: 451; CEGALLA, 2009: 97; CEREJA & MAGALHÃES, 1999: 86; MAIA, 2000: 51; dentre outros.). A exceção fica por conta de Almeida (2009: 404), obra gramatical pré-NGB, que entende a prefixação como um dos possíveis tipos de composição, ao lado da justaposição, da aglutinação e da parassíntese.

Luft, atentando para a falta de limites precisos entre os processos de derivação e composição, prefere classificar a prefixação como fenômeno linguístico de derivação, já que, segundo ele, o senso comum associa naturalmente prefixos a sufixos sendo, portanto, mais didático manter os dois elementos como formadores, ambos, de derivados.

Discordam os gramáticos a respeito do processo lexical da prefixação, que alguns consideram composição, outros, derivação. Isto se deve a que certos prefixos se confundem com preposições (cf. ante-, circum-, pre-, sobre-, com- etc.), portanto palavras – ao menos originalmente -, não ficando bem demarcada a fronteira entre a derivação prefixal e a composição (palavra + palavra). Prefiro seguir mestre Said Ali, que situa a prefixação dentro da derivação, chamando-a de derivação prefixal (...). Didaticamente, é a melhor maneira de classificar, associando a sufixação e a prefixação, pois não parece muito lógico “atirar para campos opostos os sufixos e os prefixos, duas ideias que necessariamente se associam ao espírito infantil” (Otoniel Mota, *apud* Antenor Nascentes, 1946, sv. DERIVAÇÃO)

Por fim, essa mesma postura teórica adota Azeredo na *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*, em seção intitulada “derivação prefixal”.

Não são claros os limites entre derivação prefixal e composição. Vários prefixos são variantes de preposições (*com*, *sem*, *entre*), e muitos adjetivos e morfemas de significação numeral se antepõem a bases léxicas com um comportamento gramatical análogo ao dos prefixos (**aero**espacial, **bi**motor, **penta**campeão). Por isso existem bons argumentos a favor de incluir a prefixação nos processos gerais de composição, assim como também é defensável tratá-la como um processo intermediário entre a composição e a sufixação. Como não estamos certos dos significativos benefícios descritivos destas alternativas, optamos pela prática corrente, identificada no título desta seção.

Muito interessante é a ideia trazida por esta gramática de que a prefixação seria, num

continuum imaginário, um fenômeno intermediário entre derivação e composição, por apresentar, justamente, características dos dois extremos. Adiante, retomaremos esta ideia.

2.1.2. A prefixação e os estudos linguísticos

Dada a origem lexical prepositiva ou adverbial de muitos itens que hoje as gramáticas consideram como prefixos, Alves (2015: 17-8) lembra-nos que, de maneira quase unânime, a maioria dos estudos antigos de linguística classificavam a prefixação como um tipo de composição e não, como se classifica atualmente, derivação.

Câmara Jr. (1975: 229-34) é inequívoco ao alocar o fenômeno da prefixação no rol da composição, tendo em vista o já comentado paralelo entre prefixo e preposição na língua latina.

O autor nos ensina que, no latim clássico, havia um sistema prefixal paralelo ao sistema das preposições, permitindo a uma partícula aparecer, às vezes, autonomamente como preposição, e, em outros momentos, em função prefixal, integrando um nome ou um verbo, para criar nova palavra. Contudo,

(...) o sistema de preposições sofre grande redução em latim vulgar e conseqüentemente em português. Com isso se rompeu o paralelismo entre preposição e prefixo, que era nítido na estrutura do latim. Muitas partículas, que desapareceram como preposições, continuaram a funcionar como prefixos, e em regra sob uma forma erudita, porque foram deduzidas principalmente das palavras tomadas de empréstimo ao latim literário na época do português clássico. Noutras palavras passou a figurar, como prefixo, uma forma divergente de uma preposição portuguesa, que é, em princípio, de origem popular. Finalmente, a falta de uma preposição correspondente já se apresentava, às vezes, também em latim, em relação a alguns prefixos provenientes de partículas adverbiais indo-europeias que se fixaram na língua, apenas, como preverbos. (p. 229-30).

Diante disso, Câmara Jr. considera três grupos de elementos no contemporâneo sistema prefixal da língua portuguesa: os que podem exercer tanto a função de prefixos quanto a de preposições (*sobre*, *contra*, por exemplo), os que só podem funcionar como prefixos (*des-*, *re-*, entre outros) e as variantes, em forma erudita, das preposições (a exemplo de *super-*, forma erudita de *sobre-*).

Se havia, na língua mãe da nossa, uma relação tão estreita entre morfemas prefixais e formas livres preposicionais, seria natural considerar que, em português, quando prefixos se

associam a uma base lexical, haja, etimologicamente, uma ligação entre bases e não entre afixo e base, o que justificaria dizer composição por prefixo e não derivação por prefixo. Nas palavras do autor:

A prefixação, por sua vez, é um processo para criar novos vocábulos formais. Devemos considerá-lo uma composição, é certo, porque os prefixos são elementos vocabulares com valor significativo de preposições, embora vários deles não se usem como preposições e outros sejam alomorfes de preposições (...). (1969: 39)

Said Ali, no entanto, advoga em favor da ideia de se considerar a prefixação como derivação e não composição tendo em vista, justamente, esse fato de existirem, sincronicamente, alguns elementos prefixais que só exercem função prefixal e nada mais. O autor cita, entre outros exemplos, *dis-*, *re-* e *in-*, que, além de serem apenas prefixos no português, não se tem notícias de que tivessem sido utilizados como advérbios ou preposições nem em latim nem em qualquer outra língua indo-europeia. Nas palavras do linguista:

(...) Nada se sabe da existência de tais vocábulos independentes nem em latim nem em qualquer outra língua indo-europeia. Por toda a parte ocorrem estes elementos funcionando sempre como prefixos. Além disso, muito é de notar que, quando se demonstrasse a existência real dessas sílabas em passado remoto, não já como elementos formativos, mas como verdadeiros advérbios ou preposições, ainda assim não poderia prevalecer tal fato como argumento, ao menos que com a noção de prefixo se derrocasse também a de sufixo, o qual, segundo a linguística admite e por vezes claramente demonstra, procede também de expressão que a princípio se usou como palavra independente. (1964: 229-30)

Parece-nos, portanto, que para Said Ali, o mais importante não era verificar o funcionamento diacrônico dos elementos prefixais, mas entendê-los em sincronia, o que nos permitiria dizer que há, em português, um sistema de prefixos de comportamento afixal análogo, em muitos pontos, ao dos sufixos.

Barbosa, diante dessa contradição entre origem lexical do prefixo e sua utilização, em sincronia, como morfema afixal de que resulta uma inerente heterogeneidade nesse subsistema da língua, adota a postura metodológica mencionada por Cunha & Cintra, isto é, podemos falar em derivação prefixal, de acordo com a autora, se o prefixo utilizado na formação da lexia não tiver, contemporaneamente, existência autônoma na língua. Se pudermos utilizá-lo como forma livre, porém, é preferível tratar o caso como composição:

Como se pode notar, há vários tipos de prefixação; há um tipo de prefixo que é um gramema dependente; outros são semiautônomos e outros, ainda, autônomos, podem entrar em combinatória livre. Nos dois primeiros casos, há a criação de uma nova lexia, que é derivada; no terceiro, há uma nova lexia a partir da combinação de duas (ou mais) outras lexias. Há prefixos que geram a derivação e outros, a composição. (1981: 275).

Monteiro (2002: 139-42), por sua vez, considera que a essência do prefixo é ser forma presa, de modo que, segundo ele, se o elemento puder ser utilizado autonomamente na sentença então não é prefixal, mesmo que as tradições gramatical e linguística afirmem o contrário. Portanto, seguindo seu raciocínio, o prefixo, de fato, é morfema derivacional, pois só se deve considerar prefixo aqueles elementos que são sempre presos.

Em suma, entendemos que a prefixação é um tipo de derivação. Pensamos, todavia, que certos elementos, em geral analisados como prefixos, são em última análise verdadeiras raízes, já que potencialmente funcionam como formas livres ou dependentes. Nesse sentido, os constituintes que subsistem como preposições nocionais ou advérbios produzem vocábulos compostos (menosprezar, sobrevoar, sobrecarregar, maldizer etc.). Outros, que já não são advérbios nem preposições, servem ao mecanismo da derivação. (p. 141-42)

Do mesmo modo, Rocha (2008: 147-63), apesar de considerar outros critérios de diferenciação entre prefixos e bases lexicais, como a posição fixa sempre à esquerda da base e a maior recorrência do afixo em relação à menor recorrência do item lexical em formações compostas, estabelece que ser forma presa é um aspecto que, necessariamente, deve apresentar o formante prefixal. Para este autor, formas como *sobre-* (prefixo) e *sobre* (preposição), são, a rigor, “itens lexicais distintos, que apresentam funções diferentes” (p. 149), apesar de ostentarem a mesma forma, razão por que o aparecimento dos dois elementos, ora como prefixo ora como preposição, não altera o fato de o prefixo ser, segundo seu raciocínio, forma sempre presa.

Além disso, diz-nos o autor que uma base atualiza conteúdo lexical externo (ex: *sofá-cama*; *agente secreto* etc), equivalendo, semanticamente, a verbos, substantivos e adjetivos, ao passo que um prefixo traz conteúdo lexical menos explícito, identificando-se com preposições e advérbios (*pós*-guerra; *pré*-teste etc.). Para Rocha, portanto, a semântica do afixo, por equivaler à das preposições e advérbios, não vai além das ideias circunstanciais de

espaço e tempo. Assim, elementos como *pré-*, *pós-*, *sobre-*, entre outros, podem ser considerados prefixos. Se um elemento, contudo, mesmo que preso, atualizar semântica prototípica do adjetivo, como o formante *mega-*, por exemplo, cujo sentido é “muito grande”, o autor o considera como base lexical, não como afixo.

Antes dele, como veremos abaixo, Sandmann (1992) já atentava para o valor lexical menos denso do elemento afixal em relação às bases. Contudo, diferentemente de Rocha, admite que, além dos elementos de valor prepositivo e adverbial, também a maioria dos adjetivais, mormente os de semântica mais abrangente, como os que indicam as ideias de “grande/pequeno”, “falso”, “contrário a” etc. (*mega-*, *macro-*, *mini-*, *super-*, *pseudo-*, *maxi-*, *anti-* etc.) podem figurar como prefixos.

Observe-se que há adjetivos que expressam ideias gerais (*grandelpequeno* ou *macro-/micro-*, *maxi-/mini-*) e ideias relativizáveis (*grandelpequeno em relação a*) e adjetivos que expressam ideias particulares, menos gerais ou mais específicas e não-relativizáveis: *paroquial* (avisos paroquiais), *natalino*, *vacum*. Pois são justamente os que expressam ideias gerais os que serão considerados prefixos: *super-*, *mega-*, *pseudo-*, *anti-* (*anti-herói*), *maxi-*, *mini-*, *micro-*, *macro-* etc. (SANDMANN, 1992: 37)

Schwindt (2001), baseado em critérios fonológicos, considera que há, no português brasileiro, dois tipos de prefixos, os PCs (prefixos composicionais) e os PLs (prefixos legítimos). Para sustentar sua visão, diz-nos o autor que, como as palavras, os prefixos composicionais podem receber acento (são palavras fonológicas) e aparecer como formas livres, ao passo que os prefixos legítimos jamais recebem acento (não são palavras fonológicas) e são sempre formas presas, assemelhando-se aos clíticos.

Propomos que sejam redistribuídos entre o que chamaremos de *prefixos composicionais* (PCs) e *prefixos legítimos* (PLs), admitindo, preliminarmente, que os primeiros têm a estrutura prosódica de *vocábulos fonológicos independentes* (w) e que os segundos se estruturam como *sílabas átonas* (s) adjuntas ou incorporadas à base a que se ligam. Traçando um paralelo com outras categorias morfossintáticas, PCs têm o mesmo perfil prosódico dos compostos autênticos, enquanto PLs perfilam-se como clíticos.

Como se vê, Schwindt traz de volta à baila, agora pelo viés da fonologia, a heterogeneidade inequívoca quanto ao comportamento gramatical dos elementos prefixais.

Em estudo mais recente (2014: 138), chama a atenção para o fato de que, “em virtude do número de sílabas, do acento e do teor do seu significado, alguns radicais podem se assemelhar a prefixos ou sufixos”, tais como as bases presas *hidro* e *logia* e os afixos *ante-* e *-zinho*, gerando dúvida acerca do processo formativo desencadeado por tais elementos. Para ele, contudo, unidades lexicais podem-se combinar (*hidrologia*), ao passo que afixos sempre se associam a palavras-base, não podendo jamais associarem-se entre si sem a presença de uma base léxica. Segundo ele, essa característica deve ser considerada a fim de verificar se determinado elemento é ou não afixal.

Oferecendo sua contribuição à problemática questão dos prefixos, Basilio (1989) destaca que tanto a prefixação quanto a composição apresentam estruturas fixas (afixo + base, no caso da prefixação, e base + base, na composição) com função pré-determinada. Todavia, os elementos prefixais podem ser elencados em uma lista, de certo modo previsível, ao passo que os elementos que preenchem a estrutura de um composto não são previstos, podendo ser quaisquer itens lexicais. Esse ponto, justamente, é definitivo para alocar a prefixação como um tipo de derivação, segundo a autora.

Em suma, na prefixação acrescenta-se a uma base um elemento fixo, com função pré-determinada; na composição, a partir de uma estrutura fixa, com função semântica pré-determinada, combina-se a semântica de dois itens lexicais quaisquer. Dentro desse quadro, desaparece a controvérsia de se a prefixação deveria ser ou não considerada como composição, na medida em que não entra em cogitação a questão de se uma forma é livre ou presa, e sim se esta forma corresponde a um elemento fixo de uma lista para formação ou não. (p. 10-1)

Sandmann (1992: 34-5), por sua vez, defende, conforme comentado acima, que o que caracteriza a diferença, afinal, entre um afixo, que gera um derivado, e uma base lexical, que gera um composto, não é o caráter autônomo ou não, bem como também não o é a origem etimológica do elemento, mas sim o fato de o afixo carregar ideia, não raro, *geral* e *abstrata*, ao passo que a base traz-nos uma ideia mais particular. Em outras palavras, o afixo apresenta menor densidade semântica em relação às bases lexicais. Por isso, são mais recorrentes que elas, podendo ocorrer em muito mais contextos:

(...) o que distingue o prefixo é o fato de ele expressar uma ideia geral (...). Justamente o fato de o prefixo expressar uma ideia geral é responsável por sua maior produtividade, por sua maior recorrência, por sua produção como que em série. (1992: 37-8).

Ser forma presa, portanto, não é critério suficiente para distinguir um formante prefixal, segundo Sandmann. O que nos parece fazer ele é desviar o foco da forma com que se apresentam os afixos, e em especial os prefixos, para a sua semântica, que se mostra abstrata, “geral”. Essa característica, por sua vez, gera determinado comportamento sintático que acaba por diferenciar afixo de base: os morfemas afixais, por serem elementos de semântica abstrata, tendem a aparecer muito mais vezes que as bases lexicais, em “formações em série”, quer estejam eles colados a elas ou livres na sentença. Daí poderem estes formantes constituir listas previsíveis, às quais recorre o falante, com frequência, para formar novas palavras, conforme nos explicou Basílio. Seguindo esse raciocínio, pode-se dizer que os elementos prefixais, de modo geral, assim como os sufixos, são também afixos que geram derivação.

De fato, há várias lexias compostas cujas bases formadoras são eruditas e, portanto, presas, como datilógrafo (*dátilo* [*dáktylos*] + *grafo*) e grafologia (*grafo* + *logia*). Nestes dois exemplos, no entanto, apesar de haver uma forma recorrente (*grafo*), percebe-se claramente que, além da semântica mais concreta (“escrita”), a posição do elemento pode variar, aparecendo à esquerda ou à direita da base a que se associa. Temos, neste caso, composição e não derivação.

Ademais, parece-nos pertinente atentar ainda para o fato de que, mesmo os sufixos, dos quais ninguém põe em xeque o caráter afixal (apesar de Said Ali lembrar que muitos deles podem ter tido sua origem como palavras independentes), em contextos especiais da atualidade, geralmente lúdicos, utilizam-se também como formas livres nominalizadas sem, com isso, deixarem de ser afixos. É o caso, por exemplo, do sufixo nominal *-ista*, neste contexto da Folha de S. Paulo mencionado por Sandmann: “De nada adiantará aumentar o número de deputados enquanto forem eleitos, apenas, fisiologistas, lobistas, sindicalistas e outros istas” (FSP 17-07-1990).

Na esteira de Basílio e Sandmann, Alves (1990; 2000) considera como característica primeira e fundamental do prefixo a sua recorrência sempre à esquerda da base lexical, em formações seriadas. Elementos, portanto, que outrora foram radicais gregos, latinos ou mesmo vernáculos podem, se utilizados recorrentemente à esquerda de um item léxico, ser reanalisados pela língua como prefixos (2006: 131-44). A autora conceitua elementos prefixais como

(...) partículas independentes ou não independentes que, antepostas a uma palavra-base, atribuem-lhe uma ideia acessória e manifestam-se de maneira recorrente, em

formações em série. (1990: 15)

Encontramos, nesta definição, ao mesmo tempo a superação do critério “ser ou não livre”, que está na raiz da questão acerca de que tipo de formação seria a prefixação, e o estabelecimento de outros critérios para a identificação do que é ou não prefixo, alguns dos quais aparecem igualmente em Basilio e Sandmann:

1. Devem ser antepostos a uma base lexical, a qual tomam por escopo, isto é, sobre a qual estendem sua influência semântica;
2. Devem trazer ideia acessória (ALVES), mais abstrata (SANDMANN), à semântica da base lexical a que se associaram;
3. Devem compor uma lista disponível para o falante (BASILIO), podendo aparecer de modo recorrente em formações em série (ALVES; SANDMANN).

Para esses autores, o prefixo parece ser, afinal, muito mais uma *função* na organização sintagmática, com as características mencionadas acima, do que exatamente uma forma, livre ou presa. A função prefixal é, pois, segundo essa forma de ver a questão, passível de ser exercida por elementos diversos que podem ou não ter desempenhado sempre esse papel.

Assim, pode-se dizer que os elementos listados pela tradição gramatical como sendo prefixos de fato o são, mas o erro seria imaginar que aquela lista completou-se há alguns milênios, quando do surgimento daqueles itens. Alves entende que o sistema prefixal é incrivelmente dinâmico e mostra-se sempre aberto a novos elementos. A autora nos apresenta algumas formas que têm aparecido, segundo seus dados, recorrentemente à esquerda de bases lexicais, razão por que as classifica como novos prefixos: *e-* (*e-contracheque*), *ciber-* (*ciberciúme*), *narco-* (*narcoempresa*), *bio-* (*biocampeão*), *eco-* (*ecoeiciente*). Esses neoformantes prefixais, além de evidenciarem o dinamismo dos afixos, segundo a autora, ainda confirmam a inequívoca e estreita relação entre léxico e sociedade, pois as mudanças sociais recentes são o gatilho para que tais elementos pudessem desempenhar a função prefixal nos neologismos destacados:

Alguns elementos, após sofrerem o processo da truncção, difundem-se pela língua comum e unem-se a unidades lexicais para formarem um derivado prefixal. Estes

novos elementos truncados (*ciber-* < *cibernética*; *e-* < inglês *electronic*; *bio-* < *biodiversidade*; *eco-* < *ecologia*; *narco-* < *narcótico*) passam a exercer função prefixal e representam questões vivenciadas pela sociedade contemporânea: o avanço tecnológico proporcionado pela Informática (*ciber-* e *e-*), os esforços pela preservação da saúde e do meio-ambiente (*bio-* e *eco-*), os problemas relativos ao consumo e ao comércio de drogas (*narco-*). (ALVES, 2010: 70-1)

Se admitirmos, de acordo com Alves, que os elementos prefixais constituem uma classe passível de renovação, essa abertura ao novo pode ser, então, um importante aspecto que auxilia a diferenciar prefixos de preposições. Estas últimas são formas gráficas simples, ou seja, formadas por um único elemento (*em*, *para*, *até*, *por* etc.), e a inserção de novas formas entre as chamadas “preposições essenciais” da tradição gramatical é algo muito raro, até onde mostram os estudos mais recentes (ILARI, 2015; CASTILHO, 2010). O sistema prefixal, no entanto, tem sido enriquecido constantemente com novos elementos, outrora radicais e bases, que passam a se comportar como prefixos, em formação em série (*mega-*, *macro-*, *pseudo-*, *neo-*, *ciber*-[nética], *eco*-[logia] etc.).

Por certo não ignoramos que as chamadas locuções prepositivas ou ‘preposições complexas’ (CASTILHO, 2010: 588), combinações entre advérbios e preposições para formar uma unidade léxica de valor preposicional, formam um grupo bastante dinâmico quanto à criação de novos elementos (*por amor de*, *em meio de*, *em presença de* etc.). Contudo, por se tratarem de lexias complexas (BIDERMAN, 1978: 131), isto é, formadas por mais de um elemento, não se podem confundir com prefixos, que são formas gráficas simples com, no máximo, duas sílabas (*pré-*, *super-*, *ex-* etc.).

Ainda sobre as diferenças entre preposições e prefixos, é interessante destacar a observação feita por Gonçalves (2012: 159) de que, em alguns casos, os prefixos podem atualizar significados diferentes daqueles encontrados por suas formas prepositivas correspondentes, a exemplo de “entre” que, enquanto prefixo, pode atualizar o sentido de “parcialmente” (porta *entreaberta*), o que jamais acontece nos contextos em que aparece como preposição. Além disso, continua Gonçalves, não é raro vermos que há restrição semântica do prefixo em comparação com a preposição. A forma “sem”, na função prefixal, é monossêmica e indica “desprovido de algo” (*sem-terra*, *sem-teto*), ao passo que, enquanto preposição, pode indicar concessividade (*sem* você eu não vou).

Contemporaneamente, contudo, diante da discrepância comportamental verificada entre os membros de todas as classes linguísticas, alguns linguistas têm preferido trabalhar não mais com a ideia de que todos os elementos de uma categoria linguística devam,

necessariamente, encaixar-se nela de igual maneira, haja vista ao fato de que sempre, em qualquer categorização linguística sob o viés de qualquer teoria, sempre há os elementos de “exceção”, que “não se encaixam”.

No que tange especificamente ao fenômeno da prefixação, defendem que não há, apesar de todos os argumentos levantados pelos estudos linguísticos referidos até este momento, homogeneidade suficiente no grupo dos prefixos de modo a podermos alocá-los de igual maneira em uma única classe. Dito de outro modo, há prefixos que, por suas características morfofonológicas, sintáticas e semânticas aproximam-se muito das palavras, gerando itens léxicos muito mais composicionais que derivacionais, enquanto outros são, indiscutivelmente, morfemas derivacionais, aproximando-se dos sufixos.

Gonçalves (2012) faz um bom levantamento das semelhanças e diferenças entre prefixos e sufixos. Entre as principais diferenças entre os dois elementos apontadas pelo autor verifica-se que, ao contrário dos sufixos, os prefixos não modificam a classe das palavras a que se associam nem lhes atribuem gênero; além disso, têm autonomia fonológica (como já anunciado por Schwindt) e podem ser, algumas vezes, nominalizados e utilizados como formas livres (p. 148-56). Por outro lado, prefixos e sufixos assemelham-se no fato de que ambos são, em sua maioria, formas presas e têm semântica pré-determinada, o que acaba por fazer com que imponham restrições morfossintáticas não encontradas no fenômeno da composição, ou seja, nem todos os prefixos e nem todos os sufixos associam-se a toda e qualquer base lexical.

Por todas essas idiossincrasias, as quais não podem, segundo Gonçalves, ser harmonizadas (e concordamos com ele), propõe que os prefixos são melhor descritos quando considerados como integrantes de um grande *continuum* entre prefixidade e lexicalidade. Essa análise traz em seu bojo a ideia de que existiriam alguns elementos modelares, prototípicos (GEERAERTS, 2006, *apud* MARONEZE, 2011; CANÇADO, 2015), que conseguem agregar as características definidoras da classe dos afixos, representando os prefixos de maneira mais típica. A partir da comparação entre o elemento prefixal e o protótipo seria possível entendê-lo como mais ou menos próximo ao modelo, portanto como mais ou menos prefixal. Quanto mais prefixal for o elemento, mais derivacional será o processo de adjunção a uma base; do mesmo modo, quanto menos prefixal ele for, mais composicional será a associação a outro item lexical.

(...) o exemplo prototípico de uma categoria X é aquele que idealmente reúne os atributos esperados para aquela categoria. O elemento que deixa de apresentar, em

maior ou menor grau, características da categoria, vai, conseqüentemente, se afastando, também em maior ou menor grau, do protótipo, podendo até, em alguns casos, se aproximar de outra categoria. (GONÇALVES, 2012: 161)

Acreditamos que olhar para esses formantes como um grupo heterogêneo em um grande *continuum* de prefixidade e não como categoria fixa de elementos homogêneos lança boa luz sobre a questão e mostra o quanto a língua é um sistema complexo que desafia nosso desejo de classificação, cabendo ao linguista aceitar a fluidez natural entre as categorias linguísticas e lidar com ela. Alves (2006: 131-44), nesse sentido, também nos mostra que a fluidez entre léxico e gramática, não apenas no que se refere ao sistema prefixal mas às criações lexicais neológicas como um todo, é um fato inegável. Itens lexicais desempenhando funções gramaticais próprias de afixos e morfemas afixais exercendo funções lexicais de substantivos e adjetivos são, para a autora, provas de que não se pode mais conceber léxico e gramática como sistemas estanques, mas, ao contrário, fortemente integrados, de modo que delimitar exatamente quando começa um e termina o outro é praticamente impossível. E é exatamente por esse motivo que Halliday (2004 *apud* BAGNO, 2012: 432-40), atualmente, não considera mais gramática e léxico como sistemas estanques, mas, recusando o dualismo tradicional, fala-nos em uma lexicogramática. “Segundo ele, léxico e gramática não formam dois estratos diferentes, mas os polos extremos de um *continuum* (...)”. (BAGNO, 2012: 436).

Sendo assim, consoante essa tendência teórica, no próximo subitem desta seção, nosso esforço será por estabelecer alguns critérios que nos permitirão construir um protótipo de prefixo a partir do qual poderemos estabelecer um *continuum* de prefixidade entre os elementos a serem analisados no quarto capítulo desta dissertação.

2.1.3. Critérios para uma análise da prefixação via *continuum*

Para estabelecermos os critérios listados abaixo, buscamos nos valer das ideias principais apresentadas por todos os autores (gramáticos e linguistas), aos quais recorreremos no subitem anterior, por entendermos que cada um, a seu modo, contribuiu para elucidar a problemática que envolve a classe dos prefixos. Gostaríamos, porém, de deixar claro que não temos nenhuma pretensão de esgotar o assunto, nem acreditamos que os únicos critérios possíveis sejam os que adiante listaremos. A beleza de enxergar os prefixos num grande *continuum* é justamente a possibilidade de agregar visões teóricas *a priori* opostas que, longe de se excluírem, revelam que cada elemento prefixal é um universo à parte de características e

comportamentos semântico-gramaticais díspares. Assim, quanto mais visões tivermos, mais critérios poderemos, em estudos futuros, agregar aos já identificados e mais completo se tornará o nosso entendimento sobre o instigante fenômeno da prefixação.

1. critério da recorrência

Conforme nos revelam Basilio (1987, 1989), Alves (1990, 2000, 2015) e Sandmann (1992), os prefixos caracterizam-se por serem elementos recorrentes, que aparecem antes da base lexical, em formações em série. Para esses autores, considerar a recorrência do elemento em posição prefixal é importante, pois nos ajuda a distinguir, por exemplo, se a unidade léxica é composta ou derivada, isto é, se estamos diante de uma base lexical em composição com outra base ou de um afixo em prefixação a uma base. Portanto, a maior recorrência de aparecimento de um elemento em função prefixal deve, obrigatoriamente, a nosso ver, fazer parte do protótipo de prefixo que queremos construir.

É preciso, no entanto, diferenciar recorrência de produtividade. Há, na língua, formantes prefixais bastante recorrentes, isto é, que são encontrados na formação de diversas palavras conhecidas do português, como *in-*, que, dentre vários itens lexicais, formou **incrível**, **impossível**, **inviável**, **insuportável**, **insubordinação** etc. No entanto, a despeito da recorrência com que encontramos o prefixo em questão, verificamos que ele não tem sido mais produtivo para a formação de neologismos no estágio atual de nossa língua, segundo os dados recolhidos neste trabalho (cf. capítulo 4). Apesar de pouco produtivo, a recorrência do elemento em várias palavras comuns, porém, permite-nos afirmar que se trata de uma partícula mais prototipicamente afixal. Por sua vez, elementos como *ex-*, *pré-*, *pós-*, *anti-*, *super-*, entre outros, preenchem também este requisito por serem recorrentes na língua e também produtivos para a formação de neologismos no português brasileiro atual, razão por que, por este critério, devem ser entendidos como mais prefixais.

2. critério fonológico do acento

Schwindt (2001) revela-nos que, no plano da fonologia, há prefixos que recebem acento e há prefixos átonos, os quais comportam-se como sílabas que se agregam aos itens lexicais. Os primeiros têm estatuto prosódico de palavras e os segundos de afixos. Por este critério, prefixos consagrados pela tradição gramatical como *ex-*, *pré-*, *anti-*, *super-* e não consagrados como *não-*, *mega-*, *mini-*, *narco-* são menos prefixais, ao passo que formantes

prefixais tradicionais como *des-*, *re-*, *in-*, *a-* etc são mais prefixais.

3. critério da possibilidade de se empregar isoladamente (lexicalização)

Sabemos que, em muitos casos, os prefixos acentuados, os quais são palavras prosódicas, podem, efetivamente, aparecer livres na frase, plenamente lexicalizados em alguns contextos (GONÇALVES, 2016; ALVES, 1990, 2000, 2015). Se os formantes mais prefixais são os não acentuados (SCHWINDT, 2001), podemos inferir que, na construção do protótipo, os elementos que podem ser lexicalizados (*ex-*, *pré-*, *pós-*, *super-*, entre outros) são menos prefixais que aqueles que jamais aparecem como formas livres (*des-*, *re-*, *in-*, *a-* etc.), o que parece de acordo com a tradição gramatical (BECHARA, 2009; CUNHA & CINTRA, 2008) e linguística (MONTEIRO, 2002) que entende o prefixo como sendo uma forma sempre presa.

4. critério da existência de uma forma livre correspondente

As gramáticas tradicionais, como vimos, mencionam o paralelo entre prefixos e preposições (BECHARA, 2009; CUNHA & CINTRA, 2008). Para Monteiro (2002), recordamos, elementos que podem ser empregados livremente como preposições ou advérbios não são prefixos. Câmara Jr. (1975) lembra-nos de que o paralelo prefixo-preposição é consequência do fato de ter havido, em latim, um sistema prefixal cujos elementos eram análogos às preposições. Rocha (2008), diante disso, prefere considerar que prefixos e preposições, apesar de ostentarem a mesma forma em alguns casos, são elementos, em essência, diferentes. Isso parece ser confirmado por Gonçalves (2012), que nos ensina, conforme mencionamos acima, que a mesma forma atualiza sentidos diferentes enquanto preposição e enquanto prefixo. Ademais, pelos estudos de Alves (2010), parece-nos que prefixos têm-se mostrado uma classe mais aberta ao novo que as preposições.

Todavia, mesmo se considerarmos que as duas classes de elementos estão se distanciando ou mesmo que já são diferentes semanticamente, o fato de alguns ostentarem, ainda hoje, a mesma forma, continua atestando a estreita relação entre eles. Além disso, não podemos ignorar que há prefixos que não apresentam forma livre correspondente (*re-*, *des-*, *in-*, *a-*, *ex-*, dentre outros).

Desse modo, para a construção do elemento prefixal prototípico, consideraremos como mais prefixais aqueles formantes que não tenham forma livre correspondente, ao passo

que partículas como *contra-*, *sobre-* e *entre-*, por exemplo, seriam menos prefixais por terem forma prepositiva análoga.

5. critério da semântica mais lexical ou mais gramatical

Câmara Jr. (1975) considera que uma das diferenças mais substanciais entre prefixos e sufixos reside no fato de estes atualizarem semântica mais gramatical (ou seja, com significados lexicais mínimos), em virtude de mudarem a classe da palavra a que se associam, ao passo que aqueles materializam semântica mais lexical, visto que agregam sentidos outros aos já trazidos pela palavra que lhes serve de escopo. Semelhante ideia é também defendida pela tradição gramatical (BECHARA, 2009; CUNHA & CINTRA, 2008), para quem os sufixos são muito mais “gramaticais” que os “lexicais” prefixos.

Quanto aos sentidos possíveis veiculados pelos morfemas afixais, Rocha (2008) nos lembra que o prefixo, especificamente, pode apenas atualizar semântica típica de preposições ou de advérbios (espaço, tempo, negação etc.). Sandmann (1992), por sua vez, entende que as partículas que veiculam semântica adjetival, quando esta for mais “geral” (ideias de “grande”, “pequeno”, “falso” etc.), podem também ser consideradas prefixais (*mega-*, *mini-*, *pseudo-* etc.), visão reiterada por Gonçalves (2012: 150), para quem, além de advérbios, preposições e adjetivos gerais, os prefixos podem, ainda, ser compatíveis à ideia de quantificação, típica de numerais e demais partículas quantificadoras (2016: 50).

Apesar de as expressões “semântica gramatical” e “semântica lexical” terem-se firmado nos estudos morfológicos, percebemos que não há ainda clareza absoluta sobre esses conceitos. Ultrapassaria, obviamente, o escopo de nosso modesto trabalho empreender um estudo mais aprofundado sobre os meandros da Semântica e de seus ricos conceitos. Entretanto, deixando de lado, por hora, as controvérsias, e embasados nos trabalhos a que recorreremos até este momento, podemos dizer que, por “semântica lexical”, tem-se entendido, grosso modo, um significado mais referencial, mais concreto, que dialoga diretamente com o universo extralinguístico. Assim, se dessa maneira entendermos o conceito, substantivos concretos seriam mais lexicais que os abstratos, já que se referem a seres e objetos extralinguísticos; da mesma forma, verbos designam ações que ocorrem no mundo, sendo, pois de conteúdo lexical; preposições, porém, seriam menos lexicais que substantivos e verbos porque atualizam significado espacial e temporal, designando, portanto, não um referente concreto, mas situando este referente em relação ao espaço e ao tempo, e assim por diante.

Nesse sentido, podemos dizer que a maioria dos elementos prefixais (reconhecidos ou não pela tradição) é mais lexical que os sufixos. Isso se daria não apenas em virtude de os prefixos não promoverem a recategorização plena das bases a que se adjungem (muito embora possam modificar a função gramatical exercida por uma unidade lexical, conforme veremos na próxima seção), mas também por atualizarem o mesmo significado de adjetivos, preposições e advérbios, todas formas livres, palavras, com algum conteúdo lexical. Vista por esse ângulo, a prefixação como um todo (e não apenas alguns prefixos) parece ser, sob os aspectos morfológico e semântico, um processo intermediário entre a composição e a derivação, como defendido por Azeredo em sua *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa* (2010: 451).

Contudo, lembra-nos Gonçalves (2016: 16-7) que mesmo entre os sufixos há aqueles que são mais densos semanticamente. Comparemos, por exemplo, os sufixos *-eiro* (jardineiro) e *-al* (dental). O primeiro não promove mudança categorial e seu conteúdo é bastante lexical na medida em que atualiza a ideia de “profissão” (jardineiro é o profissional que cuida dos jardins). O segundo, ao contrário, justamente por promover a recategorização gramatical da palavra-base a que se associa (de substantivo para adjetivo), parece ter significado mínimo, completamente “colado” ao da base lexical (dental é o adjetivo *relativo a* dente).

Por outro lado, se compararmos o sufixo *-al* e o prefixo *in-*, um dos que mais preenche os critérios de prefixidade discutidos até agora (é um dos mais “prefixais” dentre os elementos analisados neste estudo), teremos que reconhecer que o morfema prefixal é mais lexical que o sufixo, já que não só não altera a classe da palavra a que se liga como também agrega-lhe sentido (nesse caso, trazendo significado de negação: feliz < **infeliz**), o que não faz o morfema sufixal.

Como se vê, pois, qualquer tentativa de categorização absoluta cai por terra diante das idiossincrasias dos chamados “morfemas afixais”, o que nos confirma que uma análise por *continuum* entre lexicalidade e gramaticalidade é a que melhor dá conta, principalmente, dessa diversidade gramatical e semântica.

De modo geral, porém, a semântica dos afixos é um assunto demasiado complexo, que demandaria um estudo mais aprofundado, a fim de descrever, por exemplo, as diversas nuances de significado que certamente existem não apenas no âmbito dos prefixos de mesmo domínio semântico (negação, intensidade, temporalidade etc.) como também nos diferentes contextos em que um mesmo elemento prefixal é empregado. Seria possível, inclusive, a criação de um *continuum* apenas com base no significado de cada afixo em cada contexto de uso, para se verificar em que grau cada um deles é mais lexical ou mais gramatical. Neste

trabalho, porém, consideraremos, numa simplificação necessária, ainda que redutora (visto que nosso intento é apenas tangenciar a Semântica, elencando-a como um dos critérios possíveis de prefixidade), como mais prefixais, isto é, mais prototípicas, as partículas que veiculam significados circunstanciais próprios de preposições e advérbios; significados qualificadores próprios de adjetivos “gerais” (*pós-*, *pré-*, *não-*, *anti-*, *super-*, *mega-* etc.) e significados quantificadores, próprios de numerais (*multi-*, *bi-*, *poli-*), o que torna, na contramão, menos prefixais elementos semanticamente mais ligados a substantivos ou adjetivos menos “gerais” (*narco-*, *tele-*, *eco-*, *bio-* etc.).

6. critério do escopo sobre uma ou mais unidades

No âmbito dos estudos sobre o fenômeno da gramaticalização, variados têm sido os critérios aventados por diferentes autores a fim de verificar o maior ou menor grau de gramaticalidade de um dado item. Lehmann (1995 [1982] *apud* LEITE GONÇALVES; LIMA-HERNANDES & CASSEB-GALVÃO, 2007: 70-8), por exemplo, na busca por determinar o grau de autonomia de um item linguístico em vias de gramaticalizar-se, traz-nos alguns parâmetros pelos quais pode o pesquisador orientar-se em seus estudos. Em nossa pesquisa, consideramos como bastante útil o critério, teorizado por ele, do peso sintagmático ou escopo.

O peso sintagmático ou escopo de um item refere-se à extensão da construção que ele ajuda a formar. Para esse parâmetro, Lehmann afirma que, com o aumento do grau de gramaticalização de um item, seu escopo diminui (...). Melhor explicitando: na mudança, via “condensação”, de um estado da língua para outro, o item passa da relação com constituintes de complexidade arbitrária para a relação com a palavra ou com o radical (...). (*op. cit.*: 76)

Assim, por exemplo, o sufixo nominal *-ista*, na palavra “jornalista”, estende seu peso gramatical e semântico sobre a palavra-base “jornal”, que lhe serve, portanto, de escopo e designa um único referente. Em comparação com o advérbio *realmente*, na sentença “realmente, eu gosto de chocolate”, o sufixo *-ista* é, pelo critério do peso sintagmático, mais gramatical, por ser seu escopo apenas uma palavra e não uma sentença inteira, como se verificou no caso do advérbio.

Tradicionalmente, diz-se que os prefixos associam-se ou a radicais (BECHARA, 2009; CUNHA & CINTRA, 2008), ou, o que nos afigura mais exato, segundo discutimos no

capítulo primeiro, a palavras (ALVES, 1990; GONÇALVES, 2012). De todo modo, independentemente do estatuto do elemento a que se agrega o prefixo, se radical ou palavra-base, por ser ele um morfema e não um item léxico, não poderia, pelo critério do peso sintagmático de Lehmann, estender sua influência semântico-gramatical além do elemento a que imediatamente se acopla. Assim, numa palavra como “exoplaneta”, a semântica adverbial do prefixo *exo-* aplica-se apenas ao substantivo “planeta”, que lhe serve, pois, de escopo.

Analisando nossos dados e refletindo sobre eles, contudo, temos percebido que grande parte dos prefixos, justamente talvez por associarem-se a unidades lexicais plenas e não a radicais, não têm tomado por escopo apenas uma palavra-base simples, mas todo um sintagma e, mais raramente, uma sentença completa, o que faz com, nesses contextos, a partícula perca as características esperadas de morfema afixal, aproximando-se da classe adverbial. Um claro exemplo disso ocorre com o prefixo *ex-*, o qual, não sem regular frequência, escopa⁹ sintagmas, como em construções do tipo *Fulano, <ex-ator da Rede Globo>*, análoga a várias que encontramos no *corpus*. Tais construções, muitas vezes, simplificam-se em formas, a princípio, imprevistas, como *Fulano, <ex-Rede Globo>*, possíveis apenas porque o escopo do prefixo vai além da base a que imediatamente se adjunge.

Contudo, apesar de boa parte dos prefixos apresentarem este comportamento, se o prefixo prototípico é (ou deveria ser, segundo a tradição linguística) um morfema afixal recorrente em formações seriadas, átono, sem formas livres correspondentes e sem possibilidade de lexicalização, não podemos deixar de considerar como prototípicos (mais prefixais) apenas aqueles cujo escopo é a base a que imediatamente se associam. Os demais, por se comportarem como advérbios escopando todo um sintagma ou uma sentença, afastam-se mais da prefixidade e aproximam-se mais da lexicalidade.

Após havermos discutido brevemente os critérios que adotaremos para o estabelecimento do *continuum* de prefixidade, finalizamos o subitem com um quadro-resumo desses critérios discutidos aqui, que ajudam a compor o prefixo prototípico, e alguns exemplos de partículas que preenchem ou não cada um deles. Durante a análise, no capítulo quarto, discutiremos com maior atenção cada um dos elementos encontrados nos *corpora de extração* selecionados para esta pesquisa quanto à sua maior ou menor aproximação ao protótipo do prefixo construído sobre os critérios acima. Ao final do momento analítico, apresentaremos um *continuum* possível entre esses elementos, reiterando que não se trata, em absoluto, de algo completo e imutável, mas de um exercício exploratório passível de críticas e

---

⁹ O verbo neológico “escopar” é equivalente, neste trabalho, à expressão “tomar por escopo”.

reconstruções constantes.

Tabela 1- *Quadro-resumo dos critérios de prefixidade.*

Crítérios	Autores	Exemplos
1. recorrência	Basilio (1987, 1989). Alves (1990, 2000, 2015). Sandmann (1992).	<i>ex-, super-, não-, pré-</i> etc. (elementos recorrentes: mais prefixais).
2. não-acento	Schwindt (2001). Gonçalves (2012)	<i>re-, des-, in-, a-</i> etc (elementos átonos: mais prefixais). <i>ex-, anti-, super-, não-</i> etc. (elementos tônicos: menos prefixais).
3. não-lexicalização	Alves (1990, 2000). Schwindt (2001). Monteiro (2002). Cunha & Cintra (2008). Bechara (2009). Gonçalves (2012, 2016).	<i>re-, des-, in-, a-</i> etc. (elementos que não podem ser lexicalizados: mais prefixais). <i>ex-, vice-, super-, mini-, bi-</i> etc. (elementos que podem ser lexicalizados: menos prefixais).
4. sem forma livre correspondente	Câmara Jr. (1975). Monteiro (2002). Rocha (2008). Cunha & Cintra (2008). Bechara (2009). Gonçalves (2012).	<i>re-, des-, anti-</i> etc. (elementos que não apresentam forma livre correspondente: mais prefixais). <i>não-, contra-, sem-, entre-, sobre-</i> etc. (elementos que apresentam forma livre correspondente: menos prefixais).
5. semântica menos lexical	Câmara Jr. (1975). Sandmann (1992). Rocha (2008). Cunha & Cintra (2008). Bechara (2009). Gonçalves (2012; 2016).	<i>não-, pós-, super-</i> (elementos que atualizam semântica de advérbio, preposição, numeral e adjetivo mais geral: mais prefixais). <i>narco-, ciber-, tele-</i> (elementos que atualizam semânticas de substantivo e adjetivos menos gerais: menos prefixais).
6. escopo mais limitado	Lehmann (1995 [1982]). Leite Gonçalves; Lima-Hernandes & Casseb-Galvão (2007). Castilho (2010; 2015).	<i>exo-, in-, infra-</i> etc. (elementos que tomam por escopo apenas a palavra-base: mais prefixais). <i>ex-, pós-, pré-</i> etc. (elementos que tomam por escopo unidades maiores que uma palavra-base: menos prefixais).

É imperioso destacar que, em nosso trabalho, consideramos os seis critérios elencados

acima como estando em pé de igualdade entre si. Para nós, está claro que um foneticista consideraria o segundo critério como o mais importante, opinião não compartilhada, certamente, por um semanticista, para quem o quinto critério seria o definitivo. Como se trata nosso esforço da realização de um exercício exploratório a partir da discussão bibliográfica empreendida antes e não da filiação irrestrita a uma corrente linguística determinada com predominância de um nível de análise sobre outro, decidimos por bem dar a todos os critérios o mesmo peso. Desse modo, julgaremos como mais prefixais os formantes que preencherem mais critérios, independentemente de quais sejam eles. Um elemento que preencher os critérios um, três e seis ocupará, portanto, a mesma posição medial que outro, o qual preenche os critérios dois, quatro e cinco, por exemplo. Gostaríamos de enfatizar, contudo, que estes não são os únicos critérios possíveis para se construir um protótipo de prefixo. Pesquisas futuras podem acrescentar outros fatores aos já aqui considerados, bem como apontar possíveis subordinações de um critério a outro, por exemplo, se descobrirmos que é possível prever, total ou parcialmente, a frequência de um prefixo pela sua semântica. Tanto a inserção de novos critérios quanto a descoberta da subordinação de um critério a outro mudarão, pois, completa e necessariamente a estrutura do *continuum* que aqui estabeleceremos. O campo está, assim, plenamente aberto a explorações, investigações, complementações e novos pontos de vista no intuito de enriquecer nossa compreensão sobre tão fascinante assunto.

Na seção seguinte, interessa-nos investigar, à luz das funções do neologismo identificadas no capítulo primeiro (função de rotulação, expressiva de avaliação, mudança categorial, textual e indexical), aquelas que atuam no âmbito específico da prefixação.

2.2. A prefixação e as funções da criação neológica

As tradições gramatical e linguística, de modo geral, têm atribuído ao prefixo, conforme discutido acima, uma função puramente semântica, isto é, é de consenso que os elementos prefixais atribuam comumente à base lexical a que se associam uma nuance de sentido, mas sem lhes alterar a classe gramatical em que estão alocadas. Por outro lado, aos sufixos cabe, primordialmente, a função de recategorização linguística, ou seja, pelo acréscimo de um formante sufixal, é possível transformar um verbo em um nome ou um nome em um verbo, por exemplo, com reflexos na organização sintática do enunciado.

Essa visão é reiterada por Sandmann (1992: 25), quando confere à prefixação e à composição a predominância da função semântica, enquanto que, entre os sufixos, predomina a função sintática de recategorização e, em alguns casos, a função discursiva de

expressividade. Tais afirmações podem ser encontradas igualmente em Rocha (2008: 77-9).

Admite, contudo, Sandmann que, em alguns casos de prefixação, a função discursiva/expressiva pode sobrelevar-se à semântica. Isso se daria, segundo o autor, quando há uma desobediência às restrições morfossintáticas impostas pelo elemento prefixal, criando uma situação que foge à regularidade. Assim, por exemplo, quando alguém diz “desprefeito” (*des-* + substantivo estático), no lugar de “mau prefeito”, faz uso expressivo do prefixo negativo *des-*, pois, normalmente, encontramos esse elemento ligado apenas a palavras que indicam ação que pode ser desfeita -verbos ou substantivos deverbais-, dado o seu sentido regular de “ação contrária”. Nenhum dos autores consultados, todavia, admite qualquer possibilidade de função sintática recategorizadora associada ao fenômeno da prefixação.

Alves (1990: 23-5; 2000: 64-8), no entanto, chama-nos a atenção para o fato de que alguns prefixos, tais como *anti-*, *pós-*, *pré-*, *pró-*, *sem-*, dentre outros, quando associados a bases substantivas, fazem-lhes assumir função adjetival. Num sintagma nominal como “leis <antifumo>” parece-nos claro que a lexia substantiva “antifumo” caracteriza/determina o substantivo “leis”. Percebe-se que, neste caso, não houve, propriamente falando, uma recategorização, posto que “antifumo” continue apresentando as características morfológicas do substantivo, não estabelecendo concordância de nenhuma espécie com “leis”, o que não ocorreria caso estivéssemos diante de um adjetivo: “leis confiáveis” (adjetivo formado pela associação do sufixo *-vel* ao verbo confiar). Porém, é inegável a capacidade que *anti-* e os outros prefixos elencados apresentam de, em certos contextos, atribuir a um substantivo uma função adjetival.

Essa característica, como se vê, não pode ser enquadrada nem como função semântica nem como função discursiva/expressiva, mas sim como função de adequação sintática, que, justamente por forçar outro enquadramento sintático, apresenta consequências inevitáveis na organização textual do enunciado em que a unidade lexical prefixada se encontra, o que, como vimos, Gonçalves (2016: 18-21) denomina “função textual”. É muito mais simples textual e sintaticamente, sem dúvida, dizer “leis antifumo” que “leis que coíbem a prática do fumo”.

A mudança de função gramatical posta em andamento por alguns prefixos que, com as ressalvas apresentadas acima, podemos chamar de função recategorizadora do formante prefixal (ALVES, 2000: 64-8), por repercutir na gestão textual do enunciado tal como repercutem os sufixos, orienta-se, portanto, sem dúvida, para um desejo de economia linguística por parte do falante.

O gatilho que dispara o fenômeno de economia linguística é a ânsia por comunicar de

maneira rápida e eficaz determinado conteúdo. Aliás, veicular o máximo de informações utilizando o mínimo de recursos linguísticos vem justamente ao encontro da necessidade moderna de rapidez em uma sociedade cada vez mais tecnológica como a nossa. Esse fato, segundo Alves (1990: 28), explica a alta produtividade, também verificada neste trabalho, da prefixação como fenômeno criador de formações neológicas do português brasileiro contemporâneo.

A produtividade da derivação prefixal no português contemporâneo parece-nos revelar, em muitos casos, um desejo de economia discursiva por parte do falante. Uma frase negativa, expressa por um prefixo, torna-se mais econômica do que uma construção sintática negativa. Assim, a negação lexical permite frases como “policiais não-violentos” e “entidades ligadas aos sem-terra”, ao invés de frases sintaticamente mais complexas do tipo “policiais que não são violentos” e “entidades ligadas àqueles que não possuem terras”. É também a procura da economia discursiva que explica, ao que nos parece, o emprego de prefixos seguidos de substantivos e empregados em função adjetiva ou adverbial. Desse modo, as frases “nos comícios antes do plebiscito” e “um acontecimento fora de pauta” são simplificadas por meio do uso de um prefixo: “nos comícios pré-plebiscito” e “um acontecimento extrapauta”. Em termos da gramática gerativa, pode-se dizer que, na estrutura profunda, as frases desprovidas de prefixo são mais complexas e mais longas; na estrutura de superfície, o prefixo torna-as mais econômicas. (p. 28-9)

Na esteira de Gonçalves, Alves (2009a; 2009b), igualmente, tem reiterado a necessidade de se entender a neologia (e, como consequência, a prefixação) como elemento constitutivo também da malha textual. No âmbito específico da prefixação intensiva crescente e decrescente, por meio de uma série de exemplos, a autora nos mostra que reiteraões de sentido e sinonímia são frequentes e, obviamente, impactam a gestão textual. Não raro, o prefixo intensivo, por exemplo, força o aparecimento de expressões que lhe reiteram o sentido ou encontra sinônimos, no mesmo contexto, entre adjetivos e advérbios (palavras que, como vimos anteriormente, guardam com os prefixos analogias semânticas) ou sufixos intensificadores. Do mesmo modo, Alves mostra-nos que pode haver entre prefixos e sufixos, advérbios, adjetivos e sintagmas relação também opositiva.

Segundo vimos também no capítulo primeiro deste trabalho, Gonçalves (2016: 24-8) identifica, na criação lexical, uma “função indexical”, a qual é posta em efeito quando uma palavra é criada para enquadrar o falante em determinado grupo sociolinguístico. O próprio autor reconhece, na prefixação intensiva, uma marca da fala masculina ou masculinizada, ao

passo que a sufixação intensiva seria mais característica do falar feminino ou feminilizado (*op. cit.*: 25-6). Nos dados sobre os quais nos temos debruçado, verificamos que, em algumas ocasiões, o prefixo intensivo *super-* tomou por escopo verbos (“o ator X *super* atuou naquele filme”, em que “*super atuou*” significa “*atuou muito bem*”) ou mesmo a expressões gíriáticas iniciadas por preposição (“hoje estou *super de boa*”), fato também atestado por Gonçalves (2016: 102).

A despeito de desconhecermos quaisquer outros estudos, além do empreendido por Gonçalves, que tratem sobre as associações [*super-* + verbo], em que a partícula intensiva perde suas características de afixo e recategoriza-se como advérbio de intensidade em construções do tipo “*super quero ir ao cinema*”, “*super gostei do filme*”, “*super vou ao show*” etc., nossa experiência de falante e docente da língua portuguesa do Brasil na cidade de São Paulo tem-nos possibilitado perceber que esse emprego de *super-* é marca, em especial, do falar de jovens e adolescentes com os quais convivemos, e que, como é de se esperar, expressam-se de modo menos formalizado, menos preso a convenções, estando eles mais abertos, portanto, à renovação linguística. Esta é a razão de, em nosso *corpus*, aparecerem casos de recategorização de *super-* mais em ambientes textuais oralizados (como é o caso dos blogs menos jornalísticos, mais adolescentes, mais “soltos” do ponto de vista linguístico) que naqueles cujo conteúdo verse sobre jornalismo e política, assuntos que exigem um nível maior de formalidade expressiva.

De todo modo, inspirados pelo pensamento de Gonçalves, parece-nos justo entender que a recategorização do afixo *super-* como advérbio cumpre função indexical, visto que enquadra o falante no grupo sociolinguístico dos jovens urbanos da cidade de São Paulo. Isso, porém, não impede, é claro, que, futuramente, a construção [*super-* + verbo], ainda socialmente marcada, espalhe-se para outros grupos sociolinguísticos e se generalize. Quanto a isso, o tempo dirá a última palavra.

Por fim, gostaríamos de explorar mais um pouco as relações entre prefixação e função expressiva da criação lexical. Independentemente do nome que se lhe dê (vide seção 1.2.), há sempre em comum entre os autores a ideia de que o neologismo não apenas informa um conteúdo novo, mas também busca evidenciar o desejo do falante por expressar-se de maneiras novas, não raro inusitadas, posicionando-se subjetivamente frente à realidade. Os sufixos aumentativos e diminutivos com sentidos de ênfase, afeto e pejoratividade têm sido associados claramente a essa função (ALVES, 1990: 37-9; SANDMANN 1992: 27-9; ROCHA, 2008: 78).

Ainda que tal fato seja inteiramente verdadeiro, acreditamos que os prefixos também

são importantes ativadores da função expressiva da criação lexical. Além da expressividade advinda da fuga à regularidade morfossintática por parte do formante prefixal e já explorada por Sandmann, o curioso fenômeno de acumulação de prefixos intensivos crescentes, identificado em nosso *corpus* de extração e do qual nos ocuparemos durante a análise, parece-nos evidenciar um desejo, por parte do autor do neologismo, de expressar a intensidade, cada vez mais marcante, de suas emoções e percepções sobre o que deseja comunicar. Em outras palavras, um sintagma hipotético como “*templo <super-hiper-mega-grande>*”, análogo ao que encontramos em nossos dados, traz não apenas a designação de um objeto no mundo, um templo religioso, por meio da combinação nova de formas linguísticas conhecidas (prefixo + base), mas também revela uma evidente intenção do falante em posicionar-se frente ao que é dito, marcando o forte impacto recebido por ele em virtude da descomunal extensão do hipotético templo em questão.

Aliás, se Rocha (p. 78) chama a atenção para o caráter expressivo da sufixação intensificadora, por que seria menos expressiva a intensificação realizada via prefixação? A própria existência de um vasto domínio semântico intensivo no subsistema prefixal, largamente descrito por Alves (2000: 143-96), mostra-nos que o prefixo ativa, sem dúvida, essa função do neologismo, pois intensificar, por si mesmo, parece-nos, quase sempre, um dado de subjetividade, isto é, uma posição do falante frente ao conteúdo neológico, posição esta muitas vezes carregada de ironia, sarcasmo ou admiração. Ao longo de nossa análise, portanto, buscaremos apontar momentos de expressividade ocasionados pela utilização de prefixos em contextos determinados, ainda que, adiantemos, não seja nosso objetivo realizar qualquer análise estilística mais aprofundada das unidades lexicais neológicas coletadas, mas tão somente indicar em que situações morfossintáticas e contextuais determinados prefixos extrapolaram a função semântica prototípica.

Neste capítulo, abordaram-se alguns aspectos teóricos acerca dos prefixos e da prefixação em língua portuguesa, de modo a embasar a análise que levaremos a cabo no quarto capítulo deste trabalho. A seguir, apresentaremos o *corpus* de extração das unidades lexicais neológicas a serem esmiuçadas e a metodologia que nos guiou para a realização da coleta e validação dessas unidades.

3. METODOLOGIA E *CORPUS* DE EXTRAÇÃO: O GÊNERO *BLOG*

Segundo Carvalho (2010: 277-90), muitas são as fontes de onde brotam neologismos em nossa língua. A autora cita a imprensa (escrita e televisiva), a publicidade, a literatura e as áreas de especialidade como os mais importantes veículos que promovem a renovação lexical por meio da criação de novas palavras.

Atualmente, contudo, a internet tem ocupado cada vez mais uma posição de destaque como veículo de informação e entretenimento. Conteúdos dos mais diversos tipos chegam a um número sempre crescente de pessoas numa rapidez que não conhece precedentes.

A internet diferencia-se das demais fontes de neologismos não apenas por veicular maior gama de informações, mas, também, pelas inovações linguísticas que promove diariamente em ambiente virtual, as quais difundem-se, pela própria natureza da internet, a muitas pessoas. O impacto da web para a língua é tamanho que já existem alguns estudos que apontam na direção da criação de uma nova língua dos ambientes virtuais, o “internetês”.

Alvo de duras críticas por parte das alas linguísticas mais conservadoras da sociedade, o internetês tem como marca registrada as trunicações radicais de palavras, a maior fluidez em relação à ortografia oficial, a supressão de sinais de pontuação e conectivos, a mistura entre escrita e símbolos gráficos e o rompimento das barreiras entre oralidade e escrita. Para Rajagopalan (2013), trata-se do surgimento de um novo idioma dentre os já existentes, coletivo, porém, visto que é fruto do trabalho de milhões de usuários da rede que buscam nela comunicar-se. Assim, o internetês é

uma língua sendo moldada de acordo com as necessidades e as conveniências que vão surgindo, movida e enriquecida constantemente pela criatividade e engenhosidade dos milhões de usuários e marcada pela concisão e compressão de redundâncias e de tudo o que é desnecessário do ponto de vista estritamente comunicacional. (p. 45)

Diante de tamanhas novidades, não é difícil de imaginar a intensidade do impacto da internet para os estudos da neologia lexical, da morfologia, da sintaxe e até mesmo do texto.

No presente trabalho, escolheu-se buscar as unidades lexicais neológicas em um tipo específico de texto virtual, conhecido dos navegadores da web desde o final da década de 90, os blogs.

Lemos (2002, *apud* OLIVEIRA, 2013: 157) propõe que a palavra *blog* deriva de “web” (*World Wide Web*, internet) em contração com “log” (diário, registro). Surgiu ao final da

década de 1990 como um diário pessoal publicado em ambiente virtual. Lembra-nos Oliveira que

nessa época, um número relevante de internautas optou por compartilhar confissões pessoais com uma audiência desconhecida, capaz de interagir diretamente com o autor do blog. Isso, na prática, representou uma ruptura das fronteiras dos âmbitos público e privado, que até então costumavam ser altamente preservadas nos diários tradicionais. (p. 157)

Com o passar dos anos, os blogs, por serem espaços bastante flexíveis para troca de informações, começaram a ser veículos de publicação de informações jornalísticas, “primeiro por parte de cidadãos comuns, que enxergaram neles uma oportunidade de manifestarem suas opiniões em um canal alternativo à grande mídia” (*op. cit.*), para, em seguida, serem absorvidos por empresas de comunicação da chamada *mainstream media*, como grandes jornais, revistas e emissoras de televisão.

Estas últimas vislumbraram nos blogs uma oportunidade de aproximação de seu público, que culminou na adequação de suas práticas a uma nova forma de fazer e apresentar conteúdos jornalísticos, passando a contar com maior colaboração e interatividade por parte dos leitores. Nesse caso, a audiência passou a ter a possibilidade de dar maior contribuição à prática jornalística e a contar com um espaço que se destina a receber e publicar seus comentários, opiniões e reflexões. (*op. cit.*: 157)

Foram, assim, criados os blogs jornalísticos, também chamados de *j-blogs*, mantidos pelas grandes empresas de comunicação.

Segundo Robinson (*apud* OLIVEIRA, 2013: 158), os *j-blogs* “são um misto de coluna, notícia e jornal”, ainda que não reúnam, necessariamente, essas três características ao mesmo tempo. Portanto, os textos de blogs são incrivelmente híbridos no que concerne às suas características. Algumas vezes, temos uma transposição literal, para o blog, de notícia publicada no jornal impresso veiculado pela companhia de comunicação; outras vezes, são publicados textos com características de coluna, o que envolve a manifestação de opinião do jornalista e interação com os leitores; em alguns momentos, sobretudo em virtude do estilo pessoal do autor e/ou do assunto principal do blog, a linguagem apresenta-se com maiores ou menores recursos de oralidade. Mesmo que agruparmos os blogs por temas, portanto, ainda assim o estilo híbrido deste gênero textual sobressair-se-á, posto que está na raiz de sua

constituição.

Para esta pesquisa, selecionamos uma amostragem de textos provenientes de j-blogs veiculados pela revista *Veja*, pelo jornal *Folha de S. Paulo* e pelo portal *UOL* (Universo Online), todos meios de comunicação de grande alcance de público. Recolhemos todas as postagens publicadas durante o ano de 2014 de 89 blogs, escolhidos em virtude de os acompanharmos regularmente. A preferência pelo ano de 2014 deve-se ao fato de ter sido um período bastante agitado em nosso país, tanto em virtude da Copa do Mundo realizada no Brasil quanto das eleições presidenciais. Esses dois eventos movimentaram a internet e proporcionaram imensa gama de textos, dentre os quais selecionamos a amostragem que constitui nosso *corpus* de extração de unidades lexicais neológicas formadas por prefixação.

Segue abaixo a lista dos blogs consultados e os endereços dos veículos de comunicação virtuais onde podem ser encontrados.

(I) Blogs da blogosfera UOL (blog.uol.com.br):

Marcos Costa

Sua Pele

Búfalos TV

Infomoto

Luís Perez

Mundo em Movimento

UOL Carros

Organize

Física na veia

Scientific American Brasil

Ana Maria Bahiana

Chip Hazard

Ailton Amélio

Assim como você

Blogay

Carla Rodrigues

Eu Joyce

Marcelo Coelho

Regina Navarro

Vigilantes da Autoestima

Xico Sá

Maria Inês Dolci

Blog da Sophia

Todos a Bordo

Blog do Gustavo

Happy Hour

Cacilda

Mauricio Stycer

Pablo Miyazawa

Redação UOL

Blog do Katsuki

Nina Horta

Blog de Tec

UOL Tecnologia

Rodolfo Martino

InfoAmazônia

Mobilidade Sustentável

Heavy Nation

Radio UOL

Novo em Folha

Blog do Sakamoto

Um brasileiro no Irã

Xico Vargas

Coluna Esplanada

Blog do Alexandre Faisal

Blog do Pediatra

Blog do Yogue

Planeta Autismo

Fábio TV

Nilson Xavier

O buxixo

Outro Canal

Companhia de Viagem

UOL Viagem

II – Blogs da revista *Veja* (veja.abril.com.br/colunistas):

Caio Blinder

Rodrigo Constantino

Lauro Jardim

Blog do Narloch

Reinaldo de Azevedo

Ricardo Setti

III – Blogs da *Folha de S. Paulo* (www1.folha.uol.com.br/blogs):

Abecedário

Blog da Seleção

Brasil 2014

China in Town

Darwin e Deus

Digo sim

Dinheiro público

Entretempos

<i>Hashtag</i>	<i>Para entender Direito</i>
<i>Inácio Araújo</i>	<i>Peça única</i>
<i>Leandro Colon</i>	<i>Rodolfo Lucena</i>
<i>Maternar</i>	<i>Seres Urbanos</i>
<i>Mauricio Tuffani</i>	<i>Silvio Cioffi</i>
<i>Mensageiro Sideral</i>	<i>Sylvia Colombo</i>
<i>Morte sem tabu</i>	<i>Teoria de tudo</i>
<i>Mundialíssimo</i>	<i>Thais Nicoleti</i>
<i>O mundo é uma bola</i>	<i>Blog de Veg</i>
<i>Olímpicos</i>	<i>X de sexo</i>
<i>Orientalíssimo</i>	

3.1. Uma metodologia para o trabalho com Neologismos: os *corpora* de exclusão

Após a apresentação dos *corpora* de extração realizada em seção anterior, tencionamos dedicar esta parte do estudo a tratar, especificamente, da metodologia de trabalho que guiou nosso olhar para a identificação das unidades lexicais neológicas que serão analisadas a partir do próximo capítulo.

No âmbito dos estudos lexicais, os conceitos de neologia enquanto fenômeno de criação lexical e de neologismo enquanto produto resultante dessa criação parecem estar bem assentados. Entretanto, identificar empiricamente um neologismo não é tarefa simples, pois esbarramos sempre na seguinte questão: por quanto tempo uma unidade lexical pode ser chamada de neológica? Qual é, afinal, a medida do novo quando estamos lidando com o léxico de uma língua? Diz-nos Cabré:

(...) se, por um lado, o conceito de neologia encontra-se bastante estabilizado, os critérios de reconhecimento dos neologismos, mutáveis, são muito mais diversos. A etiqueta de neologismo pode chegar a ser problemática pelo fato de concentrar diversos parâmetros de identificação e, ademais, porque, por definição, neologia é uma condição sempre diacrônica: aquilo que hoje é neológico pode deixar de sê-lo quando seu uso for atestado (2010: 18).¹⁰

¹⁰ (...) si por un lado el concepto de neología se considera bastante estabilizado, los criterios de reconocimiento de los neologismos, en cambio, son mucho más diversos. La etiqueta de neologismo puede llegar a ser problemática por el hecho de concentrar diversos parámetros de identificación y, además, porque por la definición la neología es una condición siempre diacrónica: aquello que hoy es neológico puede dejar de serlo cuando se refleja su uso. (Original)

Foi justamente a dificuldade em estabelecer critérios de reconhecimento dos neologismos que fez com que Rey (1976) levantasse questionamentos acerca da existência real de neologismos na língua. Seria o neologismo um pseudoconceito, afinal?

Em verdade, temos percebido que, no âmbito dos estudos da neologia, a conhecida máxima saussuriana “o ponto de vista cria o objeto” continua especialmente válida. Portanto, conclui-se que uma unidade lexical será assim reconhecida como neológica ou não a depender dos critérios utilizados para sua identificação. Longe de ser um elemento mais evidente do sistema linguístico e mais amplamente aceito, como o verbo, o substantivo, o adjetivo etc., o neologismo é um elemento puramente conceptual, metodológico, pragmático, criado a partir de um ponto de vista prévio sobre ele.

É a essa conclusão que parece chegar A. Rey quando nos diz:

O neologismo não existe em si, mas apenas em comparação a um conjunto de usos arbitrariamente definidos. É impossível considerar o neologismo “em abstrato”, como um elemento novo num sistema, independentemente do funcionamento concreto da língua (p. 17)¹¹

Assim, em virtude do caráter não abstrato do neologismo, para que seja conferido o caráter neológico a determinada unidade do léxico, faz-se necessário colocá-la em comparação com *corpora* extensivos e não exaustivos compostos por palavras reconhecidamente não neológicas pela comunidade de falantes.

Boulanger (1979) utilizou pela primeira vez a expressão “*corpus* de exclusão” para determinar o conjunto de textos utilizados como uma espécie de filtro para a conferência do caráter neológico a uma unidade lexical. O estabelecimento de *corpora* de exclusão tem sido, desde então, a metodologia de trabalho mais utilizada e mais reconhecida na lida com as criações lexicais novas.

Atualmente, Cabré (2010: 18-21) nos fala em quatro critérios possíveis de detecção de neologismos, alguns dos quais a partir de *corpora de exclusão* diversificados. Abaixo descreveremos cada um deles, apontando suas vantagens e desvantagens, segundo a autora.

1º critério: diacrônico.

Estabelece o critério diacrônico que uma unidade lexical será neológica se tiver aparecido

---

¹¹ Il n’y a pas de néologisme en soi, mais par rapport à un ensemble d’usages arbitrairement définis. Il est impossible de considérer le néologisme “in abstracto” comme un élément nouveau dans un système, indépendamment du fonctionnement concret du langage. (Original)

recentemente.

Assim, embasado por esse critério, o pesquisador pode levantar um *corpus* histórico relativo ao período dentro do qual esteja estudando a neologia e, com base nele, fixar datas para o surgimento das palavras, verificando quais apareceram mais recentemente no intervalo de tempo coberto pelos documentos. Na Universidade de São Paulo (USP), o Grupo de Morfologia Histórica do Português (GMHP: www.usp.br/gmhp), coordenado pelo Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro, tem contribuído enormemente para a melhoria nas datações que atestam a origem das palavras no português. Contudo, o estabelecimento de *corpora* precisos compostos de uma quantidade significativa de documentos onde se poderá atestar a data inequívoca de surgimento de uma palavra é especialmente difícil. O desenvolvimento dos estudos etimológicos tem mostrado que quase nunca é possível ter certeza absoluta acerca da data precisa do surgimento de uma palavra, haja vista a quantidade de vezes em que as datações mudam mediante o surgimento de novas fontes.

2º critério: gramatical.

Segundo o critério gramatical, uma unidade lexical será neológica se denunciar instabilidade e/ou raridade formal.

Este segundo critério elencado por Cabré é especialmente profícuo na identificação das unidades lexicais neológicas cuja forma causa estranhamento, a respeito da qual os falantes têm uma espécie de intuição do seu caráter de novidade, uma vez que desempenham função puramente estilística. Geralmente, neologismos criados pelos processos deformantes, mencionados no primeiro capítulo do presente trabalho, como truncação, cruzamento vocabular, reduplicação etc. e estrangeirismos são facilmente reconhecidos pela aplicação deste critério. Certamente, poucos teriam dúvidas de que a satírica palavra “intelijegue” (cruzamento entre as palavras “inteligente” e “jegue”) é neológica, visto apresentar uma forma que causa estranhamento.

No entanto, para os casos de neologismos sintáticos, como os formados por prefixação, em que há uma nova combinação de elementos já existentes no sistema linguístico, este critério se torna inoperante, pois a forma da unidade lexical nova não causa estranhamento aos falantes, muito embora se trate de uma novidade lexical. O mesmo podemos dizer para os frequentes casos de neologismos semânticos, em que a forma da unidade léxica não sofre alteração.

3º critério: psicológico.

De certo modo decorrente do segundo critério, o terceiro diz-nos que uma unidade lexical será neológica se os falantes da língua a reconhecerem como tal. Dentre todos os critérios, este se

apresenta como o mais difícil de ser efetivamente aplicado e como o mais subjetivo entre todos.

Sabemos que todos os falantes de uma determinada comunidade linguística compartilham um núcleo léxico comum, que permite a comunicação entre eles. A isso, os estudiosos do léxico, sobretudo de filiação teórica gerativista, têm chamado de *competência lexical* (GUILBERT, 1975: 38; BASILIO, 1980: 8; SANDMANN, 1992: 13; ROCHA, 2008: 35; dentre outros). Em virtude desse acervo lexical compartilhado, diz-nos Sablayrolles (2013) ser possível a existência de um “sentimento de neologia” da parte dos falantes em relação a determinados itens lexicais. Todavia, cada falante ou grupo de falantes apresentam disparidades no alcance de seu léxico individual. Assim, o que se configura como neologismo para um pode não ser para outro, fato este que confirma que o neologismo é, antes de mais nada, um conceito metodológico, como nos ensinou A. Rey (1976).

A percepção da novidade é variável segundo os indivíduos e os objetos examinados. O mesmo objeto será, ao mesmo tempo, percebido como novo ou recente por um e já antigo e velho por um outro. Com as inovações lexicais, que são os neologismos, não é diferente: os julgamentos dos falantes nativos podem divergir sobre eles. (SABLAYROLLES, 2013: 6)¹²

Logo, para que pudéssemos aplicar este critério, seria necessário estabelecer um grupo suficientemente heterogêneo de falantes, oriundos de diferentes extratos sociais, de diferentes faixas etárias, de diferentes níveis de escolaridade etc. Ainda assim, correríamos o risco de estes falantes reconhecerem como neológicas apenas as unidades lexicais cujas formas ou imagens acústicas lhes causassem estranhamento, ignorando completamente as novas combinações entre formas já conhecidas do material linguístico, as quais, por certo, não ativam, nos falantes, qualquer “sentimento de novidade”, na terminologia de Sablayrolles.

4º critério: lexicográfico.

Por fim, o último critério afirma que uma unidade lexical será neológica se não figurar em um conjunto de dicionários de língua previamente selecionados. De todos os critérios, esse tem sido o mais utilizado, desde sempre, nos estudos neológicos dada a sua simplicidade e praticidade.

É certo que, como os outros, o critério lexicográfico apresenta fragilidades, uma vez que os dicionários não conseguem jamais abarcar todas as palavras de uma língua. Sablayrolles (2013: 7-8) nos lembra, por exemplo, dos casos de gírias e palavrões, largamente utilizados pelos falantes

¹² La perception de la nouveauté est variable selon les individus et les objets examinés. Le même objet sera encore perçu neuf ou récent par l'un et déjà ancien et vieilli pour un autre. Il n'en va pas autrement des innovations lexicales que sont les néologismes: les jugements des locuteurs natifs peuvent diverger à leur sujet. (Original)

(portanto, não neológicos), mas que, pelo fato de não serem, segundo ele, “politicamente corretos” não vão parar nunca nos dicionários. Há também os casos de palavras antigas que não aparecem mais nos dicionários e que são arcaísmos e não neologismos. Chama-nos, ainda, a atenção Sablayrolles para a não rara omissão, nas obras dicionarísticas, de neologismos semânticos.

No entanto, socialmente falando, o dicionário é visto como o repositório lexical confiável de uma determinada comunidade de falantes, não sendo rara a consulta às obras lexicográficas para a verificação da existência ou não de uma palavra, para a aferição de sua ortografia, pronúncia correta, significados possíveis etc. Pelos falantes, os dicionários são vistos como fontes do saber lexical e parece intuitivamente natural deixar de considerar uma palavra como neológica se ela passar a figurar nos dicionários da língua. A inserção, em um dicionário de língua geral, de qualquer item léxico novo, portanto, parece ser um dado que atesta, para todos os falantes, a sua *desneologização*.

A consagração final da palavra neológica é a sua inserção no dicionário, porque o registro de um termo no dicionário confere-lhe o estatuto de elemento lexical da língua, ao lado dos outros já existentes, do ponto de vista dos grupos conservadores. Antes de ser registrado no dicionário, já se tem consciência de sua aceitação, mas o figurar na lista das palavras do dicionário faz que o termo seja considerado “*definitivo*”. O papel do lexicógrafo, nesse sentido, é muito importante, pois a ele e a sua equipe cabe de certa forma a responsabilidade de consagrar a aceitação do neologismo ou rejeitá-lo. (BARBOSA, 1981: 150-51)

Durante décadas de estudos da neologia, os únicos *corpora* de exclusão utilizados por quem se aventurava a observar esse campo da lexicologia foram, portanto, os dicionários. Recentemente, porém, o desenvolvimento da *linguística de corpus*, aliado ao aprimoramento da informática, tem possibilitado o aparecimento de ferramentas computacionais que utilizam bancos textuais em suporte digital, estabelecendo, assim, uma nova via textual e automática de detecção de neologismos, que vem auxiliar o pesquisador, agregando mais uma ferramenta além do dicionário.

Tal é o caso do *Extrator de Neologismos*, ferramenta desenvolvida pelo NILC-USP-São Carlos em parceria com o Projeto TermNeo (coordenado por Ieda Maria Alves- USP), que realiza a coleta semiautomática de candidatos a neologismos por meio da comparação entre o *corpus* de extração – que deve estar armazenado em formato *txt* (bloco de notas) - e o banco textual armazenado, segmentando os sintagmas em que ocorrem os possíveis neologismos. O produto final do processamento do *corpus* pelo Extrator (como doravante o denominaremos) é uma lista de prováveis neologismos apresentados com seus contextos, a qual pode ser vista parcialmente nas imagens abaixo, inseridas a título de exemplos:

Candidato	Nome próprio	Sentença
Abenomics	Talvez	A eleição foi um referendo sobre o programa de revitalização econômica de Abe ("Abenomics"), no cargo há dois anos (ele teve uma primeira, fugaz e frustrante experiência de um ano em 2006/2007).
abre-geral	Não	Eu, que, apesar de leiga em economia me mantenho hipster, mesmo que contra a intromissão do Planalto nas decisões do Banco Central, achava um tanto utópico o abre-geral liberalista que defende que a área assistencialista do Brasil seja administrada pelas políticas de responsabilidade social das empresas – principalmente em uma sociedade que ainda não aprendeu a consumir informação e enxergar além das particularidades, interesses, amores e ódios de cada texto que corre nas redes sociais (enquanto isso, nas paredes dos quartos, os cartazes de líderes políticos são substituídos por cartazes de colunistas).
accountability	Não	Ela se impõe e resiste quando os cidadãos estão dispostos a lutar pelo império da lei, direitos humanos e "accountability". O material do jornal costuma ser exclusivo para assinantes, mas de qualquer forma

Imagem 1: Lista de candidatos a neologismos criada pela ferramenta *Extrator de Neologismos* a partir dos textos recolhidos do blog de *Caio Blinder*, da revista *Veja*.

Imagem 2: Continuação da lista de candidatos a neologismos criada pela ferramenta *Extrator de Neologismos* a partir dos textos recolhidos do blog *Caio Blinder*, da revista *Veja*.

O caráter neológico ou não da unidade lexical elencada pelo Extrator, contudo, deve, em seguida, ser assegurado pela verificação da sua ausência ou presença em dicionários de língua, conforme estabelece o critério lexicográfico comentado há pouco, uma vez que os *corpora* utilizados pela ferramenta jamais serão exaustivos, o que a faz selecionar como neológicas, não raro, unidades lexicais já há muito dicionarizadas. Além disso, o software seleciona nomes próprios e palavras cuja primeira letra é maiúscula, entendidas, portanto, como neológicas, muito embora não sejam.

Submetemos nosso *corpus* de extração, composto pelos 89 blogs apresentados na seção precedente, ao Extrator. Para a confirmação do caráter neológico das unidades lexicais listadas pelo programa, utilizamos, em versões eletrônicas ou virtuais, cujas referências seguem abaixo, os dicionários *Aurélio*, *Houaiss* e *Michaelis*, por integrarem o grupo dos principais dicionários da língua portuguesa do Brasil.

Novo dicionário Aurélio (Versão eletrônica completa).

Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 2009.8 (Versão eletrônica completa mais

recente do dicionário *Houaiss*).

<http://michaelis.uol.com.br/> (Versão online gratuita e completa do dicionário *Michaelis*, alocada entre os dicionários online disponibilizados pelo portal *UOL*).

Com esta seção, encerramos a primeira parte, teórica, deste estudo. A partir do próximo capítulo, iniciaremos a apresentação e quantificação dos dados obtidos pela aplicação da metodologia acima descrita, bem como o apontamento, segundo o *corpus* estudado, de aspectos morfolexicais dos prefixos mais e menos produtivos da língua portuguesa do Brasil.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Em nosso *corpus* de extração, foram encontradas unidades lexicais neológicas formadas por 45 elementos prefixais diferentes, totalizando 1451 neologismos prefixais, número este que, por si mesmo, confirma a altíssima produtividade da prefixação no português brasileiro contemporâneo. Com exceção do elemento afixal *ex-*, que formou nada menos que 17% das criações lexicais neológicas recolhidas, houve tendência à distribuição quantitativa regular dos prefixos nos diversos contextos que compõem o *corpus*. Sendo assim, havemos por bem considerar, neste trabalho, como de alta produtividade, os formante prefixais que apareceram no intervalo entre 17% a 7% das ocorrências. De 6,9% a 3%, estão os prefixos que julgamos como de produtividade intermediária e, finalmente, os elementos que formaram abaixo de 2,9% de neologismos prefixais classificamos como de baixa produtividade. Convém lembrar que nem todos os elementos que consideramos como prefixais neste trabalho são assim classificados pelas tradições lexicográfica e gramatical. Outros, por sua vez, não têm sequer sua existência por elas reconhecida, em virtude de haverem surgido recentemente. Nas subseções específicas dedicadas a cada um deles, discutiremos seu status como afixo na língua portuguesa do Brasil, a posição que ocupam no *continuum* de prefixidade e também seu comportamento morfolexical em nosso *corpus*.

Abaixo, apresentamos cada elemento afixal encontrado junto ao número de criações lexicais neológicas que formou e a porcentagem que representam essas formações em comparação com o total. Os gráficos abaixo, por sua vez, ajudam a ilustrar melhor esses dados.

Os prefixos mais produtivos no *corpus* foram (porcentagem aproximada):

ex-: 245 ocorrências, 17% do total;

super-: 129 ocorrências, 9% do total;

não-: 111 ocorrências, 8% do total;

anti-: 105 ocorrências, 7% do total;

pós-: 98 ocorrências, 7% do total.

Prefixos de produtividade alta

Imagem 3: Gráfico ilustrativo das porcentagens de prefixos de alta produtividade

De produtividade intermediária, temos (porcentagem aproximada):

pré-: 74 ocorrências, 5% do total;

mini-: 70 ocorrências, 5% do total;

auto-: 63 ocorrências, 4% do total;

mega-: 51 ocorrências, 3,5% do total;

recém-: 49 ocorrências, 3,5% do total;

pró-: 45 ocorrências, 3% do total.

Prefixos de produtividade média

Imagem 4: Gráfico ilustrativo das porcentagens de prefixos de produtividade intermediária

Os demais prefixos, de baixa produtividade para a formação de neologismos, são (porcentagem aproximada):

re-: 39 ocorrências, 2,5% do total;
des-: 36 ocorrências, 2,5% do total;
micro-: 32 ocorrências, 2% do total;
semi-: 30 ocorrências, 2% do total;
ultra-: 25 ocorrências, 2% do total;
neo-: 22 ocorrências, 1,5% do total;
pseudo-: 21 ocorrências, 1,5% do total;
multi-: 21 ocorrências, 1,5% do total;
sub-: 21 ocorrências, 1,5% do total;
sem-: 19 ocorrências, 1,3% do total;
quase-: 18 ocorrências, 1,3% do total;
hiper-: 14 ocorrências, 1% do total;
mal-: 14 ocorrências, 1% do total;
extra-: 11 ocorrências, 0,7% do total;
co-/com-: 10 ocorrências, 0,6% do total;
trans-: 10 ocorrências, 0,6% do total;
narco-: 7 ocorrências, 0,5% do total;
contra-: 6 ocorrências, 0,4% do total;

vice-: 6 ocorrências, 0,4% do total;
meta-: 6 ocorrências, 0,4% do total;
eco-: 5 ocorrências, 0,3% do total;
bi-: 5 ocorrências, 0,3% do total;
sobre-: 4 ocorrências, 0,3% do total;
inter-/entre-: 4 ocorrências, 0,3% do total;
poli-: 3 ocorrências, 0,2% do total;
ciber-: 3 ocorrências, 0,2% do total;
para-: 3 ocorrências, 0,2% do total;
exo-: 3 ocorrências, 0,2% do total;
bio-: 3 ocorrências, 0,2% do total;
macro-: 3 ocorrências, 0,2% do total;
in-: 2 ocorrências, 0,1% do total;
bem-: 2 ocorrências, 0,1% do total;
tele-: 2 ocorrências, 0,1% do total;
infra-: 1 ocorrência, 0,1% do total;

Prefixos de produtividade baixa

Imagem 5: Gráfico ilustrativo da porcentagem dos prefixos de produtividade baixa

4.1. Prefixos de alta produtividade

Como vimos, os prefixos mais produtivos do português brasileiro contemporâneo, segundo o *corpus* selecionado, são: *ex-*, *super-*, *não-*, *anti-* e *pós-*. Apesar de veicularem sentidos diversos, como demonstrado em Alves (2000), preferimos organizá-los, para análise, de acordo com a produtividade (do mais para o menos produtivo) e não conforme a semântica, uma vez que o significado dos prefixos, neste estudo, constitui-se em um dos critérios de prefixidade, nem mais nem menos importante que os demais, razão por que preferimos não destacá-lo.

4.1.1. Ex-

O elemento prefixal *ex-* deriva da preposição latina *ex*, a qual, por sua vez, tem sua origem no grego *eks-*, que indicava movimento “para fora de”. Quanto à forma com que se apresenta, diz-nos Cunha (2010: 277) que,

nos derivados portugueses, o pref. lat. *ex-* apresenta as seguintes características: (i) conserva a mesma forma do latim quando seguido de vogais (*exaltar*), de *-h* (*exaurir*), de *-p* (*explodir*) e de *-s* (*exsicar*); (ii) passa a *e-*, tal como em latim, diante de *-b*, *-d*, *-g*, *-j*, *-l*, *-m*, *-n*, *-r* e *-v* (*ebulição*, *edito*, *egrégio*, *ejectar*, *eleger*, *emitir*, *enunciação*, *erigir*, *evadir*); (iii) evolui para *es-* nos vocs. populares e/ou semieruditos (*escorrer*, *esquisito* etc.).

Quanto à semântica de *ex-*, o estudioso (*op. cit.*) registra as ideias de “movimento para fora ou para longe; afastamento” (*estender*); “movimentos repetidos” (*esfaquear*); “separação, privação, extração” (*escarrar*); “redução a fragmentos” (*esfarelar*) e “passagem para novo estado ou nova forma” (*esquentar*).

Ismael Coutinho, em sua *Gramática Histórica*, ensina-nos que *ex-* (*es-* ou *e-*) pode assumir os sentidos de “separação”, “movimento para fora”, “intensidade” e “esforço”, fornecendo como exemplos: *esfolhar*, *esgotar*, *esbagoar*, *esvoaçar*, *escoucear*, *efusão*, *efervescência*, *emigrar*. (1976: 177).

Câmara Jr., por sua vez, além de trazer-nos os sentidos de “proveniência”, “fora/para fora” (*exposição* “mostra, apresentação”) e “intensidade de um movimento” (*esforçar*, *espernear* etc.), menciona que “(...) a grande produtividade do prefixo, hoje, em português, é, em justaposição, para indicar “o que deixou de ser” (ex: *ex-posição* “uma posição abandonada”; *ex-presidente* etc.).” (1975: 231).

Do mesmo modo, o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, registra, além das acepções tradicionais oriundas da língua latina, esta ideia, lembrada por Câmara Jr., de “deixar de ser algo”, informando-nos que, ao atualizar esta acepção, o prefixo sempre é grafado com hífen.

No âmbito das Gramáticas Tradicionais, Bechara (2009: 366) registra, para este prefixo, as acepções de “movimento para fora”, “mudança de estado” e “esforço”, ao passo que Cunha & Cintra (2008: 99) registram, também, o sema “estado anterior”. Rocha Lima (2010: 253), como Cunha & Cintra, traz-nos igualmente a acepção de “estado anterior”, ilustrando este sentido com a palavra *ex-diretor*. Por fim, Silveira Bueno (2014: 85) ignora a acepção “o que deixou de ser”, registrando apenas as ideias de “movimento para fora” e “separação”.

Em sua tese de doutorado, Duarte (1999: 130-32) atesta que, contemporaneamente, na

esmagadora maioria das formações lexicais com *ex-*, o prefixo assume acepções como “antigo”, “o que era”. Informa-nos que, a despeito dos estudos gramaticais mais antigos não abordarem este sentido para o prefixo, ele já existe desde o latim tardio, em formas como *exconsul* e *expatricius* (o que deixou de ser cônsul e patrício).

Em nosso *corpus*, do ponto de vista morfossintático, a totalidade das ocorrências neológicas deste elemento prefixal com a forma *ex-* (254), em blogs dos mais variados assuntos, revelam a adjunção do morfema afixal a bases substantivas

(i) simples:

ex-terrorista

A Colômbia, país imerso em virtual guerra civil há mais de meio século — e cujas forças da ordem, felizmente, vêm esmagando aos poucos os narcoguerrilheiros das chamadas “Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia” (Farc) — seguiu pelo mesmo caminho, obtendo grande êxito e desencadeando operações extremamente bem sucedidas graças a <ex-terroristas> que mudaram de lado e passaram a municiar o governo com informações. (Ricardo Setti, 16/09/2014).

(ii) compostas:

ex-governador-relâmpago

A propósito, o notório Paulo Octávio, <ex-governador-relâmpago> do Distrito Federal, preso pela Polícia Federal na primeira semana deste mês e solto quatro dias depois, marcou presença no evento. (Lauro Jardim, 25/06/2014).

ex-guarda-costas

O que o <ex-guarda-costas> revela em detalhes é a existência de uma ilha ao sul de Cuba onde Fidel Castro fica boa parte do seu tempo livre desde a década de 60. (Ricardo Setti, 10/12/2014).

(iii) sintagmáticas:

ex-editor de ciência

“Cientistas de verdade teriam dito que este ano não deve ser significativamente mais quente que 2010 ou 2005”, disse, no Times, Matt Ridley, <ex-editor de ciência> da Economist e célebre divulgador científico da Inglaterra. (Narloch, 09/12/2014).

ex-CEO da Qantas

Nome oficial do B737 é James Strong, <ex-CEO da Qantas> e pioneiro da aviação australiana. (Todos a Bordo, 05/12/2014).

ex-Alemanha Oriental

Putin teve anos decisivos para forjar sua visão de mundo como jovem funcionário da KGB na <ex-Alemanha Oriental> no período 1985-90, dos últimos estertores do comunismo soviético. (Caio Blinder, 04/03/2014).

ex-Secretário da Defesa dos EUA

No fogo amigo disparado em suas memórias Worthy Fights (Lutas Dignas), o <ex-secretário da Defesa dos EUA> Leon Panetta alvejou seu ex-comandante-em-chefe Barack Obama. (Caio Blinder, 09/10/2014).

(iv) de origem vernácula:

ex-juiz

O <ex-juiz> Márcio Chagas, que abandonou a carreira após ofensas (também no RS) – árbitro também chora. (LEGENDA) (Coluna Esplanada, 30/08/2014).

(v) estrangeira:

ex-superstar

Além de seu virtuosismo, precisão e beleza, a estética de Birdman é o veículo mais que perfeito para sua história: o punhado de dias durante os quais um ator <ex-superstar> (Michael Keaton) faz os ensaios finais e estreia sua primeira peça na Broadway, uma adaptação, feita por ele mesmo, de uma obra do escritor Raymond Carver. (Ana Maria Bahiana, 20/10/2014).

Neste exemplo, percebe-se que, a despeito de ser base substantiva, *superstar* está em função adjetival, o que, todavia, não impediu sua associação com *ex*-.

(vi) acronímicas:

ex-BBB

Entre as famosas, a <ex-BBB> Bella Maia e a cantora Pixie Lott já se mostraram contra a depilação. (Constantino, 16/07/2014).

Temos percebido que o prefixo busca, para unir-se, bases substantivas concretas. Verificamos, contudo, uma associação de *ex*- à base substantiva abstrata “amor”, que, contudo, no contexto abaixo, concretiza-se e designa não o sentimento abstrato, mas o alvo concreto desse sentimento.

ex-amor

Mas pesquisas indicam que as fantasias geralmente envolvem parceiros conhecidos, um <ex-amor> ou o marido da vizinha, ou mesmo a balconista do mercado. (Regina Navarro, 16/12/2014)

É comum a associação de *ex-* com bases que, por sua vez, já trazem elementos prefixais em sua formação, como:

ex-sub-primeira-dama

São os amigos da <ex-sub-primeira-dama>, que mandava na sede da Presidência da República, em São Paulo, ou os amigos do petroladão preso, que agora troca até a mãe pela promessa de passar o aniversário da filha em casa? (Xico Vargas, 30/09/2014).

ex-multirrecordista da Volta da França

O <ex-multirrecordista da Volta da França> transformado em triatleta e maratonista Lance Armstrong volta à cena midiática com mais um fracasso –ou algo assemelhado. (Rodolfo Lucena, 21/11/2014).

Nesses casos, não se verifica qualquer concorrência entre *ex-* e os prefixos já encontrados nas bases, uma vez que o significado de cada um encontra-se bem discriminado, não havendo intersecções semânticas entre os elementos.

Alves (1990: 25-6) registra ocorrências neológicas de substantivação dos prefixos *vice-*, *super-*, *micro-* e *mini-*. Nesses casos, ocorre a truncação da palavra derivada resultando na perda da base lexical, cujo significado é transmitido, contextualmente, ao prefixo (o vice = o vice-presidente). Fenômeno semelhante ocorre com o prefixo *ex-*, que, recorrentemente, é nominalizado em contextos de truncação de palavras como *ex-marido*, *ex-esposa*, *ex-namorado* etc.

“Após a separação, minha <ex> pôs meus filhos contra mim” (Regina Navarro, 30/01/2014).

Em nosso *corpus*, verificamos também a ocorrência de associação entre *ex-* (prefixo) e *vice-*, que, a despeito de sua origem prefixal, aparece nominalizado e funciona, no contexto abaixo, como base lexical plena à qual associou-se o prefixo.

ex-vice

No Congresso do partido, só faltou Gucci Grace dar umas bolsadas em Joyce Mujuru. A <ex-vice> não reagiu à altura. Cautela é necessária no regime Mugabe. (Caio Blinder, 10/12/2014)

Tais exemplos de nominalizações de elementos prefixais por truncação e transferência de conteúdo lexical da base para o afixo reforçam a tenuidade de limites entre prefixos e bases e, por consequência, entre prefixação e composição. Nota-se que, a rigor, <ex-vice> é uma unidade léxica que não poderia existir, uma vez que, como nos lembra Schwindt (2014), dois afixos não podem

unir-se entre si, mas sim a uma palavra-base. Desse modo, por este critério, dever-se-ia excluir *vice-* do rol dos afixos. Todavia, em diversos contextos, como veremos em seção apropriada ao estudo do prefixo *vice-*, este elemento comporta-se como afixo, adjungindo-se à esquerda de itens léxicos de forma recorrente e em formações em série (ALVES, 1990, 2000, 2015; SANDMANN, 1992), o que nos leva a considerar que, de fato, os elementos que formam qualquer categoria linguística não são homogêneos e jamais previsíveis, podendo alterar seu comportamento linguístico prototípico com o uso que deles faz o falante da língua.

Apesar de majoritariamente unir-se unicamente a bases substantivas, mesmo que em função adjetival (ator *ex-superstar*), temos percebido que o formante prefixal *ex-* pode, em alguns contextos, superar, em partes, essa restrição morfológica e adjungir-se também a adjetivos substantivados, como mostram os contextos a seguir.

ex-pobre

<Ex-pobres>, os Nguesso detêm bilionário patrimônio no qual constam 66 imóveis de luxo na França, em áreas nobres do eixo Paris-Provence-Riviera — segundo documentos de tribunais de Londres e Paris. (Ricardo Setti, 10/06/2014)

ex-gordo

Gostei do Hassum no comando do espetáculo. Muito divertido no palco. Brincou com o <ex-gordo> André Marques. Momento divertidíssimo (Fábio TV, 03/04/2014)

ex-global

"Acho a Angélica meio pão-dura", dispara <ex-global> (TÍTULO) (O Buxixo, 24/09/2014)

Em todas as ocorrências registradas, o elemento prefixal *ex-* assumiu a acepção de “aquilo que deixou de ser ou existir”, em contextos que expressam o deixar de exercer determinada profissão ou função, de apresentar determinada característica física ou comportamental, de professar determinada convicção ideológica, de deixar de pertencer a determinado extrato social, grupo artístico, seleção de futebol, partido político etc.

ex-repórter de Gugu Liberato

Silvana Kieling foi uma boa contratação. A <ex-repórter de Gugu Liberato> é uma boa profissional. (Fábio TV, 05/08/2014)

ex-dependente

O problema é que o espectador nunca sabe se o objetivo de tanta exposição é ensinar algo sobre o drama de um <ex-dependente> ou vender discos. (Mauricio Stycer, 27/10/2014)

ex-brizolista

Sim, segundo lavrou na sua ata o garçom Ceará II, Romildo, um sócio do Hugo Carvana, <ex-brizolista>, agora é Eduardo Jorge e é o único que não tem enfrentado rejeição sexual até o momento. (Xico Sá, 23/09/2014)

Em virtude da acepção semântica que contemporaneamente carrega, este elemento não se pode agregar a bases lexicais que não são passíveis de comportar a ideia de deixar de ser, como *mãe*, *pai*, *filho* etc. Não temos, portanto, ocorrências como *ex-mãe*, *ex-pai*, *ex-filho*, muito embora elas sejam, de um ponto de vista estritamente morfológico, possíveis. Nesse sentido, são curiosos neologismos como *ex-gay* e *ex-LGBT*, presentes no *corpus*, que atestam a estreita relação entre léxico e sociedade, por trazerem à língua a polêmica, viva na sociedade brasileira de hoje, sobre ser ou não possível “reverter” a homossexualidade.

A psicóloga e evangélica Marisa Lobo promove evento que vai render polêmica: o 1º Grito <Ex-LGBT>, em Curitiba, com palestras e depoimentos de quem classifica como <ex-gays> – diz já ter 15 deles inscritos. (Coluna Esplanada, 06/05/2014)

Igualmente causam-nos espanto as várias associações neológicas de *ex-* a nomes próprios, como a banda musical Guns N’ Roses, o time de futebol Corinthians etc. Como é possível haver um *ex-Guns N’ Roses* ou um *ex-Corinthians* se as bases não expressam profissão, status civil, extrato social etc.?

Outro música com passado bastante movimentado é Slash. O <ex-Guns N’ Roses>, além de sexo, drogas e rock ’n’ roll, ele adora mesas de pinball. (Rádio UOL, 18/10/2014)

A chance para a reserva agora será dada para Dodô, 22, <ex-Corinthians> e hoje na Inter de Milão (ITA). (Blog da Seleção, 17/09/2014)

Conforme já discutimos quando do estabelecimento dos critérios de prefixidade, a esse respeito, o que temos notado é que, ao adjungir-se a uma palavra-base, o prefixo *ex-* acaba por tomar por escopo não apenas a base a que imediatamente se liga, mas, analogamente aos advérbios, estende sua influência semântica e gramatical a todo o sintagma, e não raro a toda a sentença em que está inserida essa base. Devido a esse movimento, é possível haver a supressão de um ou mais elementos do sintagma e a palavra prefixada resultante não sofrer, contextualmente, qualquer perda de significado. Assim, *ex-Guns N’ Roses*, em sua forma completa, seria *ex-(integrante da banda) Guns N’ Roses* e *ex-Corinthians* seria *ex-(jogador do) Corinthians*. Percebe-se que isso só é

possível porque o prefixo não toma por escopo apenas a base oculta a que está morfologicamente ligado, *integrante* e *jogador*, mas todo o sintagma.

Outros contextos em que ocorre o fenômeno:

ex-saltos ornamentais (ex-[praticante/atleta de] saltos ornamentais)

Nos Jogos Sul-Americanos do Chile, disputados em Santiago, dois rostos que recentemente defendiam o país em Olimpíadas estão trabalhando na orientação de equipes. Um é Cassius Duran, <ex-saltos ornamentais>. (Olímpicos, 10/03/2014)

ex-verde (ex-[integrante do partido] verde)

O PSB Frankenstein de Marina a dá suporte e tem aberto as portas para que ela consolide sua candidatura em vários setores, e a liderança nas pesquisas. Entre eles Walter Feldman, ex-tucano e ligado a José Serra (PSDB); o <ex-verde> Alfredo Sirkis, como ela; e os socialistas tradicionais como o vice Beto Albuquerque e Roberto Amaral tratam de contornar indiferenças a Marina dentro do próprio partido, em diretórios nos Estados anteriormente muito ligados a Eduardo Campos. (Coluna Esplanada, 05/09/2014)

Esses exemplos atestam, sem dúvidas, um desejo de economia linguística por parte de quem os cria e utiliza, pois é plenamente possível, ao utilizar a partícula *ex-* nesses contextos, comunicar o mesmo conteúdo semântico reduzindo a forma linguística material e, ao fazer isso, acaba-se por impactar a organização sintática do enunciado. Trata-se de um claro exemplo da relação entre prefixação e as funções de adequação sintática e textual, esboçadas no capítulo segundo.

Após havermos feito essas considerações, ocorre-nos a indagação de por que, afinal, o elemento prefixal *ex-* ter-se mostrado, em nossos dados, o mais produtivo de todos os prefixos para a formação de unidades lexicais neológicas, independentemente do assunto veiculado pelo blog ou mesmo do grau de formalidade da linguagem empregada pelos autores.

Sandmann (1992: 62-6) acredita que um dos fatores fundamentais para a alta produtividade de uma determinada regra de formação lexical é o fato de guardar características gramaticais e semânticas estabilizadas, podendo servir de modelo a criações neológicas em grande quantidade. Um dos exemplos do autor são justamente as formações prefixais com *ex-*, cuja regularidade morfológica (associações com substantivos de relação social e profissional) e semântica (indica sempre “aquilo que era”) ajudam a entender sua alta produtividade na língua:

Uma comparação deixará clara outra idiosincrasia da produtividade lexical. Para usarmos o prefixo *ex-* “aquele que era” (*ex-aluno*, *ex-marido*) basta termos um substantivo que indique uma relação social ou profissional como as acima e que essa relação se tenha findado. Sem nenhum sabor de novidade, receberemos essas formações: *ex-assaltante*, *ex-time*, *ex-gravurista* etc.

No caso específico deste prefixo, porém, acreditamos que a alta produtividade com que forma neologismos se deva, além das razões apresentadas acima, à própria semântica do afixo: ao indicar “o que era e não é mais”, este formante materializa, no sistema léxico-gramatical, a imensa rapidez com que as coisas mudam em nossa sociedade, em virtude do desenvolvimento tecnológico e das mudanças econômicas e sociais, positivas ou não, com as quais convivemos diariamente. Hoje em dia, abundam situações das mais diversas em que algo “era e não é mais”: o objeto era moderno e não é mais (ex-objeto moderno), Fulano tinha determinado emprego e não tem mais (ex-empregado do shopping X), Sicrano era rico e não é mais (ex-rico) etc.

Além disso, percebe-se também que boa parte dos empregos de *ex-* apresenta a estrutura “Fulano, ex-alguma coisa” ou “O ex-alguma coisa Fulano” e surgem em contextos jornalísticos nos quais há, pelas próprias características desse tipo de discurso, a necessidade de identificar, de forma breve e concisa, os sujeitos-atores envolvidos em determinada notícia ou relato. Uma vez que *ex-* cumpre, como vimos, tão bem a função de identificar de modo conciso, não é de se admirar que sua produtividade, no universo da Comunicação Social, seja maciça.

Por fim, com relação à posição que ocupa no *continuum* de prefixidade, verificamos que, por ser recorrente em múltiplos contextos na língua geral (1) e por atualizar semântica circunstancial - “o que deixou de ser” (a nosso ver, trata-se de metaforização do significado original latino do afixo, pois o que deixou de ser foi posto “fora de” determinado grupo) - (5), *ex-* aproxima-se do protótipo de prefixo. Por outro lado, este elemento é largamente lexicalizado em diversos contextos (3), o que nos permite afirmar que já há, hoje, no português brasileiro, forma livre substantiva análoga à prefixal (4), ainda que os dicionários não a registrem em entrada à parte. Além disso, *ex-* é tônico (2) e pode escopar sintagmas e sentenças (6), o que o afasta do prefixo prototípico.

Tabela 2 – O elemento *ex-* e os critérios de prefixidade:

Critérios de prefixidade	Preenchimento do critério
Recorrência	X
não-acento	
não-lexicalização	
sem forma livre	
significados prefixais prototípicos	X
escopo limitado a uma base simples	

4.1.1.1. *Exo-*

No *corpus* que nos serviu para a coleta dos dados que agora analisamos, encontraram-se três ocorrências em que a partícula *ex-* assumiu forma e significado diferentes dos esmiuçados até agora.

A forma erudita *exo-*, de acordo com o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, atualiza o sentido de “fora, de fora, por fora, afora” e provém diretamente da partícula adverbial-prepositiva grega *eks-*, mesma origem da forma prepositiva latina *ex*, da qual derivou nosso prefixo *ex-*, conforme visto antes. A obra lexicográfica menciona ainda o fato de ocorrer basicamente em áreas científicas.

Ex- e *exo-* são, portanto, etimologicamente, o mesmo formante. Contudo, achamos por bem quantificá-los separadamente, a fim de evidenciar que, contemporaneamente em nossa língua, quando a partícula assume o sentido tradicional de “fora”, sua forma é erudita e sua produtividade é baixa, enquanto que o sentido de “o que deixou de ser”, muito mais corrente nas formações neológicas, pede a forma hifenizada *ex-*. Sugerimos, assim, que, a despeito da origem comum, podemos estar, sincronicamente, diante de partículas diferentes.

Exo-, como o dissemos, aparece em três formações neológicas: *exolua* e *exoplaneta*, substantivos formados por prefixação, e *exoplanetário*, adjetivo derivado de *exoplaneta* com o sufixo nominal *-ário*. Todas essas unidades lexicais neológicas foram veiculadas pelo blog *Mensageiro Sideral*, página de publicações científicas, de caráter não especializado, na área da astronomia. Em todos os neologismos, o prefixo atualiza o sentido “fora de”, isto é, atesta que a base a que está associado encontra-se *fora de* algo que serve como parâmetro: *exolua* é, então, uma lua que se encontra *fora de* nosso sistema solar, *exoplaneta* é um planeta que também está *fora de* nosso sistema solar e atmosfera *exoplanetária* é justamente a atmosfera desse exoplaneta, desse “planeta fora”.

exolua

“Não teremos a chance de observar a <exolua> candidata novamente”, afirma David Bennett, da Universidade de Notre Dame, nos EUA, autor principal do trabalho, publicado nas páginas do “*Astrophysical Journal*”. (*Mensageiro Sideral*, 11/04/2014).

exoplaneta

A descoberta mais significativa da nossa pesquisa é na verdade que encontramos uma atmosfera limpa num <exoplaneta> pequeno. (*Mensageiro Sideral*, 25/09/2014).

exoplanetário

Ao combinar medições simultâneas do Kepler e do Spitzer, determinamos que as manchas estelares eram de fato muito

quentes para sustentar vapor d'água, e pudemos confirmar que a água que detectamos estava mesmo na atmosfera <exoplanetária>. (Mensajeiro Sideral, 25/09/2014).

Além de diferirem quanto à forma e à semântica atualizada, *ex-* e *exo-* diferenciam-se também no que concerne ao preenchimento dos critérios de prefixidade (*exo-* é mais prefixal que *ex-*), o que corrobora, sem dúvidas, a decisão de encará-los como partículas sincronicamente diferentes. Apesar de não produtivo, *exo-* é recorrente na função de prefixo em línguas de especialidade (1), sendo raro, porém, seu aparecimento em formações de língua geral. Não se lexicaliza (3), não apresenta forma livre correspondente (4), atualiza semântica adverbial - “fora de” - (5) e escopa apenas a base a que se adjunge (6). O único critério que o afasta do protótipo prefixal, portanto, é o segundo, visto que é partícula tônica formada por duas sílabas.

Tabela 3 – O elemento *exo-* e os critérios de prefixidade:

Crítérios de prefixidade	Preenchimento do critério
Recorrência	X
não-acento	
não-lexicalização	X
sem forma livre	X
significados prefixais prototípicos	X
escopo limitado a uma base simples	X

4.1.2. *Super-*

O formante prefixal *super-* advém da partícula prepositiva latina *sūper*, cuja semântica indicava, nessa língua, “superioridade espacial”, isto é, “acima de”, “em cima de”, “por cima de”, “sobre”, “além de” etc. A língua portuguesa herdou de *sūper* o prefixo *super-*, que conserva a forma latina e que, segundo Cunha (2010: 613), “se documenta em numerosos compostos portugueses de cunho erudito”. Além do afixo *super-*, da preposição latina derivou-se também a forma portuguesa *sobre*, que aparece tanto em função prefixal quanto prepositiva em nossa língua. Cunha atesta que o elemento *sobre* tende a formar palavras vernáculas de cunho semierudito ou popular.

De modo geral, *super-* tem sido reconhecido como prefixo tanto pelas gramáticas quanto pelos dicionários da língua portuguesa. Essa unanimidade, segundo nos lembra Alves (2000: 143), advém do fato de, já em latim, o elemento prepositivo *sūper* desempenhar, também, papel prefixal, fato confirmado por Houaiss (versão eletrônica), que nos oferece exemplos de unidades léxicas latinas formadas pelo prefixo *super-* com sentido de “superioridade”: *superar*, *superfície*, *superior*

etc. Informa-nos ainda o dicionário que foi a partir do Renascimento que este prefixo passou a ser mais largamente utilizado para formar palavras vernáculas com sentidos de “superposição” (*supercílio*, *superpor* etc.) e “excesso / abundância” (*supercivilizado*, *superabundar* etc.). A respeito deste último sema, Alves (2000: 144) lembra-nos de que ele é trazido por *super-* não apenas em português, mas também nas demais línguas românicas e Duarte (1999: 156-57) demonstra que as ideias de “superposição”, “transposição” e “excesso” já podiam ser encontradas em formações latinas: *superponere* (pôr sobre), *superscribere* (escrever por cima), *supervadere* (transpor) e *supervacuus* (muito vazio), razão por que existem em todas as línguas formadas a partir do latim.

Quanto a *sobre-*, forma vernácula de *super-*, revela-nos Houaiss que, já no século XIII, este elemento aparecia frequentemente na língua (*sobrancelha*, *sobrebico*, *sobrecéu*, *sobrecopa*, *sobreguarda* etc.), de modo que o acervo lexical do português conta, segundo ele, com milhares de formações com este prefixo.

Contemporaneamente, porém, verificamos que a forma prefixal *super-* é muito mais produtiva, para a criação de novas unidades lexicais, que o elemento prefixal *sobre-*, o qual, em nosso *corpus*, formou apenas quatro neologismos. Tal é a razão por que, na quantificação dos dados, optamos por separá-los, como já fizéramos com *ex-* e *exo-*. Ainda que, etimologicamente, trate-se do mesmo elemento, o comportamento semântico de *super-* e *sobre-* nas criações lexicais novas, todavia, difere sobremaneira, de modo a sugerir-nos que, apesar de terem partido de um mesmo princípio, a partícula latina *sūper*, seguem hoje por caminhos diferentes: enquanto a forma vernácula *sobre-* manteve-se mais próxima do significado original de superioridade no espaço, a forma erudita *super-* tem materializado semântica intensiva. O único sema que ambas parecem compartilhar atualmente é o de “excesso”, conforme veremos adiante.

Na década de 1970, Coutinho (1976: 178), já nos dizia que além dos semas “posição superior” e “excesso”, ao semema dos elementos *sobre-/super-* deve ser agregada a ideia de “intensidade” e nos traz, como exemplos, *sobrepôr*, *sobrenadar*, *sobreexcelente*, *sobrepairar*, *sobretudo*, *supercílio*, *superfície*, *supérfluo*, *superfino*, *supernatural* e *superprodução*.

Rocha Lima (2010: 255), contudo, não registra “intensidade” como sentido ligado a *super-* ou *sobre-*, mas apenas “posição em cima”, muito embora, entre os exemplos que arrola, haja alguns que sugerem, ao prefixo, semântica intensiva: *supercílio*, *supérfluo*, *supersensível*, *superpor*, *superprodução*, *sobrescrito*, *sobreviver*, *sobrepôr*.

Do mesmo modo, Silveira Bueno (2014: 86), registra para *super-/sobre-* e também para *supra-*, que entende como sendo o mesmo elemento, o significado de “posição superior”, “em cima”, ainda que quase todos os exemplos trazidos pela gramática ostentem semântica intensiva, redundando na ideia de excesso/exagero: *super-homem*, *superlotado*, *sobrecarga* e *suprapartidário*.

Além do sentido de “posição em cima”, Cunha & Cintra (2008: 100) atestam que *super-*

pode assumir significado de “excesso”, como já revelado por Houaiss: *superpor*, *superpovoado*, *sobrepôr*, *sobrecarga*. Em sua obra gramatical, diferentemente de Silveira Bueno, os autores optam por separar, na tabela de prefixos latinos, *super-/sobre-* de *supra-*.

Bechara (2009: 367), por sua vez, reafirma o caráter erudito de *super-* e *supra-*, que também entende ser o mesmo elemento, em comparação ao caráter vernáculo de *sobre-* e alarga a semântica desses elementos, dizendo que podem assumir ideias de “posição superior”, “saliência”, “parte final de um ato ou fenômeno”, “em seguida” e “excesso”. Ilustra seu pensamento com as seguintes unidades léxicas: *sobrestar*, *superfície*, *supracitado* e *superlotado*.

Em nosso *corpus*, verificamos maior ocorrência de associações de *super-* a bases substantivas. Das 129 unidades lexicais neológicas formadas com este prefixo, 74 são de base substantiva (57% do total), 51 são de base adjetiva (40% do total) e, em menor número, 4 são de base verbal (3% do total). Como se vê, este formante prefixal não conhece restrições morfossintáticas, o que, para Alves (2015: 33) explica sua alta produtividade em formações neológicas.

Dentre as bases substantivas a que *super-* adjunge-se, temos:

(i) bases concretas:

supercarro

Depois da disputa acirrada entre Bugatti Veyron e Hennessey Venom GT pelo recorde de velocidade, o Koenigsegg One brilha no Salão de Genebra com a promessa de deixar os dois <supercarros> para trás. (Búfalos TV, 06/03/2014).

supersanduíche

Aproveite para comer um doce na padaria Palma D'Ouro, logo ao lado, ou para encarar o <supersanduíche> de pernil do Lanches Estadão, a dois minutos de caminhada. (Seres Urbanos, 28/03/2014).

(ii) bases abstratas:

superpoder

“Goat Simulator” é um jogo essencial para você que sempre quis saber como é ser uma cabra (quem nunca?) com <superpoderes> –vide as investidas capazes de explodir caminhões de combustível, a língua extensa e grudenta que pode arrastar quase qualquer coisa e a capacidade de pular em camas elásticas e voar com mochilas a jato. (Blog de Tec, 17/09/2014).

superexpectativa

“Achei uma delícia a noite e confesso que fiquei bem mexidinha já querendo criar minhas <superexpectativas>, mas

logo podava: ‘Débora, foram uns beijinhos em uma festa, não vai rolar mais nada, vocês nem têm telefone um do outro’.
(Digo Sim, 25/03/2014)

(iii) sintagmas substantivais lexicalizados:

superilusão de ótica

Prepare-se para um espetáculo incrível. Se você pegar a Lua ainda perto do horizonte, onde possa comparar com objetos no chão, você a verá como se estivesse muito grande – certamente maior do que os 14% sugerem. E aí o fenômeno não é o da “superlua”, mas é o da <“superilusão de ótica”>. (Mensageiro sideral, 09/08/2014)

(iv) substantivos em função adjetival:

super-antipista

“Alô Alô Marciano” é uma música <super-antipista>, e eu fiz as pessoas dançarem”, conta ele, que discoteca pelo país afora. (Rádio UOL, 09/09/2014)

Neste contexto, nota-se que a função adjetival desempenhada pelo substantivo *pista* deve-se não ao prefixo *super-*, mas a *anti-*. Percebe-se ainda, neste exemplo, que, a despeito da unidade léxica neológica formar-se com dois prefixos, não há interferência semântica de um sobre o outro, ou seja, não se verifica competição entre esses dois afixos, uma vez que cada um atualiza, na língua, semântica bem diferenciada.

(v) substantivos de origem adjetival (adjetivos substantivados):

supergigante

Se estiver num local bem escuro, Betelgeuse (4), uma <supergigante> vermelha, será um ponto bem brilhante e avermelhado. (Física na Veia, 16/12/2014)

(vi) base estrangeira:

super-selfie

É uma espécie de <super-selfie>, este tirado pelo piloto de um caça supersônico F-16 da Real Força Aérea da Dinamarca em manobras sobre o Mar do Norte. O piloto Thomas Kristensen conseguiu a imagem décimos de segundo depois de lançar um míssil AIM-9 Sidewinder. (Ricardo Setti, 15/03/2014)

No que diz respeito a associações de *super-* com adjetivos, verificamos:

(i) bases adjetivas participiais:

superestimulado

“Um bebê que recebeu 50 visitas da maternidade, chegou em casa e continuou a ser visitado sem parar, já começou a vida <superestimulado>. (Maternar, 13/08/2014)

superelogiado

Do outro lado da avenida, no prédio onde foi o Detran (foto), fica o Museu de Arte Contemporânea (ainda não fui lá, mas também é <superelogiado>). (Rodolfo Lucena, 01/01/2014)

(ii) bases adjetivas de valor negativo:

superagressivo

Um robô corredor capaz de atingir velocidade superior à de Usain Bolt foi desenvolvido por pesquisadores do Korea Advanced Institute of Science and Technology. Projetado para imitar as formas do velociraptor (um sauro carnívoro pequeno, superveloz e <superagressivo>), ele chegou a atingir 46 km/h nos testes efetuados, superando o máximo registrado pelo recordista mundial dos 100 m, que é de 44,7 km/h (dados do Kaist). (Rodolfo Lucena, 04/06/2014)

(iii) bases adjetivas de valor positivo:

superconfortável

Lá, é possível dormir em uma cama enorme, próxima a uma lareira para os mais friorentos, relaxar em uma banheira de hidromassagem, ou simplesmente observar a cidade em uma espreguiçadeira <superconfortável>. (Companhia de Viagem, 17/01/2014)

(iv) bases gírias adjetivas simples:

super-xoxo

A rede Globo impôs a sua verdade pela admirável, respeitada e amada boca do Cala Boca Galvão, forçando a Fifa a emitir uma <super-xoxa> nota se desmentindo e entregando a verdade dos fatos à Valdí rede Globo. (Ricardo Setti, 28/06/2014)

(v) sintagmas gírios:

super de boa

Na primeira estação, os visitantes já conseguem ver a cachoeira (de longe!) e podem relaxar em uma trilha (com piso <super de boa> para todos) cheia de árvores, bichos e plantas. (Assim como você, 06/08/2014)

Neste contexto, percebemos que o prefixo aparece com maior liberdade sintática em relação à base a que toma por escopo. O mesmo fato pôde ser verificado em outros contextos nos quais o escopo do afixo estende-se também não apenas a uma base simples, mas a todo um sintagma, como vemos abaixo, na formação neológica *super bem organizada*:

“A prova foi <super bem organizada>, recebemos e-mails contando como ir, o que fazer, o que esperar da prova, o que estaria disponível e o que não estaria. (Rodolfo Lucena, 08/04/2014)

Contemporaneamente, alguns autores têm chamado a atenção para esse fato. Gonçalves (2016: 101-2), em seu estudo acerca das tendências atuais em criação lexical no português brasileiro, traz-nos exemplos que evidenciam a recategorização de *super-* como advérbio de intensidade em nossa língua: “super pose de ator de Hollywood”, “super combina”, “está super procurando”, “o casal está super se curtindo”, “rola super, né?”, “se está solteiro? Super!” (*op. cit.*: 101).

Em todos esses exemplos, *super* não pode ser considerado um prefixo, pois prefixo que é prefixo jamais aparece antes de preposições (*super de bem com a vida*), ou no meio de perífrases verbais (*está super procurando*), incluindo formas com pronome reflexivo (*super se curtindo*). Além disso, não ocorre em posição pós-verbal (*rolar super, né?*) e muito menos livremente sem evocar a palavra de se desprende (*Super!*). Podemos afirmar, com isso, que *super* vem se comportando como advérbio, adquirindo, assim, estatuto de palavra gramatical. (*op. cit.*: 102)

No que concerne às associações de *super-* a verbos, temos, como dito acima, quatro ocorrências:

superexplorar

Teles e bancos <superexploram> operadores de telemarketing, aponta MTE 84. (Sakamoto, 24/12/2014)

superparecer

Depois, Luciana defendeu a ideia que o seu programa de auditório, o “Superpop”, tem servido de inspiração para atrações da concorrência (...). E deu os seguintes exemplos: “Às vezes eu olho para o ‘Esquenta’ e <superparece> com o ‘Superpop’”. (Maurício Stycer, 10/04/2014)

superatuar

Eu entendo que vocês gostam de Bradley Cooper. Você caíram nessa ano passado também. Mas ele <super-atua>. (Ana Maria Bahiana, 16/01/2014)

superbeneficiar

Pelo contrário: as pessoas que se gostam tentarão, cada uma delas, não prejudicar a outra pessoa e nem permitir que a outra a <superbeneficie>! (Ailton Amélio, 04/01/2014)

Em todo o *corpus*, não verificamos qualquer ocorrência em que *super-* houvesse atualizado a semântica de “superioridade espacial”, original deste elemento. Todavia, o sentido de “exagero/excesso” pôde ser verificado em alguns contextos, como *superagressivo*, *superbeneficiar* (beneficiar em excesso), *superexplorar* (explorar demais), listados acima, e *superinterpretação* (interpretar mais do que realmente foi dito), conforme nos indica o contexto abaixo.

Ele deu essa resposta no contexto em que se discutia o casamento, ao qual ele se opõe. Extrapolar e afirmar que ele está propondo um enfrentamento físico é um caso evidente de <superinterpretação>. É evidente que se trata de um enfrentamento na esfera dos valores. (Reinaldo de Azevedo, 02/10/2014)

A ideia de excesso trazida pelas formações neológicas em questão, porém, não é fruto apenas do elemento prefixal. Nos casos de *superagressivo* e *superexplorar*, as próprias bases *agressivo* e *explorar*, por veicularem sentido negativo, ao unirem-se a *super-*, têm sua semântica maximizada, tornando-se algo excessivo. *Superinterpretação* apenas se torna excessivo pois o substantivo *interpretação* assume a ideia de “compreensão”, que, por sua vez, parece exigir uma espécie de “justa medida”: se for aumentada, torna-se excesso; se for diminuída, torna-se insuficiente. Caso o nome tivesse assumido a ideia de “desempenho de um papel”, em um contexto como “A superinterpretação de Hamlet desempenhada pelo ator X foi saudada pelos críticos”, a semântica veiculada pelo prefixo seria positiva, não excessiva. Quanto a *superbeneficiar*, percebe-se que o exagero fica por conta tanto do prefixo quanto do próprio contexto em que se insere a unidade lexical, posto que, *a priori*, *superbeneficiar* não carregue ideia de exagero: “Aquela viagem de estudos superbeneficiou meu rendimento na escola”.

Como se vê, portanto, *super-* é um prefixo cujo significado “está intimamente associado à base a que o afixo se prefixa” (ALVES, 2015: 33) e também ao contexto em que o neologismo aparece.

De modo geral, podemos dizer que este prefixo assumiu, nas unidades lexicais neológicas que recolhemos, a ideia de “intensidade crescente” (ALVES 1990, 2000, 2015), reforçando o conteúdo semântico das bases: se a base veicular ideia positiva, esta é realçada pelo elemento prefixal, tornando-se mais positiva; do mesmo modo, se a ideia da base for negativa, ocorre um realce da negatividade, não raro redundando em excesso, como se discutiu acima.

Rio Torto (1993: 366 *apud* ALVES, 2015: 34) ensina-nos que

quando se agrega a substantivos, o operador prefixal de caráter intensivo tende a assumir valor atributivo, de natureza dimensional (*supermercado* “mercado de grandes dimensões; mercado grande” *maxi-/mini-*) e/ou qualificante (*superideia*). Quando se combina com adjetivos ou com verbos, o prefixo assume valor adverbial: *hipergrande* “muitíssimo, imensamente, excessivamente xb”.

Verificamos que, em nossos dados, acontece exatamente isso. Em algumas formações com bases substantivas, temos um aumento nas proporções da base:

superlua

A Lua muda de tamanho? Claro que não! Então, porque estão dizendo que hoje ela estará maior, num fenômeno popularmente chamado de <SuperLua>? (Física na Veia, 10/08/2014)

superpiscina

O tal Granito é um portento. Trata-se de um paredão que, talvez por causa da exploração da rocha, quebrada para ser vendida como brita, acabou ficando numa formação em anel. É quase uma <superpiscina> natural, hoje empregada como parte das obras de combate a enchentes da região. Chamada de Piscinão da Pedreira, é o maior do gênero na capital, (...). (Rodolfo Lucena, 08/01/2014)

Em outras, o prefixo não aumenta o tamanho físico, mas qualifica a palavra a que toma por base, como em *superamigo* (amigo muito especial), *superguia* (guia excelente) e *superajuda* (ajuda de grande valia):

superamigo

O jantar mágico com meu <superamigo> Edu Lotfi, que coincidentemente estava lá para comemorar o seu aniversário em uma casa perto da Piazza Navona. (Vigilantes da Autoestima, 26/03/2014)

superguia

E o escolhido do dia 7 foi a página “Encanto de Toscana”, da <super guia> na Itália – Claudia Leite. (Vigilantes da Autoestima, 07/05/2014)

superajuda

Então, agora, eu faço meu ritual (com a <super ajuda> do hematologista Dr. Gustavo Vilela e da nutricionista Natália Colombo): acordo e tomo água morna com limão e um suco detox, dou um abraço longo em B. (Vigilantes da Autoestima, 13/10/2014)

No caso das bases adjetivas e verbais, *super-* agrega-lhes valor adverbial intensivo: *super-actuar* (atuar muito bem), *superfeminino* (muito feminino) etc.

No entanto, essas mulheres <superfemininas> se destacavam também pela "produção" - vestuário, cabelos, acessórios, maquiagem-, e, principalmente, pelos comportamentos que ressaltavam suas feminilidades. (Ailton Amélio, 01/11/2014)

Diz-nos Alves (2015: 35) que o uso excessivo de *super-* tem provocado desgaste na semântica deste elemento, “que leva o significado de *super-* a oscilar entre a intensidade absoluta ('excepcional') e a intensidade relativa ('muito)’”. De fato, uma *superlua* é, afinal, uma lua muito maior que o normal, mas não está subentendido que seja a maior lua possível de ser vista. Em virtude da perda de significado intensivo, continua Alves, “*super-* tem sofrido a concorrência de outros prefixos que apresentam características intensivas valorativas, como *hiper-*, *macro-* e, mais contemporaneamente, *mega-*”.

Essa concorrência entre formantes prefixais intensivos verificou-se, em nossos dados, pelo acúmulo de prefixos intensivos associados a uma mesma base, no intuito de expressar valor intensivo sempre crescente. No exemplo abaixo, percebe-se intuitivamente que *hiper-* reforça a semântica intensiva já desgastada de *super-*: comédia *supernegra* seria uma comédia *muito negra*, ao passo que uma comédia *super-hiper-negra* é uma comédia *excepcionalmente negra*.

super-hiper-negra

Retornando ao território que explorou em Os Bons Companheiros e Cassino -um grupo de homens unido pela mais profunda cumplicidade fazem, juntos, uma jornada sinistra por baixezas cada vez maiores – Martin Scorsese está no topo de sua forma com O Lobo de Wall Street, uma comédia <super-hiper-negra> sobre a era da ganância desenfreada em Wall Street. (Ana Maria Bahiana, 06/01/2014)

Em alguns casos, optou-se por utilizar o prefixo *super-* mais de uma vez, o que ajudou a reforçar-lhe o valor expressivo de intensidade. No contexto que segue, o fenômeno raro vai criar não a conhecida *superlua* (lua *maior que a comum*), mas uma lua que é maior ainda que aquela, a *super-superlua* (lua *excepcionalmente grande*).

super-superlua

Tem mais: a *superlua* não é um fenômeno raro. Acontece todos os anos, mais de uma vez por ano. Esta de domingo é um pouco mais rara que a média, dada a proximidade particular do perigeu e o grau de proximidade com o momento da fase cheia (uma <“super-superlua”> talvez?), mas mesmo esta acontece a cada 13 meses e 18 dias. (Mensageiro Sideral, 09/08/2014)

Nota-se que foram utilizadas aspas para materializar linguisticamente o estranhamento que a forma duplamente prefixada por *super-* causa a quem com ela travar contato. Conforme estudamos no capítulo primeiro, a criação lexical nova, não raro, ativa função expressiva da linguagem,

sobretudo nos casos em que o neologismo carrega valor satírico, cômico e de estranhamento. No caso em questão de acúmulo de prefixos intensivos, além da função referencial de nomear o fenômeno de uma lua maior que a superlua ou de uma comédia mais negra que o usual, que se revela em primeiro plano, o próprio desejo de intensidade cada vez mais crescente mostra um sujeito que quer se expressar por meio da neologia, que deseja marcar a sua posição frente ao que vê.

Acreditamos que a própria ideia em si de intensidade é subjetiva, pois depende, não raro, do sujeito que a enuncia. Um mesmo fato pode ser descrito como um fato importante, superimportante ou megaimportante, a depender de quem fala. Por esse motivo, acreditamos que a prefixação, mormente a intensiva, flerta, ao lado da sufixação (ALVES, 1990; SANDMANN, 1992; ROCHA, 2008), com a função expressiva da criação lexical, e isso se revela com mais força nas unidades lexicais neológicas formadas com mais de um prefixo intensivo.

Com relação aos contextos em que são veiculados os neologismos formados por prefixos intensivos, Alves (2009a, 2009b, entre outros) tem mostrado que alguns elementos que deles fazem parte estabelecem relações com os formantes prefixais de intensidade. A autora revelou em seus estudos que podem existir relações sinonímicas e antonímicas, por exemplo, entre prefixos intensivos crescentes e decrescentes e sufixos aumentativos e diminutivos, entre prefixos e advérbios ou adjetivos e até entre prefixos e sintagmas. Essas relações, segundo nos ensina, ajudam a reforçar a semântica do elemento prefixal em cada contexto em que ocorrem.

Em nosso *corpus*, igualmente verificamos tal fenômeno em diversos momentos, alguns dos quais já foram arrolados acima (*superpiscina* e *piscinão*, por exemplo). No exemplo abaixo, percebe-se que a semântica intensiva de *super-* é reforçada pelo sufixo aumentativo *-ão*: ser um indivíduo *super-hétero* é ser *machão*:

Eu prefiro não ter medo de ser julgado do que me preocupar em cumprir as expectativas de ser “machão”, <super-hétero> que assobia para menina na rua e coça o saco... (Blogay, 18/05/2014)

No contexto a seguir, percebe-se que há uma relação de aproximação semântica entre as palavras *superindividualismo* e *sociopata*, que reforça a ideia de excessividade veiculada pela associação entre prefixo intensivo crescente (*super-*) e base lexical de valor negativo (*individualismo*): o *superindividualismo* é marca do *sociopata*, indivíduo patologicamente (excessivamente) egocentrado.

Agora vamos comparar isso com o <super-individualismo> materialista moderno, que parece confundir o foco no indivíduo com uma espécie de sociopatia, em que o entorno não importa, os outros não importam, vale tudo e qualquer tipo de sacrifício pessoal em prol dos demais é visto como escravidão. (Rodrigo Constantino, 17/10/2014)

Superterror estabelece relação antonímica, no excerto abaixo, com o sintagma “grupo de escoteiros”: a “não intensidade” da ação de grupos como Hezbollah e Hamas, na visão do autor do texto, é associada à puerilidade, à “fraqueza” de “grupos de escoteiros” e contrapõe-se a ações de *superterror*, estas sim intensas e marcantes. A antonímia, neste caso, reforça o valor atributivo intensivo de *super-*.

Sem dúvida é o <superterror> que faz Hezbollah e Hamas parecerem grupos de escoteiros. (Caio Blinder, 09/08/2014)

Finalmente, no que tange à posição de *super-* no *continuum* de prefixidade, verificamos que este é um elemento incrivelmente recorrente em função prefixal em formações várias de língua geral (1) e atualiza sentido adverbial - “intensidade crescente” - (5). Contudo, fonologicamente constitui-se como palavra prosódica (2), pode tomar por escopo sintagmas e não apenas bases simples (*super pose de ator de Hollywood*) (6) e lexicaliza-se com bastante frequência (3), chegando a recategorizar-se como advérbio em vários contextos, conforme nos apontou Gonçalves (2016). Por se tratar de forma erudita, *super-* não apresenta, na tradição gramatical, forma livre correspondente (4). Contudo, como a partícula caminha a largos passos para transformar-se também em advérbio no português, pode-se afirmar que, a exemplo de *contra-* / prefixo (*contradizer*) e *contra* / preposição (*estou contra você*), temos já um *super-* / prefixo – mais frequente - (*superinteligente*) e um *super* / advérbio - menos frequente - (*rola super, né?*) em nossa língua. Todos esses aspectos contribuem, portanto, para alocar *super-* mais à esquerda na linha imaginária, mais próximo ao eixo “palavra” que ao eixo “prefixo” em nosso *continuum*.

Tabela 4 – O elemento *super-* e os critérios de prefixidade:

Critérios de prefixidade	Preenchimento do critério
Recorrência	X
não-acento	
não-lexicalização	
sem forma livre	
significados prefixais prototípicos	X
escopo limitado a uma base simples	

4.1.2.1. *Sobre-*

A forma vernácula *sobre-* apresenta-se bem menos produtiva para a criação neológica do que sua correspondente erudita *super-*.

Conforme explicamos acima, preferiu-se quantificar esses dois elementos separadamente, a despeito da origem etimológica comum, devido a percebermos que, sincronicamente, além da discrepância na produtividade (4 formações com *sobre-* contra 129 com *super-*), as duas partículas têm assumido características semânticas diversas. Enquanto a forma erudita *super-* tem, preferencialmente, materializado, na língua, a intensividade crescente, o formante vernáculo tem preferido ou conservar um sentido mais próximo do original latino, superioridade espacial (“sobre”, “acima”, “além de”), ou invocar ideia de excesso, momento em que se aproxima semanticamente de *super-*, sem, contudo, atualizar, como aquele, sentido qualificativo/dimensional ou de intensidade.

Das quatro ocorrências de associações de *sobre-* a bases lexicais, duas foram com adjetivos (*sobredimensionado* e *sobre-esdrúxulo*) e duas com substantivos (*sobrecamada* e *sobrerrepresentação*). Não verificamos associações neológicas do elemento prefixal com verbos, o que reforça as diferenças também morfosintáticas em relação a *super-*, elemento com menores restrições gramaticais.

sobrerrepresentação (de negros)

Em grande medida, o alto percentual de crescimento entre os negros ocorre pelo que as pesquisas de Henriques já haviam detectado no fim dos anos 1990: há uma <sobrerrepresentação> de negros na população pobre. Em 1999, o pesquisador contabilizou que os negros eram 45% da população, mas eram também 64% dos pobres e 69% dos indigentes. (Carla Rodrigues, 17/02/2014)

sobrecamada

Detalhe: ela utilizava lápis, rimel, blush e gloss todos os dias, ou seja, era uma aplicação <sobrecamadas>. (Sua Pele, 02/02/2014)

sobredimensionado

O orgasmo, no final das contas, é só uma referência, uma meta de um caminho gostoso, entremeado de eletrochoques, tão ou mais satisfatórios que o <sobre-dimensionado> e ansiado gozo final. (X de Sexo, 23/04/2014)

sobre-esdrúxulo

Em português não há palavras <sobre-esdrúxulas>, isto é, com acento antes da antepenúltima sílaba, logo, tem que ser usado o hífen com prefixos acentuados como pré-. (Thais Nicoleti, 13/11/2014)

A superioridade espacial sobrevive relativamente em *sobrecamada* e *sobre-esdrúxulo*. Apesar de não se tratar, *ipsis litteris*, de elementos superpostos no espaço, as *sobrecamadas* de maquiagem dão-nos a ideia de que várias camadas de cosméticos estão sobrepostas umas às outras no “espaço” da pele. Do mesmo modo, uma palavra *sobre-esdrúxula* seria aquela em que o acento estaria *além da* antepenúltima sílaba, ou seja, *acima dela* metaforicamente. Neste último contexto, aliás, há claramente relação sinonímica entre *sobre-* e *antes*, em que o sintagma “acento antes da antepenúltima sílaba” explica o que seria uma palavra sobre-esdrúxula. Esse fato evidencia que as relações semânticas entre prefixos e elementos do contexto não se circunscrevem apenas ao domínio dos formantes prefixais de valor intensivo.

Por fim, em *sobrerrepresentação* e *sobredimensionado* o prefixo veicula, em contexto, sentido excessivo ou de exagero. A grande valorização do orgasmo, na cultura, é, para o autor do blog *X de Sexo*, algo sobredimensionado (ou superdimensionado, como seria de uso mais corrente), ou seja, a dimensão que se dá a esse ato é exagerada. Da mesma maneira, há um excesso de representação de indivíduos afrodescendentes na população pobre do país.

No que interessa à posição ocupada por *sobre-* no *continuum* de prefixidade por nós elaborado, verifica-se que o elemento é recorrente em diversas palavras da língua portuguesa (*sobretudo*, *sobreaviso*, *sobrecoxa*, *sobre-humano*, *sobreloja* etc.) (1), a despeito de não se apresentar muito produtivo para a formação de unidades lexicais neológicas em nossa língua. Em contextos em que exerce função prefixal, não se lexicaliza (3), pois se nota que uma frase como **“aquele atleta não parece humano, realiza atos sobre (= sobre-humanos)”* não parece aceitável no português. No entanto, *sobre-* apresenta forma livre prepositiva correspondente (4) e é palavra prosódica (2). Atualiza semântica prepositiva (5) e pode tomar por escopo sintagmas além de bases lexicais simples (6), como em *sobrerrepresentação de negros*, o que o torna, em comparação, mais prefixal que seu par erudito *super-*, mas, ainda assim, menos prefixal que *exo-* e outros elementos que serão analisados adiante.

Tabela 5 – O elemento *sobre-* e os critérios de prefixidade:

Critérios de prefixidade	Preenchimento do critério
Recorrência	X
não-acento	
não-lexicalização	X
sem forma livre	
significados prefixais prototípicos	X
escopo limitado a uma base simples	

4.1.3. Não-

O caráter prefixal deste elemento não é ponto pacífico entre os estudiosos da língua portuguesa como o é seu emprego adverbial. Alves (1987; 1990; 2000; 2015) tem verificado a associação recorrente de *não-* a adjetivos e substantivos, negando-lhes o sentido e posicionando-se-lhes sempre à esquerda, não raro em formações hifenizadas. Tais características, segundo a autora, são definitivas para atestar a função prefixal de *não-*, encontrada ainda, de acordo com ela, em outras línguas românicas, como o francês (1987: 1027).

Sandmann (1992: 80), por sua vez, reitera que a diferença entre o consagrado uso adverbial desta partícula e seu emprego prefixal está na natureza do elemento a que se associa: se *não* toma por escopo um verbo, sua função é adverbial e acaba por estender sua influência semântica negativa a toda a sentença, uma vez que é a partir da lexia verbal que o enunciado inteiro se constrói. Porém, se tomar por escopo apenas um elemento menor da frase, uma base nominal (substantiva ou adjetiva), nega apenas o sentido dessa base e sua função é prefixal.

Entre as gramáticas da língua portuguesa, não há quase registros do reconhecimento do caráter prefixal de *não-* em associações com bases nominais. As exceções, segundo nos traz Alves, ficam por conta de Carneiro Ribeiro (1919: 103 *apud* ALVES, 2015: 48) e Silveira Bueno (1963: 330 *apud* ALVES, 1990: 15). C. Ribeiro afirma que *não-*, enquanto prefixo, exerce a mesma função que desempenhava *ne* em formações latinas:

Não (do latim *non*). Entra como prefixo em algumas palavras portuguesas, como ocorria com o *ne* na composição dos vocábulos latinos *nihil* de *ne hilum*, *nemo* de *ne hemo*, *ne homo*, *nullus*, de *ne ullus*, *nunquam* de *ne unquam*, *nolo* de *ne volo*: Não-existência, não-eu, não-conformista, não-conductor, não-effectivo, não-electrico, não-concorrencia.

Silveira Bueno atesta que “muito comumente (a língua) emprega *não*, *sem*, a fim de destruir o sentido afirmativo dos vocábulos”. Curioso notar, no entanto, que na edição mais recente da *Gramática de Silveira Bueno* (2014) não se encontra mais esta informação trazida a público por Alves (1990) e retirada da 6ª edição da referida obra (1963).

Atualmente, quase nenhuma das gramáticas utilizadas em nossa pesquisa traz qualquer menção ao emprego prefixal de *não-*. A exceção foi Azeredo (2010: 453), que classifica *não-* como um dos elementos prefixais mais produtivos para a criação lexical na atualidade.

No âmbito das obras lexicográficas, Alves mostra-nos que Antonio de Moraes Silva já reconhecia o caráter prefixal de *não-* em algumas formações, associando-o a prefixos negativos amplamente reconhecidos como *in-* e *des-*.

Junta-se aos adjectivos, e aos substantivos tomados comprehensivamente: v. g. o coração não-senhor de si, Bartos, Elog. I. f. 374. “tres dias de caminho, ou antes *não caminho*”. Vieira. Dos quaes exemplos se ve, que *não* equival a *in*, e *des* privativos, e a *sem*: v. g. não-amante, é o que *desama*, o *sem amor*, e *sem amando* (V. o Artigo *Gerundio*): *não-voluntario*, é *involuntario*. (MORAES SILVA, 1813, v. 2,: 33-4 *apud* ALVES, 2015: 48).

Contemporaneamente, os mais importantes dicionários de língua trazem, no verbete *não*, a informação de que ele pode ser utilizado “para modificar o sentido de substantivos e adjetivos (ger. seguido de hífen): pacto de não-agressão; organização não-governamental” (CALDAS AULETE: versão online), sem, no entanto, chamar a essa função prefixal, ainda que, em nota explicativa à 5ª edição (2009) do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP),¹³ a Academia Brasileira de Letras reconheça o uso prefixal de *não*, sugerindo, contudo, excluir o emprego do hífen nas formações prefixais com este elemento negativo.

Michaelis (versão online), por sua vez, registra algumas ocorrências de *não-* como prefixo, como *não eu* e *não ser*, sem dar a elas o nome de formações prefixais. O mesmo decidiu fazer Aurélio (versão eletrônica). *O Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, a seu turno, prefere tratar os casos de associações de *não-* a bases substantivas e adjetivas como composições, fornecendo-nos os exemplos: *não-agressão*, *não-alinhado*, *não-beligerância*, *não-cooperação*, *não-engajamento*, *não-essencial*, *não-eu*, *não-ficção*, *não-fumante*, *não-intervencionismo* e *não-participante*.

Os dados da *Base de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo (Projeto TermNeo)*¹⁴ atestam que 13% de todos os neologismos prefixais recolhidos por sua equipe de pesquisa formaram-se com *não-*, o que revela que este elemento é o mais produtivo entre os afijos de semântica negativa. A nosso ver, a significativa recorrência de *não-* à esquerda de bases nominais as quais toma por escopo, negando-lhes o sentido, verificada não apenas pelo *Projeto TermNeo* mas também nesta pesquisa, é argumento de peso que nos permitiu incluí-lo entre os prefixos da língua portuguesa, ainda que, como veremos adiante, o formante *não* preencha todos os critérios de prefixidade com os quais trabalhamos no âmbito desta pesquisa.

Recolhemos 111 neologismos prefixados por *não-*, os quais representam cerca de 8% do total de unidades léxicas neológicas extraídas dos *blogs* analisados. *Não-* mostra-se, assim, o terceiro prefixo mais produtivo em nosso *corpus* e confirma sua posição como o primeiro em produtividade entre os de semântica negativa.

Quanto a seu comportamento morfossintático, verificamos que, dos 111 neologismos

¹³ Texto completo disponível em: 200.155.21.154/abl/media/Nota%20Explicativa.pdf

¹⁴ Dados disponíveis em: www.fflch.usp.br/dlc/neo/dados_termneo.php

prefixados por *não-*, o formante uniu-se, em menor quantidade, a bases substantivas, perfazendo 32 ocorrências (29%). Encontramos, em maior quantidade, associações do elemento prefixal negativo a bases adjetivas, num total de 78 ocorrências (70%). Por fim, verificamos um neologismo de base adverbial associada a *não-* (1%), o que representa uma novidade em relação aos estudos linguísticos desenvolvidos acerca deste elemento.

não-profissionalmente

Nick Drake nasceu na Birmânia (ou Burma na época, hoje Myanmar), filho de pais ingleses, e se mudou para a Inglaterra em 1950, quando tinha apenas 2 anos. Começou a tocar piano ainda criança, por influência da mãe, que cantava e compunha <não-profissionalmente>. (Pablo Miyazawa, 25/11/2014)

Em todos os neologismos recolhidos, verificamos que o prefixo *não-* uniu-se às bases lexicais por meio do hífen, apesar da recomendação de não hifenização dada pelo *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (VOLP, 2009).

Dentre as unidades lexicais neológicas de base substantival prefixadas por *não-*, encontramos substantivos

(i) concretos:

não-índio

Quando indígenas, já em contato com a sociedade exterior - como os moradores do Parque Indígena do Xingu, por exemplo, - se referem a <não-índios> como “brancos”, usam essa palavra no sentido de “estrangeiro” ou <“não-índio”>. (Scientific American, 27/07/2014)

não-ator

As chances: A grande surpresa da temporada é Barkhad Abdhi, um desconhecido <não-ator> (era motorista de limusine até fazer o teste para o papel) nascido na Somália e morador de Los Angeles. (Ana Maria Bahiana, 05/08/2014)

(ii) abstratos:

não-resposta

Com a sutileza possível, a CNV evitou no seu relatório a pergunta direta que pressupunha a <não-resposta> militar de sempre: quem torturou? (Ricardo Setti, 15/08/2014)

não-maternidade

Basta entender que a maternidade como um direito supõe a <não-maternidade> também como um direito. (Carla Rodrigues, 21/04/2014)

(iii) deverbais:

não-entrega

Desse modo, se o imposto devido pelo contribuinte no ano foi de R\$ 20 mil, por exemplo, a multa pela <não-entrega> da declaração poderá atingir R\$ 4.000. (Sophia, 30/03/2014)

não-devassa

Ela (a presidente Dilma Rousseff) quer manter o controle da base em Minas, seu Estado natal e o segundo maior colégio eleitoral do Brasil, O pacto de não-agressão e <não-devassa> nas contas de Pimentel com Aécio causou ciúme na chefe da nação. (Coluna Esplanada, 17/12/2014)

Apesar de chamarmos a atenção para a natureza morfológica das bases a que imediatamente adjunge-se o elemento em questão, nos dois contextos arrolados acima, percebe-se claramente que o escopo de *não-* estende-se além da palavra-base, abrangendo todo o sintagma por elas nucleado: *não-entrega da declaração e não-devassa nas contas de Pimentel com Aécio*. A nosso ver, a capacidade de *não-* em escopar, além de bases, também sintagmas deve-se à filiação clara deste formante com a classe dos advérbios.

(iv) verbos substantivados:

não-gostar

De fundo e para se pensar, o <não-gostar> de efeminados passa muito perto pelo mesmo discurso daqueles homofóbicos que dizem que não gostam de gays. (Blogay, 29/03/2014)

não-ver

Uma Copa em que o entorno, a brincadeira, a fantasia, o <não-ver> o jogo foi mais importante que tudo. (Xico Sá, 08/07/2014)

Nestes dois contextos, como nos anteriores, percebe-se, também em virtude da origem adverbial do prefixo, o alargamento do escopo para além da palavra-base: *o não-gostar de efeminados* e *o não-ver o jogo*.

Em duas das ocorrências, a mesma base a que se associou *não-* (*humano*) exerceu função adjetival em um contexto e substantival em outro, o que nos confirma, mais uma vez, que, de fato, as classes linguísticas não são formadas por elementos de comportamento homogêneo (GONÇALVES, 2012): algumas vezes, um mesmo formante prefixal é mais derivacional, outras vezes é mais composicional, conforme atestam estudos apresentados no segundo capítulo deste

trabalho; algumas vezes, um elemento exerce função de adjetivo, outras de substantivo, e assim por diante. A fluidez nas categorizações como contraponto ao desejo, desde sempre acolhido pela Linguística, de discriminar categorias absolutas é uma necessidade que, cada vez mais, parece se impor ao estudioso da língua.

não-humano (emprego adjetival da base)

Abrir um filme assim é uma ousadia tremenda – a imagem nos pede para aceitar um rosto <não-humano> como nosso igual e, mais que isso, como o protagonista de uma narrativa cinematográfica que, fora da animação, é dominada por nós, homo sapiens. (Ana Maria Bahiana, 09/07/2014)

não-humano (emprego substantival da base)

A possível estranheza de ver um filme protagonizado por <não-humanos> desde o começo – algo que nem Avatar, que primeiro propôs esse conceito, deve coragem de fazer – desfaz-se com tamanha rapidez que, não demora nada, são os atores humanos que parecem fora do lugar. (Ana Maria Bahiana, 09/07/2014)

Dentre as associações de *não-* a bases adjetivais, temos, majoritariamente, adjetivos de origem participial, o que, à semelhança das associações com substantivos deverbais e com verbos substantivados, atesta a filiação adverbial do formante, apesar de seu emprego prefixal.

não-tripulado

Muita gente ficou agitada com o retorno de um miniônibus espacial <não-tripulado> americano, o X-37B, após quase dois anos numa misteriosa missão em órbita. (Mensageiro Sideral, 16/10/2014)

não-customizado

Executiva da Azul ainda possui interiores <não-customizados>. (Legenda de foto) (Todos a Bordo, 27/11/2014)

não-creditado

A versão de Padilha – trabalhando com um bom roteiro de Joshua Zetumer, um dos roteiristas <não-creditados> de Quantum of Solace – incorpora todos os elementos que tornam o mesmo tema muito mais complicado, hoje: a globalização, a guerra por controle remoto de drones e satélites, a interface entre ser humano e inteligência artificial, e as muitas, muitas concessões de liberdades pessoais sacrificadas no altar da “segurança” ao longo dos 27 anos que separam um filme do outro. (Ana Maria Bahiana, 05/02/2014)

Além das bases participiais de valor adjetival, destacam-se também as frequentes adjunções de *não-* a adjetivos derivados com os sufixos *-vel* e *-al*:

não-analisável

Deste ponto de vista, o discernimento político não teria nunca mais de ser questão de instinto, faro, iluminações repentinas e lampejos geniais <não-analisáveis>; ao invés disso, construir-se-ia doravante sobre os fundamentos do conhecimento indubitável. (Rodrigo Constantino, 24/03/2014)

não-tributável

Está obrigado a declarar quem, em 2013: a) recebeu rendimentos tributáveis (salário, aposentadoria, aluguéis, por exemplo) cuja soma foi superior a R\$ 25.661,70; b) recebeu rendimentos isentos (por exemplo, rendimentos da poupança, resgate do FGTS), <não-tributáveis> (como recebimento de seguro de vida, seguro-desemprego, entre outros) ou tributados exclusivamente na fonte (exemplos: rendimento de aplicações financeiras, 13º salário), cuja soma foi superior a R\$ 40 mil; (Sophia, 06/03/2014)

não-presencial

O Curso <não-presencial> nº 1-200809300 já funcionava com ‘gambiarras’ do MEC desde 2005 – várias portarias autorizativas. (Coluna Esplanada, 12/04/2014)

não-pentecostal

O candidato do PSB tem melhor desempenho entre evangélicos – 45% x 23% entre pentecostais. E 43% a 37% entre evangélicos <não-pentecostais>. (Brasil 2014, 11/09/2014)

Encontramos uma ocorrência do prefixo *não-* unido a base acronímica de valor adjetival:

não-LGBT

Acho ilusório o que exigimos das pessoas não-homossexuais e <não-LGBTs>. (Blogay, 30/03/2014)

Por fim, chamou-nos a atenção a associação do elemento prefixal negativo com sintagma lexicalizado de valor adjetival:

não-carne e osso

Sinceramente, não consigo mais imaginar minha vida sem uma grande paixão (de <não-carne e osso>). (Vigilantes da Autoestima, 25/08/2014)

Quanto à semântica, o prefixo *não-* é reconhecido por veicular a ideia de “negação absoluta” do sentido expresso pela base lexical a que está adjungido.

Segundo Castilho (2010: 129), alguns elementos como *não*, *sim*, *fora*, *só*, *bem* e *praticamente* operam semanticamente a chamada categoria de verificação. Nesses casos, “(...) eles promovem uma comparação implícita entre seu escopo e o protótipo correspondente”, de modo que, se não houver congruência entre escopo e protótipo, o escopo é negado. É exatamente esse processo

semântico que realiza a partícula negativa *não* e, nesse aspecto, não importa se ela estiver funcionando como advérbio de negação ou prefixo negativo.

Assim, numa sentença como “O papa falou para católicos e não-católicos”, o prefixo *não-*, ao negar a base lexical *católicos*, compara-a mentalmente com um protótipo de católico, que pode ser social ou individualmente construído, e, verificando que não se encaixa em nada nas características deste protótipo, exclui-a dele. Logo, podemos dizer que a semântica deste elemento não é apenas a negação absoluta, mas também marca a exclusão mental de um elemento de determinado grupo prototípico.

Em nossos dados, verificamos que a semântica deste formante prefixal, em todos os neologismos formados, é basicamente essa. No contexto abaixo, por exemplo, percebe-se que um *não-crime* é um evento que, se comparado com o protótipo aceito do que é um crime legítimo, não se encaixa nele, sendo excluído da categoria de ação criminosa.

A presidente Dilma não cumpriu uma das poucas leis republicanas, a Lei de Diretrizes Orçamentárias, e alterou ad hoc esta lei tão somente para que esta passe a encarar seu crime de responsabilidade como um <não-crime>, retroagindo ex tunc para antes mesmo de tal lei ter sido modificada – e considerando assim que o crime de Dilma, cometido antes da modificação da lei, já seja encarado sob a luz da lei alterada. (Rodrigo Constantino, 08/12/2014)

Alves (2010: 68) diz-nos também que, por negar a base de maneira neutra e imparcial, este elemento é tão produtivo no português brasileiro contemporâneo e serve tão bem a formações nas áreas científicas e técnicas. Em nosso *corpus*, de fato, *não-* formou unidades lexicais em blogs de várias áreas, mas sobretudo nos de economia, nos de política e nos jornalísticos.

Ainda a respeito da ideia veiculada por *não-*, lembra-nos Alves (1990: 16) que, por possuir significado bem demarcado, este prefixo não concorre com outros elementos afixais negativos, como *anti-*, quando associam-se à mesma base. Uma unidade lexical como *não-herói* denota um referente que não se encaixa na categoria prototípica dos heróis, ao passo que um *anti-herói* é alguém que não só não é herói como opõe-se a ele.

O “pichiciego” é uma figura interessantíssima, porque não é um anti-herói, todo anti-herói pressupõe um paradigma de heroicidade, mas é um <não-herói>. (Sylvia Colombo, 17/12/2014)

O avanço dos estudos de neologia tem demonstrado que a alta produtividade do processo de derivação prefixal está associada a um desejo de economia linguística por parte do falante, conforme discutido no capítulo segundo deste trabalho. Alves (1990: 28) nos diz que um contexto em que há unidade lexical prefixada é muito mais econômico que um em que não há caso de palavra formada por prefixação. Nesse sentido, acreditamos que os neologismos prefixais derivados

de *não-* são claros exemplos disso. Nos contextos abaixo, as palavras *não-romanceado*, *não-sucesso* e *não-vida*, condensam em si alta carga informativa, normalmente materializada por meio de sentenças completas. “Perspectiva não-romanceada” é o mesmo que “perspectiva *que não é* romanceada”; “manter o não-sucesso” é o mesmo que “manter *uma situação que permite que o novo escritor não tenha* sucesso”; e “(...) os mantêm em uma não-vida por meses” é o mesmo que “(...) os mantêm em uma situação *em que não podem ter uma vida de verdade, com plenitude, saúde e qualidade* por meses”.

É um documento que ajuda a entender a escravidão americana por sua perspectiva <não-romanceada> e sim como um dado a ser lido por outras gerações. (Nina Horta, 23/01/2014)

“Se você coloca uma publicação independente numa livraria grande, eles vão querer consignar o produto, depois vão pegar 50% do preço final. O mercado editorial, como ele é hoje, não é um espaço para que essas iniciativas se desenvolvam, é um espaço para manter o <não-sucesso>”. (Entretempos, 04/06/2014)

Histórias de médicos que cometem eutanásia (para além da ortotanásia, que é deixar a vida e a morte seguirem seu curso e se encontrarem) diariamente nas UTIs não são raridade no Brasil. Pessoas com sensibilidade para entender quando o seu semelhante quer dar cabo de sua existência devido a um sofrimento extremo. Normalmente, aumentam a dose de medicação até o ponto de falência do organismo. Mas, da mesma forma, há os que atendem os apelos de familiares que não querem deixar seus entes queridos partirem e os mantêm em uma <não-vida> por meses. (Sakamoto, 01/07/2014)

Ora, esse poder condensador do prefixo tem reflexos diretos na organização sintática do enunciado. Esse é um dos motivos por que defendemos, desde o início deste trabalho, que o prefixo ativa função não apenas referencial e expressiva, mas também sintática e textual, pois, apesar de não modificar plenamente as classes em que estão inseridas as bases a que se adjunge, o elemento prefixal, junto a um item léxico, é fator inegável de economia textual, já que permite ao falante comunicar o mesmo conteúdo utilizando menos recursos linguísticos, a exemplo do que faz a nominalização posta em efeito por sufixos e identificada por Sandmann (1992) e Rocha (2008) como exemplo ativador de função de adequação sintática.

Algumas relações textuais entre o prefixo *não-* e elementos do entorno onde aparecem os neologismos puderam também ser identificadas em nosso *corpus*. Em *não-crime*, por exemplo, transcrito acima, percebe-se que o contexto inteiro onde aparece o neologismo subordina-se a ele na medida em que se constitui como explicação do que é um não-crime: manobra para enquadrar o crime cometido por Dilma Rousseff antes da mudança na lei. Em termos de linguística textual, pode-se dizer que, neste texto, o neologismo é tópico discursivo (JUBRAN, 2006a: 89-132), ou seja, configura-se como o tema principal a partir do qual o entorno se materializa textualmente.

No contexto onde há a unidade lexical neológica *não-ator*, também transcrito acima, vê-se a explicação, entre parênteses, do porquê não se pode enquadrar o indivíduo mencionado dentro do grupo prototípico dos atores: ele é motorista e não ator. O neologismo forçou, portanto, o aparecimento do recurso textual da parentetização. (JUBRAN, 2006b: 301-57)

No caso de *não-índios*, arrolado acima, há clara relação entre a unidade léxica nova e os adjetivos “brancos” e “estrangeiro”. Como o indivíduo em questão apresenta aquelas características, não se encaixa no protótipo de índio, sendo, portanto, um não-índio. Essa exclusão semântica do referente da categoria “índio” é marcada textualmente pela relação sinonímica entre o neologismo e os adjetivos.

Finalmente, outra relação sinonímica, que nos chamou a atenção, entre unidade lexical neológica e elementos do entorno pode ser vista no contexto abaixo, em que o autor do texto faz acompanhar o neologismo *não-naturais* de uma série de aspectos que evidenciam o que se entende, prototipicamente na sociedade, como “não-natural”: *promíscuos, pecadores, arcoirizados, antissociais*. Essas características explicam a razão de, na visão de muitos, não se enquadrarem pessoas gays no grupo dos “naturais”.

Como seres bonzinhos, necessitados, dependentes e frágeis, como é possível ser gay, pessoas que, no senso de muuuuita gente, ainda são extremamente promíscuos, pecadores, ‘arcoirizados’ 8-) e antissociais, <não-naturais>? (Assim como você, 07/02/2014)

Quanto à relação entre o *continuum* de prefixidade e o elemento *não-*, percebe-se que estamos diante de uma partícula afixal extremamente recorrente em contextos diversos da língua geral (1), que veicula carga semântica adverbial negativa (5) e constitui-se fonologicamente como palavra prosódica (2).

Na maioria das ocorrências registradas no *corpus*, *não-* escopou apenas bases lexicais simples, mas já verificamos, como mostrado acima, a associação deste elemento com sintagmas lexicalizados (*não-carne e osso*) e a extensão de sua influência gramatical e semântica para além das bases substantivas deverbais (*não-entrega da declaração; não-devassa nas contas de Pimentel com Aécio; o não-gostar de efeminados* etc.) (6). Isso se deve ao fato de “não” poder ser tanto prefixo quanto forma livre adverbial, conforme visto antes (4).

Por fim, apesar da existência de uma forma livre correspondente, enquanto desempenha a função prefixal, *não-* não se lexicaliza (3). Podemos conceber frases do tipo: “terminei a pós” (=pós-graduação), “enquanto estava passeando com meu namorado, encontrei meu ex” (=ex-namorado) etc., mas não frases como: * “ali há professores e não” (=não-professores), * “em meio a índios, percebe-se claramente quem é não” (=não-índio), o que demonstra a necessidade de,

enquanto prefixo, o formante *não-* acompanhar, necessariamente, uma base explícita. Diante disso, pode-se alocá-lo em posição medial da escala de prefixidade, pois preenche três de seis critérios.

Tabela 6 – *O elemento não- e os critérios de prefixidade:*

Crítérios de prefixidade	Preenchimento do critério
Recorrência	X
não-acento	
não-lexicalização	X
sem forma livre	
significados prefixais prototípicos	X
escopo limitado a uma base simples	

4.1.4. *Anti-*

Segundo o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (CUNHA, 2010: 44) e o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, o formante prefixal *anti-* tem sua origem na partícula prepositiva grega *antí*, cujos significados eram: “contra”, “em oposição a”, “diante de”, “de encontro a”, “em vez de”, “em lugar de”. Houaiss nos diz que, em princípio, este elemento entra no português em palavras já formadas tomadas de empréstimo da língua grega. No século XIX, contudo, ainda segundo o lexicógrafo, *anti-* torna-se imensamente produtivo em nossa língua e assume unicamente noção de contrariedade/oposição. Informa-nos ainda Houaiss que a fecundidade deste prefixo tem sido tamanha que, em contextos informais, pode ser usado como substantivo (*é um ânti = é do contra*). Abundam, de acordo com ele, formações derivadas com *anti-* em termos da medicina (*antibiótico, antigripal* etc.), das tecnologias (*antinuclear, antitérmico* etc.), da química e da física (*antibárion, antimatéria, antipróton* etc.), bem como na língua comum, cuja ideia geral é “oposição” (*anticalor, antikatolicismo, antiguerrilha* etc.). Diz-nos ainda o Dicionário Houaiss que o afixo *anti-* também pode derivar substantivos que funcionam quase como adjetivos em relação a outros substantivos, “mas sem concordância gramatical”. Este uso foi igualmente identificado por Alves (1990; 2000; 2015), conforme explicamos no capítulo segundo do presente trabalho. Exemplificaremos melhor adiante, com dados neológicos extraídos dos blogs analisados.

Cunha (*op. cit.*: 2010) também atesta a alta produtividade do formante prefixal *anti-*. Em suas palavras:

De extraordinária potencialidade na língua portuguesa, ele é fonte quase inesgotável de um sem-número de compostos, tanto na terminologia das ciências e das artes, como na linguagem dos esportes e dos espetáculos em geral; mas é principalmente na política que

ele vem sendo realmente produtivo.

De fato, em nosso *corpus*, percebemos que o maior número de neologismos derivados de *anti-* apareceu em textos, não raros em 2014 em virtude das eleições presidenciais, cuja temática maior era a política. Em todas as criações lexicais neológicas, o prefixo assumiu ideia de “oposição” e “contrariedade”. Nesse sentido, lembra-nos, ainda, Alves (2015: 51) que

Por denotar “oposição” e “ação contrária” à base a que se prefixa, o prefixo *anti-* encontra na política um campo muito propício para a construção de unidades lexicais. Muitas dessas unidades já estão construídas com os sufixos *-ismo* ou *-ista*, observando-se assim uma oposição a uma ideologia defendida por um político (*antilulismo*), a uma atitude (*antitecnicismo*, *antilogicismo*, *anti-institucionalismo*) e aos adeptos ou praticantes dessa ideologia (*antilulista*) ou atitude (*antitecnicista*, *antilogicista*, *anti-institucionalista*).

A partícula *anti-*, segundo pudemos verificar, aloca-se na categoria de “prefixo de origem grega” em todas as gramáticas a que tivemos acesso (BECHARA, 2009: 368; CUNHA & CINTRA, 2008: 101; ROCHA LIMA, 2010: 256; SILVEIRA BUENO: 2014: 84; COUTINHO, 1976: 179.). Em todas elas, a semântica do afixo é “oposição” e “ação contrária”, tal como identificado por Alves (*op. cit.*) e por nós, em nosso *corpus*. Como exemplos, as obras de referência fornecem: *antídoto*, *antártico* (neste caso, trata-se de oposição espacial “contrário ao Ártico”), *antípoda*, *antiaéreo*, *antibiótico*, *antagonista*, *antipatia*, *antítese*, *anti-integralista* e *antididático*.

Nossos dados neológicos revelam que o prefixo *anti-* associou-se majoritariamente a bases substantivas: 83 ocorrências, o que corresponde a 79% das 105 unidades lexicais neológicas formadas por este elemento afixal em nosso *corpus*. As associações com adjetivos, em menor número (22), respondem por 21% do total de neologismos derivados de *anti-*.

Por materializar semântica opositiva e de contrariedade, o formante *anti-* associou-se a vários substantivos derivados com o sufixo *-ismo* (indicando oposição em relação a um fato, movimento, ideia, crença, teoria, atitude ou hábito denotados pela base lexical) e a diversos adjetivos derivados com *-ista*.

antiestrangerismo (subst. contrário ao emprego de palavras estrangeiras na língua)

De fato, não há como controlar o modo como as pessoas falam (é por isso que projetos de criar leis <antiestrangerismos> nunca são levados a sério). (Thaís Nicoletti, 29/05/2014).

anticriacionismo (subst. contrário à teoria criacionista)

Tentando me explicar um pouco melhor: boa parte da argumentação <anticriacionismo> que existe por aí, por mais

clara, bem escrita e divertida que seja, frequentemente parte do princípio de que o “outro lado” é: a)burro/ignorante; b)desonesto; c)lunático; d)todas as anteriores. (Darwin e Deus, 18/02/2014)

antichavista (adj. contrário às ideias e práticas políticas de Hugo Chávez)

Os setores <antichavistas> se concentram no seu caráter de sublevação cívica, através de protestos e bloqueios, apontando provocadores e agentes infiltrados como responsáveis pela violência. (Caio Blinder, 19/02/2014).

antipetista (adj. contrário às ideias e práticas políticas do Partido dos Trabalhadores - PT)

Sua declaração foi completada pelo blogueiro Leonardo Sakamoto: “O PT, para agregar o sentimento antitucano, e o PSDB, para agregar o sentimento <antipetista>, trouxeram para perto de si o que há de pior nos extremismos. (Blogay, 27/10/2014)

Há, porém, associações do afixo a bases substantivais e adjetivais não derivadas com os referidos sufixos, em que se pode observar o mesmo movimento semântico de “oposição” a ideias, ações, movimentos, teorias, atitudes etc. denotadas pela base lexical.

antidepilação (subst. contrário à ação de depilar-se)

A nova modinha agora é o movimento <antidepilação>. (Rodrigo Constantino, 11/09/2014)

anticensura (subst. contrário à ação de censurar)

Operação <anti-censura> (Tít.) (Lauro Jardim, 20/05/2014)

antipatriarcal (adj. contrário às atitudes derivadas da mentalidade do patriarcalismo)

Ele explica que uma “democracia de alta intensidade” tem que ser anticapitalista, anticolonialista e <antipatriarcal>, com a participação real e na proporção em que aparecem na sociedade, de mulheres, negros, povos tradicionais, trabalhadores, entre outros. (Sakamoto, 05/09/2014)

Encontramos adjunções de *anti-* a topônimos, indicando oposição à política posta em ação pelos governos desses locais.

antiMoscou

Mas em Kiev nada impede o tiro ao alvo, ainda mais se o inimigo a ser atingido for o presidente da Rússia, Vladimir Putin, adversário número 1 dos ucranianos <anti-Moscou>. (Leandro Colon, 24/05/2014)

anti-Irã

Em 2016, Obama deixa a presidência. Entre os cotados para substituí-lo há dois notórios <anti-Irã>: Hillary Clinton e Jeb Bush, irmão do famigerado George Walker. (Um brasileiro no Irã, 03/06/2014)

A economia linguística que o emprego do prefixo rendeu a todos os contextos trazidos a público até aqui é evidente. Percebe-se, contudo, que o neologismo *anti-Irã* destaca-se pela sua alta carga informativa, condensando o possível sintagma “candidatos que se opõem às políticas perpetradas pelo Irã”. Igualmente tem-se revelado, nas associações do formante prefixal a outros substantivos próprios que não topônimos, enorme evidência de economia linguística. Em nosso entendimento, a razão principal para tantas formações de *anti-* + substantivo próprio é justamente a necessidade de falar com mais rapidez, utilizando menos recursos linguísticos. Vê-se, assim, que *slogan antiGlobo* condensa a ideia de *slogan contrário às práticas da Rede Globo*; *movimento anti-Affleck* condensa a ideia de *movimento contrário à escolha de Ben Affleck para interpretar o papel de Batman*; *votação antiPlutão* condensa a ideia de *votação para tirar Plutão da categoria de planeta*.

No discurso que fez no domingo à noite, agradecendo sua reeleição, Dilma Rousseff foi interrompida algumas vezes pela turba com o velho slogan <anti-Globo> (“O povo não é bobo, abaixo a Rede Globo”). Dilma deixou o barco correr. Beleza. É do jogo. (Lauro Jardim, 31/10/2014)

O anúncio da nova data de estreia do projeto – 2016- é parte dessa estratégia, um modo de ganhar tempo para escolher o novo Batman e fazer o movimento <anti-Affleck> esfriar um pouco. (Ana Maria Bahiana, 25/01/2014)

A votação <anti-Plutão> aconteceu no já longínquo ano de 2006, mas só me dei conta da filiação religiosa do pesquisador após ler o divertido livro “Would you Baptize an Extraterrestrial? (Darwin e Deus, 19/11/2014)

Verificamos também vários casos de associação do prefixo a nomes de personalidades políticas, denotando o afixo oposição a elas.

antiDilma

Ala <anti-Dilma> do PMDB surpreende e leva 41% dos votos; partido não está tão dividido desde 2002. (Reinaldo de Azevedo, 10/06/2014).

antiMarina

O governo pretende “desengavetar um projeto, proposto em 2009 e há mais de um ano parado em uma comissão do Senado, para conceder diversos benefícios a instituições religiosas, entre eles tributários”. Isso faria parte de um “pacote <anti-Marina>”. (Reinaldo de Azevedo, 02/09/2014)

antiPezão

Marcelo Crivella agora corre atrás de quem ficou para trás. Parte do PT do Rio de Janeiro e Anthony Garotinho estão a um passo de aderir ao palanque <anti-Pezão>. (Lauro Jardim, 06/10/2014)

antiLula

Em conversas sobre o atual momento histórico da imprensa, debate-se muito a influência dos jornalistas que viveram aquela fase <antiLula> X Lula Herói, que, hoje, anos mais tarde, ajudam a polarizar a imprensa entre PT X PSDB. (Caio Blinder, 01/11/2014)

No mesmo blog *Caio Blinder*, convivem os neologismos *antiLula* (*anti-* + antropônimo) e *antilulismo* (*anti-* + base derivada de antropônimo). Tal fato nos leva a questionar se *antiLula* e *antilulismo* são sinônimos e por que, afinal, ora o prefixo associa-se a base própria ora a base comum derivada.

Caio, nós dois sabemos que o <antilulismo> não é infundado, né? (Caio Blinder, 01/11/2014)

O que pudemos perceber é que a unidade léxica *antiLula* é muito mais intensa que *antilulismo*, isto é, a associação do afixo à base antroponímica torna a carga de oposição de *anti-* maior. Obviamente, tanto em um quanto no outro neologismo, a ideia que se lhe subjaz é a de oposição à forma de se fazer política conduzida pelo ex-presidente Lula. Todavia, ao fazer adjungir o prefixo opositivo ao nome do ex-presidente, e não ao substantivo derivado que indica justamente o movimento político criado por Lula em torno de sua própria personalidade (lulismo), a oposição parece ser não só às suas atitudes, mas também ao próprio indivíduo Lula. E é justamente nesse ponto que a criação neológica torna-se palco de expressão do sujeito falante, que toma posição frente aos elementos da realidade que o cerca.

Para além da economia linguística posta em efeito pela união do elemento prefixal com base substantiva própria, que também se evidencia nessas associações de *anti-* a nomes de personalidades políticas, acreditamos que, nesse tipo de formação neológica do campo político, a intenção de ataque pessoal ao indivíduo é tão presente quanto o desejo de economia textual. Assim, em *fase antiLula*, *ala antiDilma*, *pacote antiMarina* e *palanque antiPezão*, os nomes próprios representam tanto as atitudes políticas dessas personalidades quanto elas próprias, a quem o falante opõe-se e deseja marcar na língua, com maior intensidade, essa oposição.

Isso, a nosso ver, é sintomático do estágio atual de nosso país, quando, no campo político, o debate desloca-se cada vez mais das ideias para os indivíduos. Esse acirramento entre ideologias e personalidades contrárias é, então, materializado linguisticamente nas formações lexicais *anti-* + nome próprio de político, dada a estreita relação, desde sempre, entre léxico e sociedade.

Nossos dados revelam também a associação do afixo *anti-* a bases acronímicas, sempre indicando oposição a características ideológicas e atitudes inerentes a ela.

antiPT

Meu voto é <anti-PT> acima de qualquer coisa. (Rodrigo Constantino, 12/07/2014)

antiUE

Como o senhor vê o desempenho de partidos <anti-UE> na eleição do Parlamento em outros países? (Leandro Colon, 30/05/2014)

A base lexical acronímica *UE*, a que se associou *anti-* no contexto acima, convive com a sua forma desenvolvida (*União Europeia*) no mesmo blog.

Com sua tradicional gravata borboleta, o polonês Janusz Korwin-Mikke, 72, novo membro do Parlamento Europeu, defendeu todo seu conservadorismo e um discurso <anti-União Europeia>. (Leandro Colon, 30/05/2014)

Do mesmo modo, a base inglesa *aging*, no neologismo *antiaging*, convive, no mesmo blog, com a base vernácula *envelhecimento*, que lhe corresponde, na unidade lexical neológica *antienvelhecimento*.

Atualmente existem os filtros solares multifuncionais, ou seja, foram acrescidas à fórmula substâncias hidratantes como ácido hialurônico, firmadoras e <anti-aging> como alistin, antioxidantes (vitamina E e resveratrol) entre outros. (Sua Pele, 16/10/2014)

Glicoxyl - Efeito <antienvelhecimento> (Sua Pele, 24/07/2014)

Foram encontradas ainda, unicamente em contextos não formais do blog *X de Sexo*, curiosas associações do prefixo *anti-* a alguns sintagmas lexicalizados.

antiexagero-no-álcool

Eis que numa dessas caçadas <anti-exagero-no-álcool>, estava num bar com umas amigas e uma delas encontrou um amigo que estava com um grupo de caras. (X de Sexo, 10/11/2014)

antidedo no cu

Existe ainda um forte movimento cultural no Brasil <anti-dedo no cu>, o que eu acho uma perda de tempo incrível. (X de Sexo, 23/10/2014)

Como atestado por Alves em diversos estudos desenvolvidos desde as últimas décadas (1990; 2000; 2015), o elemento prefixal *anti-*, não raro, ao associar-se a bases léxicas substantivas recategoriza-as em parte, fazendo com que assumam função adjetival sem, no entanto, alterar-lhes

as características morfológicas tal qual fazem os sufixos. Ainda segundo ela (1990: 28), este fenômeno é mais uma evidência de economia discursiva. Em nosso *corpus*, dos 83 substantivos que se associaram ao afixo, 67 (80% deles, portanto) desempenham, por causa do formante prefixal, papel de adjetivos na determinação de outros substantivos. Na esmagadora maioria dos contextos transcritos acima, podemos ver diversos exemplos desse fenômeno: *leis antiestrangeirismos*, *argumentação anticriacionismo*, *movimento antidepilação*, *operação anticensura*, *slogan antiGlobo*, *movimento antiAffleck*, *palanque antiPezão*, *voto antiPT*, *efeito antienvelhecimento*, dentre muitos outros.

De certo modo, essa capacidade que tem *anti-* de fazer uma base substantiva desempenhar função adjetival é sentida pelo usuário da língua. Percebemos, no mesmo blog, a alternância entre o substantivo neológico *antimasturbação*, em função adjetival, e o adjetivo neológico *antimasturbatório*, que se lhe associa.

Com o objetivo de impedir a atividade masturbatória, várias invenções proliferaram. A mais conhecida era a atadura <anti-masturbação> do Dr. Lafond. (Regina Navarro, 15/02/2014)

A partir daí foi desenvolvida uma absurda literatura médica, com uma extravagância nunca igualada. Esta loucura <anti-masturbação> continuou no século 19. Diversos textos aterrorizavam as pessoas quanto ao malefício da masturbação. (Regina Navarro, 15/02/2014)

Por fim, gostaríamos de ressaltar que, assim como verificado nos contextos em que aparecem neologismos formados pelos afixos *super-/sobre-* e *não-*, as relações textuais sinonímicas e antonímicas entre unidade lexical neológica e elementos textuais também puderam ser identificadas no âmbito das criações com *anti-*.

No contexto em que surge o neologismo *antiLula*, arrolado acima, percebe-se a oposição entre o afixo (de valor opositivo) e o adjetivo herói (de valor positivo), como a ressaltar a ideia de “oposição” trazida pelo prefixo: fase *antiLula* x Lula Herói. Do mesmo modo, no contexto abaixo, o prefixo *anti-* (valor opositivo) opõe-se semanticamente ao afixo *pró-* (valor de favorecimento), reiterando o valor semântico de *anti-*.

antirregime

Na próxima sexta-feira acaba o ano persa de 1392. Como acontece no Brasil, a chegada do reveillon leva muita gente no Irã a olhar para trás e fazer um balanço do ciclo que se encerra. Foi com esse espírito que duas empresas jornalísticas, uma *pró* e outra <antirregime>, perguntaram a dezenas de milhares de iranianos quem foi a personalidade do ano no país. (Um brasileiro no Irã, 18/03/2014)

De modo semelhante, vê-se que o item lexical neológico *antigay*, em função adjetival em relação ao substantivo leis (*leis antigay*), é explicado, no contexto abaixo, por “que proíbem a divulgação de qualquer propaganda de relações sexuais não tradicionais”, evidenciando que a oposição aos homossexuais, expressa pelo prefixo, neste caso, tem a ver com a proibição de sua visibilidade.

As chamadas leis <antigays> que proíbem a divulgação de qualquer “propaganda de relações sexuais não tradicionais” apesar de drásticas não são tão terríveis como a omissão do Estado aos ataques homofóbicos. (Blogay, 05/02/2014)

Finalmente, a relação entre *anti-* e a preposição *contra*, nos contextos abaixo, reitera, ainda uma vez mais, o valor opositivo do afixo.

anti-homossexuais

(...) a onda de preconceitos <anti-homossexuais> que infelizmente tem se espalhado por lá nos últimos anos não tem raízes nas culturas africanas, como o colunista imagina, mas na religião dos conquistadores e, mais recentemente, na ação política de igrejas evangélicas fundamentalistas dos EUA que investem milhões de dólares na “evangelização” desses povos, usando o preconceito contra os homossexuais como estratégia de marketing e financiando campanhas de políticos homofóbicos. (Rodrigo Constantino, 08/03/2014)

antiprodução

Iriam desde os que pregam a socialização dos meios de produção, os que são ideologicamente contra a empresa, contra o lucro, contra a ordem e o progresso, os radicais de diversos setores, os invasores (ou “ocupadores”), os <anti-produção>, (...). (Ricardo Setti, 20/09/2014)

À luz dos critérios de prefixidade com os quais trabalhamos nesta pesquisa, pode-se dizer que *anti-* é um elemento recorrente em língua geral (1), não apresenta forma livre correspondente (4) e atualiza semântica adjetival - “contrário a” - (5). Entretanto, é palavra prosódica (2) e pode escorar, além de bases simples, também sintagmas (*anti-exagero no álcool*, por exemplo) (6). Além disso, vimos que o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* atesta a possibilidade de lexicalização do elemento em questão, em contextos em que *anti-* equivale à ideia de “ser do contra”: *ele é um anti*. Apesar disso, empiricamente, em nossos dados, não verificamos nenhum contexto em que o prefixo tenha se lexicalizado (3) nem temos conhecimento de qualquer uso regional deste afixo como forma livre, o que nos leva a pensar que se trata, neste caso, mais de uma possibilidade virtual pensada pelo dicionarista que, efetivamente, de algo que já tenha ocorrido na língua viva. Isso faz com que ele preencha quatro dos seis critérios de prefixidade.

Tabela 7 – *O elemento anti- e os critérios de prefixidade:*

Crítérios de prefixidade	Preenchimento do critério
Recorrência	X
não-acento	
não-lexicalização	X
sem forma livre	X
significados prefixais prototípicos	X
escopo limitado a uma base simples	

4.1.5. Pós-

Pós-, segundo o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, é um elemento prefixal de cunho erudito. Provém da partícula adverbial-prepositiva latina *post*, cujos sentidos são: “atrás de; depois de (no espaço e no tempo); atrás; depois; após; em segundo lugar; em seguida; pouco depois”. Documenta-se na língua portuguesa, de acordo com a obra lexicográfica, desde o século XV, em formações cultistas oriundas do latim (*pós-meridiano*; *pós-escrito*). Torna-se, a partir do século XIX, fecundo em formações vernáculas, atualizando na língua semântica de *posterioridade* (*pós-datar*; *pós-diluviano*; *pós-homérico*) e *posposição* (*pós-abdome*; *pós-palatal*).

Cunha (2010: 513) destaca que a proficuidade maior deste elemento seria nas formações científicas, o que também nos informa Houaiss. Contudo, diferente deste, o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* não reconhece o caráter afixal de *pós-/post*, preferindo classificá-lo como “elemento de composição”.

Maurer Jr. (1951: 130 *apud* DUARTE 1999: 145) diz-nos que *post/pós-* é “um prefixo literário, de emprego restrito tanto em latim como nas línguas românicas”. Traz, como exemplos de seu emprego na língua latina, as formas *posthabere* (colocar em segunda ordem), *postponere* (colocar depois, em segundo lugar), *postgenitus* (gerado depois, descendente), *postmeridianus* (depois do meio-dia) e *postprincipia* (depois do princípio, consequência, resultado). Apesar da natureza erudita deste formante prefixal, Duarte, contudo, não concorda com a afirmação de Maurer Jr. de que *pós-* teria “emprego restrito” nas línguas românicas, dada sua vitalidade em formações vernáculas do português contemporâneo, sobretudo nas associações do afixo a bases nominais substantivas e adjetivas. A produtividade deste elemento prefixal também é destacada por Alves (1990; 2000; 2015) nas diversas associações neológicas de *pós-* a bases nominais, o que também pôde ser verificado nesta pesquisa, em que o prefixo foi reconhecido como o quinto mais produtivo nas criações neológicas extraídas do *corpus* delimitado, não se limitando a formar termos das ciências, mas aparecendo, com destaque, em contextos que falem sobre política.

Nas obras gramaticais, encontramos, de modo geral, este elemento alocado na lista de “prefixos de origem latina”. A semântica atrelada a *pós-* e destacada pelos estudiosos, tem sido “posterioridade espacial e temporal”; “ação posterior”. Bechara (2009: 367) fornece-nos, como exemplos, as palavras *postônico* e *pós-escrito*. Cunha & Cintra (2008: 99) acrescentam como exemplo do emprego de *pós-*, além de *postônico*, a unidade léxica *pospor*. Silveira Bueno (2014: 86) traz-nos *póstumo*, *pós-operatório*, *postergar* e *posteridade* como elementos exemplificadores da semântica do prefixo. Azeredo (2010: 452) inclui *pós-eleitoral* e *pós-graduação* à lista de exemplos de empregos do afixo. Rocha Lima, por sua vez, (2010: 252-56), curiosamente, exclui *pós-* de sua extensa lista de prefixos. Igualmente Coutinho (1976: 177-78) assim o faz, mencionando *pré-*, mas excluindo *pós-*.

Como já destacado por Duarte (1999) e Alves (1990; 2000; 2015), o prefixo *pós-* adjunge-se, contemporaneamente, sobretudo a bases nominais, sendo mais raras (ainda que possíveis) associações a bases verbais. Em nosso *corpus*, verificamos que os substantivos representam a maioria das bases às quais uniu-se o prefixo (88 associações de *pós-* a substantivos, o que equivale a 90% dos neologismos formados com este afixo). Dentre as bases substantivais encontradas, verificamos que podem ser

(i) simples/comuns:

pós-festa

Donut da Marisa Ono: levei uns para casa (marmita <pós-festa>, uma tradição japa) e comi coberto de leite condensado. Sou gordo? (Katsuki, 14/03/2014)

pós-feriado

Aquela espontaneidade irresponsável com a qual costumávamos falar sobre as nossas relações foi substituída por reflexões, pesadas para um <pós-feriado>, que abrangem do individualismo à alienação de corpo e mente (sim, parece filosofia), passando pelo sexo consumista. (X de Sexo, 23/04/2014)

(ii) sintagmas lexicalizados:

pós-horário eleitoral

À noite, na faixa entre 20h e 22h, a audiência da TV paga diminuiu 24%, variando de 14,2 pontos durante o período eleitoral para 10,8 pontos no <pós-horário eleitoral>. (Lauro Jardim, 19/11/2014)

pós-queda da União Soviética

Nem os mais excêntricos príncipes e reis árabes têm nada parecido ao Eclipse (foto acima e vídeo abaixo), o fantástico iate de 1 bilhão de dólares e 170 metros de comprimento do ziliardário russo Roman Abramovich, cuja fortuna, oriunda

de todo tipo de manobras escusas nos primeiros e caóticos anos da Rússia <pós-queda da União Soviética>, inclui de petróleo a minérios, passando pelo time de futebol inglês do Chelsea e um naco da companhia aérea Emirates. (Ricardo Setti, 02/12/2014)

(iii) substantivos próprios designativos de eventos históricos, políticos, esportivos, trágicos; datas comemorativas, nomes de personalidades políticas, esportivas ou artísticas etc.:

pós-Copa do Mundo

Felipão vai deixando a fase catastrófica <pós-Copa do Mundo> para trás. (Lauro Jardim, 11/11/2014)

pós-Dilma

Um conhecido diplomata que almoçou há dias com o ex-presidente Lula revela que o líder está preocupado com o PT. Não há um grande nome <pós-Dilma>. (Coluna Esplanada, 04/03/2014)

pós-Katrina

Decidi fazer essa viagem – e correr atrás do dindim – porque tenho a certeza de que será uma das maiores experiências da minha vida. Assim como foi ter ido a New Orleans <pós-Katrina> mesmo pegando uma dengue dos infernos. (Vigilantes da Autoestima, 04/06/2014)

pós-Segunda Guerra

É uma turma mais conectada com conceitos de nacionalismo e de ego enraizados em épocas passadas. São conceitos abandonados por uma Europa pós-moderna (<pós-Segunda Guerra>), que aprendeu tantas lições com os riscos e as trevas causadas por revanchismo, revisionismo histórico e restauração de velhas glórias. (Caio Blinder, 07/12/2014)

Dentre as bases nominais próprias, verificamos também associações de *pós-* aos substantivos neológicos *Petrolão* (designativo dos recentes escândalos de corrupção na Petrobrás) e *Mineiraço* (designativo da goleada da Alemanha sobre o Brasil na Copa de 2014).

Nessas conversas, Levy tem externado também otimismo com o <pós-Petrolão>. (Lauro Jardim, 20/12/2014)

Primeiro nome <pós-Mineiraço> – Gilmar Rinaldi é o novo Coordenador de Seleções da CBF (Reinaldo de Azevedo, 17/07/2014)

A despeito da grande maioria das bases escolhidas pelo prefixo *pós-* ser substantiva, após a adjunção do afixo, tal como ocorreram em contextos com *anti-* estudados acima, as unidades lexicais neológicas substantivais, em vários momentos, passam a exercer função determinante/qualificadora, prototípica dos adjetivos, em relação a substantivos que lhe antecedem

no sintagma nominal (ALVES, 1990; 2000; 2015). Em vários contextos já transcritos nesta seção verifica-se o fenômeno: *nome pós-Mineiraço, Europa pós-Segunda Guerra, New Orleans pós-Katrina, nome pós-Dilma, marmita pós-festa* etc. Mais uma vez, como Alves, acreditamos que o desejo de economia discursiva presida essa função sintática de recategorização empreendida pelo formante prefixal.

Em menor quantidade, os dados revelam adjunções de *pós-* a adjetivos, totalizando 9 ocorrências (9%). Alves (2015: 31) destaca que este elemento prefixal costuma, quando se une a adjetivos, escolher aqueles oriundos de formas participiais. Em nosso *corpus*, contudo, apenas uma formação neológica adjetiva com *pós-* apresenta base participial (*pós-fixado*), não sendo a maioria dos adjetivos formas participiais nominalizadas.

Quem não está disposto a levar sustos e se arriscar deve procurar aplicações em fundos de renda fixa <pós-fixados> com taxas de administração baixas ou em títulos isentos de imposto de renda. (Ricardo Setti, 07/11/2014)

pós-cirúrgico

Já no último procedimento, as dores nos pés voltaram enquanto eu ainda estava na sala <pós-cirúrgica> e isso foi a gota d'água para eu perder as esperanças, mesmo com minha família sempre ao meu lado, me apoiando. (Assim como você, 06/10/2014)

pós-conservador

E comparo com os dias de hoje, a queda da experiência socialista chilena com o que temos agora, tentativas progressistas falidas e governos <pós-conservadores>. (Sylvia Colombo, 10/12/2014)

Encontramos uma curiosa associação do formante prefixal ao pronome indefinido *nada*, que, no contexto em que aparece, porém, nominaliza-se em analogia às formações *sem-* + substantivo que lhe rodeiam, adquirindo a marca morfológica de plural.

pós-nada

Quero protesto para mostrar que não somos de tudo idiotas, o protesto dos que já nasceram sob a lona ou o plástico preto de beira de estrada, os sem-terra, os sem-teto, os sem-saúde, os removidos, os refugiados, os clandestinos, os sem-BNDES, os sem benesses, os <pós-nadas> e os sem-tudo. (Xico Sá, 02/02/2014).

Semanticamente, verificamos que o prefixo *pós-* atualiza, nas criações neológicas recolhidas, sentido temporal de posterioridade, não tendo sido verificada, todavia, qualquer ocorrência de posterioridade espacial, também etimologicamente associada ao afixo em questão. Por trazer semântica ligada à categoria cognitiva de tempo, percebe-se que este afixo guarda forte afinidade

com elementos prepositivos e adverbiais, equivalendo, semanticamente, ao advérbio temporal “depois” e à preposição “após”.

Nos contextos em que é empregado, *pós-* indica posterioridade a datas comemorativas e acontecimentos ou eventos (presentes ou passados; habituais ou inéditos) políticos, artísticos, esportivos, históricos e sociais designados pela palavra-base a que toma por escopo. Daí decorrem, segundo nosso entendimento, as variadas associações a bases sintagmáticas, posto que, não raro, eventos ou acontecimentos sejam nomeados sob forma de sintagma que, com o uso, lexicaliza-se (*pós-queda da União Soviética, pós-horário eleitoral, pós-primeiro turno, pós-regime militar, pós-Acordo Ortográfico, pós-Maio de 1968*, dentre outros).

Globo <pós-primeiro turno> (TÍT.) Mais “JN” onde não tiver segundo turno. A Globo já prepara uma mudança na programação para os estados que encerrarem as suas eleições no primeiro turno. (Lauro Jardim, 30/09/2014)

O partido, que governava desde o fim da ditadura (1990), apoiava sua campanha em seus logros passados, muitos deles alcançados durante a gestão do próprio Frei (1994-2000), segundo presidente <pós-regime militar>. (Sylvia Colombo, 03/09/2014)

TN – Ouvem-se críticas ao fato de a última edição do Vocabulário Ortográfico, <pós-Acordo Ortográfico>, registrar grafias duplas, como é o caso de “bi-hebdomadário” e “biebdomadário” ou mesmo de “ad-renal” e “adrenal”, “ab-rupto” e “abrupto”, “sub-humano” e “subumano”, “carboidrato” e “carbo-hidrato” etc. (Thaís Nicoleti, 16/09/2014)

Voltada para uma experiência transgressora, de crítica aos valores burgueses, à heterossexualidade compulsória, ao patriarcado, à pretensão da consciência, a formação de Lindon por Foucault, no lendário apartamento da Rue de Vaugirard, acaba por ser a desformação do mundo <pós-Maio de 1968>, aqui símbolo de ruptura com valores tradicionais, hierarquias e pretensões de universalidade ainda herdados da modernidade. (Carla Rodrigues, 06/08/2014)

As unidades lexicais neológicas formadas por adjunção do morfema afixal a nomes designativos de personalidades artísticas, esportivas e sobretudo políticas semanticamente marcam tempo posterior (real ou hipotético) situado após o período de influência direta desses ilustres indivíduos. Tal como nas associações de *anti-* a nomes próprios, acreditamos que, nesses casos de *pós-* + *antropônimo*, a presença do substantivo próprio como base lexical marca não apenas posterioridade à sua influência ideológica ou atitudinal, mas, mais diretamente, à sua personalidade, ou seja, a ela mesma. Os indivíduos cujos nomes servem de base para construções derivadas com *pós-* são, nesse sentido, tão importantes em seus respectivos campos de atuação que marcar um período posterior à sua influência faz-se uma necessidade. Um momento *pós-Hitler* na Alemanha não é um período posterior apenas ao nazismo, mas à própria pessoa de Adolf Hitler, pilar supremo da ideologia do partido nacional-socialista.

“U-ni-ty” talvez seja seu trabalho mais conhecido. A obra junta o peso emocional da história –tão incômoda para a Alemanha <pós-Hitler>–, símbolos ideológicos e a relação entre indivíduo e política. (Entretempos, 24/05/2014)

Conforme dissemos acima, a semântica do afixo *pós-* é basicamente, por ser de ordem temporal, adverbial ou prepositiva. A forte relação entre prefixo e advérbio, em nosso *corpus*, expressa-se em alguns contextos em que o prefixo, associado a base substantiva, deriva unidade lexical neológica que, apesar de morfologicamente nominal, exerce, em contexto, função adverbial, indicando *quando* ocorreu determinada situação expressa pelo texto. Assim, além de permitir ao substantivo ser empregado com papel qualificante de adjetivo, este afixo possibilita a um nome ser, contextualmente, advérbio. Alves (1990: 25) já havia identificado situações, em neologismos da década de 80 na imprensa brasileira, em que criações lexicais neológicas com *pós-/pré-* + *base substantiva* podiam exercer papel adverbial. Tal fato, pelo que podemos constatar, mantém-se ainda hoje.

Nos contextos elencados abaixo, percebe-se que a criação neológica prefixal condensa considerável carga informativa de valor adverbial temporal, imprimindo ao texto economia de recursos linguísticos. Equivalem os neologismos abaixo, basicamente, a “momento/período após/depois de X”: *depois do pedido de licença remunerada*; *após a cirurgia*; *depois do tempo das competições*; *no período após a gravidez*.

pós-pedido de licença remunerada

Agora, <pós-pedido de licença remunerada>, quem manda no Solidariedade já admite que a tendência é o colegiado da sigla analisar o caso de Argôlo sem pressa nenhuma. (Lauro Jardim, 03/06/2014)

pós-cirurgia

Muitos dias Da Criança foram planejados, esperados e comemorados (um deles até no hospital, <pós-cirurgia>) e agora, quando mais um se aproxima, me dou conta de que estão prestes a nem serem mais lembrados. (Assim como você, 09/10/2014)

pós-competição

A parte do leão dos recursos públicos para a Copa de 2014 foi investida em estádios caríssimos, vários deles sem utilidade <pós-competição>. (Maria Inês Dolci, 13/01/2014)

pós-gravidez

Maratona de aulas de baby pilates ministradas pela professora Mariana Pires, personal formada pela Escola Paulista de Medicina da Unifesp. A ação pretende trazer um novo espaço para que a mãe possa interagir com o bebê, além de trazê-la à vivacidade do trabalho com o corpo no <pós-gravidez>. (Maternar, 27/08/2014)

Neste último exemplo, a rigor, a função adverbial não é conferida ao substantivo gravidez apenas pelo elemento prefixal, mas também pelo fato de a unidade lexical neológica *pós-gravidez* inserir-se em sintagma preposicional (*no pós-gravidez*), cujo emprego é, em contexto, adverbial.

A estreita relação sinonímica entre prefixo e advérbios e preposições expressa-se ainda pela veiculação, no mesmo contexto, do afixo junto a elementos de valor morfossintático adverbial análogo, como destacamos abaixo.

pós-Anastasia

O presidenciável Aécio Neves (PSDB) foi vítima da própria sombra em Minas Gerais, Estado que governou por dois mandatos desde 2002. Com o propalado sucesso de sua gestão, não alçou nenhum candidato potencial ao governo à sua altura <pós-Anastasia> – o verdadeiro técnico do ‘Choque de gestão’, eleito governador após ele e agora senador. (Coluna Esplanada, 08/10/2014)

pós-entrevista

A tensa entrevista de Dilma Rousseff ao Jornal Nacional de ontem levou muita gente a especular como foram os momentos <pós-entrevista> – ou seja, aquelas costumeiras conversas amenas entre entrevistado e entrevistadores logo que as câmeras param de gravar. (Lauro Jardim, 19/08/2014)

pós-título

Lembra do Darci, um meia que apareceu no Grêmio no início dos anos 90? Pois ele esteve na primeira lista <pós-título de 1994>, de Zagallo. Quatro anos depois, na França, ninguém se lembrava que Darci teve sua oportunidade. É possível achar exemplos de jogadores medianos que ganham a chance devido a ânsia por mudanças em toda primeira lista depois de Copa do Mundo. (Blog da Seleção, 19/08/2014)

Em relação aos critérios de prefixidade, verificamos que *pós-* é um elemento bastante recorrente em função prefixal em formações de língua geral (1) e atualiza semântica adverbial (5). É contudo, monossílabo tônico (2), cujo escopo pode alargar-se para além de uma base lexical (*pós-pedido de licença remunerada*) (6). Pode se lexicalizar (3): “estou fazendo pós” (= *pós-graduação*), ainda que não tenhamos encontrado nenhum exemplo neológico de lexicalização deste formante em nossos dados. Não apresenta, por fim, forma livre correspondente (4), embora tenha sentido análogo e matéria fônica muito semelhante, dada a origem etimológica comum, à da preposição *após*, com a qual estabelece relações sinonímicas em alguns contextos.

Tabela 8 – O elemento pós- e os critérios de prefixidade:

Crítérios de prefixidade	Preenchimento do critério
Recorrência	X
não-acento	
não-lexicalização	
sem forma livre	X
significados prefixais prototípicos	X
escopo limitado a uma base simples	

4.2. Prefixos de produtividade intermediária

Nesta seção, analisaremos, a exemplo do que foi feito acima, os elementos prefixais de produtividade intermediária: *pré-*, *mini-*, *auto-*, *mega-*, *recém-* e *pró-* (em ordem decrescente de produtividade).

4.2.1. *Pré-*

O afixo *pré-*, segundo o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (CUNHA, 2010: 516), é prefixo de origem latina (> *pre-/prae-*), “que se documenta em numerosíssimos vocs. eruditos ou semi-eruditos, quase todos formados no próprio latim, nas acepções de 'precedente, anterior (no tempo e no espaço)', como *preâmbulo*, *preceptor* etc.”. Destaca ainda o estudioso que pode aparecer, em português, sob a forma aglutinada ou unido à base lexical por meio do hífen, em justaposição. Nesse caso, deve levar acento (*pré-cambiano*, *pré-clássico* etc.), uma vez que a vogal apresenta-se como de timbre aberto. Ressalta Câmara Jr. (1975: 232), por sua vez, que o uso contemporâneo do prefixo hifenizado, em justaposição, sobretudo, de acordo com ele, na linguagem literária, tem sido o mais produtivo no português brasileiro.

Duarte (1990: 146-47) lembra-nos que a forma prefixal latina *prae-*, de onde *pré-* originou-se, unia-se a verbos (*praedicere* “predizer”; *praesentire* “sentir com antecipação”) e adjetivos (*praecanus* “que tem os cabelos brancos antes do tempo”; *praematurus* “maduro antes do tempo”) e chega às línguas românicas em empréstimos ou imitações do idioma latino, podendo aparecer tanto como *prevérbio* (associada a verbos) quanto como prefixo de base nominal.

Contemporaneamente, porém, tem-se percebido que tanto as associações de *pré-* quanto de *pós-* a verbos estão cada vez mais raras em unidades lexicais neológicas, tendo, estes dois elementos, preferido tomar por escopo, preferencialmente, nomes (substantivos e adjetivos). Em

nosso *corpus*, não encontramos qualquer adjunção, tanto de um quanto de outro afixo, a bases verbais.

De modo geral, as obras gramaticais do português têm registrado o afixo *pré-* como veiculador das ideias de “anterioridade”, “antecedência”, “posição anterior” (AZEREDO, 2010) e “superioridade” (BECHARA, 2009). Os gramáticos consultados ilustraram o uso do prefixo invocando as seguintes formas derivadas: *predizer, prepor, premunir, preceder, prevenir, prejudicar, prescrever, prefácio, prever, predomínio, preconceito, predestinado, precipitar, prefixo, preliminar, pretônico, premeditar, preparar, pré-estreia, pré-datado e pré-natal* (cf. COUTINHO, 1976: 178; BECHARA, 2009: 367; SILVEIRA BUENO, 2014: 86; ROCHA LIMA, 2010: 254; AZEREDO, 2010: 452; CUNHA & CINTRA, 2008: 99).

A despeito da menor produtividade de *pré-* em relação ao afixo *pós-* (74 ocorrências contra 98, respectivamente), seu comportamento morfolexical e semântico mostra-se parecido, ainda que não necessariamente igual. *Pré-* associou-se, de maneira análoga a *pós-*, a bases substantivas na maioria das ocorrências (56 neologismos substantivos: 75% do total). Contudo, verificamos maior quantidade de adjunções de *pré-* a adjetivos (18 neologismos adjetivais: 25% do total).

Dentre as bases substantivas a que se uniu o afixo *pré-*, há as

(i) simples/comuns:

pré-reserva

Já a venda dos i8 começa em junho nos mercados europeus. A produção do carro começou em abril – mas as <pré-reservas> já estavam sendo feitas desde 2013, quando o carro foi apresentado em sua versão definitiva no Salão de Frankfurt, na Alemanha. (Búfalos TV, 11/03/2014)

pré-palanque

Apesar da baixa no Ibope, não se descarta a hipótese de entregar o programa inteiro para Celso, fazendo um <pré-palanque> para as eleições municipais. (O Buxixo, 30/09/2014)

(ii) próprias (ainda que em menor quantidade se compararmos com as formações neológicas derivadas de *pós-*):

pré-Newton

O “azar” de Copérnico, digamos, foi formular sua hipótese heliocêntrica numa época <pré-Newton>, quando o gênio britânico da física ainda não havia nascido nem formulado sua teoria da gravitação. (Darwin e Deus, 27/01/2014)

pré-Pixar

Nenhum crítico daquela época <pré-Pixar> respeitava filmes feitos para o público infantil. (Pablo Miyazawa, 22/10/2014)

(iii) sintagmáticas:

pré-guerra de 1967

Diz que Israel precisa se aproximar de Mahmoud Abbas e aceitar os termos conhecidos da solução dos dois estados: duas capitais em Jerusalém, modificações territoriais ao longo da fronteira <pré-guerra de 1967> e remoção da maioria dos assentamentos judaicos da Cisjordânia. (Caio Blinder, 06/08/2014)

(iv) acronímicas:

pré-CPI

A tensão <pré-CPI> tomou conta da Petrobras. Um exemplo disso é o contrato de terceirização de mão-de-obra de 1,4 bilhão de reais que pula de mesa em mesa há duas semanas. (Lauro Jardim, 11/05/2014)

(v) estrangeiras:

pré-bullying

Falando em feijões: a gente, como você bem sabe, cresceu em Paraty. Vizinhos de esquina morava Dona Maria e Seu Zaú e seus doze filhos. Dentre essa filharada toda haviam duas meninas, gêmeas idênticas, a Maria Aparecida e a Maria dos Remédios (diz a lenda que a Maria Aparecida era para ter se chamado Maria das Dores – ambos os nomes em homenagem às igrejas que existem para essas santas em Paraty – , mas aí alguma mente lúcida breiou a tempo o pai delas no cartório. Pronto, Maria das Dores virou Aparecida, evitando assim um <pré-bullying> na década de 60. (Nina Horta, 08/04/2014)

Percebemos que a identidade entre *pré-* e *pós-* revelou-se também na adjunção dos afixos à mesma base nominal substantiva: *pós-/pré-Copa do Mundo*, *pós-/pré-feriado*, *pós-/pré-entrevista* etc.

Suspeito que seu mal-estar tenha a ver com a emergência de novos atores sociais; suspeito que tenha a ver com certa angústia <pré-Copa do Mundo>; com a desaceleração do crescimento; com a ressaca de junho; suspeito que a melancolia passa logo. (Marcelo Coelho, 04/06/2014)

As duas principais entidades que representam os obstetras e ginecologistas reconhecem que a lotação das maternidades no <pré-feriado> é recorrente e dizem que a única explicação é o “parto com hora marcada”. (Maternar, 29/05/2014)

Nesse sentido, Edifício Master marca o ápice do aprimoramento do método – ele em geral não participa das <pré-

entrevistas>, mas vê todo o material gravado pela equipe antes de fazer sua própria entrevista, podendo assim unir o frescor da descoberta com uma pesquisa bem documentada. (Sakamoto, 03/02/2014)

Verificamos, de maneira análoga ao que ocorre com *anti-* e *pós-*, diversos casos em que o afixo, associado a base substantiva, permite-lhe exercer função adjetival em relação a outro substantivo (ALVES, 1990; 2000; 2015), como exemplificado pelos sintagmas transcritos acima *tensão pré-CPI*, *angústia pré-Copa do Mundo*, *fronteira pré-guerra de 1967*, *época pré-Pixar*, *época pré-Newton*. Diversos outros contextos também evidenciaram o fenômeno, como:

pré-maternidade

Não adianta querer manter a vida <pré-maternidade> e pensar que o bebê é que tem que se encaixar à sua vida. (Maternar, 13/08/2014)

Do ponto de vista sintático, recolhemos casos em que o prefixo derivou unidade lexical neológica substantiva que, por sua vez, integra sintagma preposicional determinante de outro substantivo, como ilustrado pela estrutura: *substantivo [determinado] + de + substantivo derivado de pré- [determinante]*. Nesses casos, porém, não foi o prefixo que conferiu papel adjetival ao substantivo que lhe serviu de base, mas o fato de o neologismo inserir-se em sintagma de função determinante.

sala de pré-parto

Isso evita que você seja transferida às pressas, geralmente deitada de costas numa maca, da sala de <pré-parto> para a sala de parto, durante a fase de expulsão. (Maternar, 24/04/2014)

estado de pré-rebelião

Pedrinhas: “Cadeião do Diabo” continua em estado de <pré-rebelião>, mesmo com a PM presente. (Reinaldo de Azevedo, 09/01/2014)

Do mesmo modo, a inserção de neologismo derivado por *pré-* em sintagma preposicional do tipo *em + substantivo*, permitiu a algumas unidades lexicais neológicas substantivais exercer papel, em contexto, adverbial temporal, o que reitera mais uma vez as semelhanças morfossintáticas entre *pré-* e *pós-* (ALVES, 1990: 25).

na pré-/pós-menopausa

Vinte e sete por cento das mulheres na <pré-menopausa> e 34% das mulheres na <pós-menopausa> afirmavam que estavam muito insatisfeitas com o seu nível de desejo sexual atual. (Alexandre Faisal, 07/11/2014)

na pré-campanha

Talvez tenha estranhado Dilma disposta a acariciar o correligionário que vem abandonando na <pré-campanha>. (Lauro Jardim, 21/06/2014)

Esta mesma estrutura sintagmática de emprego adverbial possibilitou a nominalização do afixo *pré-*, no contexto abaixo, uma vez que está subentendida a base lexical “menopausa” (*pré-menopausa*), que aparece, em seguida, associada a *pós-*. Essa substantivação contextual do prefixo em ambientes sintáticos do tipo “*no/na pré e pós-X*”, então, atende claramente a imperativos de economia textual, em que a elipse da base léxica e a nominalização do afixo evitam repetições estilisticamente desagradáveis.

Pesquisas indicam que muitas mulheres na <pré> e pós-menopausa enfrentam um constrangedor problema: a baixa libido ou falta de desejo sexual. E para, pelo menos, 10% destas mulheres isso acarreta diversos impactos emocionais. (Alexandre Faisal, 07/11/2014)

Diferentemente das ocorrências de *pós-* + *adjetivo*, verificamos maior número de associações de *pré-* a adjetivos de origem participial (ALVES, 2015: 31). Tais ocorrências, contudo, não inviabilizam a união do afixo a formas adjetivais não participiais.

pré-montado

A aérea australiana agora serve uma bebida de boas vindas aos passageiros da econômica logo após a decolagem e substituiu as bandejas das refeições por pratos <pré-montados> que podem ser servidos e recolhidos de forma mais prática, além de ocupar menos espaço e serem mais simpáticos. (Todos a bordo, 15/12/2014)

pré-aprovado

Muitas vezes o consumidor não percebe que está pagando os altos juros, pois o banco aciona o limite <pré-aprovado> de cheque especial automaticamente quando a conta fica no vermelho. (Rodrigo Constantino, 31/10/2014)

pré-momesco

Os mancebos voltavam de uma farra em blocos de rua da folia <pré-momesca> carioca. (Xico Sá, 24/02/2014)

Semanticamente, *pré-* enuncia marcação temporal anterior a alguma situação ou evento - habitual ou não; histórico, político, artístico, esportivo - expresso pela palavra-base da unidade léxica neológica. Quando se adjunge a substantivos próprios geralmente designa a enorme importância desses referentes em suas respectivas áreas de atuação, o que faz com que seja importante demarcar um período anterior a sua influência. Assim, *pré-guerra de 1967* refere-se a um momento anterior ao conflito bélico em questão; *pré-Copa do Mundo* diz respeito a um período

anterior ao início da Copa do Mundo de futebol; *pré-campanha* marca um momento anterior à data oficial de início da campanha política; *pré-CPI* denota um momento anterior à instalação da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI); *pré-Pixar* enuncia período do cinema infantil anterior à valorização e melhorias deste ramo cinematográfico empreendida pelos Estúdios Pixar; *pré-Newton* refere-se ao período da física anterior aos estudos realizados por Isaac Newton e que fundaram a física moderna; *pré-You Tube* fala de um período anterior ao surgimento do mais acessado website de compartilhamento de vídeos YouTube e assim por diante.

Na distante época <pré-YouTube>, o trabalho do músico-humorista “Weird Al” Yankovic já era de certa forma mítico. (Pablo Miyazawa, 23/10/2014)

A relação semântica entre *pré-* e *pós-*, nas unidades lexicais neológicas coletadas, é, como se vê, evidente. Os dois afixos complementam-se na materialização linguística da categoria mental de “tempo”, o primeiro trazendo, porém, ideia de “temporalidade anterior”/ “anterioridade temporal”, enquanto ao segundo associa-se a ideia oposta de “temporalidade posterior” / “posterioridade temporal”. Essa relação temporal opositiva entre os dois afixos é, segundo Alves (2015: 31), fator que contribui para a organização textual dos enunciados, o que se verifica, por exemplo, nos inúmeros contextos em que aparecem ao mesmo tempo.

Qualquer acordo diplomático terá por base as linhas <pós-armistício de 1949> ou <pré-guerra de 1967>. (Caio Blinder, 24/07/2014)

Por fim, a materialização de temporalidade anterior pode ocorrer, textualmente, também por outros elementos além dos afixais que, com eles, guardam relação de sentido. Tal é o que ocorre, por exemplo, no contexto em que surge o neologismo *pré-entrevista*, onde se pode ver clara relação sinonímica entre a unidade lexical neológica e o sintagma “antes de fazer sua própria entrevista”, em que o advérbio temporal antes atualiza, no sintagma, a mesma ideia de anterioridade no tempo materializada, na unidade léxica derivada, pelo prefixo.

As semelhanças entre *pré-* e *pós-* estendem-se, igualmente, no âmbito dos fatores de prefixidade. *Pré-*, analogamente a *pós-*, é bastante recorrente em formações da língua geral (1), atualiza semântica adverbial (5), é monossílabo tônico¹⁵ (2) e estende sua influência gramático-semântica não apenas a uma palavra-base mas a todo um sintagma (*pré-guerra de 1967*) (6).

¹⁵ Não foram encontradas formações lexicais neológicas em que os prefixos *pré-* e *pós-* houvessem assumido forma átona como em *predisposição* e *posposição*, por exemplo, razão por que consideramos, no âmbito deste trabalho sobre unidades lexicais neológicas, os formantes em questão apenas em sua forma tônica, a única que tem sido empregada pelos falantes para a criação lexical.

Quanto à possibilidade de lexicalização de *pré-*, lembramos que ela existe (3) fartamente em ambientes sintáticos nos quais os dois prefixos apareçam juntos e designem o momento anterior e posterior ao expresso pela base: *no/na pré e pós-X*. Além disso, há o caso de nominalização do prefixo de anterioridade temporal quando designa a pré-escola: *meu filho está cursando o pré*. Curioso notar, neste caso, que o apagamento da base lexical feminina “escola” força o aparecimento do artigo definido masculino “o pré” e não, como nos casos de lexicalização de outros afixos (a/o ex; a pós < a pós-graduação), a manutenção do gênero da base elíptica. Finalmente, vemos que *pré-* não apresenta também forma livre correspondente (4).

Tabela 9 – O elemento *pré-* e os critérios de prefixidade:

Crítérios de prefixidade	Preenchimento do critério
Recorrência	X
não-acento	
não-lexicalização	
sem forma livre	X
significados prefixais prototípicos	X
escopo limitado a uma base simples	

4.2.2. Mini-

A partícula *mini-*, de modo geral, não é reconhecida como prefixal por dicionários e gramáticas da língua portuguesa. Destas últimas, apenas Silveira Bueno (2014: 83) e Cunha & Cintra (2008: 129) mencionam sua existência. O primeiro gramático classifica *mini-* como radical de origem latina e lhe associa a ideia de “muito pequeno”, exemplificando seu uso com a palavra *minissaia*. Os segundos, por sua vez, referem-se a *mini-* como “pseudoprefixo”, que, conforme explicado anteriormente, são, para os autores, radicais greco-latinos que, contemporaneamente, têm sido empregados recorrentemente em formações da língua comum, assemelhando-se em comportamento aos “prefixos legítimos”, isto é, àqueles elementos que, já nas línguas clássicas, desempenhavam função prefixal e passam ao português como prefixos. Diz-nos a *Nova Gramática do Português Contemporâneo* que a origem desses “pseudoprefixos” é o processo de “recomposição”, isto é, quando elementos de composição clássicos passam a adquirir novos sentidos em formações compostas da língua comum. Pelas razões explanadas no capítulo segundo deste trabalho, contudo, optamos por não considerar, para análise, o conceito de “pseudoprefixo”.

Houaiss (versão eletrônica) também não reconhece o caráter prefixal de *mini-*, alocando-o no grupo dos “elementos de composição”. Sua origem é, segundo a obra, a abreviação da forma

latina *minimus(a/um)*, por sua vez, superlativo de *parvus(a/um)*, cujo sentido é “pequeno”. Apesar da origem latina do formante, diz-nos o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* que sua difusão em nossa língua ocorreu apenas após 1950, sobretudo em contextos publicitários que veiculavam produtos com nomes ingleses formados com *mini-*, partícula esta já bastante difundida no inglês. Informa-nos ainda o lexicógrafo que, da publicidade, o elemento passou a formações da língua geral, não especializada.

A origem publicitária de *mini-*, não apenas no português, mas também em outras línguas, é mencionada por Alves (2015: 39):

O elemento *mini-*, originário da forma latina abreviada ou truncada *mini(mum)*, tem sido empregada em função prefixal em diversas línguas, dentre as quais o português, a partir da criação pela inglesa Mary Quant, em 1965, do tipo de saia denominado *mini-skirt* (...).

Apesar do silêncio das obras de referência, a função prefixal de *mini-* tem sido reconhecida, de modo geral, por vários lexicólogos que se dedicaram a estudar a interface entre prefixação e neologia (ALVES, 1990, 2000, 2015; SANDMANN 1989, 1992; DUARTE, 1999, entre outros). Em nosso *corpus*, *mini-* mostrou-se o segundo prefixo de valor semântico intensivo mais produtivo (perdendo apenas para *super-*) e o primeiro mais fecundo no quesito “intensidade decrescente” (ALVES, 2000: 143-51). Além da semântica mais abstrata (SANDMANN, 1992) “pequeno”, a produtividade deste elemento, portanto, ajuda a aproximá-lo da classe prefixal, já que forma neologismos “em série” não apenas na publicidade mas também em linguagem não especializada.

Quanto ao seu comportamento morfolexical, verificamos, em nossos dados, que todas as formações neológicas com o afixo intensivo decrescente deram-se a partir de bases substantivas ou em função substantival. Dentre elas, constatou-se maior tendência à associação de *mini-* a bases de natureza concreta. Tal comportamento explica-se, segundo nosso entendimento, em virtude da semântica adjetival / qualificativa de “pequenez de dimensões”, que, primordialmente, carrega o elemento.

miniavião / minicâmera

Este é um “drone” — <miniavião> não-tripulado — que imita com perfeição o beija-flor e leva uma <minicâmera> espia, uma das armas dos Estados Unidos no combate ao terrorismo. (Ricardo Setti, 25/11/2014)

minissanduíche

<Mini-sanduíches> ingleses de pepino (Nina Horta, 18/06/2014)

minicaixaõ

Assisti a três autópsias, disfarçando um sorriso no rosto, do tipo mulher-moderna-nada-me-afeta e dei graças a Deus que não abriram o bebê na minha frente. Só vi o <mini-caixão> branco e na saída, o pequeno deitado ainda com seu cordão umbilical. (Morte sem Tabu, 10/12/2014)

Há casos de adjunção do elemento afixal a bases substantivas de formação acronímica, conforme ilustra o exemplo a seguir.

mini-CV

<Mini-CV>: sou Agrônomo, com especialização, mestrado e doutorado e 40 anos de profissão. (Darwin e Deus, 27/12/2014)

Associações de *mini-* a bases sintagmáticas de emprego substantival igualmente estão presentes em nosso *corpus*.

miniprocessadora de frutas

Na parte do processamento agroindustrial, forneceríamos também as pequenas agroindústrias processadoras já montadas. Um <mini-frigorífico>, uma <mini-usina de cana>, <mini-processadora de frutas>, laticínio, torrefadora de café, entre outras, todas com manuais de funcionamento. (Ricardo Setti, 20/09/2014)

miniguerra fria

A Índia vive uma eterna <miniguerra fria> com o vizinho Paquistão, a China tem ambições militaristas óbvias, e a Rússia está no negócio do armamentismo pesado desde a Segunda Guerra Mundial. (Mensageiro Sideral, 05/03/2014)

São frequentes também associações do prefixo a bases de origem inglesa, quer estejam elas adaptadas fonética e morfologicamente à língua portuguesa ou não. Este fato facilmente se explica tendo em vista a inserção de *mini-*, em nossa língua, a partir de formações do inglês.

minicontainer

Trabalhamos em calçadas de grandes cidades do Brasil com uma espécie de <minicontainer> que o carteiro vai levando empurrando ou puxando, mas na verdade tem o motor elétrico. (Coluna Esplanada, 26/09/2014)

minipicape

Tags : bufalos tv estados unidos F-150 <mini-picape> miniatura F-150 picapinha uol carros (PALAVRAS-CHAVES AO FINAL DO TEXTO) (Búfalos TV, 26/06/2014)

minigame

Aliás, <minigames> para celular que se baseiam em acontecimentos e eventos do dia a dia não são novidade. Durante a

Copa do Mundo, por exemplo, choveram jogos satirizando a mordida do atacante uruguaio Luís Suárez em um adversário. Durante as eleições, vários jogos abordavam disputa entre Dilma e Aécio. (Blog de Tec, 11/11/2014)

Esta última unidade lexical neológica, por sua vez, convive, no mesmo blog, com sua equivalente vernácula *minijogo*.

Criado pelo Google, o Santa Tracker monitora o trajeto do Papai Noel, além de oferecer <minijogos> divertidos e vídeos natalinos. (Blog de Tec, 16/12/2014)

Chamou-nos a atenção, ainda, a formação lexical neológica *mini-me*, cuja base é de origem inglesa e de natureza pronominal, exercendo, contudo, papel substantival.

Neste texto, Quico faz alertas e lista as lições para a oposição venezuelana, especialmente para os estudantes que são vanguarda nas manifestações dos últimos dias contra o <mini-me> de Chávez, o presidente Nicolás Maduro. (Caio Blinder, 19/02/2014)

Além de pronome substantivado, encontramos adjunções de *mini-* a bases adjetivas empregadas, todavia, em função substantival.

miniesportiva

Com uma maior procura dos motociclistas brasileiros por desempenho e com o surgimento das <“mini-esportivas”> de 250 e 300 cc, marcas como Michelin e Pirelli foram as primeiras a desenvolver pneus radiais para motocicletas consideradas de baixa cilindrada. (Infomoto, 27/05/2014)

minibabaca

E o Justin Bieber, hein?! “Bierbeu” demais e saiu para fazer racha. É um <minibabaca>. (Coluna Esplanada, 25/01/2014)

Mini-, em alguns contextos, também pode ser lexicalizado e tornar-se forma livre substantiva

Márcio Kimura, do Alice Café, criou alguns panetones deliciosos com fermentação natural. Tem o panetone tradicional, tem chocotone, mas o que eu gostei mesmo foi o de damasco com castanha (foto). Os preços são R\$ 14 para o <mini>, R\$40 o panetone de 500 gr e R\$ 65 o de um quilo. (Katsuki, 10/12/2014)

ou adjetiva

A Dona Deôla veio com duas novidades: panetone tradicional recheado com creme de café (foto) e panetone com

recheio de paçoca. Ambos custam R\$ 43,90 o quilo. Os sucessos do ano passado, de bem-casado e de brigadeiro, também estão disponíveis. A versão <mini> custa R\$ 9,90. (Katsuki, 10/12/2014)

É possível, segundo verificamos, a reiteração do sentido de pequenez dar-se pela repetição do afixo *mini-*, como no neologismo *mini minifigo*, em que um figo já considerado menor em comparação a um figo de tamanho regular (minifigo) é retratado menor ainda do que o esperado (mini minifigo)

Lembra, Maria, quando você achou em Uberaba alguém que colhia figos verdes quando eles apontavam no pé, e os fazia em calda? Uns <mini-minifigos> quase sem açúcar, com nozes do lado? (Nina Horta, 12/12/2014)

A semântica prototípica atualizada na língua pelo formante prefixal *mini-* é, como vimos, “dimensão menor” em relação a um referente de tamanho regular, ainda que não seja possível determinar exatamente o quão menor é este referente materializado linguisticamente pela formação neológica. Daí se verifica a preferência do afixo por bases lexicais concretas que denotam objetos do mundo (vide: *minicaixão*, *minissanduiche*, *miniprocessadora de frutas*, *minicâmera*, *miniavião*, *miniusina*, *minifrigorífico* etc.). Apesar da incerteza quanto aos limites da diminuição de tamanho, o que podemos perceber, contudo, é que *mini-* jamais se configura como superlativo, isto é, um *minissanduiche* não é, necessariamente, o menor sanduíche do mundo, mas apenas menor que um sanduíche habitual.

Muitas vezes, percebemos, contextualmente, que a pequenez advém do fato de as bases lexicais denotarem objetos e/ou referentes voltados ao universo infantil. Tal é o caso de *minicaixão*, transcrito acima, ou seja, um caixão para bebês mortos. Menos mórbido, o contexto em que apareceram as formações neológicas *minicidade* e *mini-habitante*, veiculadas abaixo, conta-nos acerca de uma cidade de brinquedo construída para entretenimento de crianças, em que tudo é como numa cidade real, inclusive os problemas, mas em escala menor, em miniatura.

A <minicidade> também tem fofocas. Tonhão, o mecânico, decidiu trocar a placa de “Ofisina Mecânica”, que tem erro de ortografia, para evitar mais comentários maldosos. (Brasil 2014, 28/07/2014)

A explicação para tantos <mini-habitantes> reunidos em frente ao edifício paulista foi registrada no Jornal do Mini Mundo: o vento balançou o guindaste onde estava o servente Juca Limpeza, que foi socorrido pelo limpador de chaminés Zaqueu com ajuda dos bombeiros. (Brasil 2014, 28/07/2014)

Do mesmo modo, um *miniboliche* e um *miniateliê* são, também, um boliche e um ateliê para crianças. Iguais aos adultos, mas diminuídos em suas dimensões.

Criançada poderá se divertir no Angry Birds Park, que conta com <minibolicho>, labirinto vertical com escorregador, cama elástica, gira-gira, além de um cineminha. (Maternar, 12/07/2014)

Há também um <mini-ateliê> de customização de camisetas, das 14h30 às 20h30, até 20 de julho (atividade gratuita dirigida para crianças de 4 a 10 anos de idade customizarem camisetas, com técnicas de corte, costura, colagem e pintura em tecido). (Maternar, 12/07/2014)

Ainda quanto à relação entre *mini-* e infância / juventude, vê-se que é justamente a pouca idade do cantor Justin Bieber, à época em que foi escrito o neologismo *minibabaca* (transcrito acima), que nos parece ser a explicação para a diminuição expressa pelo elemento afixal. Ele faz coisas “babacas” que os adultos plenos fazem, mas como ainda é adolescente, não é um babaca, mas um minibabaca, um babaca em formação.

Outras vezes, parece-nos claro que a diminuição dimensional trazida à base pelo afixo *mini-* tem um sentido ainda mais abstrato. Em *mini-CV*, por exemplo, percebe-se que são as poucas informações acerca do indivíduo, em relação àquelas necessárias para formar um currículo completo, que fazem deste um *mini-curriculum vitae*. Nesse sentido, a pequenez advém da incompletude informacional do referente. Do mesmo modo, em *minifesta*, transcrito abaixo, a incompletude em relação a uma festa prototípica (só há três participantes nesta) diminui, metaforicamente, as dimensões do evento, tornando-o “míni”.

Lá em cima, os três faziam uma <mini-festa>, dançando e criando drinks incríveis. (X de Sexo, 11/10/2014)

Em *miniálbum*, de forma semelhante, o prefixo não diminui o tamanho físico do álbum, mas a quantidade de músicas contidas nele é pouca em relação ao que se espera de um álbum de música regular. Isso torna este referente um álbum reduzido, em miniatura, um *miniálbum*.

Ouçá a seguir – e exclusivamente neste blog – “Valley Girl”, uma das quatro faixas do <mini-álbum>. (Pablo Miyazawa, 25/11/2014)

A ideia desvalorativa de “menor importância” parece também estar associada, contextualmente, ao prefixo *mini-*. No contexto abaixo, o autor do blog Caio Blinder, da *Revista Veja*, chama a si mesmo de “*miniguru*” em comparação a outros, mais qualificados para discutir política e fazer previsões sobre ela, identificados como “megagurus”. Ele é, portanto, “mini” e não “mega” porque possui menos importância e, consecutivamente, menos visibilidade em relação a comentaristas políticos mais visados.

Podemos até dizer que estamos em uma Guerra Fria 2.0, mas ela sofreu um downgrade. O megaguru Iam Bremer (do grupo Eurásia) observa que a Rússia não importa como costumava no cenário global. Na verdade, grande parte do problema é o fato de ser um poder declinante. E não há jeito de convencer nosso homem em Moscou desta realidade. Outro problema, ainda mais grave, é a posição diplomática mais fraca dos EUA. Barack Obama já está convencido disso. / Quanto ao <miniguru> do Instituto Blinder & Blainder, ele perde um pouco o rumo devido ao ritmo vertiginoso dos acontecimentos. É o rascunho da história sendo escrito e reescrito a todo momento. (Caio Blinder, 03/03/2014)

No contexto, veiculado acima, em que aparece o neologismo *mini-me*, a pequenez expressa pelo afixo é completamente metafórica. Nicolás Maduro, alcunhado de mini-me (mini-eu) do ex-presidente Hugo Chávez é, nesse sentido, um “boneco fantoche”, executando todas as vontades de seu padrinho político. Sendo assim, Maduro é um outro “eu” de Chávez, mas diminuído em importância (mini), haja vista que não é ele o mentor, mas o executor acrítico de tudo o que o “grande eu” Chávez determina.

Se em alguns contextos *mini-* pode ajudar a denotar ideia de “diminuição simbólica” e “desvalorização”, em outros, porém, a função é oposta. No contexto abaixo, o fato de ambos terem atingido grau máximo de entrosamento, a ponto de haverem tido orgasmo juntos, é visto pelo autor do blog X de Sexo como um *minimilagre*, ou seja, é algo tão bom que *parece* um milagre. Nesse sentido, *mini-* adquire valor de semelhança. Haja vista ao fato de referir-se a situação banal, não-grandiosa e não-sacra, não se trata de um milagre, mas de um minimilagre, um milagre íntimo e prosaico. O neologismo, então, claramente maximiza a sensação descrita, ainda que, paradoxalmente, o afixo escolhido seja denotador de “diminuição”.

Assim ficamos, dois desconhecidos um para o outro, reunidos na cerimônia do coito, eu empenhado em fazê-la gozar, e ela, aparentemente, idem – e de fato, mais um <mini-milagre> nessa noite irreal, gozamos juntos, numa catarse que, ao menos para mim, foi sem precedentes. (X de Sexo, 27/03/2014)

A despeito da ideia geral de “pequenez” (intensidade decrescente) conferida pelo afixo *mini-* às bases lexicais a que se associa, portanto, as condições desta pequenez, isto é, quais aspectos da base atingidos por ela (tamanho físico, área de influência etc.) e qual o sentido final do neologismo (valorativo ou desvalorativo) revelam-se apenas na relação entre afixo, base lexical e contexto e não podem ser, *a priori*, inferidas sem que se considerem essas três variantes ao mesmo tempo. Uma semântica mais ligada à base parece ser, em última instância, característica dos prefixos de valor intensivo, a exemplo do que constatamos acerca de *super-* (ALVES, 2015: 33).

Com considerável frequência, encontramos relações semânticas entre o afixo *mini-* e elementos do texto onde aparece a unidade léxica neológica derivada, os quais explicam o sentido

do neologismo e reiteram o valor semântico diminutivo do prefixo.

No contexto transcrito acima em que aparece o neologismo *miniavião*, o autor associa-o a um beija-flor, ave conhecida por sua delicadeza e seu tamanho diminuto, características apresentadas também pelo avião tamanho “mini”. Do mesmo modo, uma *miniesportiva*, segundo o autor, é uma motocicleta “de baixa cilindrada”, “entre 250 e 300 cc”, o que justifica o uso do afixo associado à base “esportiva”. Também lembramos que o *minifrigorífico*, a *miniusina de cana* e a *miniprocessadora de frutas* mencionados acima pertencem a uma **pequena** agroindústria processadora, razão de seu tamanho diminuído expresso pelo prefixo *mini-*.

No contexto seguinte, percebe-se relação antonímica entre *mega-* e *mini-*: **apesar** de voltado para mega-empresas, o trabalho em questão não serviu um mega-buffet, mas um mini. Isso confirma que o falante reconhece o sentido deste como afixo diminutivo e daquele como partícula afixal de intensificação crescente.

Então, quero aproveitar esse espaço que temos aqui para falar mais um pouco de buffets e dizer quanto o trabalho da Veronica, apesar de dirigido para <mega-empresas> serviu para o <minibuffet>. (Nina Horta, 12/04/2014)

O contexto a seguir explica o que são as *minipraças*: “diminutas intervenções urbanas” que ocupam o espaço que outrora ocupava “a vaga de dois carros na via pública”. Evidente está a relação semântica sinonímica entre o prefixo e o adjetivo “diminutas” neste excerto.

Foi a primeira vez que uma <minipraça> ocupava a vaga de dois carros na via pública e, ao contrário do que muitos poderiam imaginar, a ocupação pela população foi instantânea – pesquisas com mil usuários apontavam que tanto motoristas quanto pedestres foram 100% favoráveis à construção dessas diminutas intervenções urbanas na capital paulista. (Mobilidade Sustentável, 24/04/2014)

Em tempo, no excerto textual abaixo, compara-se um *minicruzeiro* a um cruzeiro regular. O primeiro é “mini” (diminuto) porque dura menos tempo, isto é, de três a cinco noites, ao passo que o outro é “normal”, pois tem a duração de sete noites. Nesse sentido, o próprio contexto estruturou-se como explicação da unidade lexical neológica.

Isso equivale a dizer que, feitas as contas, é preciso escolher entre um <minicruzeiro>, que dura entre três e cinco noites, e um cruzeiro “normal”, que em geral dura sete noites. (Silvio Cioffi, 16/10/2014)

Segundo vimos acima, o formante *mini-* é bastante recorrente (1) em função prefixal e produtivo para a criação lexical no estágio atual de nossa língua, além de atualizar semântica intensiva (5). É um elemento tônico (2) e fartamente lexicalizável (3), a ponto de haver sido

registrado, nos dicionários (cf. HOUAISS: versão eletrônica), o substantivo de dois gêneros *míni*, sinônimo de *minissaia*, formado pelo truncamento do substantivo prefixado. Em virtude desse reconhecimento por parte das obras lexicográficas, consideraremos, neste trabalho, a existência de forma livre análoga ao prefixo no português brasileiro (4).

Normalmente, *mini-* toma por escopo apenas bases simples, mas verificamos sua adjunção também a sintagmas (6). Todavia, percebe-se claramente que os sintagmas-base das formações neológicas com *mini-* já são lexicalizados (*mini-processadora de frutas*, *mini-guerra fria* etc.), ou seja, sentidos como sendo unidades lexicais completas apesar de graficamente complexos. Isso não impede, porém, que possamos conceber associações do formante a sintagmas não lexicalizados, como na hipotética formação *mini-habitantes de um reinozinho distante*. Desse modo, dos seis critérios, *mini-* pode ser considerado elemento prefixal por dois deles.

Tabela 10 – O elemento *mini-* e os critérios de prefixidade:

Crítérios de prefixidade	Preenchimento do critério
Recorrência	X
não-acento	
não-lexicalização	
sem forma livre	
significados prefixais prototípicos	X
escopo limitado a uma base simples	

4.2.3. *Auto-*

Em todas as obras de referência em língua portuguesa consultadas, o elemento *auto-* é inserido entre os radicais de origem grega com o sentido geral de “si próprio” / “si mesmo” (BECHARA, 2009: 374; CUNHA & CINTRA, 2008: 127; SILVEIRA BUENO, 2014: 81; ROCHA LIMA, 2010: 272; COUTINHO, 1976: 184; CUNHA, 2010: 70, entre outros). Seu caráter prefixal, portanto, não é por elas reconhecido.

auto- *elem. comp.*, do gr. *auto-*, de *autós* “de si mesmo, por si mesmo, espontaneamente”, que se documenta em alguns compostos formados no próprio grego, como *autógrafo*, por exemplo, e em numerosos outros introduzidos nas línguas modernas a partir do séc. XIX. Pelo modelo de *automóvel* (deriv. do fr. *automobile* “que se move por si mesmo”), cuja forma abreviada *auto* veio a constituir novo elemento de composição, formaram-se dezenas de outros compostos, tais como *autobus*, *autódromo* etc. (Cunha, 2010: 70)

Essa “recomposição” sofrida pelo elemento de origem grega mencionada por Cunha, a qual fez deslocar o sentido de *auto-* de “por si mesmo” para “automóvel” em alguns contextos, é mencionada também por Cunha & Cintra (2008: 127-29) e Azeredo (2010: 448).

Dentre os estudos linguísticos acerca dos prefixos do português, apenas em Alves (1990: 22) encontramos *auto-* alocado entre os elementos prefixais. Decidimos inclui-lo em nossa análise, tendo em vista que este elemento, por integrar uma lista de partículas pré-definidas (BASILIO, 1989), tem formado unidades lexicais neológicas “em série” (ALVES, 1990; SANDMANN, 1992), o que, como discutido no início deste estudo, é um dos critérios definidores do elemento afixal. Nos neologismos, além disso, sempre aparece em posição prefixal, isto é, à esquerda da base. As unidades léxicas formadas, ademais, pertencem em geral à língua comum e nelas o formante conserva sua semântica prototípica abstrata / geral “si próprio”, não se tratando, portanto, dos casos de recomposição verificados pelos gramáticos supracitados.

Recolhemos 63 unidades lexicais neológicas formadas com *auto-*. Destas, 39 (62%) são substantivas, enquanto que 16 (25%) são adjetivas. As formações verbais neológicas, por sua vez, foram 8 (13% do total, aproximadamente). Em todas elas, o formante *auto-* atualizou a ideia de ação voltada a um sujeito / ação desenrolada no interior de um sujeito, seja ele indivíduo ou representante de um país, de uma empresa ou de uma coletividade qualquer. Nesse sentido, não importa também se a ação veiculada pela base é de natureza valorativa ou desvalorativa. A semântica da base lexical, portanto, assumiu, após a associação com o afixo, caráter reflexivo.

O ambiente morfossintático em que atuam as formações neológicas com *auto-*, dada a sua semântica de “ação reflexiva”, é predominantemente verbal, o que se revela na imensa maioria de adjunções a bases substantivas de origem verbal, mormente as derivadas com o sufixo nominal *-ção*.

autoanulação (de Marina Silva)

Dilma falou falou e, cá pra nós, não disse nada. Nem uma palavra, mísera, sobre um problema básico: a natureza, o respeito à natureza. Era importante para cobrir esse vazio que é a <auto-anulação> de Marina Silva. Que ideia foi essa de apoiar o PSDB? Só pode vir da cabeça do Walter Feldman. Aí ela não transferiu voto algum e o Aécio perdeu. Claro que estavam certos os caras que se demitiram da Rede. (Inácio Araújo, 27/10/2014)

autopercepção

Essa desvitalização é mais grave, ou está em um estágio mais avançado, quando o desvitalizado já não sabe mais o que quer ou o que sente e acha errado tentar se firmar. Quando isso acontece, a sua <autopercepção> já está atrofiada e ele já se rendeu aos desejos do desvitalizador! (Ailton Amélio, 15/04/2014)

autorrejeição

O escritor Edmund White, no texto que abre a biografia de seu “Rimbaud, A Vida Dupla de um Rebelde”, diz sobre ele

mesmo: “Sendo um adolescente gay infeliz, sufocado pelo tédio e pela frustração sexual, e paralisado pela <autorrejeição>, eu ansiava por fugir para Nova York”. (Blogay, 24/01/2014)

autoexploração (do corpo)

Hoje, é sabido que a masturbação na infância é importante, já que equivale à <auto-exploração> do corpo. (Regina Navarro, 15/02/2014)

auto-humilhação

Às vezes, em postura que já passa do respeito à <auto-humilhação>, pegando o avião presidencial em Brasília para ir ao beija-mão em Lula em São Paulo, em vez de convocá-lo para o Palácio do Planalto. (Ricardo Setti, 06/12/2014)

Há, porém, associações de *auto-* a bases substantivas deverbiais derivadas de outros sufixos, menos frequentes que *-ção*, como *-mento* e *-agem*, além de formações pelo processo de derivação regressiva.

autoisolamento

Josef Maquiavel Joffe não vai terminar com uma colher de chá para Nicolau Putin (nem eu). Arremata que a grandeza de uma nação é fruto de sua responsabilidade. E o presidente russo apenas reafirmou um histórico hábito nacional: atuar como um estraga-prazer e um intruso. Isto é <autoisolamento>. (Caio Blinder, 11/03/2014)

autoenforcamento

Veja-se o caso Herzog: aquela cena fajuta, de suposto <auto-enforcamento>, com a corda pendurada numa janela mais baixa que a própria vítima... Não era para acreditar. (Inácio Araújo, 01/04/2014)

autossabotagem

Se eu tivesse mantido a calma, teria visto que a ligação é gratuita se você ligar a cobrar. Isso é bem diferente de ligar do meu celular./ Não, isso não é desatenção: é <autossabotagem> das boas. Já tenho experiência suficiente em viagens para saber que celular é tetra. Mas, fazer o que? São essas quiabadas que a gente dá na vida e que vai aprendendo na marra mesmo que seja com um tapa na “oreia”. (Vigilantes da Autoestima, 31/03/2014)

autoengano (da candidata)

Espera-se que Giannetti realmente pratique o que prega e lute contra a bajulação que fortaleceria o <autoengano> da candidata, que já adota uma postura um tanto messiânica e conta com um séquito de puxa-sacos. (Rodrigo Constantino, 01/09/2014)

Em alguns contextos, verificou-se que a unidade lexical neológica substantiva prefixada por *auto-* integra sintagma prepositivo de emprego determinante (função adjetival), formando a estrutura *Substantivo + [de + auto- + Substantivo] em função adjetival*: legislação de autoanistia;

sorriso de autoironia etc.

Anistia – A CNV justifica a defesa da revogação da anistia aos 377 apontados com base em jurisprudências de cortes internacionais como a Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), ligada à Organização dos Estados Americanos (OEA), que rejeita as disposições da <legislação de autoanistia> em vigor no Brasil. (Ricardo Setti, 10/12/2014)

Marcelo deu um <sorriso de autoironia>, como a dizer “e olhem para mim agora, chorando...”, mas continuou sua participação no debate, com a notável informalidade que o caracteriza. (Marcelo Coelho, 20/08/2014)

Entre as formações lexicais neológicas adjetivas, o ambiente morfossintático verbal atrelado a *auto-* propicia as associações do elemento a formas participiais empregadas como adjetivos e/ou em construções passivas.

autoimposto

Não é uma reação induzida pela pressão externa, mas uma tarefa <auto-imposta> inspirada pela noção da própria ignorância e de quanto há para aprender. (Rodrigo Constantino, 28/12/2014)

autoconferido

Que falavam muito, quase sempre insistentes, a um passo da insolência, arrogantemente embrulhados numa falsa superioridade moral <autoconferida>. (Rodrigo Constantino, 26/10/2014)

autoenganado

O auto-engano pode ser uma estratégia útil para a sobrevivência, como diz Eduardo Giannetti em seu livro sobre o tema: “o enganador <auto-enganado>, convencido sinceramente do seu próprio engano, é uma máquina de enganar mais habilidosa e competente em sua arte do que o enganador frio e calculista”. (Rodrigo Constantino, 01/09/2014)

autoconsiderado (sagrado e irretocável)

O lugar estático, até agora <autoconsiderado> sagrado e irretocável, do produtor de informação, dá lugar a um cotidiano de trocas muito rico. Com o tempo e a percepção do que significa se expressar na rede e em rede, creio que o comportamento dos que rosnam fora da casinha pode mudar. Estamos apenas começando a colocar em prática as possibilidades de diálogo e de construção coletiva trazidas pela internet. (Sakamoto, 26/12/2014)

As bases verbais a que se adjunziu *auto-*, por sua vez, são todas reflexivas. A relação semântica redundante entre o afixo de sentido reflexivo e a partícula verbal *-se*, também reflexiva, torna-se evidente.

autocongratular-se

Em vez de <se autocongratular> por seu inabalável compromisso com o combate à corrupção e pelos feitos da “sua” Polícia Federal, Dilma precisa explicar como um esquema de corrupção dessas dimensões pôde prosperar por tantos anos na Petrobras sem que o Conselho de Administração, por ela presidido com suposta mão de ferro, sequer tivesse tomado conhecimento de sua existência. (Rodrigo Constantino, 24/10/2014)

autoestimular-se

Laura Berman, conhecida especialista americana em relacionamentos e questões sexuais, provocou, em 2006, um debate nacional quando incentivou as mães a comprar vibradores para as filhas adolescentes. “Se ela fica excitada durante um encontro pode ir para casa e <se auto-estimular>, ao invés de ficar grávida”. (Regina Navarro, 03/05/2014)

autoapelidar-se (Caco)

Em “Sai de Baixo”, ele <se autoapelidou> Caco. A cara de pau. Não era Miguel que escrevia os episódios, mas ele no início ajudou a formatar, com o Cecil Thiré, e botou para si mesmo o nominho de Caco. (Cacilda, 17/03/2014)

Não foram raras as associações do afixo reflexivo a bases lexicais de mesma raiz, como em *autoDECLARar-se* (verbo), *autoDECLARada branca* (particípio em construção passiva) e *autoDECLARAção de cor* (substantivo).

“Um dos aspectos importantes da discriminação racial no Brasil é a diferença entre a maneira como cada um <se autodeclara> e a maneira como é visto pelos outros”, afirma Luiza. (Carla Rodrigues, 17/02/2014)

São números que se mantiveram mais ou menos estáveis até o fim dos anos 1990, quando 54% da população era <autodeclarada> branca e havia 46% negros, considerando a soma de pretos e pardos. (Carla Rodrigues, 17/02/2014)

Se houver uma vantagem em se declarar negro, porém, a forma como a raça foi construída no país permite a fluidez na <autodeclaração> de cor. (Carla Rodrigues, 17/02/2014)

Como temos percebido em todos os contextos em que surgem formações lexicais neológicas derivadas de prefixos, relações textuais de sinonímia e antonímia entre afixo e elementos do contexto fazem-se presentes explicando e/ou reiterando a semântica do afixo, com implicações na economia sintática e discursiva (ALVES 2009a; 2009b). Nos ambientes textuais de formações com *auto-* não é, portanto, diferente. No contexto abaixo, por exemplo, percebe-se que a reflexividade inerente ao formante afixal é reiterada pelo sintagma “buscassem o próprio bem”, que, por sua vez, explica o que é um *autointeresse*.

Se eles tivessem um pouco mais de <autointeresse>, se buscassem o próprio bem, não se deixariam usar dessa maneira. (Rodrigo Constantino, 05/08/2014)

Do mesmo modo, o título *autopropaganda* é desenvolvido sintaticamente e tem seu sentido explicado pela primeira frase do texto, “(...) anunciar o que faço por aqui”.

<Autopropaganda> (tít.)

Não gosto muito de anunciar o que faço por aqui, mas, como dizia Buñuel, tenho cá minhas contradições, e vivo muito bem com elas. E tem tanta coisa absurda acontecendo que avisar leitores do blog de coisas em que estou envolvido e que podem interessá-los não me parece um grande mal. (Chip Hazard, 19/03/2014)

Relações antonímicas também foram verificadas. No excerto a seguir, enquanto a oração subordinada “(...) o falante pode usar para desenvolver o que está dizendo” explica o neologismo *autoconexão* e reitera a reflexividade do elemento *auto-*, a oração subordinada “(...) o ouvinte participe daquilo que o falante está dizendo” explica a formação neológica *heteroconexão* e reitera o sentido de *hetero-*, formante grego cuja semântica é “o outro” / “para o outro”, oposta, portanto, a *auto-*. Neste contexto, há duas construções espelhadas de sentidos opostos, em que o contraste é o que ajuda a destacar a semântica tanto de *auto-*, cujo aparecimento frequente em contextos variados fez com que o incluíssemos em nossa análise, quanto de *hetero-*, que, por ser elemento praticamente inexistente em nosso *corpus*, não entrou em nossas considerações analíticas.

Vamos analisar neste artigo o grande papel que dois tipos de conexões exercem nas conversas: (1) principal ferramenta que o falante pode usar para desenvolver o que está dizendo (<“autoconexão”>) e (2) ferramenta que permite que o ouvinte participe daquilo que o falante está dizendo como, por exemplo, para apontar aquilo que este deve esclarecer ou para estimulá-lo a detalhar ou expandir o que disse (“heteroconexão”). (Ailton Amélio, 08/03/2014)

No contexto transcrito acima, em que surge a formação lexical neológica adjetiva *autoimposto*, percebemos que o sintagma “pressão externa” opõe-se semanticamente ao neologismo, uma vez que *auto-* toma o sentido de “interno ao sujeito”, antônimo, assim, do adjetivo “externo”. A oposição “dentro / fora”, do mesmo modo, surge no contexto do neologismo *autorreflexão* (reflexão de dentro para fora), que se opõe ao ato de alguém (externa e metaforicamente) martelar algo em nossa cabeça.

Aliás, “o que deveríamos ser” ou o que “deveríamos viver” normalmente não é resultado de uma <auto-reflexão>, mas de alguém martelando algo em nossa cabeça, dia após dia, em comerciais, anúncios, novelas e filmes. (Sakamoto, 24/11/2014)

Por fim, quanto ao elemento *auto-* e sua aproximação maior ou menor à classe prefixal, lembramos que se trata de um formante afixal recorrente (1) em língua geral, não lexicalizável (3) e que não apresenta forma livre correspondente (4). No entanto, é palavra prosódica, ou seja, recebe

acento (2) e pode escopar, em virtude de surgir em ambientes de verbalidade, sintagmas (6) (*autoanulação de Marina Silva; autoexploração do corpo; autoapelidar-se Caco; autodeclarada branca* etc.). No que concerne à semântica do elemento, por ser de natureza reflexiva, guarda semelhanças com os pronomes reflexivos e não atualiza, portanto, significados próprios de advérbios, preposições, adjetivos “gerais” ou quantificadores (5), mais prototípicos dos prefixos.

Tabela 11 – *O elemento auto- e os critérios de prefixidade:*

Crítérios de prefixidade	Preenchimento do critério
Recorrência	X
não-acento	
não-lexicalização	X
sem forma livre	X
significados prefixais prototípicos	
escopo limitado a uma base simples	

4.2.4. Mega-

Este elemento encontra-se registrado nas gramáticas de nossa língua como radical de origem grega sob as formas *mégas*, *megále*, *méga*, *mega(lo)* e assume sempre o sentido de “grande”. Normalmente, seu emprego é ilustrado com as formas lexicais eruditas *megalomania*, *megalomaníaco*, *megalócito* e *megatério*. (COUTINHO, 1976: 186; ROCHA LIMA, 2010: 276; SILVEIRA BUENO, 2014: 82; CUNHA & CINTRA, 2008: 124; BECHARA, 2009: 377).

Quanto às obras lexicográficas, Cunha (2010: 418) classifica o formante *mega-* como elemento de composição.

mega-, megal- *elem. comp.*, do gr. *mégas*, *megálē*, *méga* “grande” “grandemente, muito”, que se documenta em vocábulos eruditos, alguns formados no próprio grego, como megalografia, e muitos outros introduzidos, a partir do século XIX, na linguagem científica internacional.

Já o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* mantém duas entradas para a forma *mega-*, uma como prefixo e a outra como elemento de composição. Para esta obra lexicográfica, só se deve considerar o formante como prefixo nos casos em que *mega-* integra o Sistema Internacional de Unidades, ou seja, nas línguas de especialidade, científicas. Informa-nos Houaiss que este prefixo é uma adaptação do radical grego *mega(lo)* e foi “adotado na 11ª Conferência Internacional de Pesos e Medidas (resolução nº 12), em 1960, equivalente ao

multiplicador 106, ou seja, um milhão de vezes”; assim, *megagrama* equivale a *um milhão de gramas*. Ainda segundo o dicionário, o elemento prefixal *mega-* pode também ser empregado “para múltiplos binários em termos de informática”, certamente por analogia ao uso deste prefixo no Sistema Internacional de Unidades. “*Mega-* equivale a 220 (1048576), valor freq. arredondado para um milhão”: *megabit*, *megabyte* etc.

Fora do âmbito especializado da ciência e da informática, *mega-* é classificado por Houaiss como “elemento de composição”. Diz-nos a obra em questão que seu sentido é sempre “grande”, destacando, ainda, o emprego moderno deste elemento “com valor hiperbolizante” em unidades léxicas da língua comum: *megaevento*, *megaempreendedor* etc. Aulete (versão online), Michaelis (versão online) e Aurélio (versão eletrônica) seguem a mesma orientação. Em nenhum dicionário por nós consultado, portanto, o emprego de *mega-*, na língua geral com sentido intensificador, é reconhecido como prefixal.

Estudos linguísticos realizados nas últimas décadas acerca das criações lexicais no português brasileiro, todavia, na contramão da tradição gramatical e dicionarística de nossa língua, têm atestado que o emprego do elemento *mega-* em formações cada vez mais numerosas da língua comum marca a passagem deste elemento do grupo dos radicais de origem grega, formadores unicamente de vocábulos compostos cultos e científicos, para a agremiação dos prefixos do português brasileiro contemporâneo. É o que nos diz Sandmann (1992: 79), para quem a semântica mais abstrata e geral da partícula atesta seu caráter afixal e explica sua expressiva produtividade:

Considerando a passagem de um modelo menos produtivo a mais produtivo como de certa forma uma inovação, inclui-se aqui o uso hoje frequente de *mega-* como prefixo – observe-se que o *Formulário Ortográfico* e o *Aurélio* não dão a *mega-* tratamento de prefixo, mas aqui o consideramos tal, apenas não ortograficamente, por expressar uma ideia geral: *megainvestidor*, *megacampanha*, *megaexposição*, *megadimensão*, *megarrecessão*.

Do mesmo modo, Alves (1990; 2000) classifica *mega-* como prefixo de comportamento semântico intensivo, constituindo considerável domínio prefixal de “intensidade crescente/reforçativa” ao lado de *super-*, *hiper-*, *ultra-*, *maxi-*, dentre outros.

Apesar de formar apenas 51 unidades lexicais neológicas em nosso *corpus* (contra 129 derivadas com *super-*), *mega-* aparece, depois dele, como o segundo elemento de semântica intensiva crescente mais produtivo e o terceiro (atrás de *super-* e *mini-*) dentre os afixos de intensidade mais profícuos para a formação de neologismos. Este fato, somado à semântica “geral” (SANDMANN, 1992) do elemento, faz com que o incluamos em nossas reflexões acerca do grupo prefixal do português brasileiro contemporâneo.

Dos 51 neologismos coletados, em 45 (88%) *mega-* associou-se a bases lexicais substantivas

e em apenas 6 (12%), a adjetivos. Em todas as unidades lexicais neológicas, o prefixo funcionou, analogamente a *super-*, como um intensificador reforçativo do sentido das bases léxicas a que se adjungiu. À semelhança daquele afixo, portanto, a semântica de *mega-* está intimamente associada à da base léxica, razão por que os neologismos derivados com este formante não podem, em hipótese alguma, ser analisados fora dos contextos em que foram empregados. Todas essas informações revelam que entre os dois afixos há identidade semântica, mas comportamento morfossintático diverso, haja vista ao fato de *mega-* apresentar maiores restrições morfológicas e sintáticas em comparação a *super-*.

Dentre os neologismos substantivos, há aqueles em que o prefixo indicou tamanho físico grande assumido pelo referente, em comparação com a dimensão regular de outros objetos da mesma natureza. Tal é o caso, por exemplo, de *megamesquita*, *megatemplo* (de Salomão), *megaiate*, *megaestádio* (Azadi), *meganavio* (pos-Panamax), entre muitos outros.

Liberais estão histéricos com a resistência (que une idiotas e outros nem tanto) ao projeto de um centro islâmico (<megamesquita>, no histerismo da outra banda), a duas quadras do Ground Zero, o local onde estavam as torres destruídas em 11 de setembro de 2001. (Caio Blinder, 11/09/2014)

O bispo Rodovalho, líder da Sara Nossa Terra, resolveu promover uma competição particular com o bispo Edir Macedo, que acabou de inaugurar o <megatemplo> de Salomão, em São Paulo. (Lauro Jardim, 27/08/2014)

Entre os caminhos mais percorridos pelo comboio está o que leva ao porto onde fica atracado o Prince Abdul Aziz, o <megaiate> de 147 metros de comprimento encomendado por seu pai que, ao longo de vinte anos, foi considerado o maior do mundo, e até hoje tido como o mais luxuoso entre os fabricados no século passado. (Ricardo Setti, 14/12/2014)

Ao sentir que o comparecimento popular não seria suficiente para encher o <megaestádio> Azadi, no sudoeste de Teerã, a Federação de Futebol do Irã optou por um ginásio coberto. (Um Brasileiro no Irã, 10/06/2014)

Mariel, construído pela Odebrecht, tem capacidade para operar 9 mil containers/dia e para receber os <meganavios> pos-Panamax. (Coluna Esplanada, 04/06/2014)

Em outros contextos, sobretudo no que se refere a empresas, *mega-* reforça não só o tamanho de suas instalações físicas, mas a importância mesmo destas companhias no mercado em que atuam. Tal é o caso, dentre outros, de *megabutique*, *megacorporação*, *megaconstrutora*, *megaeditora*, *megamineradora*.

Por coincidência, por mero acaso, é claro, a velha escola Martim Francisco e seu terreno se situam a exatamente um quarteirão da que era, à época, a Daslu, a <megabutique> mais cara do país. (Ricardo Setti, 18/11/2014)

“Acho que o segredo para prever o que a Microsoft vai fazer é imaginar os planos de uma <megacorporação> estranha e satírica”, complementou. (Blog de Tec, 01/10/2014)

O que as grandes empreiteiras OAS, Camargo Corrêa, Queiroz Galvão, UTC e Mendes Junior têm em comum? São <megaconstrutoras> que têm o governo federal como principal cliente e a Odebrecht como a grande concorrente. (Coluna Esplanada, 16/12/2014)

Uma de suas consequências é que o país se isolou economicamente, o que fez com que praticamente se fechassem as fronteiras para livros importados e levou à crise de <mega-editoras> ou filiais de grandes selos europeus instalados ali. (Sylvia Colombo, 03/12/2014)

Uma cena que vi ontem, porém, resume vários elementos que compõem a realidade do Peru, país que hoje tem excelente desempenho econômico (PIB crescendo a 5% neste ano, maior taxa da América Latina), mas cuja maioria da população vive praticamente sem saber disso, com pouco acesso a direitos básicos e poucas perspectivas de melhorias de vida, pior, tendo os recursos naturais ao lado dos quais viu sua cultura florescer, ameaçados pelo avanço de <mega-mineradoras> e hidrelétricas. (Sylvia Colombo, 12/04/2014)

Ainda no que se refere ao mundo empresarial e de negócios, o afixo *mega-* tem indicado, também, ganho ou perda de grandes somas de dinheiro, como resultado de transações e esquemas de corrupção que envolvem várias grandes empresas e seus muitos de seus líderes, pessoas importantes e conhecidas (daí também o emprego do prefixo reforçativo). Pode-se ver isso nos substantivos neológicos *megaesquema (de corrupção)*, *megaoperação*, *megatransação*, *meganegociação (de ações da estatal)*, *megarrico*, bem como no adjetivo *megafalido (empresário Eike Batista)*.

A turma da CPI mista da Petrobras tende a se decepcionar, caso espere que a ex-contadora de Alberto Yousseff, Meire Poza, entregue ao colegiado novas informações sobre o <mega-esquema> de corrupção. (Lauro Jardim, 19/09/2014)

O impacto da <megatransação> (TÍT.)

Os 9 bilhões de reais que a Cielo está pagando ao Banco do Brasil na <megaoperação> que fechou na área de cartões de crédito (leia mais aqui) aumentará o lucro líquido do BB 3,2 bilhões de reais. (Lauro Jardim, 20/11/2014)

Na edição de 1º de novembro de 1983, há 31 anos, o Jornal do Brasil noticiava com destaque que a CVM – Comissão de Valores Mobiliários barrou uma <meganegociação> de ações da estatal ao perceber transação suspeita entre dois grandes acionistas. (Coluna Esplanada, 17/12/2014)

Num tom para lá de oportunista e demagógico, Buffet defendeu a idéia nos seguintes termos: “Enquanto os pobres e a

classe média lutam por nós no Afeganistão e enquanto a maioria dos americanos luta para fazer face às despesas, nós, os <mega-ricos>, continuamos a receber benesses na hora de pagar nossos impostos.” (Rodrigo Constantino, 27/08/2014)

De volta à vida de classe média, o <mega-falido> empresário Eike Batista voou para Nova York na noite de segunda-feira com esperança de reunião com a presidente Dilma Rousseff, hoje, longe dos holofotes da imprensa brasileira. (Coluna Esplanada, 24/09/2014)

Fora do mundo empresarial e de negócios, o prefixo intensivo *mega-* também é usado para designar (1) eventos em que comparecem muitas pessoas, portanto eventos “mega”: *megafesta* (do *Revéillon*), *megaprotesto*; (2) indivíduos cujas consequências de suas ações são marcantes para um grande número de pessoas, o que lhes rende enorme fama e, por vezes, importância em determinado campo de ação (indivíduos “mega”): *megaterrorista*, *mega-homicida*, *mega-astro*, *megaguru* (*Iam Bremer*); (3) grandes sucessos de audiência no mundo artístico televisivo, musical ou editorial: *megassucesso* (“*Cheias de Charme*”), *mega-hit* (*Game of Thrones*), *megabest-seller* (*O Código Da Vinci*), estes últimos dois exemplos formados a partir de base léxica estrangeira; etc.

Seu Jorge será uma das atrações da <megafesta> do *Revéillon* na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro. (Lauro Jardim, 29/10/2014)

A copa no Brasil será a primeira do Irã após os fatídicos acontecimentos de 2009. Naquele ano, o regime esmagou <megaprotestos> contra supostas fraudes na reeleição de Ahmadinejad. (Um Brasileiro no Irã, 10/06/2014)

O imã Rauf, deste projeto islâmico no Ground Zero, parece que sabe como as coisas derretem neste país. Por esta razão, ele deveria ter tido um pouco mais de jogo de cintura, deveria ter sido menos ambíguo nas suas digressões sobre o Hamas (finalmente disse à rede CNN que o grupo pratica terrorismo) e parasse de falar bobagem que os EUA foram cúmplices dos atentados do 11 de setembro porque inventaram Osama bin Laden. Este <megaterrorista> é obra saudita. (Caio Blinder, 11/09/2014)

Quando comentei o assunto em 2011, lembrei em meu blog que a famosa frase “Não se pode fazer omelete sem quebrar os ovos” não é do ditador soviético Stálin, que Dilma admirava tanto na juventude. Trata-se de uma crítica a ele feita por Nadejda Mándelstam, mulher do poeta Ossip Mándelstam, assassinado por ordem do ditador. No livro em que trata da culinária do <mega-homicida>, ela afirma sobre o verdugo bigodudo: “Cada nova morte era justificada com a desculpa de que construíamos um notável mundo novo”. (Reinaldo de Azevedo, 14/10/2014)

A vida é não é fácil quando um jovem <mega-astro> passa dos 50 anos deixando para trás uma carreira muito mais de estrela do que de ator. Cruise é um dos nossos últimos, senão o último, puro “astro de Hollywood”. (Ana Maria Bahiana, 10/06/2014)

Podemos até dizer que estamos em uma Guerra Fria 2.0, mas ela sofreu um downgrade. O <megaguru> Iam Bremer (do grupo Eurásia) observa que a Rússia não importa como costumava no cenário global. Na verdade, grande parte do problema é o fato de ser um poder declinante. E não há jeito de convencer nosso homem em Moscou desta realidade. Outro problema, ainda mais grave, é a posição diplomática mais fraca dos EUA. Barack Obama já está convencido disso. / Quanto ao miniguru do Instituto Blinder & Blainder, ele perde um pouco o rumo devido ao ritmo vertiginoso dos acontecimentos. É o rascunho da história sendo escrito e reescrito a todo momento. (Caio Blinder, 03/03/2014)

Nesta segunda-feira (05/05), a TV Globo estreou “G3R4ÇÃ0 BR4S1L”, de Filipe Miguez e Izabel de Oliveira. A nova aposta da emissora conta com direção de núcleo de Denise Saraceni. Os autores do <megassucesso> “Cheias de Charme” terão um enorme desafio pela frente. (Fábio TV, 06/05/2014)

The Leftovers HBO, estréia 29 de Junho. Carro chefe da HBO na ausência do <mega-hit> Game of Thrones (cuja quinta temporada está neste momento em filmagem) (Ana Maria Bahiana, 18/06/2014)

Desde seu lançamento nos Estados Unidos, em março, vendeu mais de 10 milhões de exemplares em apenas seis semanas, tornando-se o maior fenômeno editorial dos últimos tempos e deixando para trás pesos-pesados como o <mega-best-seller> O Código Da Vinci e a saga Crepúsculo. (Ricardo Setti, 01/12/2014)

Na seção analítica dedicada a *super-*, vimos que, em alguns contextos, o afixo de intensidade pode receber um “reforço semântico” quando a uma base prefixam-se simultaneamente dois formantes de sentido intensivo (ALVES, 2015: 35), que entre si concorrem. Relembramos o neologismo adjetival *super-hiper-negra*, que transcrevemos antes, em que a intensidade da cor negra, captada pela subjetividade do falante, é materializada por *super-* e reforçada por *hiper-*, o que evidencia um desejo, por parte do criador da unidade lexical neológica, de destacar determinadas características dos referentes, linguisticamente atualizados pelo neologismo, as quais, a seu ver, saltam-lhe aos olhos. O mesmo fenômeno, segundo verificamos, ocorre também nas criações lexicais com o prefixo *mega-*, sobretudo quando sua base lexical é adjetiva, como em *mega-ultra-esperto* e *mega-blaster-gostosão*. Neste último exemplo, a intensidade de *mega-* é curiosamente reforçada não por um afixo do português, mas pela forma nominal inglesa “blaster”, cujo significado aproximado original é também, de certo modo, intensivo: “arrasador”, “destruidor”. Assim, a forma prefixal híbrida *mega-blaster-gostosão*, que aparece em contexto de maior informalidade do blog *Assim como Você*, indica que a base adjetiva é tão intensa que chega a ser arrasadora.

Outra grande surpresa foi o próprio Fabio “Saga”, um cara <mega-ultra-esperto> e batalhador, que largou um emprego na grande São Paulo, viveu por 3 meses com pouco mais de mil euros na Itália, comeu o miolo do pão que o assistente do diabo amassou... tudo isso para tirar a sua cidadania italiana. (Vigilantes da Autoestima, 17/03/2014)

Qual não foi minha surpresa ao saber que todo o complexo era “malacabado friendly” :) ... A empresa que explora o serviço investiu R\$ 15 milhões para que todos pudessem desfrutar de um passeio <mega-blaster-gostosão>! (Assim como você, 06/08/2014)

Em outro momento, a intensidade do prefixo *mega-* foi reforçada não pelo acréscimo de outro elemento, mas pela reduplicação do mesmo prefixo: *mega-mega conglomerado (de análises, previsões, sacações, pirações e contabilidade Blinder & Blainder)*.

O <megamega conglomerado> de análises, previsões, sacações, pirações e contabilidade Blinder & Blainder é transparente, humilde e presta contas aos leitores. (Caio Blinder, 05/02/2014)

Evidente se mostra, portanto, que, à semelhança de *super-*, o elemento prefixal *mega-* não comporta sentido superlativo, já que pode ser reforçado por outros elementos.

Por apresentar semântica tão dependente da ideia veiculada pela base, não é de se espantar que, em muitos contextos, o significado do neologismo seja explicado por alguma sentença ou definição, o que acaba por evidenciar, textualmente, a relação semântica entre *mega-* e a noção de “grandeza” (ALVES, 2009a; 2009b). É o que ocorre no trecho, transcrito acima, em que se encontra a palavra neológica *megaiate*, junto da qual vem a informação de que o objeto náutico tem 147 metros, sendo “o maior do mundo” (por isso é “mega”). De modo semelhante, por envolver a exorbitante quantia de 9 bilhões de reais, não se pode falar de uma simples transação financeira, mas de uma *megatransação*. Igualmente, quando dois grandes acionistas de importantes estatais negociam entre si, não se tem uma negociação comum, mas uma *meganegociação*. No mercado editorial, por sua vez, ninguém há de estranhar que um *megabest-seller* seja também chamado pelo sintagma reforçativo “peso-pesado”. Podemos ainda elencar os neologismos *megarreunião* (reunião “com o maior número possível de pessoas que trabalham na campanha”), *megaestande* (estande formado por 62 empresas brasileiras) e *megacomplexo* (área empresarial que comporta o incrível número de 10.000 funcionários)

Hoje, Marina deverá fazer uma <mega-reunião> com o maior número possível de pessoas que trabalharam na campanha. (Lauro Jardim, 30/09/2014)

Numa boa jogada da Apex – Agência Brasileira de Promoção a Exportações e Investimentos, braço do Ministério do Desenvolvimento econômico, grandes e pequenos empresários saíram de bolso cheio da FIDAE – Feira da Indústria Aeronáutica, ocorrida no Chile. O <megaestande> contou com 62 empresas brasileiras. (Coluna Esplanada, 12/04/2014)

A tarefa de criar um edifício para o Facebook ficou a cargo do canadense e ultrapremiado Frank Gehry. Ele e Foster são

vencedores do prêmio Pritzker, espécie de Nobel da arquitetura. No <megacomplexo> proposto, telhados ajardinados camuflarão **uma área para 10 000 funcionários**. (Ricardo Setti, 11/01/2014)

Finalmente, no que se refere à relação entre *mega-* e os critérios de prefixidade com os quais temos trabalhado nesta pesquisa, verifica-se que ele é recorrente (1) para a formação de neologismos prefixais em língua geral, não apresenta forma livre correspondente (4) e atualiza semântica adjetival - “grande”- (5). Ademais, não foram encontrados contextos em que *mega-* houvesse sido lexicalizado (3), muito embora não seja difícil imaginar que isso possa vir a ocorrer (se é que já não ocorre, por exemplo, na língua falada) em frases do tipo: “as festas promovidas por ele são sempre mega”. Além disso, *mega-* é palavra prosódica (2) e pode, em alguns contextos, tomar por escopo sintagmas, como em *megaesquema de corrupção*, *megafesta do Réveillon*, dentre outros. Sendo assim, este formante preenche quatro dos seis critérios por nós considerados.

Tabela 12 – *O elemento mega- e os critérios de prefixidade:*

Crítérios de prefixidade	Preenchimento do critério
Recorrência	X
não-acento	
não-lexicalização	X
sem forma livre	X
significados prefixais prototípicos	X
escopo limitado a uma base simples	

4.2.5. Recém-

Forma apocopada do adjetivo *recente*, *recém-* não é reconhecido como prefixo pelas obras gramaticais da língua portuguesa consultadas neste trabalho (BECHARA, 2009; CUNHA & CINTRA, 2008; SILVEIRA BUENO, 2014; ROCHA LIMA, 2010; AZEREDO, 2010; COUTINHO, 1976). Quanto aos dicionários, Michaelis (versão online) e Aulete (versão online) registram *recém-* como prefixo de semântica adverbial (temporal), sempre ligado a bases participiais por meio de hífen, indicando, contudo, que na fala da região sul do Brasil é possível encontrá-lo também como forma livre adverbial (“O pessoal chegou recém”). Como se vê mais uma vez, as fronteiras entre forma livre e presa, na língua, são sempre tênues.

Aurélio (versão eletrônica) e Houaiss (versão eletrônica), por reconhecerem na forma apocopada o advérbio *recentemente*, classificam *recém-* como elemento de composição. Este último dicionário, porém, ao referir-se à necessidade ortográfica de hifenizar a palavra formada com *recém-* diz que este elemento aparece “sempre ligado com hífen à pal. prefixada”. Do mesmo modo,

Cunha (2010: 550) reconhece apenas a natureza adverbial de *recém-*, indicando que a apócope do adjetivo *recente*, a qual redundou na partícula adverbial *recém*, dá-se a partir de 1813.

Duarte (1999) e Alves (1990; 2000; 2015) classificam o formante *recém-* como prefixo de natureza semântica temporal (daí a relação forte deste afixo com os advérbios, à semelhança do que vimos em *pós-* e *pré-*), atualizando, na língua, a ideia de algo ocorrido “recentemente”, “há pouco tempo”, ainda que não se consiga, pelo prefixo, precisar exatamente há quanto tempo ocorreu a ação expressa pela base. Os autores citados ainda reconhecem fortes restrições morfológicas atreladas ao elemento em questão, uma vez que, basicamente, *recém-* associa-se apenas a participípios verbais, sobretudo quando em emprego adjetival.

De fato, as 49 formações lexicais neológicas derivadas com *recém-* e extraídas dos blogs que nos serviram de *corpus* são de base participial e em todas elas verifica-se que o prefixo trouxe a ideia de ação recente, ainda fresca. 45 neologismos (92%) desempenham função determinante/qualificadora de adjetivo, ao passo que apenas 4 deles (8%) têm emprego substantival.

recém-encerrado (adjetivo)

Questionada e pressionada por todos os demais seis candidatos à Presidência no debate <recém-encerrado> pelo SBT, a presidente Dilma Rousseff (PT), aspirante à reeleição, teve uma atuação fraca e sai como a grande perdedora. (Ricardo Setti, 01/09/2014)

recém-produzido (adjetivo)

Um novo trabalho <recém-produzido> por um trio de cientistas nos Estados Unidos, com financiamento parcial da Nasa, está causando imensa controvérsia. Ele sugere que a civilização moderna pode estar à beira de um colapso, da qual pode até não se recuperar mais. (Mensajeiro Sideral, 24/03/2014)

recém-derrubado (adjetivo)

Na mesma semana, em outra reportagem (“Sarney minimizou devastação da Amazônia em seu governo”, 12.mai.1989), o pesquisador Alberto Waingort Setzer, da área de meteorologia do Inpe, confirmou que um estudo seu registrara queimadas em cerca de 80 mil quilômetros quadrados de florestas <recém-derrubadas> naquela região em 1987. (Maurício Tuffani, 02/11/2014)

recém-contratado (substantivo)

“Recentemente, Suzana Singer foi muito feliz ao definir como ‘rottweiler’ um <recém-contratado> pela ‘Folha de S.Paulo’ para escrever uma coluna semanal. A ombudsman usou essa expressão forte porque o jornalista em questão escolheu esse estilo. Ele já rosnou para mim várias vezes, depois se cansou, como fazem os que ladram atrás das caravanas.” (Reinaldo de Azevedo, 09/08/2014)

Percebemos que, não raro, os neologismos adjetivais formados pela associação de *recém-* a

participípios aparecem em posição não prototípica do adjetivo, isto é, antes da palavra a qual qualificam. No exemplo abaixo, vê-se que *recém-empossado* determina o substantivo *prefeito*, mas ocupa posição anterior a ele, o que, em nossa visão, evidencia um desejo do falante de destacar esta característica em especial da palavra substantiva, justamente pelo fato de lhe ter sido incorporada recentemente. No ano de 2005, José Serra era prefeito há pouco tempo e enfatizar isso parece ser do desejo do blogueiro Ricardo Setti, já que o contexto descreve uma ação iniciada por Serra, ainda em 2005, e finalizada pelo prefeito seguinte.

Felizmente para os paulistanos, em 2005, o <recém-empossado> prefeito José Serra (PSDB) ingressou em juízo contra a empresa beneficiada pelo negócio, obteve uma decisão liminar e a empresa decidiu fazer acordo, que consistiu no chamado “desfazimento” do negócio, o que ocorreu na gestão do sucessor de Serra, Gilberto Kassab (DEM). (Ricardo Setti, 18/11/2014)

Apenas para fornecer mais um exemplo, vemos, da mesma forma, que ordenar o adjetivo participial neológico *recém-inventado* em posição anterior ao substantivo, também neológico, que qualifica (Siraque), acaba por destacar o caráter de novidade (inventado recentemente) do amálgama.

O foco do discurso não será a expansão da agenda doméstica, mas a expansão do combate ao terror islâmico no <recém-inventado> Siraque (Síria + Iraque). (Caio Blinder, 10/09/2014)

Apesar de não reconhecido como prefixo pelas gramáticas tradicionais de nossa língua, *recém-* é um elemento recorrente em língua geral (1) na posição prefixal, além de atualizar semântica adverbial (5), que, como vimos, é prototípica dos formantes prefixais. No entanto, *recém-* é palavra prosódica (2) e, no português regional do Rio Grande do Sul, segundo atestam todos os dicionários por nós consultados (cf. Referências Bibliográficas) apresenta-se como forma livre adverbial (4). Não verificamos, contudo, em nossos dados neológicos, casos de lexicalização (3) de *recém-*, o que demonstra que, de fato, este elemento, enquanto forma livre, é mesmo um regionalismo, prevalecendo, no português, a tendência à gramaticalização de “recente” (de onde veio, por apócope, o formante em questão) do que à lexicalização de *recém-*.

Devido ao fato de adjungir-se sempre a bases participiais, encontrando-se, portanto, em ambiente verbal, o elemento em questão pode escopar, à semelhança dos advérbios, não apenas bases simples, mas também sintagmas (6). Isso acontece com maior frequência, porém, nos contextos em que as bases participiais encontram-se prepostas a substantivos que são por elas qualificados, como em: *recém-empossado prefeito José Serra*, *recém-inventado Siraque* etc. *Recém-*, em nosso entender, preenche, assim, três dos seis critérios de prefixidade.

Tabela 13 – *O elemento recém- e os critérios de prefixidade:*

Crítérios de prefixidade	Preenchimento do critério
Recorrência	X
não-acento	
não-lexicalização	X
sem forma livre	
significados prefixais prototípicos	X
escopo limitado a uma base simples	

4.2.6. *Pró-*

Alves (1990: 18; 2015: 53) e Duarte (1999: 148) ensinam-nos que o prefixo *pró-*, quando forma unidades lexicais neológicas no português brasileiro contemporâneo, tem aparecido sempre na forma tônica e assume ideia de “favorecimento” (*pró-EUA, pró-protestos* etc.), sentido contrário ao assumido pelo formante prefixal *anti-*. De modo geral, *pró-* também é classificado por gramáticas e dicionários de língua portuguesa como prefixo, mas com semântica diferente da que se encontra em formações neológicas.

Azeredo (2010: 452) registra o prefixo como indicando unicamente “movimento para diante”. O gramático fornece-nos os seguintes exemplos de seu emprego: *projetar, protelar, prosseguir, proclamar, procriar, programa, prospecção*.

Em Silveira Bueno (2014: 85-6) encontramos registro de *pró-* tanto como elemento grego (“antes; anterioridade” – *prognóstico, programa*) quanto latino (“movimento para frente; adiante” – *projetar, progresso, pronome*). Reconhece, ainda, o gramático que este prefixo pode ser utilizado como forma nominal em sentenças como: “precisamos analisar os *prós* e os *contras* deste contrato” (*op. cit.*: 86).

Rocha Lima (2010: 255; 258) também aloca o prefixo entre as partículas de origem grega e latina, reservando-lhe, em ambos os casos, a ideia de “posição ou movimento à frente” (*progresso, promover, prometer, propelir, prorromper, prosseguir, problema, pródromo, prognóstico, programa, prólogo* etc.).

Do mesmo modo, vemos em Cunha & Cintra (2008: 100-1) *pró-* aparecer entre os formantes prefixais de origem grega (“posição em frente; anterior” – *prólogo, prognóstico*) e latina (“movimento para frente” – *progresso, prosseguir*).

Já Bechara (2009: 367), quando se refere à origem latina de *pró-*, alarga seu sentido, registrando, além da ideia geral de “movimento para frente”, também “em lugar de”; “em proveito

de” (*progredir, projeção*). Como elemento grego, contudo, Bechara (*op. cit.*: 369) registra somente sentido de “anterioridade” (*prólogo, prognóstico, profeta*).

Posição semelhante encontramos em Coutinho (1976: 178-9), quando atesta o uso de *pró-* como prefixo tanto no grego quanto no latim. Como afixo latino, o gramático registra os semas “movimento para diante; publicidade; substituição”, ao passo que enquanto formante grego, a partícula assume sentido de “anterioridade”.

Como se vê, em nenhuma das gramáticas consultadas *pró-* foi registrado com a semântica de “favorecimento”, a única que assume nas formações neológicas de nossa língua. O mais próximo disso, parece-nos, foi o sema “em proveito de”, registrado por Bechara mas não ilustrado com exemplos. Em todas essas obras, também, o formante não foi considerado em sua forma tônica.

Dentre os dicionários, Cunha (2010: 522) registra:

pro- *pref.*, do lat. *pro-* e/ou do gr. *pro-* “antes, em frente, para diante”, que já se documenta em numerosos vocs. formados em latim (*proclamar, progredir* etc.) e em grego (*programa, pródromo* etc.), e que ocorre, também, na formação de alguns compostos introduzidos na linguagem científica internacional (*progéria, progesterona* etc.).

Na mesma página, entretanto, o lexicógrafo reconhece a existência da partícula *pró*, classificada como adverbial, que, desde o século XVI, forma compostos no português. Sua origem, segundo ele, é latina (*prō*) e seu significado é “a favor, vantagem, favorável a, adepto de” etc. Para este estudioso, portanto, *pro-* (prefixo de “movimento adiante”) e *pró* (advérbio de favorecimento) são dois elementos distintos.

O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, por sua vez, registra as duas acepções (“movimento adiante” e “favorecimento”) para um mesmo elemento prefixal (*pró-*). Houaiss, ainda, reconhece que, sincronicamente, a primeira acepção é mais rara que a segunda.

Pró- *pref.* da prep. lat. *pro*, nas acp. de 1) 'diante de, adiante, antes de', ocorre raramente: *pró-homem, pró-homínida* e *pró-hominídeo*, apenas (são f. do fim do sXIX; esse emprego parece ter sido abandonado, pois se prestaria a ambiguidades em face do emprego seg.); 2) “por, a favor de, em prol de”; trata-se de um uso potencialmente aplicável a qualquer nome da língua, seguido de hífen quando o segundo el. conserva autonomia vocabular (p. ex. *sou pró-satisfação, vamos fazer campanha pró-redução de, tudo pró-chope*); alguns casos mais empregados: *pró-americano, pró-britânico, pró-germânico; pró-hidrotropia, pró-hidrotropismo*.

Duarte, em sua tese de doutorado (1999: 148), ensina-nos que, apesar de recente, a noção de “favorecimento” atrelada ao prefixo *pró-* começa a despontar em latim, uma vez que, já nessa

língua, ao que parece, as duas formas (prefixal e adverbial) registradas por Cunha no *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* começam a se fundir e confundir.

Muito comum é o emprego de **pró-** junto a substantivos e adjetivos, indicando “favorecimento”, “em prol de”. Trata-se, neste caso, de fato recente. A motivação para o processo se acha na forma livre **pró-**, de valor ora substantival ora adverbial. À guisa de comparação apenas é bom lembrar que em latim, nalgumas formações deverbais, já se pode encontrar **pró-** significando “em favor de”, embora não seja este o significado original do prefixo. É o caso de **propugnare**, “combater em favor de”, originalmente, “lutar em frente de”. Da noção de “à frente” provém a noção subsidiária de “defesa, favorecimento”.

No tocante ao seu comportamento morfossintático em unidades lexicais neológicas, Alves (2015: 53) diz-nos que *pró-* tem-se associado, com maior frequência, a substantivos, não raro próprios (nomes de pessoas, países, siglas etc.), sobretudo em contextos que falem de política. Nas menos frequentes adjunções a bases adjetivas, a autora nos informa que essas “costumam referir-se a uma designação étnica (*pró-judeu*; *pró-sírio*) ou à adesão a uma ideologia política (*pró-americano*, *pró-sírio*)”.

Recolhemos, por nossa vez, 45 neologismos formados com o prefixo *pró-*. Destes, apenas dois são adjetivos, sendo os outros 43 associações do afixo a bases substantivas. As unidades lexicais neológicas derivadas com este formante surgiram em contextos que falam sobre política e questões polêmicas enfrentadas pela sociedade brasileira atualmente, como vegetarianismo, legalização do aborto, descriminalização do porte de armas etc. De maneira evidente, os neologismos criados pela adjunção de unidades lexicais a *pró-* evidenciam a estreita relação entre léxico e sociedade. Em todas as formações, o prefixo assume o sentido de “favorável a” e/ou “adepto de”, o que explica a preferência por criações lexicais que lhe são derivadas em contextos políticos ou polêmicos, nos quais é possível e até mesmo esperado que o falante manifeste-se “contrário a” (*anti-*) ou “favorável a” (*pró-*).

Dentre os neologismos de bases lexical substantiva, abundam os formados com nomes próprios de políticos (deputados, ministros, senadores, presidente etc.). Nessas formações, o contexto evidencia adesão às políticas perpetradas por esses indivíduos ou movimento / agremiação política (nacional ou internacional) de apoio a eles.

pró-Aécio

O PMDB <pró-Aécio> temeu a ida de Lula ao Rio para apoiar Marcelo Crivella e não trabalhou pelo tucano como prometido. (Lauro Jardim, 29/10/2014)

pró-Putin

Minha primeira tentação neste sábado era republicar meu imenso PS de denúncia da agitprop <pró-Putin>, pois a trolhinha se tornou uma espécie de editorial da coluna durante a crise ucraniana. (Caio Blinder, 08/03/2014)

pró-Jair Bolsonaro

Para azucrinar o PT, o grupo <pró-Jair Bolsonaro> (PP-RJ) na Comissão de Direitos Humanos da Câmara vai lançar sua candidatura avulsa dia 26, contra o deputado Pe. Luiz Couto (PT-PB). (Coluna Esplanada, 22/02/2014)

Igualmente significativas são as criações lexicais a partir da associação do afixo *pró-* a nomes de locais (países, capitais, continentes, hemisférios), indicando claro apoio às políticas postas em ação pelos representantes destes lugares.

pró-Israel

Manifestantes <pró-Israel> reúnem-se na Praia de Copacabana (TÍT.). (Reinaldo de Azevedo, 04/08/2014)

pró-Moscou

Putin é acusado pelo governo interino da Ucrânia e por potências ocidentais – como os EUA – de apoiar o movimento separatista no leste do país. Estive lá até ontem (23), mais precisamente em Donetsk. Os ativistas <pró-Moscou> prometem tentar atrapalhar a votação. (Leandro Colon, 24/05/2014)

Nossos dados revelam, no âmbito da política, uma associação de *pró-* a base substantiva acronímica designativa do Partido dos Trabalhadores.

Pró-PT

O PMDB aprovou a coligação com o PT com 59% dos votos dos convencionais. Beleza. Vitória incontestável dos <pró-PT>. Mas nunca é demais relembrar que em 2010 o “sim” à coligação alcançou 84% do total de votos. (Lauro Jardim, 10/06/2014)

Ainda no campo político, recolhemos unidades lexicais neológicas formadas pela adjunção do prefixo a bases substantivas próprias e comuns designativas de movimentos políticos, ações políticas, sistemas políticos e grupos políticos.

pró-democracia (adesão ao sistema político democrático)

Como se vê, as emoções iranianas estão no campo geopolítico e não do futebol. Distante está a vibração que o futebol representava como pretexto para desafiar o regime dos aiatolás, quando as multidões celebravam nos estádios e nas ruas. Foram momentos memoráveis como nos protestos registrados nas eliminatórias da Copa de 1998 e mais recentemente em 2009, quando seis jogadores da seleção nacional colocaram fitas verdes em solidariedade ao movimento <pró-

democracia>. (Caio Blinder, 18/06/2014)

pró-Diretas (adesão ao movimento político das Diretas-Já)

(...) A então aprazível Praça da Sé assistiu à segunda manifestação oficial <pró-Diretas> para presidente numa terça-feira cinzenta, 24 de janeiro de 1984. Arrebatada por centenas de milhares de corações ansiosos por novos dias, a Praça de todos os paulistanos foi, naquela tarde/noite, palco de um momento único na História do País. (Rodolfo Martino, 03/08/2014)

pró-Hamas (adesão ao grupo político de libertação da Palestina do domínio judeu)

Como eu já disse, falta amor no mundo. Mas também falta interpretação de texto. Criticou uma política de Israel? É antissemita ou <pró-Hamas>. (Sakamoto, 02/08/2014)

pró-acordão (adesão ao acordo político entre PT e PMDB para lançamento de candidato)

Mais um <pró-acordão> (TÍT.)

Carlos Lupi é mais uma liderança política do Rio de Janeiro que acredita no acordão entre PT e PMDB nas eleições, com Lindbergh Farias encabeçando a chapa para o Palácio Guanabara e Sérgio Cabral ao Senado. Atualmente, o PDT-RJ não definiu o que vai fazer – se lança candidatura própria ou se apoia algum candidato. (Lauro Jardim, 10/01/2014)

Também surgiram neologismos de bases substantivas simples ou sintagmáticas que, apesar de não serem diretamente oriundos da área política, representam questões polêmicas em debate nas esferas da jurisdição em nosso país.

pró-aborto (adesão aos grupos que lutam pela descriminalização do aborto)

O ex-ministro da Saúde Alexandre Padilha terá mais dor de cabeça – em especial com os cristãos. O movimento católico Provida de Brasília tem divulgado na internet documentos que classifica de ações <pró-aborto> de Padilha. Um deles é motivado por requerimento do deputado João Campos (PSDB-GO), não respondido pelo ministério, sobre suposto curso para servidores, para a prática de aborto, realizado no Uruguai – onde a prática não é crime. (Coluna Esplanada, 08/05/2014)

pró-testes em animais (adesão aos grupos que defendem testes de remédios em animais antes de serem liberados para consumo por humanos)

George Guimarães, que é diretor de uma dessas organizações, a Veddás (Vegetarianismo Ético, Defesa dos Direitos Animais e Sociedade), diz que a redação aprovada na Câmara foi influenciada pelo lobby <pró-testes em animais>. (Veg 2014, 22/07/2014)

pró-arma (adesão aos grupos que defendem a descriminalização do porte de armas)

Enquanto muitos pregam a paz nas ruas e na política, surgiu o movimento na internet no site defesa.org que prioriza a frase ‘Eu só voto em candidato <pró-arma>’. (Coluna Esplanada, 27/07/2014)

pró-mulher (adesão a grupos feministas)

Ao todo, o filme tem cinco metas para serem alcançadas que totalizam R\$ 320 mil. Assim que cada uma for atingida, serão distribuídos mais 50 kits. “Infelizmente, eles [magistrados] não têm elementos para julgar as causas <pró-mulher>. Eles precisam compreender e entender mais sobre a violência obstétrica”, comenta a advogada Ana Lucia Keunecke, da Artemis (entidade de defesa ao direito da mulher). (Maternar, 18/09/2014)

Conforme dissemos acima, o prefixo *pró-* é, do ponto de vista semântico, oposto a *anti-*. Algumas vezes, a relação entre eles é materializada textualmente, como se vê no contexto acima transcrito em que surge o neologismo *pró-Hamas*, que convive com a palavra não neológica *antissemita*, da qual, neste contexto específico, é sinônima. Percebe-se que, aqui, ser favorável (*pró-*) ao Hamas é necessariamente ser contrário (*anti-*) ao povo judeu. O emprego simultâneo dos dois afixos, portanto, unidos a bases lexicais de campos étnico-políticos opostos ressalta a semântica inerente às duas partículas, contrárias entre si.

A despeito de atualizarem sentidos opostos e da disparidade quanto à produtividade, o comportamento morfossintático e textual de *anti-* e *pró-* assemelha-se em muitos pontos. Ambos têm preferência por bases lexicais substantivas (comuns, próprias, simples e sintagmáticas, além de siglas) e os dois são profícuos para formar palavras no âmbito da política. Além disso, assim como verificado na maior parte das formações *anti-* + *substantivo*, percebe-se claramente que boa parte dos neologismos criados pela associação de *pró-* a uma base substantival desempenham função determinante (adjetival) em relação a outro substantivo. Este fenômeno coloca também o prefixo *pró-* (ao lado de *anti-*, *pós-* e *pré-*) como importante elemento evidenciador da função de economia textual com consequência no arranjo sintático. A isto, lembramos, denomina-se “função sintática” e vários contextos transcritos acima a evidenciam: *o PMBD pró-Aécio*, *a agitprop pró-Putin*, *o grupo pró-Jair Bolsonaro*, *manifestantes pró-Israel*, *ativistas pró-Moscou*, *movimento pró-democracia*, *ações pró-aborto*, *candidato pró-arma*, *causas pró-mulher* etc.

Por fim, as duas unidades lexicais neológicas adjetivas derivadas com o formante afixal *pró-* também surgiram em contextos políticos no blog do jornalista Caio Blinder. A primeira, *pró-russo*, designa a etnia russa e, por extensão neste caso, o governo da Rússia, isto é, “o governo ucraniano deposto é favorável ao governo russo”. A segunda, *pró-separatista*, indica favorabilidade ao movimento separatista da Ucrânia.

Putin precisa multiplicar os fascistas ucranianos na sua agitprop para justificar a intervenção russa no país vizinho e remover a legitimidade da revolução em Kiev, em parte estimulada pelo expansionismo russo e em parte pela brutalidade policial do deposto governo <pró-russo> de Viktor Yanukovich. (Caio Blinder, 26/03/2014)

E incidentes como o ocorrido nesta terça-feira, em que militantes <pró-separatistas> emboscaram e mataram soldados ucranianos tendem a se multiplicar. (Caio Blinder, 13/05/2014)

Quanto ao preenchimento dos critérios de prefixidade, podemos dizer que *pró-* é um elemento recorrente em língua geral (1) em posição prefixal e atualiza semântica prepositiva, equivalente à das locuções “a favor de” e “favorável a” (5). Nas unidades lexicais neológicas, porém, é sempre tônica (2), não tendo sido registrado qualquer neologismo em que *pró-* houvesse assumido forma átona, prototípica do prefixo. Além disso, os dicionários de língua portuguesa registram, paralelamente à forma prefixal, as formas livres (4) adverbial *pró* (“o orador falou contra a proposta; quem vai falar pró?”) e substantiva (fale-me os prós e contras da proposta). Parece-nos, no entanto, que enquanto advérbio, *pró* é forma arcaica, já em desuso na língua, plenamente substituída por “a favor”. Por sua vez, o substantivo *pró* sobrevive apenas na expressão cristalizada “os prós e contras”, único exemplo arrolado por todos os dicionários utilizados nesta pesquisa. Isso mostra que, apesar de existir forma livre análoga à prefixal, a tendência no português brasileiro é que *pró* seja mesmo utilizado unicamente como prefixo, não tendo sido encontrados casos neológicos de lexicalização do afixo (3). Por fim, quanto ao escopo, ainda que menos frequente, há possibilidade de *pró-* escopar sintagmas e não apenas bases simples (6), como em: *pró-testes em animais*.

Tabela 14 – O elemento *pró-* e os critérios de prefixidade:

Crítérios de prefixidade	Preenchimento do critério
Recorrência	X
não-acento	
não-lexicalização	X
sem forma livre	
significados prefixais prototípicos	X
escopo limitado a uma base simples	

4.3. Prefixos de baixa produtividade

Nesta última seção analítica do capítulo, debruçar-nos-emos sobre os prefixos de baixa produtividade em nosso *corpus*, a saber (do mais ao menos produtivo): *re-*, *des-*, *micro-*, *semi-*, *ultra-*, *neo-*, *pseudo-*, *multi-*, *sub-*, *sem-*, *quase-*, *hiper-*, *mal-*, *extra-*, *co-/com-*, *trans-*, *narco-*, *contra-*, *vice-*, *meta-*, *eco-*, *bi-*, *inter-/entre-*, *poli-*, *ciber-*, *para-*, *bio-*, *macro-*, *in-*, *bem-*, *tele-* e

infra-. Os formantes *sobre-* (4 ocorrências) e *exo-* (3 ocorrências), por associarem-se etimologicamente a *super-* e *ex-*, já foram previamente analisados.

4.3.1. *Re-*

O prefixo latino *re-* encontra-se amplamente registrado nas gramáticas e dicionários de língua portuguesa. Como já desempenhava função prefixal no latim, seu caráter afixal não é posto em dúvida por descrições e estudos realizados acerca do português. Morfologicamente, pode-se dizer que seu comportamento prefixal é bastante prototípico, haja vista que sempre aparece como forma presa, não possuindo, em nossa língua, correspondente no sistema das preposições. Semanticamente, as obras gramaticais normalmente atribuem-lhe as noções de “movimento para trás”, “repetição”, “reciprocidade” e “intensidade” e ilustram seu emprego com as formações verbais e nominais: *refrear*, *repetir*, *reprimir*, *regressar*, *reler*, *renovar*, *reiniciar*, *requer*, *recorrer*, *refluir*, *recordação*, *renascer*, *reatar*, *regredir*, *regressão*, *refazer*, *ressaudar*, *ressaltar*, *rescaldar*, *reaver*, *remarcação*, *reconstruir* e *redizer*. (COUTINHO, 1976: 178; AZEREDO, 2010: 452; BECHARA, 2009: 367; CUNHA & CINTRA, 2008: 100; SILVEIRA BUENO, 2014: 86; ROCHA LIMA, 2010: 255).

No *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Cunha (2010: 548) acrescenta “oposição” à semântica regressiva e repetitiva de *re-*:

(...) se documenta em numerosíssimos vocábulos portugueses, com as noções básicas de: (i) “volta, retorno, regresso”: *revogar* “voltar atrás, recuar”; (ii) “repetição, reiteração”: *recortar* “cortar repetidas vezes”; (iii) “oposição”: *reprovar* “não aprovar, opor-se a”.

No mesmo verbete, mais abaixo, informa o lexicógrafo que “tanto em português como em latim e nas demais línguas românicas, o prefixo *re-* é de extraordinária vitalidade”.

Apesar de se manter como afixo produtivo em língua portuguesa, sobretudo nos paradigmas *re-* + *verbo* e *re-* + *substantivo de origem verbal* (DUARTE, 1999: 150), não diríamos, como Cunha, que este seja um prefixo “de extraordinária vitalidade” em português, já que, em nosso *corpus*, formou apenas 39 neologismos de um total de 1451 criações lexicais prefixadas (2,5% aproximadamente). O que nos parece é que parte considerável das palavras construídas com este prefixo são bem conhecidas dos falantes por serem largamente utilizadas na fala e na escrita cotidianas e, portanto, já se encontram dicionarizadas. Esse reconhecimento instantâneo de *re-* em várias palavras de uso regular cria a impressão de que, ainda hoje, o afixo é extraordinariamente produtivo; todavia, as criações novas, propriamente ditas, não são tão numerosas assim, a despeito

de existirem.

Segundo Alves (1990; 2000; 2015), as novidades léxicas do português têm restringido *re-* à noção primordial de “repetição”, tornando-o um afixo que, ao associar-se a bases verbais e nominais, forma neologismos indicadores de “ação ou processo repetido, feito novamente”. Nossos dados confirmam isso. No entender da autora, a ideia de repetitividade associa-se, ainda, à noção de “intensidade” (não raro, repetir é intensificar, inclusive exageradamente), razão por que, em sua Tese de Livre Docência (2000) acerca dos prefixos do português brasileiro inscreve *re-* entre os formantes de semântica intensiva. Essa noção de “intensidade repetitiva”, contudo, é pouco produtiva atualmente e aparece, nos dados que levantamos, apenas no neologismo verbal *reestatizar*. No contexto irônico abaixo, o presidenciável Aécio Neves disse que iria “reestatizar” a já estatal Petrobrás, visto que, em seu entender, são demasiados os interesses privados sobre ela, o que a torna “pouco estatal”. É preciso intensificar a natureza da Petrobrás como “empresa pública”, o que se materializa linguisticamente pelo prefixo *re-*.

O presidenciável tratou também do megaescândalo de corrupção na Petrobras, detalhado pelo ex-diretor de Abastecimento da estatal Paulo Roberto Costa à Polícia Federal após acordo de delação premiada. “No descompromisso com a ética, o PT é imbatível”, afirmou. E prosseguiu: “Existe uma organização criminosa atuando no seio da Petrobras. Isso quem diz é a Polícia Federal. Então, não são denúncias eleitoreiras”. Ele cobrou ainda a punição dos responsáveis pelo esquema criminoso. E afirmou que, se eleito, vai <“reestatizar”> a estatal, devolvendo-a aos brasileiros. (Reinaldo de Azevedo, 10/09/2014)

Em nosso *corpus*, dos 39 neologismos com *re-*, 14 são de bases verbais (majoritariamente formas infinitivas), o que representa 36% do total de criações léxicas com este prefixo. Em virtude da semântica prefixal, todos os verbos neológicos criados inserem-se em contextos de ação processual ou iterativa (repetitiva). Bases verbais indicativas de estados não foram encontradas (ALVES, 2015: 41).

reconvidar (o ex-funcionário)

Ao tomar conhecimento da decisão de alguns de seus diretores, SS ficou muito irritado e tratou de <reconvidar> o ex-funcionário. (Outro Canal, 08/11/2014)

reimaginar (a entrevista norte-americana)

Discutir assuntos do presente por meio de vozes do passado. Essa é a proposta ambiciosa do site Blank on Blank. / O slogan define o objetivo melhor ainda: “Famous Names, Lost Interviews”. O projeto existe desde 2012 e é uma parceria entre o PBS Digital Studios e o Quoted Studios, uma produtora de conteúdo sem fins lucrativos cuja missão é “preservar e <reimaginar> a entrevista norte-americana”. A ideia é desenvolver soluções digitais diferenciadas para reformular conteúdos perdidos, empoeirados ou inéditos, utilizando, nas palavras dos produtores, “nossas raízes

jornalísticas e sensibilidade”. (Pablo Miyazawa, 11/11/2014)

realfabetizar-se

Essa proposta mutila de tal maneira o sistema ortográfico da língua, que as pessoas que dominam o sistema atual teriam de <se realfabetizar> para poder lidar com o novo sistema. (Thaís Nicoleti, 21/10/2014)

redisparar (os arpões)

As operações em solo continuam, e os engenheiros estudam a possibilidade de tentar <redisparar> os arpões, para garantir que o módulo permaneça fixado à superfície. (Mensajeiro Sideral, 12/11/2014)

Ainda em ambiente morfossintático verbal, as adjunções do prefixo *re-* a participípios em construções passivas também foram bastante significativas (11 formações – 28% do total).

rejulgado / recondenado

E os que foram condenados na justiça da ditadura devem ser <rejulgados> e <recondenados> na justiça democrática? (Inácio Araújo, 19/12/2014)

reapontado

Como o telescópio espacial está numa órbita em torno do Sol, a direção de onde vêm as partículas do vento solar muda com relação ao satélite ao longo do tempo. Por isso ele precisa ser <“reapontado”> a cada 80 dias, mais ou menos, para se realinhar com o Sol e manter a estabilidade. (Mensajeiro Sideral, 28/05/2014)

reestimado

Pela Lei de Responsabilidade Fiscal, as despesas devem ser bloqueadas quando a arrecadação é <reestimada> para baixo nos relatórios bimestrais do Orçamento. (Dinheiro Público e cia., 21/11/2014)

13 são as associações do afixo *re-* a substantivos (33% do total). Destes, alguns são deverbais.

reanálise

Já General Brands, da marca Camp, afirma que todas as medidas necessárias para a verificação dos produtos apontados na análise estão sendo tomadas e que está encaminhando a amostras para <reanálise>. (Maternar, 14/02/2014)

reestreia

“A Liga” perdeu a essência de apresentar o olhar de cada repórter. A ex-rebelde Mel Fronckowiak é a nova integrante da trupe. Nesta <reestreia>, a atriz mostrou a ocupação do Complexo da Maré, no Rio de Janeiro. (Fábio TV, 10/04/2014)

Todavia, a maior parte dos neologismos substantivais é composta por derivados de verbos

com o sufixo *-ção*, indicativo de “processo”.

reestatização (do sistema Telebrás)

As exigências do grupo são investimentos no setor e melhora do serviço, além da <“reestatização”> do sistema Telebrás, privatizado em 1998. (Rodrigo Constantino, 16/07/2014)

rearrumação

A Casa Civil terá <rearrumação>: como num shopping, o cogitado Aloizio Mercadante sai da papelaria escolar para a administração do complexo. (Coluna Esplanada, 16/01/2014)

reapropriação (do espaço público)

E não foram poucos os que pretendiam promover a “<reapropriação> do espaço público”, como o Bloquinho, da Vila Madalena (zona oeste), ou o Bloco Feliz da Vila, da Casa Verde (zona norte), que incentivou “os moradores a se autoafirmarem como protagonistas de seus espaços”. (Seres Urbanos, 06/03/2014)

reinfiltração (do determinismo genético no discurso oficial da biologia)

Contrastando com a falta de sobriedade dessa retórica não-científica de cientistas, o livro analisa com rigor e sobriedade a atitude pública das lideranças do PGH em seus esforços direcionados, sobretudo, à captação de recursos. Uma boa síntese de sua explicação sobre como foi possível a surpreendente <reinfiltração> do determinismo genético no discurso oficial da biologia justamente quando essa ciência já estava vacinada contra ele está no trecho a seguir (págs. 10-11). (Maurício Tuffani, 24/05/2014)

As unidades lexicais transcritas acima *reestatizar* e *reestatização* evidenciam que o prefixo *re-* pode adjungir-se a bases verbais e nominais de mesma raiz, o que gera dúvidas se o processo que formou *reestatização* é prefixal (*re-* + estatização) ou sufixal (*reestatizar* + *-ção*). Sobre isso, esclarece-nos Duarte (1999: 150-51) que, de fato, as duas possibilidades de leitura são válidas, não havendo, ao que parece, elementos suficientes para uma resposta conclusiva.

Existindo as formas verbal e nominal (ex: elaborar e elaboração) há, frequentemente, motivação para se analisar **re-** + substantivo como prefixalmente ou sufixalmente formado. É, inclusive, possível uma leitura semântica com **re-** em ambos os casos: “elaborar outra vez” e “nova elaboração”, respectivamente.

Ainda dentre os neologismos de base substantiva, chamou-nos a atenção a forma *reresidenta* (*re-* + substantivo estático), que foge completamente ao paradigma prototípico *re-* + substantivo de ação. Segundo nos explica Sandmann (1992: 74-6), uma criação lexical que é formada a partir de quebra ou fuga a uma regra estabilizada e produtiva causa estranhamento e gera

efeitos estilísticos. Nesses momentos, diz ele, a criação lexical cumpre função expressiva e não simplesmente semântica de nomeação. É o que acontece, em nosso entender, na formação *represidenta*, criada pelo jornalista Reinaldo de Azevedo, da *Revista Veja*, declaradamente contrário à reeleição da presidenta Dilma Rousseff, o que o faz tratar o assunto, sempre, com escárnio e ironia. O estranhamento trazido à baila pelo neologismo materializa-se graficamente pelo uso das aspas.

Essa Dilma Rousseff... Nesta terça, ficamos sabendo que a <“represidenta”> pretende dar uma freada nas generosidades do BNDES, diminuindo, na prática, o seu peso no financiamento da economia. (Reinaldo de Azevedo, 26/11/2014)

Mais raras são as criações adjetivas com *re-*. A maior parte delas são formas participiais empregas como adjetivos.

reestilizado

A marca chinesa também apresenta no Salão o sedã J5 <reestilizado>, assim como um conceito de J3 Turin equipado com motor elétrico, e os modelos J2 e o J6 também com motores flex. (Búfalos TV, 30/10/2014)

refrito

A chef Roxana Bresani é peruana e capricha nos pratos, como nesse Tacu-Tacu del Mar: grão-de-bico e arroz <refritos>, cobertos com escabeche peruano de frutos do mar ao pisco. (Katsuki, 12/12/2014)

Uma formação adjetiva (*reeleitoral*), por sua vez, fugiu à regra geral *re-* + participípio em função adjetival. Todavia, não se pode afirmar com certeza, conforme nos esclarece Duarte, se se trata de derivação prefixal (*re-* + eleitoral) ou sufixal (reeleição + *-al*).

A estratégia do Planalto neste ano <reeleitoral> foi trabalhar com uma projeção excessivamente otimista de receitas para, assim, evitar cortes de despesas. (Dinheiro Público e cia., 21/11/2014)

Os dados revelam também associações de *re-* a bases lexicais estrangeiras adaptadas à fonética e à morfologia do português brasileiro. É o que vemos nos verbos *reestartar* (do inglês *start* – começar/iniciar), *retuitar* (do inglês *to tweet* – registrar um texto na rede social Twitter) e no substantivo neológico verbal *retuíte* (do inglês *tweet* – registro de texto na rede social Twitter).

De repente, quando um maluco quebrou vidraças da prefeitura, tudo ficava branco, o dia <reestartava> e toda essa comédia de erros e análise errada de conjuntura se repetia. (Sakamoto, 29/12/2014)

Zacher criou catorze perfis para os personagens do longa-metragem e <retuitou> todas as suas “falas” em um perfil

final, chamado @ReservoirDogs_, com a qual ele amarrou todos os diálogos e deu consistência ao enredo. (Blog de Tec, 02/01/2014)

Lembrarás que mais vale um tuíte ou post atrasado e bem checado que um rápido e mal apurado. E que um número grande de <retuítés>, compartilhamentos e “likes” não garante credibilidade de coisa alguma. (Sakamoto, 14/08/2014)

Finalmente, em uma ocorrência no *corpus*, o formante *re-* prefixou-se a base léxica já, a seu turno, formada com o mesmo elemento afixal (*re-reprise*). Seu aparecimento duplo, contudo, à revelia do que ocorre quando prefixos de intensidade crescente e decrescente (*super-*, *mega-*, *mini-* etc.) aparecem juntos na mesma formação neológica, não indica aumento de intensidade ou exagero, mas apenas uma espécie de dupla repetição. O programa televisivo, o qual já havia sido reapresentado (*reprise*), foi novamente reapresentado (*re-reprise*), ou seja, foi apresentado três vezes.

O autor Walcyr Carrasco comemora um feito que não é para qualquer um. Três obras de sua autoria ganharam espaço na grade de programação da TV Globo nesta semana. A emissora platinada resolveu adotar a estratégia sempre utilizada pelo SBT. Exibiu os últimos capítulos da <re-reprise> de “O Cravo e a Rosa”, sucesso da faixa “Vale a Pena Ver de Novo”, e emendou com a primeira semana de “Caras & Bocas”. Já na mais tradicional faixa da programação da TV brasileira, “Amor à Vida” continua em boa fase. Valdirene aprontou todas no BBB!!! Tatá Werneck arrebentou! (Fábio TV, 17/01/2014)

Interessante notar que a base léxica “reprise”, amplamente documentada nos dicionários do português, é formação de origem francesa (*reprise* > *re-*+ *prise* – particípio passado feminino do verbo *prendre* “tomar”) e já chega ao português na forma prefixada (*[re]prise* > “retomada”). Em virtude da estabilidade semântica (“repetição”) e da forma gráfica comum com que *re-* apresenta-se em várias línguas românicas, o falante brasileiro não encontrou dificuldades para reconhecer o elemento *re-* na base lexical francesa, razão pela qual, ao acrescentar-lhe novamente o mesmo afixo para formar o neologismo *re-reprise*, o faz por meio do hífen, o que não é comum nas formações com este prefixo.

Ainda que menos produtivo para a criação lexical no estágio atual de nossa língua, *re-* é um prefixo recorrente (1) em formações várias da língua geral (*reabrir*, *reabilitar*, *readmitir*, *readoção*, *recivilizar* etc.), átono (2), que não se lexicaliza (3) e não apresenta forma livre correspondente (4). Além disso, pelo significado, também é prototipicamente prefixal, pois atualiza a ideia adverbial de “repetição” (5). Contudo, justamente por guardar analogia com partículas adverbiais e surgir em ambientes morfossintáticos verbais, o prefixo *re-* pode ampliar seu escopo de bases simples (*arroz refrito*) para sintagmas (*reapropriação do espaço público*). O formante preenche, pois, cinco dos seis critérios de prefixidade.

Tabela 15 – *O elemento re- e os critérios de prefixidade:*

Crítérios de prefixidade	Preenchimento do critério
Recorrência	X
não-acento	X
não-lexicalização	X
sem forma livre	X
significados prefixais prototípicos	X
escopo limitado a uma base simples	

4.3.2. Des-

A origem do prefixo *des-* é bastante incerta. Câmara Jr. (1975: 231) diz-nos que ele resulta da “combinação, desenvolvida no romance lusitano, das preposições *de* e *ex*”. Segundo o linguista, seu significado é negativo e sua produtividade é, até hoje, grande. Essa última informação, a bem da verdade, não se tem verificado nos estudos mais recentes acerca dos formantes prefixais, em especial nos desenvolvidos por Alves (1990; 2000), os quais atestam a maior produtividade de *não-* e *anti-* entre os prefixos de semântica negativa, tendência essa também observada nesta pesquisa.

Cunha (2010: 207), por sua vez, discorda de Câmara Jr. quanto à gênese do afixo, afirmando que *des-* advém do também prefixo latino *dis-*. No que diz respeito ao significado do afixo, interessantes são as noções registradas pelo estudioso, as quais também são veiculadas pelas gramáticas consultadas (COUTINHO, 1976: 177; CUNHA & CINTRA, 2008: 99; BECHARA, 2009: 366; ROCHA LIMA, 2010: 253; AZEREDO, 2010: 453; SILVEIRA BUENO, 2014: 85). De acordo com o lexicógrafo, o prefixo pode atualizar as ideias de:

- (i) coisa (ou ação) contrária àquela que é expressa pelo termo primitivo (*desacordo*, *descoser*); (ii) cessação de algum estado primitivo ou de uma situação anterior (*desengano*, *desoprimir*); (iii) coisa ou ação malfeita (*desgoverno*, *desserviço*); (iv) negação da qualidade expressa pelo termo primitivo (*desconexo*, *desleal*); (v) separação de alguma coisa de outra (*desfolhar*, *desmascarar*); (vi) mudança de aspecto (*desfigurar*). (CUNHA, 2010: 207)

Além dos significados acima considerados, o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* registra, também, para *des-*, o cumprimento de função pleonástica em formações como *desapartar* e *desinfeliz*. Nesses casos, diz o verbete, o prefixo “funciona como simples elemento de reforço da ideia expressa pelo termo a que se liga (...)”. Assim, em seu entender, *desapartar* e *desinfeliz* podem

ser entendidos, respectivamente, como “apartar (com firmeza) e (muito) infeliz”.

Verificamos, no *corpus*, 36 unidades léxicas neológicas derivadas com o prefixo *des-*. Dessas, 16 (50%) são verbos, 15 (47%) são substantivos e apenas 5 (3%) são adjetivos neológicos.

Entre os derivados neológicos verbais, há os de bases vernáculas (*despenalizar*, *desviciar*, *despoupar*) e os de bases estrangeiras já conformadas à estrutura fonológica e morfossintática do português (*desestressar*, *deslogar*). Nessas criações, percebe-se que o prefixo atualizou noção de “cessação de um processo” e/ ou “ação ou processo desfeito”, que resulta em “ação contrária”.

Primeiro debate (2/6) – o secretário nacional de Drogas do Uruguai, Julio Calzada, destacou o efeito positivo da legalização do comércio da droga sobre a criminalidade naquele país. Ele ressaltou que o Uruguai, que <despenalizou> o uso de drogas, registra evolução do consumo e de seus efeitos colaterais semelhante ao de países que mantêm a criminalização. (Ricardo Setti, 20/10/2014)

O que fazer: dieta de relacionamentos! Dar um tempo, esperar, fazer terapia, achar um hobby, fazer mais amizades, procurar o MADA (se possível!) para aos poucos ir <desviciando> da necessidade de ter alguém a qualquer custo. (Vigilantes da Autoestima, 29/01/2014)

Levantamento feito pela Folha mostrou que, em metade dos 26 Estados e no Distrito Federal, as receitas foram insuficientes para cobrir os gastos. Ou seja, os governos <despouparam>. (Dinheiro Público, 18/02/2014)

Amigos e Lazer: célula essencial para rir, <desestressar>, relaxar, enfim, recarregar as energias para ter maior eficiência em atividades e desafios. (Gustavo Torres, 01/07/2014)

“A aderência é 100% se o operador logar e <deslogar> exatamente nos horários programados. (Sakamoto, 23/12/2014)

Não raras vezes, verificou-se a co-ocorrência, no *corpus*, tanto de unidades léxicas verbais e nominais de mesmo radical derivadas com *des-* (*desconvocar* e *desconvocação*; *despublicar* e *despublicação*; *desterritorializar* e *desterritorialidade*), quanto de neologismos substantivais e adjetivais de mesmo radical (*desconfirmação* e *desconfirmador*). Nelas, também, o afixo atualiza “ação contrária”, resultante do movimento de “cessação de um processo”.

Para a vaga de Ramires, Dunga tinha duas opções: Fernandinho e Elias. Tinha, porque o volante do Manchester City também se lesionou e foi <desconvocado>. (Blog da Seleção, 07/10/2014)

Fernandes, 23, estava marcado na seleção por ter pedido a <desconvocação> em 2011, sob comando de Mano Menezes, justamente para um confronto contra a Argentina pelo Superclássico das Américas. (Blog da Seleção, 17/09/2014)

Cientistas <'despublicam'> artigo e alegam que o motivo foi 'negócios' (Maurício Tuffani, 24/04/2014)

A nota da revista de <“despublicação”> não comenta nada sobre isso nem sobre as circunstâncias de aprovação e revisão do trabalho. (Maurício Tuffani, 22/08/2014)

A chegada do maravilhoso mundo novo da internet não significou alento para muita gente mas, pelo contrário, serviço dobrado – e que não termina quando o expediente acaba pois, agora, o virtual <desterritorializa> o trabalho. (Sakamoto, 22/06/2014)

Após cinco minutos de FB, TT e do moribundo Orkut, whatsapp, resposta automática de ausência, <desterritorialidade> do local de trabalho, compras online, tamagochi e pikachu, a referida senhora disse, com frases carregadas de orgulho, que não entendia nada daquilo e achava tudo uma bobagem. (Sakamoto, 02/01/2014)

O clima psicológico diz menos respeito ao que uma pessoa faz com a outra do que com aquilo que a pessoa sente pela outra. Esse clima é determinado, em grande parte, pela valorização ou desvalorização que os interlocutores demonstram um pelo outro através da comunicação. A valorização depende, em grande parte, das mensagens de confirmação ou <desconfirmação> que são trocadas entre eles. (Ailton Amélio, 15/02/2014)

A comunicação confirmadora tem os seguintes sentidos: “Você existe”, você importa, você é importante”. A comunicação <desconfirmadora> tem os seguintes sentidos: “Não me preocupo com você”. (Ailton Amélio, 15/02/2014)

Sandmann, em seu estudo acerca da morfologia lexical do português (1992: 69-71), chama-nos a atenção para a direcionalidade da produção lexical, nem sempre tão clara no que se refere às formações com *des-*. Se pegarmos como exemplos o verbo *desterritorializar* e o substantivo *desterritorialidade*, parece-nos que há, em verdade, dois processos de criação lexical envolvidos aqui. As obras lexicográficas (cf. Referências Bibliográficas) registram a forma *territorialidade*, de modo que houve apenas, do ponto de vista morfológico, a adjunção do prefixo à base derivada para se criar o neologismo. Por outro lado, o verbo *desterritorializar* aparenta ser um caso de parassíntese, pois não há, em nossa língua, até o presente momento, registro das formas **desterrítório* e **territorializar*, muito embora já se verifique *territorialização*.

A tendência, aliás, a formações parassintéticas com o prefixo *des-*, já verificada por Duarte (1999: 123-26), confirmou-se em nossos dados. Além do verbo *desterritorializar*, mencionado acima, encontramos também, no blog *Vigilantes da Autoestima*, as curiosas e inusitadas criações léxicas verbais *dezumbizar-se* e *destitaniczar-se* e o substantivo neológico *descolismo*.

Dia 55 – <Deszumbize-se>!

Ao invés de sofrer ontem ou de perder meu tempo descendo a lenha, eu poderia ter começado um dos dois livros que eu realmente preciso ler para me ajudar a ajudar os outros, ou eu poderia ter passeado nos belíssimos parques daqui para melhorar minha saúde. (Vigilantes da Autoestima, 13/06/2014)

Dia 65 – <Destitanicze-se> no amor!

Se você é do tipo que se ilude no amor, aconselho ver o filme “Malévola”. Lá, fica bem claro que a realidade corta as nossas asas toda vez que entramos no ilusionismo. (Vigilantes da Autoestima, 28/07/2014)

Dia 21 – Nós, nossas carências e o <“descolismo”>

Eu ando chateando algumas amigas e vigilantes que esperam de mim uma postura que não sei mais se posso dar. O que acontece é que não sou mais uma amiga “normal”. Hoje, toda minha vida, meus pensamentos e falas são permeados pelo que aprendi e construí esses anos com o Vigilantes da AutoEstima. (Vigilantes da Autoestima, 23/02/2014)

O caráter inusitado desses neologismos é acarretado não pelo processo em si da parassíntese, previsível em formações com *des-*, nem pela semântica do prefixo (“deixar de”, ou seja, “ação contrária”), mas sim pelas bases nominais escolhidas pelos formantes afixais (“zumbi”, “Titanic” e “colo”). *Dezumbizar-se* significa “deixar de agir como zumbi”, em que “zumbi” representa não o clássico morto-vivo dos filmes e seriados de terror, mas, por extensão metafórica, a pessoa que não toma controle da própria vida e deixa de fazer o que lhe dá prazer, tornando-se “morto” em vida. *Destitaniczar-se*, por sua vez, traz, como base lexical, o substantivo próprio “Titanic”, famoso filme tragirromântico de 1997, dirigido por James Cameron, que conta a história do conhecido naufrágio do transatlântico homônimo. Como o filme narra uma idealizada história de amor romântico em meio ao desastre do navio, *destitaniczar-se* significa, portanto, “deixar de ser exageradamente romântico”. Metonimicamente, esse aspecto específico do enredo prevalece como carga semântica da base lexical. Finalmente, “colo”, base presente na unidade léxica neológica *descolismo*, refere-se à expressão “dar colo”, isto é, “consolar”, entendida, contudo, pelo autor do neologismo, como algo negativo que visa a alimentar mais as carências afetivas de uma pessoa. Nesse sentido, *descolismo* seria, portanto, “deixar de dar colo”, ou seja, “deixar de alimentar carências afetivas”.

Ainda quanto à direcionalidade da criação lexical, diz-nos Sandmann (*op. cit.*: 1992: 69-71) que, não raro, nas formações em que *des-* aparece junto ao sufixo *-ção*, dificilmente é possível saber qual afixo juntou-se primeiro à base, ou seja, qual o processo envolvido na criação dessas palavras: prefixação ou sufixação. O autor nos fornece, como exemplo, o substantivo *desregulamentação*, que pode ter-se formado tanto pelo padrão *des-* + *regulamentação* quanto por *desregulamentar* + *-ção*.

Em nosso *corpus*, verificamos alguns casos igualmente incertos. Tomemos, apenas a título de ilustração, a unidade léxica *desformação*. Se há, no português, tanto o registro, pelos dicionários, do nome *formação* quanto do verbo *desformar*, como afirmar inequivocamente que o substantivo neológico é originado por prefixação ou sufixação?

Voltada para uma experiência transgressora, de crítica aos valores burgueses, à heterossexualidade compulsória, ao patriarcado, à pretensão da consciência, a formação de Lindon por Foucault, no lendário apartamento da Rue de

Vaugirard, acaba por ser a <desformação> do mundo pós-Maio de 1968, aqui símbolo de ruptura com valores tradicionais, hierarquias e pretensões de universalidade ainda herdados da modernidade. (Carla Rodrigues, 06/08/2014)

Apesar de associar-se tanto a verbos quanto a nomes, o que se percebe é que *des-* surge, maciçamente, em ambientes morfolexicais verbais, pois, entre as bases nominais, o afixo elencou, preferencialmente, segundo vimos, as derivadas de verbos com o sufixo *-ção*. Além do altamente produtivo padrão [*des-* + (v. + *-ção*)_{subst}]_{subst}, há, igualmente, criações léxicas com nomes em *-mento* (*descadastramento*).

Descontente com a situação, a norte-americana tentou várias ações para desvincular sua conta de e-mail à conta de Facebook de Katya. “Todas os e-mails têm opção de <descadastramento>, mas como o Facebook não sabe que eu não sou dona da conta, não me deixa completar a ação”, diz. (UOL Tecnologia, 10/02/2014)

Justamente em virtude da preferência pela verbalidade, chamam-nos a atenção as (poucas) criações em que *des-* adjungiu-se a bases léxicas nominais não verbais que atualizam noção de estaticidade (*desgovernante*, *desvivo* e *desbaiano*).

Nesses últimos dias, ao ler as declarações dos nossos <desgovernantes> sobre as falcatuas da Petrobras serem desmentidas com fatos e fotos e números pela “imprensa golpista” internacional, tenho sentimentos conflitantes: por “eles”, o mais absoluto asco alheio; pela imprensa, um profundo reconhecimento. (Ricardo Setti, 03/04/2014)

Fico me perguntando o que nos faz ter tanto medo de um simples olhar, coisa que não tínhamos quando eramos bebês ou crianças. Ou melhor: o que é que estamos escondendo de nós mesmos? Ou dos outros? Ou do Universo? Ou da vida? Nos achamos feios? Nos achamos tímidos? Nos achamos mais? menos? Perdidos? Encontrados? Fortes? Frágeis demais? Vivos? <Desvivos>? (Vigilantes da Autoestima, 23/06/2014)

Um tipo estranho, todos se diziam. Nos debates, a platéia esperava, tensa, sua intervenção. Tinha ar de quem ia destruir tudo. Não. Era sensato, gentil, mas suas observações eram sempre agudas, fortes. Um <desbaiano>. Não antibaiano, claro. Mas sem patuá, sem fitinha... Sei lá; vai ver que tinha até pai de santo! Não importa. (Inácio Araújo, 11/07/2014)

Diz-nos Sandmann (1992: 74-6) que, quando os padrões regulares para a formação das palavras são rompidos, normalmente as razões para isso são estilísticas, o que ativa a função expressiva da criação lexical. No caso dos neologismos acima arrolados, o estranhamento consiste na quebra do padrão *des-* + *ação*, que é substituído por *des-* + *estaticidade* em contextos especiais.

No primeiro neologismo, *desgovernante*, o afixo assume a noção adjetiva “mau”, de modo a entendermos a unidade lexical nova como “mau governante”. Nos demais, o afixo imprime, semanticamente, apenas uma negação simples do conteúdo da base. *Desvivo* e *desbaiano* são, simplesmente, “não-vivo” e “não-baiano”. No primeiro caso, a motivação para criar *desvivo* parece

ter sido a palavra “vivo”, que lhe antecede no período e que serve de base ao prefixo *des-* na formação neológica. No contexto de *desbaiano*, o significado do afixo é reforçado pela oposição entre *desbaiano* e o também neologismo *antibaiano*, ou seja, o primeiro é apenas alguém que não se encaixa no protótipo do baiano, ao passo que um *antibaiano* seria quem se opõe aos baianos.

O *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* informa-nos que, enquanto o prefixo *in-* tem sido empregado, normalmente, na formação de unidades lexicais da língua culta, entre o povo prevaleceriam, em seu entender, as formações com *des-*. Como exemplo clássico, a obra traz a oposição entre *infeliz* e *desinfeliz*, em que, claramente, a segunda palavra, reforçada com *des-*, traz maior apelo popular que a primeira. Nesse sentido, chamou-nos a atenção o neologismo *desevolução*, preferido, no contexto não-científico em que aparece, no lugar de *involução*, palavra já consagrada no português, embora utilizada apenas em contextos mais cultos e/ ou técnico-científicos.

O final da década de 70 foi marcado pela reação do punk/new wave aos clichês do rock and roll. E, não poderia haver oposição mais radical à imagem de semideuses do sexo dos ídolos setentistas do que o nerdismo extremo do Devo. Formado na faculdade, o grupo americano desenvolveu um conceito ao mesmo tempo complexo e irônico, baseado na “<desevolução> da humanidade”. Sua mistura de ficção científica, desprezo pelas convenções e som robótico, totalmente diferente de tudo o que havia na época os transformou num foco de orgulho para os nerds do mundo todo na virada dos anos 80. (Radio UOL, 25/05/2014)

Algumas unidades lexicais neológicas verbais derivadas com *des-* e recolhidas do *corpus* causam também estranhamento em virtude de suas bases, aparentemente, não permitirem a atualização de noções como “ação desfeita” ou “cessação de uma ação”. Tais são os casos de *desinventar* e *desprovar*.

Sabe que Santos Dumont <desinventou> a cozinha? Na casa dele, não tinha cozinha, achava mais prático sair para comer. Juro que também acho uma idéia ótima. (Nina Horta, 08/01/2014)

É verdade que ainda não há um modelo claro para explicar como a primeira molécula capaz de guardar informação genética e propagá-la chegou a esse ponto — os debates são complicadinhos, e é melhor deixá-los para outros posts. Mas a questão central é que, de novo, estamos falando de estruturas de matéria seguindo as mesmas leis que a matéria não viva segue. Pode ser que tenha sido necessária uma intervenção sobrenatural para dar o “start” nesse processo? Bem, é difícilimo <“desprovar”> uma ideia como essa, mas o mais prudente me parece assumir que, se processos naturais guiaram tudo o que aconteceu até o ponto do surgimento das matérias-primas da vida, não há motivos para achar que processos naturais não continuaram em ação depois disso. (Darwin e Deus, 08/12/2014)

Percebe-se que os neologismos, a despeito de serem inusitados, não são, porém,

incompreensíveis, pois relacionam-se quase sinonimicamente a ideias bem claras como “não utilizar / não ter em casa a cozinha” (*desinventar* a cozinha) e “rebater uma ideia” (*desprovar* uma ideia). O neopadrão *des-* + *bases de natureza irreversível* tem, aqui, contudo, a função de intensificação, marcando com ênfase a recusa de Santos Dumont em ter uma cozinha em sua casa e a dificuldade em rebater uma ideia, tão fortemente arraigada que é quase uma prova, da intervenção sobrenatural nas origens da vida.

Por fim, no que diz respeito aos critérios de prefixidade, verifica-se que *des-*, ainda que pouco produtivo para a criação lexical, é recorrente em função prefixal (1). Além disso, é partícula átona (2), não lexicalizável (3), não análoga a qualquer forma livre do português (4) e passível de atualizar significados prefixais prototípicos de negação (5). O único critério que o formante não preenche plenamente é o último, pois percebe-se que *des-* pode tomar como escopo, além de bases simples, também sintagmas (6), como em *desterritorialidade do local de trabalho*, *desevolução da humanidade*, *desformação do mundo pós-Maio de 1968* etc. De seis critérios, cinco foram plenamente satisfeitos por *des-*, o que o deixa bastante próximo ao protótipo prefixal com o qual trabalhamos nesta pesquisa.

Tabela 16 – O elemento *des-* e os critérios de prefixidade:

Crítérios de prefixidade	Preenchimento do critério
Recorrência	X
não-acento	X
não-lexicalização	X
sem forma livre	X
significados prefixais prototípicos	X
escopo limitado a uma base simples	

4.3.3. *Micro-*

Originado do grego *mikrós* “pequeno”, o formante *micro-* tem sido, de modo geral, classificado pelas obras de referência de língua portuguesa apenas como elemento de composição, “que se documenta em vocábulos eruditos introduzidos, a partir do século XIX, na linguagem científica internacional” (CUNHA, 2010: 426). Alguns exemplos arrolados pelo *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* são *micróbio*, *microcéfalo*, *microscópio*, *microdátilo*, entre outras.

O *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, a seu turno, insere duas entradas separadas para o elemento *micro-*. Enquanto elemento de composição, diz-nos a obra, atualiza

noção de “pequenez”; por sua vez, enquanto prefixo, integra, desde a 11ª Conferência Internacional de Pesos e Medidas (1960), o Sistema Internacional de Unidades (SI), equivalendo a uma fração milionésima (dez elevado a menos seis), ou “um milhão de vezes menor”.

Cunha & Cintra (2008: 129), na contramão dos demais estudiosos, reconhecem a possibilidade de formações com *micro-* fora do âmbito das linguagens científicas e técnicas. Por esse motivo, entendem os gramáticos que, no português contemporâneo, o formante é pseudoprefixo.

Entre os linguistas, contudo, a situação é bem diferente. Alves (1990: 20; 2000: 179-85; 2015: 40), Sandmann (1992: 37) e Gonçalves (2016: 50), por exemplo, reconhecem o caráter prefixal de *micro-* em formações da língua geral.

Nosso *corpus* revelou 32 unidades lexicais neológicas derivadas com *micro-*. Dessas, apenas uma é adjetiva (*micromomentâneo*), sendo as demais substantivas. O ambiente morfolexical de *micro-* é, sem dúvidas, substantival.

A face mostra expressões <micromomentâneas> (expressões que duram frações de segundos e que mostram as verdadeiras emoções que estão sendo escondidas). (Ailton Amélio, 01/04/2014)

Nesse contexto, o adjetivo neológico forçou a necessidade da parentetização (JUBRAN, 2006b: 301-57) como recurso textual que ajudou a explicar seu significado. Nesse caso, percebe-se que o prefixo *micro-* aproxima-se de sua noção técnica, significando “fração de segundos”, um espaço de tempo muitíssimo curto, portanto.

Entre os substantivos neológicos, percebe-se, primeiramente, que *micro-* adjungiu-se, algumas vezes, a bases lexicais de mesmo radical (*microcervejaria*, *microcervejeiro*, *microagulhamento*, *microagulha* etc.)

De olho no crescimento das <microcervejarias>, que lhe tomam um mercado que, embora pequeno em litros, é voltado para o consumidor de alto poder aquisitivo, a Ambev vai transformar a parte da antiga fábrica da Bohemia em Petrópolis (RJ), num local para a produção de cervejas especiais. (Lauro Jardim, 19/09/2014)

Acima, a receita para preparar uma “weissbier”, que foi a responsável por eu começar a gostar de cervejas. Quem sabe você não vira um <microcervejeiro>? Eu ainda não fiz a minha, mas já tenho o nome e rótulo. Que tal? (Katsuki, 22/10/2014)

<Microagulhamento>

A Pesquisa Aplicada já trouxe à comunidade médica um novo protocolo voltado para este problema tão comum. Procedimento realizado com rollers ou canetas que tem <microagulhas> na sua extremidade. Tem o objetivo de formar canais que estimularão a produção de colágeno e facilitarão a penetração de ativos na pele (Drug delivery). 3 ou 4

sessões. (Sua Pele, 22/05/2014)

Destacam-se, ainda, as associações do formante a bases derivadas com o sufixo *-mento* (*microagulhamento, micromovimento, microplanejamento, microgerenciamento*).

Haddad passou a flertar abertamente com os movimentos do sem-isso e sem-aquilo, que ajudaram a elegê-lo, sim. Sobretudo, foram muito úteis na demonização de seus então adversários: Celso Russomanno e José Serra. O prefeito subiu no palanque do MTST, que hoje manda na distribuição de casas de São Paulo e para a cidade quando lhe dá na telha. Não adianta: isso vai parar na conta do prefeito. E com razão. Ou não foi a sua turma que, na prática, convidou Guilherme Boulos e seus sequazes a cercar a Câmara dos Vereadores. Os que já têm casa, na média, não devem gostar disso. Mas será que os que não têm gostam? Para quem governa Haddad? Para os “mobilizados”? Ele se tornou uma agência de despachos de <micromovimentos>. (Reinaldo de Azevedo, 18/07/2014)

Os processos de aprovação de intervenções urbanas são normalmente desatualizados e dificultam a realização de uma grande idéia muito simples e projetos promissores de arte, design, tecnologia, <microplanejamento urbano>, mobilidade urbana entre outros modos de expressão, muitos nunca chegam se tornar parte da paisagem urbana. (Mobilidade Sustentável, 24/09/2014)

Mas existe um substrato comum a esses descabros. Ambos refletem a deformação patrimonialista do Estado brasileiro – “o capitalismo politicamente orientado”, no dizer de Raymundo Faoro em “Os Donos do Poder”, que aportou por aqui com as caravelas, atravessou cinco séculos de história e foi alçado a novo patamar no atual governo. O <microgerenciamento> e a tutela estatal sobre a atividade econômica criaram um clima ainda mais hostil ao empreendedorismo, aos investimentos. (Constantino, 21/11/2014)

Foram frequentes, também, adjunções de *micro-* a bases lexicais originais da língua inglesa, embora já comuns no português, como se pode ver em *micromarketing, micropendrive, micropost* e *microbullying*.

Parecem paquidérmicos, em contraste, os esforços dos marqueteiros tradicionais para construir as campanhas de seus candidatos na propaganda do rádio e da TV. O <“micromarketing”> de twitters e postagens talvez não seja capaz de alterar as grandes tendências do eleitorado neste ano, mas não deve ser desprezado. (Marcelo Coelho, 18/06/2014)

Eu, que tenho pés tortos no lugar das mãos, passei o maior trabalho para inserir na porta USB do computador o tal ANT sticker, que é uma espécie de <micropendrive>: uma pecinha do tamanho de uma unha que serve de intermediária para a comunicação da pulseira e o computador. (Rodolfo Lucena, 27/06/2014)

Certo dia recebi uma mensagem de um homônimo me perguntando se eu não tinha um nome do meio que poderia começar a usar a fim de evitar confusões. Ele me relatou uma vida digital conturbada e, por mais que compartilhasse de “parte significativa das minhas posições”, não aguentava mais esses <microbullyings>. (Sakamoto, 15/12/2014)

Depois da eleição de Dima Rousseff, o Twitter amanheceu com uma enxurrada de preconceitos contra moradores da região Nordeste por conta da expressiva votação que a região garantiu a ela. Os <microposts> foram extremamente ofensivos e degradantes, revelando o que há de mais obscuro na alma das pessoas. (Sakamoto, 30/03/2014)

O neologismo *micropost*, no mesmo blog, alterna com sua versão vernácula *micropostagem*.

Se a pessoa se sente saciada com uma informação em pílula encapsulada nos 140 toques de um tuíte ou de uma <micropostagem> no Facebook (o que é bem provável hoje em dia...), daí a audiência (que gera prestígio e receita publicitária) ficará apenas com as plataformas de redes sociais e não será transferida para o seu site. (Sakamoto, 18/05/2014)

A possibilidade de lexicalização deste afixo não é novidade entre os estudos lexicais. Alves (2000: 182-3) lembra-nos que a palavra derivada *microcomputador* pode truncar-se, de modo a que o conteúdo semântico da base transfira-se, metonimicamente, ao prefixo, o que dá origem ao substantivo *micro*, em uma frase como “meu <micro> quebrou”. São tantas as vezes em que o formante prefixal é utilizado em função substantiva que, atualmente, o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* já traz, em entrada própria, o substantivo masculino *micro*, sinônimo de *microcomputador*.

Verificamos, contudo, que essa não é a única possibilidade de nominalização de *micro-*. No contexto abaixo, percebe-se que, na caracterização de empresas pequenas, de âmbito familiar, o afixo pode assumir função adjetiva adquirindo, inclusive, marcação morfológica de plural.

Ontem, durante a reunião de líderes, a turma discutia a ordem da pauta. Chinaglia defendia priorizar a votação de um projeto que amplia o regime diferenciado de tributação a <micros> e pequenas empresas. (Lauro Jardim, 07/05/2014)

No contexto em que surgiu a unidade léxica *microplanejamento*, percebe-se que o afixo toma por escopo não apenas a base a que imediatamente se liga, mas todo o sintagma “planejamento urbano”. O mesmo fenômeno de extensão do escopo se verifica em *microbacia hidrográfica*, *micropartículas de produtos químicos nocivos à saúde* e *microfeira de orgânicos*.

Verificada pelo órgão ambiental a impossibilidade da compensação ambiental prevista no caput deste artigo, será exigida a reposição florestal, com espécies nativas, em área equivalente à desmatada, na mesma bacia hidrográfica, sempre que possível na mesma <microbacia hidrográfica>. (Maurício Tuffani, 02/10/2014)

Enquanto isso, em um final de tarde, em um bar vilamadenizado, gente gracinha se refestela ao pensar que a metrópole fica linda nessa época do ano, com seus pôres-de-sol vermelhos, batendo palmas quando o Astro-Rei vai embora. Quem disse que <micropartículas> de produtos químicos nocivos à saúde em estado de suspensão no ar não

podem ser românticas? (Sakamoto, 09/05/2014)

O espaço na V. Mariana, zona sul de São Paulo, é também um pequeno restaurante e uma <microfeira> de orgânicos todos os dias. (Veg 2014, 17/12/2014)

Em todas as unidades lexicais encontradas, o prefixo atualizou noção geral de “extrema pequenez”. Ainda que não seja necessariamente equivalente, em termos de precisão, a “um milhão de vezes menor”, nos exemplos que aqui analisamos, o afixo ajuda a restringir significativamente o tamanho físico da base léxica (*microagulha*, *microfeira*, *microcervejaria*), com consequências em seu alcance (*microplanejamento*) ou em sua intensidade (*microbullying*). Por esse motivo, são comuns referências a acontecimentos ocorridos em redes sociais, como o Twitter, que restringem o tamanho das postagens a apenas alguns caracteres. Tudo o que ocorre nelas é, portanto, “micro” (*microposts*, *micromarketing*, *micropostagens* etc.).

Interessante notar que a pequenez expressa por *micro-*, em alguns contextos, pode resvalar em noção de depreciação, como é o caso de *micromovimentos* que são, pelo que se pode depreender do texto, pequenos e ruidosos movimentos sociais, insignificantes, que não representam, segundo o autor, a maioria da sociedade, mas apenas seus interesses particulares. Do mesmo modo, o *microgerenciamento* efetua-se em contexto de crítica ao exagerado controle estatal sobre a economia, o que faz com que o afixo atualize noção de excesso: *microgerenciamento* é, portanto, um controle excessivo sobre as questões econômicas. Deveria o governo, segundo a visão do autor, reger apenas questões gerais (macro), reservando as micro à gestão das empresas privadas.

Muitas vezes, as nuances semânticas de cada formação esclareceram-se mediante relações que o neologismo estabeleceu com elementos do contexto. É o que se pode ver facilmente em *micropendrive* (“*pecinha* do tamanho de uma unha”), em que a pequenez é reforçada pela comparação do tamanho do dispositivo ao de uma unha e pela relação sinonímica estabelecida entre *micro-* e o sufixo diminutivo *-inha*. Também em *microcervejaria*, vê-se que o neologismo se relaciona positivamente com a descrição do mercado que alcança, “pequeno em litros”, evidenciando o significado desta criação lexical: cervejaria de menor porte, produtora de pouca quantidade da bebida.

Apesar de não ter o seu caráter afixal reconhecido pelas obras gramaticais e lexicográficas de língua geral, *micro-* é um elemento recorrente na função prefixal (1) e atualiza significados prototípicos (5). Todavia, é palavra prosódica (2) e lexicalizável (3) com tanta frequência que originou substantivo *micro*, já dicionarizado. É portanto, hoje, análogo a uma forma livre (4) no português brasileiro. Além disso, vimos que *micro-* pode estender seu escopo para além da base léxica imediatamente a ele associada (6). Dois foram, assim, os critérios de prefixidade satisfeitos

pelo formante.

Tabela 17 – *O elemento micro- e os critérios de prefixidade:*

Crítérios de prefixidade	Preenchimento do critério
Recorrência	X
não-acento	
não-lexicalização	
sem forma livre	
significados prefixais prototípicos	X
escopo limitado a uma base simples	

4.3.4. Semi-

O formante *semi-* é, segundo Cunha (2010: 588), elemento de composição originado da forma latina *sēmi* “metade, meio”, que “foi e continua sendo de grande vitalidade na formação de compostos eruditos em português e nas demais línguas de cultura”. Destaca-se, segundo nos revela o autor, em formações da linguagem científica internacional (*semicircunferência*, *semicírculo*, *semidiâmetro* etc.).

Coutinho (1976: 178), Bechara (2009: 367), Rocha Lima (2010: 255) e Silveira Bueno (2014: 86) classificam o formante como prefixo latino. Cunha & Cintra (2008: 129), por sua vez, entendem-no como sendo um dos pseudoprefixos do português contemporâneo, pois, outrora apenas base presa erudita, já começou a formar, em língua comum, unidades lexicais diversas à semelhança dos prefixos (*semioficial*, *semibêbado* etc.)

Alves, em seus diversos estudos acerca da prefixação (1990: 22; 2000: 290-3; 2015: 55-6), e Duarte (1999: 152-4) incluem *semi-* entre os prefixos do português brasileiro contemporâneo, destacando sua tendência a associar-se a bases léxicas nominais e a atualizar, além do significado latino original, também a noção imprecisa de “proximidade”, “quase” e/ou “que se encontra perto de”.

Recolhemos 30 unidades lexicais neológicas formadas com o prefixo *semi-*. Dessas, a maioria (22) é adjetiva, ao passo que apenas 7 são substantivos neológicos. A maior tendência a associações entre *semi-* e adjetivos já havia sido verificada por Duarte (1999: 153).

Entre os neologismos adjetivais encontrados em nosso *corpus*, destacam-se os de bases participiais e derivadas com sufixos nominais (*-ista*, *-oso*, *-al* entre outros).

seminaufragado

O “Costa Concordia” ganhou gigantescas boias laterais para o início de operação que vai desvirá-lo e fazê-lo flutuar plenamente, após 21 meses <semi-naufragado> na costa da Itália. (Ricardo Setti, 13/12/2014)

semiflexionado

Ergonômica, na CB 500F o piloto fica com os braços e pernas <semiflexionados>, numa postura de ataque, porém confortável. (Infomoto, 22/07/2014)

semiparalisado

André é um músico de muito sucesso. Várias de suas composições são interpretadas por cantores famosos, aqui no Brasil. No entanto, ele é muito tímido. Quando está na presença de uma mulher muito atraente, fica <semiparalisado> e se torna incapaz de tomar qualquer tipo de iniciativa para demonstrar o que está sentindo. (Ailton Amélio, 01/06/2014)

semiaposentado

Em síntese, adorei fazer “Pecado Mortal” ao mesmo tempo em que aprendi vários dos mecanismos que são típicos da Record – não estou falando de empresa ligada a igreja, nada disso. É do jeito que a produção foi montada. Acho que algumas mudanças seriam bem vindas, mas foi um ótimo ambiente de trabalho. E, como estava <semi-aposentado>, foi uma delícia voltar à ativa. (Maurício Stycer, 30/05/2014)

semiderretido

“Que boquete incrível...” disse ele, devagar, com os olhos de gato fechados e o corpo nu <semi-derretido> na cama. (X de Sexo, 05/09/2014)

semirreclinado

A posição <semi-reclinada> (quase sentada), deitada sobre o lado esquerdo, de joelhos ou cócoras pode ser bem mais confortável do que ficar deitada de costas. (Maternar, 24/04/2014)

semicapitalista

Durante a fase de transição da URSS comunista para a Rússia <semi-capitalista>, ocorreu um verdadeiro vácuo de poder. (Constantino, 03/03/2014)

semisocialista

Os nossos arcaísmos não têm absolutamente nenhuma ligação com o liberalismo, até porque esse jamais vingou no Brasil, um país patrimonialista, estatista, <semi-socialista>. (Constantino, 29/04/2014)

semiporoso

Pérez parece preferir uma quarta alternativa: o fato de que, em muitas culturas atuais de caçadores-coletores (análogas, em tese, aos caçadores-coletores do Paleolítico) enxergam uma espécie de barreira <semiporosa> entre animais e seres humanos, em especial no plano espiritual ou mítico. (Darwin e Deus, 24/03/2014)

semificcional

O que pouca gente sabe é que a história, aparentemente um retrato fiel de um fenômeno real, na verdade havia saído de um artigo <semi-ficcional> do jornalista britânico Nick Cohn. (Radio UOL, 27/02/2014)

semiprofissional

O futebol feminino no Brasil, que teve a melhor jogadora do mundo, Marta, por anos, ainda é <semiprofissional>. (Blog da Seleção, 13/08/2014)

Percebemos também que *semi-* adjungiu-se a bases lexicais de mesmo radical, como no substantivo neológico *semicarenagem* e no adjetivo análogo *semicarenado*. O mesmo princípio se verifica nos substantivos neológicos *semiditador* e *semiditadura*.

Na dianteira, a moto recebeu a <semi-carenagem> frontal que a caracteriza, mas respeitando o contorno do farol redondo original e o guidão foi trocado para garantir uma posição de pilotagem mais esportiva. (Infomoto, 27/06/2014)

Pure Sports (esq.), construída pelos italianos da LowRide, tem inspiração na <semi-carenada> Yamaha FZ 750 de 1985 (dir.) (Infomoto, 27/06/2014)

Os EUA são um país democrático. Barack Obama foi eleito em parte por sua oposição à invasão do Iraque. Ele governa um país de correção de curso (aliás, em uma democracia parlamentar, e não presidencialista, é possível que Obama não teria persistido no poder diante do seu atual desgaste), enquanto Vladimir Putin está no poder desde os tempos de Bill Clinton. É um <semiditador> e com isto tudo é muito caricatural na propaganda. (Caio Blinder, 08/03/2014)

Já o nosso homem em Moscou governa um país que já foi definido como uma cleptocracia de Terceiro Mundo que sonha em restaurar as glórias imperiais ou o status perdido (e que nunca mais será recuperado) de superpotência. Há situações em que é mais fácil governar uma <semiditadura> do que uma democracia disfuncional. (Caio Blinder, 08/08/2014)

O significado dimensional do formante parece estar preservado em *semiflexionado* (pernas e braços flexionados pela metade), *semicarenado* e *semicarenagem* (carenagem é uma espécie de “armadura” protetora colocada em apenas um dos lados da moto [*semicarenagem*] ou nos dois lados [*carenagem*]) e *seminaufragado* (barco naufragado pela metade, com uma parte afundada e outra visível).

Nas demais unidades lexicais neológicas, o prefixo atualizou noção de proximidade indefinida (quase ditador, quase ditadura, quase capitalista, quase profissional, quase derretido, quase aposentado, quase socialista, quase ficcional etc.). Nesse sentido, é interessante notar a relação textual sinonímica estabelecida, no contexto, entre *semirreclinada* e “quase sentada”, em

que se evidencia, com maior clareza, a noção de proximidade indefinida assumida por *semi-* na maioria dos neologismos.

Apesar de estar entre os formantes de produtividade baixa, verifica-se que *semi-* é recorrente em função prefixal (1) e atualiza significado prototípico (5). Normalmente, adjunge-se apenas a bases léxicas simples, mas, em alguns casos, pode estender seu escopo além dela (6), como em *semicarenagem frontal* ou em *semipânico de estar sendo observada*, como se pode ver no contexto abaixo:

Enquanto os homens se concentravam em suas respectivas mulheres, entre mim e a loura rolava uma ligação invisível de puro tesão. Apesar do <semi-pânico> de estar sendo observada, eu devorava o corpo dela com os olhos: sua boca aberta, seus seios durinhos, o quadril balançando no ritmo da transa. (X de Sexo, 11/10/2014)

O formante é, ainda, palavra prosódica (2) não correspondente a nenhuma forma livre registrada pelas obras lexicográficas do português (4). Contudo, a lexicalização do afixo é possível (3), sobretudo em contextos esportivos, em que a forma substantivada *semi* resulta da truncação de semifinal: “Quinzinho brilha, Assoeva vence JEC nos pênaltis e avança à <semi> da LNF” (Site globoesporte.globo.com, de 05/11/2016).

Tabela 18 – O elemento *semi-* e os critérios de prefixidade:

Crítérios de prefixidade	Preenchimento do critério
Recorrência	X
não-acento	
não-lexicalização	
sem forma livre	X
significados prefixais prototípicos	X
escopo limitado a uma base simples	

4.3.5. *Ultra-*

Oriundo da forma adverbial latina *ŭltra* (CUNHA, 2010: 660), o formante *ultra-* tem o seu caráter prefixal reconhecido por todas as obras gramaticais da língua portuguesa, as quais inserem-no entre os prefixos de origem latina. Apesar dessa unanimidade classificatória, lembra-nos Duarte (1999: 161) que “em latim, *ultra-* não servia de prefixo, a não ser em um ou outro caso isolado a exemplo do adjetivo pós-clássico *ultramundanus*, e do adjetivo do latim tardio *ultramontanus*”. Diante disso, Cunha (*op.cit.*: 660) classifica-o não como prefixo, mas como elemento de composição. Diz-nos ainda o autor que, em português, a introdução deste formante se deu apenas a

partir do século XIX.

As obras de referência de nossa língua, de maneira geral, identificam, em *ultra-*, a noção de algo “que vai além”, “que ultrapassa limites”. Por isso, não são raras as situações em que o prefixo é empregado em formações de caráter locativo (*ultramarino [além-mar]*, *ultraterritorial [além do território]*, *ultrapassar [passar para outro lado]* etc.). Apesar de ser este o significado primevo assumido pela partícula, dele deriva-se a ideia superlativa de “excesso” (BECHARA, 2009: 368; SILVEIRA BUENO, 2014: 86; CUNHA, 2010: 660), de algo que é intensificado “ao máximo” (DUARTE, 1999: 161), em “exagero” (ALVES, 1990: 20), como *ultraconservador* (conservador em excesso), *ultraesquisito* (esquisito demais), *ultrafamoso* (muitíssimo famoso) etc. Segundo nos informa Alves (2015: 36-7), o caráter intensificador superlativo é o que, com mais frequência, *ultra-* tem assumido nas criações lexicais do português brasileiro contemporâneo.

Nosso *corpus* revelou 25 neologismos nominais derivados com o prefixo *ultra-*. Desses, destacam-se as adjunções frequentes do afixo a adjetivos de origem participial (*ultrablindado*, *ultrapremiado*, *ultrarracionalizado* e *ultracompactado*).

Cela de prisão de segurança máxima: um fio de janela, com vidro <ultra-blindado>. (Ricardo Setti, 09/12/2014)

A tarefa de criar um edifício para o Facebook ficou a cargo do canadense e <ultrapremiado> Frank Gehry. (Ricardo Setti, 11/01/2014)

Em meio a ondas de cientificismo, as soluções <ultra-racionalizadas>, flutuam os restos de um naufrágio denegado por palavras de ordem inspiradas em otimismo de autoajuda. (Scientific American, 11/07/2014)

Em 5 bilhões de anos, nosso astro-rei se expandirá como uma estrela gigante vermelha — um sinal claro de que o combustível que o alimenta no núcleo estelar está para terminar. Quando ele se esgotar de vez, a atmosfera inchada do astro será soprada para o espaço, e da estrela só restará o núcleo morto e <ultracompactado>. (Mensageiro Sideral, 17/09/2014)

Verificamos também repetidas ocorrências de formações neológicas em que o prefixo associou-se a bases substantivas e adjetivas de mesmo radical (*ultraesquerda* e *ultraesquerdista*; *ultraluxo* e *ultraluxuoso*; *ultramaratona* e *ultramaratonista*).

O fato ganhou todas as manchetes dos telejornais e serviu de combustível para ataques demagógicos da candidata de <ultraesquerda> à Presidência, Luciana Genro, contra o governador Geraldo Alckmin e o PSDB durante o debate entre candidatos promovido pela Igreja Católica. (Ricardo Setti, 17/09/2014)

Houve o processo contra mim na Justiça Militar, com acusações ridículas, entre as quais aquela envolvendo o telefonema grampeado do Darcy, e outras histórias vindas da universidade, de colegas que naquele momento dedo-

duraram bastante, mas depois virariam <ultra-esquerdistas>. (Ricardo Setti, 31/03/2014)

No começo de 2014, a Etihad novamente aqueceu a guerra do <ultraluxo> nos A380 anunciando que a partir de dezembro, seus aviões contarão com novas classes premium. (Todos a Bordo, 29/10/2014)

Como os aeroportos brasileiros não estão aptos a receber o A380, única aeronave com as cabines <ultraluxuosas>, o Smiles optou por não incluí-la nas opções disponíveis a seus associados, mesmo em rotas no exterior. (Todos a Bordo, 22/11/2014)

A equipe brasileira de <ultramaratonistas> ficou em 13º lugar no Mundial de <ultramaratona> (100 km), disputado na última sexta-feira (21) em Doha, no Catar. (Rodolfo Lucena, 24/11/2014).

Observamos um curioso acúmulo de partículas intensivas associadas ao sintagma “sem graça” na unidade lexical neológica *ultra mega master blaster sem graça*. No âmbito da prefixação intensiva, parece ser fenômeno relativamente comum, principalmente em ambientes textuais mais oralizados, o emprego simultâneo de formantes diferentes de natureza semântica análoga, a fim de intensificar, com maior ênfase, o significado da base lexical.

Ele fechou a porta, fez o que tinha que fazer e pediu ajuda para se vestir. E foi embora. Ela ficou <ultra mega blaster sem graça> e sem saber o que pensar: – ele está me zuando? (Assim como você, 10/01/2014)

Percebe-se aqui que o hífen não foi utilizado pelo autor do neologismo nem para conectar as partículas intensivas nem para ligá-las à base, o que demonstra, mais uma vez, a liberdade sintática que pode ser assumida pelos prefixos, mesmo quando desempenham função afixal, fazendo com que as delimitações entre formas livres e presas diluam-se cada vez mais.

Não se verificou qualquer unidade léxica neológica em que *ultra-* houvesse atualizado significado locativo. Em todas elas, predomina, no afixo, noção intensiva superlativa, o que confirma a afirmação de Alves (2015:36-7) acerca da semântica deste afixo. Acrescentamos, contudo, segundo temos observado, que o caráter mais ou menos exagerado, ou melhor, mais ou menos desvalorativo do neologismo depende muito do conteúdo semântico da base lexical e do contexto em que ela está inserida. Normalmente, vê-se que, em relação à política, as criações lexicais são, quase sempre, depreciativas. Nelas, a intensidade de *ultra-* redundante em exagero danoso. É o que se pode verificar em *ultraesquerda* e *ultraesquerdistas* (esquerda e esquerdistas exagerados, em excesso) e também em *ultradireita* (extrema-direita).

Quando afirmo o óbvio – que o PSDB é um partido social-democrata e, portanto, de esquerda – uma ala esquerdistas fica em polvorosa. É que, para eles, os tucanos seriam “neoliberais” de <ultra-direita> (risos). Não são. (Constantino,

21/07/2014)

Não apenas na política, porém, é possível ver criações léxicas desvalorativas, em que a afixação, impulsionada pelo conteúdo da base lexical inserida, por sua vez, em determinados ambientes textuais, atualiza noção excessiva, como em *ultra mega master blaster sem graça* e em *ultratelegráfico*, que designa os resumos excessivamente curtos (e insuficientes para a redação da matéria) recebidos, do Vaticano, pelo autor do blog Darwin e Deus, acerca do pontificado do Papa Francisco.

O argentino Jorge Bergoglio virou papa Francisco faz um ano, e eu fiz um pequeno balanço desses 12 meses movimentados e interessantes na edição de hoje desta Folha. Como de costume, contei com a ajuda de especialistas em Igreja Católica para tentar interpretar o pontificado de Francisco até agora e, também como de costume, tive de me contentar em usar resumos <ultratelegráficos> das coisas muito legais que eles me disseram para a reportagem do jornal impresso. (Darwin e Deus, 13/03/2014)

Outros neologismos, a seu turno, não apresentam conotação depreciativa. Nesses casos, o prefixo marca apenas uma forte intensidade, algo que vai bastante além do habitual, mas que não está claro se é visto como exagerado ou não. Isso se vê em *ultramaratona*, em que, pelo contexto, ficamos sabendo que é uma maratona de incríveis 100 km (!!) disputada por *ultramaratonistas* e também em *ultrapremiado*, *ultracompactado* e *ultrablindado*, nos quais as bases participiais são bastante intensificadas, mas sem traço de depreciação.

Nos neologismos *ultraluxo*, *ultraluxuoso*, *ultraexclusivo* e *ultralargo* tem-se a veiculação, pelas bases, de conteúdos semânticos normalmente valorizados por quem contrata um serviço de aviação de primeira classe, o que dá a essas criações caráter valorativo e ao prefixo noção de intensidade máxima, mas sem depreciação (muito pelo contrário, aliás).

Chamada de “classe executiva do futuro”, os designs mostram um ambiente claro e aberto, com assentos-cama <ultralargos> dispostos no padrão 1-2-1, parcialmente encapsulados, com iluminação especial e acesso ao corredor para todos os passageiros. (Todos a Bordo, 29/10/2014)

A Etihad Airways, companhia aérea baseada em Abu Dhabi, nos Emirados Árabes Unidos (EAU), sacudi o mundo da aviação em maio, ao apresentar uma classe de serviço <ultraexclusiva> que estará disponível nos novos Airbus A380 da empresa a partir de dezembro. (Todos a Bordo, 10/10/2014)

O mesmo se pode observar nos adjetivos neológicos *ultraquerido* e *ultraespecial*, em que, pela ideia positiva da base, exclui-se, do prefixo, a noção de exagero e depreciação.

Piramos com a alcachofra frita (e o sorriso) na companhia da jornalista e escritora Claudia Monteiro, em Roma; com o rolêzinho delícia com o Fabio “Minha Saga” Barbiero e sua mulher Luciana, em Pisa; com as perguntas que a Cristiane Barros fez para a gente ver a arte (e a traseira do Davi de Michelangelo hehe) de outra forma, em Firenze; com a generosidade do marido <ultra-querido> da Cristiane, o Sandro; com espiritualidade da Claudia Leite; com o passeio pelas ruas – que a gente nem sabia que existiam –, em Roma, com a Edna Costa :-D (Vigilantes da Autoestima, 24/03/2014)

Mas vou falar de quatro momentos <ultra-especiais> que aconteceram. (Vigilantes da Autoestima, 19/03/2014)

Por fim, falta-nos apenas discurrir acerca da relação entre *ultra-* e os critérios de prefixidade. Quanto a isso, verifica-se que o formante é recorrente em função prefixal (1), ainda que menos produtivo que outros de natureza semântica intensiva, como *super-* ou *mega-*. Além disso, atualiza significados prototípicos (5). No entanto, vê-se que a partícula é palavra prosódica (2).

Ainda que não tenhamos verificado qualquer caso de lexicalização do afixo, lembra-nos Alves (2000: 157) que o prefixo pode se lexicalizar (3) em contextos de política. A autora fornece, como exemplo, o seguinte contexto: “Dentro do peronismo, os <ultra> da esquerda e da direita se matavam a tiros e a bombas”. Atualmente, a maioria dos dicionários de língua portuguesa reconhece esse uso substantivado de *ultra-*, de modo que já existem entradas diferenciadas para o prefixo *ultra-* e para o substantivo de dois gêneros *ultra*, o qual designa, segundo o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*: “partidário de ideias muito avançadas ou radicais; extremista”. Diante disso, consideraremos que a forma prefixal, em nossa língua, é análoga a uma forma livre (4).

Nos neologismos *ultra mega master blaster sem graça* observa-se que o afixo, reforçado semanticamente por outros elementos, pode estender seu escopo para sintagmas (6), além, portanto, de bases lexicais simples. O mesmo fenômeno já fora verificado por Alves (*op. cit.*: 157) em *ultra-alto peso molecular*, o que confirma o não preenchimento do sexto critério por este prefixo. Dois, portanto, são os critérios satisfeitos por *ultra-* em nosso estudo.

Tabela 19 – O elemento *ultra-* e os critérios de prefixidade:

Critérios de prefixidade	Preenchimento do critério
Recorrência	X
não-acento	
não-lexicalização	
sem forma livre	
significados prefixais prototípicos	X
escopo limitado a uma base simples	

4.3.6. Neo-

O formante *neo-* tem sido tradicionalmente classificado por gramáticas e dicionários de língua portuguesa como elemento de composição oriundo do grego *neós* “novo” (COUTINHO, 1976: 186; CUNHA, 2010: 448; CUNHA & CINTRA, 2008: 125; BECHARA, 2009: 377; ROCHA LIMA, 2010: 276; SILVEIRA BUENO, 2014: 82). Segundo o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, além de “novo”, *neo-* pode, também, semantizar as ideias de “recém” e “renovadamente”. Ainda de acordo com a importante obra lexicográfica de nossa língua, a partir do século XIX, o formante “passou a ser fortemente usado para indicar revivescências (de partidos, movimentos, doutrinas, elementos e afins)”. Isso se verificou abundantemente em nossos dados, conforme veremos adiante.

Na contramão dos demais estudiosos, Azeredo (2010: 453) estende a *neo-* o estatuto de prefixo, destacando sua alta produtividade em nossa língua. Do mesmo modo, em Alves (1990: 23) verificamos que o elemento encontra-se arrolado entre os prefixos produtivos para a criação neológica considerados pela autora em seu estudo. Em suas palavras: “Também com frequência apresenta-se o prefixo *neo-*, que, antepostos a bases nominais, deriva neologismos denotadores de 'novidade', 'ideias novas'.” (*op. cit.*: 23. grifo nosso).

Em nosso *corpus*, recolhemos 22 unidades léxicas neológicas formadas pela associação entre *neo-* e bases nominais adjetivas e, sobretudo, substantivas derivadas com os sufixos *-ismo* e *-ista*. Foi principalmente em contextos que tratam de política e questões sociais que os neologismos foram empregados, o que, a nosso ver, não é surpresa, uma vez que o significado básico de *neo-* é “novo”, designando algo que surge como novidade ou ressurgir como tendência.

Ora, no campo político e na vida social, os embates e as mudanças são constantes, o que cria novidades como adversários que se tornam aliados (*neoaliada*); aliados que se tornam adversários (*neoadversário*); novos partidários de determinados políticos (*neoaecista*); novos membros (concreta ou hipoteticamente) de partidos políticos (*neopemedebista*) ou movimentos (*neofeminista*, *neomiliciano*); correntes, práticas, pensamentos e posicionamentos políticos, científicos, comportamentais e filosóficos novos ou antigos que ressurgiram (*neoudenismo*, *neo-otomano*, *neoconstitucionalismo*, *neocriacionismo*, *neointegrista*, *neopelourinho*) etc.

A <NEOALIADA> — Assessores de Marina Silva conversaram com representantes do PSDB na semana passada. Na mesa, planos para unificar estratégias para o futuro; ela deve encontrar pessoalmente o tucano em breve. (Ricardo Setti, 04/11/2014)

As viagens do ex-presidente Lula por capitais, para dar palestras, têm também um tom pré-eleitoral que remete ao seu duplo projeto político de 2010: eleger Dilma Rousseff presidente do País e liquidar nomes da oposição no Senado Federal. Este ano, Lula vai trabalhar para isso, e apoiará incondicionalmente nomes da base contra candidatos do DEM, PSDB, SDD e agora o <neoadversário> PSB, a fim de reforçar a Casa Alta caso Dilma vença a eleição. (Coluna Esplanada, 14/06/2014)

De acordo com pesquisas qualitativas realizadas pelos tucanos ontem durante o debate da Band com eleitores indecisos e <neoacistas>, as falas de Dilma Rousseff sobre a inflação não convencem. (Lauro Jardim, 14/10/2014)

O prefeito do Rio, Eduardo Paes, e o governador reeleito, Luiz Fernando Pezão, ambos do PMDB, ficaram em Brasília e foram hoje à liderança do PSDB. Mas não ficaram a tempo. Saíram juntos do Congresso, antes do discurso de Aécio Neves, e voaram de volta para o Rio. Em tempo, Paes é um ex-deputado tucano, <neopemedebista>. Pezão é aliado de Dilma, mas grande parte de seu PMDB – entre mandatários e militantes – fez campanha para Aécio no Rio.. (Coluna Esplanada, 06/11/2014)

Já investir contra Aécio, como também fez em Pernambuco, acusando-o de “grosseiro” com Dilma, é frio cálculo eleitoral. O <neofeminista> da temporada havia feito a sua aparição na antevéspera, em outro comício, então em Itaquera, na zona leste paulistana. (Ricardo Setti, 24/10/2014)

Ser um <neomiliciano> de classe média não é a vanguarda da mudança, mas do atraso. (Sakamoto, 25/02/2014)

Nesta ocupação você também encontrava jovens que, apesar de achar que tinham um pensamento de esquerda, não se viam representados pelas organizações e movimentos sociais. Quando você conversava um pouco, via que eles nada mais representavam que um <“neo-udenismo”>, um conservadorismo com algumas ações de mobilização. (Marcelo Coelho, 22/02/2014)

O ícone de Erdogan, porém, está em casa. Ele quer mais títulos e reconhecimento do que o pai da Turquia moderna, Mustafá Kemal Atatürk, que presidiu o país a partir de sua fundação em 1923. A ambição de Erdogan é segurar o osso presidencial pelo menos até 2023, na celebração do centenário da república. Atatürk também tinha os pendores autoritários no seu projeto para modernizar e fazer da Turquia (os restos do Império Otomano) uma sociedade laica. Já o <neo-otomano> Erdogan quer islamizar o país. (Caio Blinder, 13/08/2014)

O ministro é adepto de um tal <“neoconstitucionalismo”>. Já conversei com alguns especialistas. Ninguém consegue explicar direito que estroenga é essa. Uma definição possível para ela seria “Novo Arbítrio das Luzes”, que poderia ser assim caracterizado: um grupo de supostos iluminados, considerando-se dotado de uma razão superior, acha que pode ignorar as leis democraticamente pactuadas para fazer justiça. Assim, em vez de valer o que está escrito nos códigos, vale o que faz “avançar a luta”. Mas qual? De quem? Ora, de quem outorga a si mesmo o poder para ignorar a lei. Entenderam? (Reinaldo de Azevedo, 28/02/2014)

Aviso aos navegantes: este é mais um post da nossa série “raio-X do Design Inteligente/<neocriacionismo> no Brasil”, que detalha os resultados da reportagem que escrevi nesta semana para a versão impressa da Folha. (Darwin e Deus, 29/10/2014)

Enquanto os <neo-integristas> esperneiam contra os discursos e posicionamentos de Francisco, particularmente pelo seu tom conciliatório com o mundo moderno e seus valores e também por certa negativa do papa em torno de alguns de seus posicionamentos mais conservadores, no outro extremo, os progressistas, cerram-no em suas chaves analíticas que querem ver Francisco como a “revolução na Igreja”, como o “papa da ruptura”. (Darwin e Deus, 13/03/2014)

Você ficaria –não estamos falando em casamento!- com quem defende a tese do “bandido bom é bandido morto” e aplaude o <neopelourinho> escroto que anda rolando por aí? (Xico Sá, 12/02/2014)

Nota-se, nos contextos acima em que surgem *neo-udenismo* e *neoconstitucionalismo*, o aspeamento como recurso que marca o caráter de novidade das unidades lexicais empregadas. Além disso, verifica-se que, no caso de *neoconstitucionalismo*, o contexto torna-se, em si, uma tentativa do autor de explicar o significado do neologismo por ele empregado, o que reforça as relações, já exploradas por Alves (2009a; 2009b), entre neologia e texto.

Do ponto de vista morfolexical, destacam-se as associações de *neo-* a base estrangeira neológica (*neohipster*), a base léxica já prefixada (*neo-narcotraficante*) e a base léxica truncada (*neoon[servador]*).

Jornalistas que sofreram a manipulação da imprensa lá em Minas no governo Aécio + Galera liberal social, que defende os direitos LGBT e das domésticas (incluo-me nesse grupo) + Quem está questionando a forma como a imprensa é feita (e lida) = <neo-hipsters> de São Paulo. (Caio Blinder, 01/11/2014)

Saviano, ainda, ressalta que o poder dos <neo-narcotraficantes> se baseia hoje nem tanto nas quantidades de cocaína que transportam para os EUA, mas na eficiente rede de extorsão armada para, ao tomarem o comando das cidades das mãos das autoridades civis, exigirem de agricultores, produtores, comerciantes e empresários uma parte de seus ganhos. (Sylvia Colombo, 15/10/2014)

Será fácil, como nos anos 1970, associar todo pensamento democratizador, igualitário e timidamente socialista aos “baderneiros”, aos “terroristas”, aos “black blocs” e, por que não, aos “comunistas”. Como se não vivêssemos, no panorama internacional, a verdadeira baderna criada por George Bush, pelos <neocons> e pelos irresponsáveis do mercado financeiro —sempre aplaudidos pela direita local. (Marcelo Coelho, 19/02/2014)

Por fim, no que se refere aos critérios de prefixidade, observa-se que *neo-* é partícula recorrente em função prefixal (1), não-lexicalizável (3), não correspondente a nenhuma forma livre da língua portuguesa (4) e passível de atualizar significado adjetival “geral” (novo) (5). Porém, trata-se de palavra prosódica (2), que pode estender seu escopo, ainda que com menor frequência, para um sintagma, ou seja, para além de uma palavra-base (6), como em *neomiliciano de classe média*. O formante preenche, portanto, quatro dos seis critérios de prefixidade com os quais trabalhamos no presente estudo.

Tabela 20 – *O elemento neo- e os critérios de prefixidade:*

Crítérios de prefixidade	Preenchimento do critério
Recorrência	X
não-acento	
não-lexicalização	X
sem forma livre	X
significados prefixais prototípicos	X
escopo limitado a uma base simples	

4.3.7. *Pseudo-*

Pseudo-, segundo o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (CUNHA, 2010: 529), é elemento de composição derivado do grego *pseudēs* “mentiroso, enganador, falso, suposto”. Algumas palavras, ainda hoje comuns no português, como *pseudônimo*, originaram-se no próprio grego; outras, por sua vez, são criações posteriores, introduzidas na linguagem científica internacional a partir do século XIX, como *pseudestesia*, *pseudópode*, *pseudosofia*, *pseudozoário* etc.

O caráter erudito deste elemento de composição grego é atestado pela maioria das obras linguísticas de nossa língua (COUTINHO, 1976: 187; BECHARA, 2009: 379; ROCHA LIMA, 2010: 277; SILVEIRA BUENO, 2014: 82, entre outras). As exceções ficam por conta de Cunha & Cintra (2008: 129), Azeredo (2010: 453) e Sandmann (1992: 37).

Os primeiros classificam *pseudo-* como prefixoide, uma vez que, contemporaneamente, tem-se verificado o emprego deste elemento em formações cada vez mais frequentes na língua geral (*pseudochefe*, *pseudoamigo* etc.).

Azeredo (*op. cit.*: 453), por sua vez, vai mais longe, inserindo o formante entre os prefixos do português. O mesmo o faz Sandmann (*op. cit.*: 37), para quem a produtividade, associada ao significado adjetivo “geral” atualizado por *pseudo-* (falso), são fatores decisivos para lhe estender o título de prefixo.

Verificamos, em nosso *corpus*, 21 neologismos formados pela associação de *pseudo-* a bases nominais (17 substantivos e 4 adjetivos). Em todos eles, o formante atualiza, de modo geral, a ideia de algo falso / não plenamente verdadeiro, algo que imita o verdadeiro, mas constitui-se, afinal, como uma farsa e/ou como algo apenas parcialmente verdadeiro. O caráter semântico de *pseudo-* é, portanto, desvalorativo: parece, mas não é / parece, mas não é exatamente como parece. Seguem abaixo alguns contextos ilustrativos:

pseudocantora (substantivo)

Nas edições seguintes, não faltaram personagens curiosos. Um coveiro com pinta de galã, uma <pseudo-cantora> sem noção da língua inglesa, uma caipira apaixonada, participantes da melhor idade, modelos sarados, atrizes, amigos de globais, protagonistas de vídeos polêmicos na Internet, um professor que despontou da sala de aula direto para Brasília e até ex-BBB. (O Buxixo, 01/04/2014)

pseudodiferença (substantivo)

Em mais de um artigo já expliquei o engano em conservar no Acordo Ortográfico de 1990 a grafia co-herdeiro, novidade trazida pelo ortógrafo português Rebelo Gonçalves, em 1940, e agasalhada pelas reformas de 1943 e 1945. Baseava-se Gonçalves numa <pseudodiferença> semântica desse prefixo. (Thais Nicoleti, 16/09/2014)

pseudoelite (substantivo)

A mentalidade predominante, de profundo relativismo estético, ético e moral, acaba possibilitando um mercado sem pé nem cabeça, fomentado por uma <pseudo-elite> arrogante cheia de interesses obscuros por trás. (Constantino, 02/07/2014)

pseudoetimologia (substantivo)

Sempre atento ao risco do fascínio exercido pela <pseudoetimologia>, alerta sobre a necessidade de estudar cientificamente o tema: “A etimologia científica está distante da <pseudoetimologia> tanto quanto a astronomia está da astrologia”. Para Mário Eduardo Viaro, não é a ortografia o grande vilão do ensino da língua materna. Na sua opinião, “o problema é mais profundo: deve-se a algum tipo de crise moderna do saber, às condições de ensino e ao modo como é conduzido”. (Thais Nicoleti, 24/11/2014)

pseudoexplicativo (adjetivo)

Os comportamentos podem ser explicados de acordo com o sistema valorativo ou de acordo com o sistema científico. O sistema valorativo é <pseudoexplicativo> e taxativo. Esse sistema, no entanto, é útil para tentar moldar o mundo social de acordo com aquilo que nos afeta. (Ailton Amélio, 05/02/2014)

pseudojornalismo (substantivo)

Quase todos os livros que foram produzidos pelo fenômeno da violência é lixo. Existem grandes exceções, mas em geral existe uma super-exploração do tema, em livros de <pseudo-jornalismo> e as chamadas narco-novelas. (Sylvia Colombo, 26/03/2014)

pseudonacionalista (adjetivo)

“(…) Tal cientificismo tem por trás o controle dos padrões de consumo dos países pobres, e nesse ponto permita-me repudiar a pecha de “delírio <pseudonacionalista>” – pois são profusamente evidentes as manobras para estocagem dos nossos recursos naturais com vistas à melhor remuneração da produção agrícola dos países desenvolvidos. Ao contrário do que pensam os que mudaram muito mais do que mudou o mundo, o chamado movimento ambientalista internacional

nada mais é, em sua essência geopolítica, que uma cabeça de ponte do imperialismo.” (Mauricio Tuffani, 25/12/2014)

pseudopatriotada (substantivo)

Olha, não me entendam mal. Quem lê este espaço sabe que amo futebol, assisti praticamente a todos os jogos da Copa e estou torcendo horrores – pela seleção e pelo meu bolão, que ninguém é de ferro. Mas eu, que detesto patriotadas, odeio ainda mais <pseudopatriotadas>. (Sakamoto, 07/07/2014)

pseudorrealidade (substantivo)

Os governos nazista e comunista fecham suas fronteiras, controlam a informação, substituem a realidade por uma <pseudo-realidade> e eliminam os opositores. (Constantino, 25/08/2014)

pseudorreconhecimento (substantivo)

Isso sem contar que tentar manter-se alheio a reivindicações justas é, não raro, apoiar a manutenção de um status quo de desigualdade e injustiça. Coisa que, por medo, preguiça, vontade de agradar alguém ou <pseudo-reconhecimento> de classe, a gente faz muito bem. (Sakamoto, 15/05/2014)

pseudorepórter (substantivo)

Por isso mesmo, o canal platinado explora o ator em diferentes programas. Porém, com um grande detalhe: camufla o passado recordiano do moço. Na última quinta-feira (24/07), Chay participou do “Vídeo Show”. A <“pseudo-repórter”> Pathy Dejesus indagou a carreira artística. “Como ator, é a sua estreia, né?”. “É! Uma estreia muito importante”, respondeu sem receio. (Fábio TV, 28/07/2014)

pseudosuperioridade (substantivo)

Ora, nada mais infantil do que chamar o outro no diminutivo, tentando passar uma <pseudo-superioridade>. (Constantino, 08/03/2014)

pseudourgência (substantivo)

Tinha boa autoestima e, por isso, não se sentia ameaçado ou diminuído. Não dava mais importância para as expectativas alheias do que para aquilo que sentia e pensava. Não costuma ficar ansioso para cumprir compromissos. Era como se pensasse: o que pode acontecer de pior? Se acontecer, terei condições de lidar com o acontecimento? Essa atitude tornava as coisas menos dramáticas e impositivas. Ele não costuma se render facilmente às <pseudourgências> que costumam esmagar a maioria das pessoas comuns. (Ailton Amélio, 04/05/2014)

Pelos exemplos acima arrolados, percebe-se claramente que há imensa flutuação no uso do hífen em formações com *pseudo-*, apesar de o *Acordo Ortográfico* vigente determinar que o hífen deva ser utilizado, nestes casos, apenas quando o segundo elemento terminar em vogal igual à do primeiro elemento (*pseudo-origem*, por exemplo).

As aspas, segundo já atestamos antes, têm sido recurso gráfico recorrente para marcar o

caráter de novidade de algumas criações lexicais. No contexto em que aparece o neologismo *pseudorrepórter*, o aspeamento destaca a palavra nova.

Em boa parte dos exemplos, percebe-se que *pseudo-* estabelece relações com elementos do contexto, os quais, a seu turno, reforçam o significado do formante e o caráter desvalorativo das formações com ele. A *pseudorrealidade* e a *pseudopatriotada* opõem-se, textualmente, à realidade e à patriotada verdadeiras. A *pseudocantora* é falsa justamente por não saber a língua inglesa e, assim, não poder cantar nesse idioma. O *pseudojornalismo* não tem status de jornalismo, ou seja, encontra-se rebaixado em relação ao jornalismo de fato justamente por superexplorar a violência. A *pseudoetimologia* não é ciência etimológica, assim como a astrologia não é a ciência astronômica e assim por diante.

Por fim, no que concerne aos critérios de prefixidade, verifica-se que *pseudo-* é elemento recorrente em função prefixal (1), não lexicalizável (3), não análogo a nenhuma forma livre no português (4) e semanticamente adjetivo (5). No entanto, é palavra prosódica (2) e, em alguns contextos, pode tomar por escopo não apenas palavras, mas também sintagmas (*pseudorreconhecimento de classe*, *pseudodiferença semântica*) (6). Preenche, assim, quatro dos seis critérios.

Tabela 21 – O elemento *pseudo-* e os critérios de prefixidade:

Crítérios de prefixidade	Preenchimento do critério
Recorrência	X
não-acento	
não-lexicalização	X
sem forma livre	X
significados prefixais prototípicos	X
escopo limitado a uma base simples	

4.3.8. Multi-

O formante *multi-* é classificado por Cunha (2010: 441) como elemento de composição, derivado do latim *multi-*, sendo este, por sua vez, derivado de *multus* “muito, numeroso, abundante”. Diz-nos ainda o autor que algumas formações com este elemento, presentes na língua portuguesa, têm sua origem no próprio latim, como *multicolor*, ao passo que outras tantas surgiram, na linguagem científica, a partir do século XIX (*multicelular*, *multilátero* etc.).

Nenhuma das gramáticas tradicionais de nossa língua consultadas neste trabalho atribuem a *multi-* caráter prefixal. Silveira Bueno (2014: 83), por exemplo, classifica o formante como radical

latino e Cunha & Cintra (2008: 129), a seu turno, entendem que, no português, *multi-* é um pseudoprefixo, isto é, um elemento de composição erudito que, por formar compostos também na língua comum (*multinacional, multifacetado*), comporta-se como prefixo, aparenta ser um morfema prefixal, sem, no entanto, sê-lo.

Entre os linguistas, contudo, a situação muda de figura. Alves (1990: 20; 2000: 293-6; 2015: 54), Duarte (1999: 141) e Gonçalves (2016: 50) classificam *multi-* como prefixo, tanto em virtude de sua recorrência na função prefixal quanto por atualizar semântica quantificadora, um dos significados prototípicos dos morfemas prefixais.

Recolhemos, em nosso *corpus*, 21 unidades léxicas neológicas nominais, substantivas e adjetivas, derivadas com este afixo. Seguem abaixo alguns contextos ilustrativos:

multiassassino (substantivo)

Mas esta supermax – expressão americana para designar os presídios de segurança máxima – se especializou em manter trancafiados terroristas conhecidos mundialmente. Há em seu interior, inclusive, o que é informalmente chamado de ala dos bombers, em alusão a <multiassassinos> cujo método de chacina era a explosão de bombas. (Ricardo Setti, 09/12/2014)

multicampeão (substantivo)

<Multicampeão> paraolímpico tem medalhas roubadas no Canadá (Olímpicos, 01/08/2014)

multicausado (adjetivo)

A agressividade muitas vezes é <multicausada>. (Ailton Amélio, 22/04/2014)

multidistância (substantivo em função adjetival)

Trata-se de um evento <multidistância>: além da maratona, há meia maratona, corrida de dez quilômetros e ainda provas para as crianças, na véspera do evento principal. (Rodolfo Lucena, 09/09/2014)

multiesportista (substantivo)

O canal OFF estreia no dia 19 a série “Sem Limites”, inspirada no empresário e <multiesportista> André Cintra, que teve a perna amputada após sofrer um acidente de moto. (Outro Canal, 15/07/2014)

multi-instrumentista (substantivo)

Anna Sentini é uma <multiinstrumentista> norte-americana que faz sucesso com vídeos tocando baixo em clássicos da Motown, além de faixas de Daft Punk, Iron Maiden e Rage Against the Machine. (Pablo Miyazawa, 20/10/2014)

multiplanetário (adjetivo)

O século 21 promete ser o momento em que tentaremos pela primeira vez nos tornar uma civilização <multiplanetária>

— seja pela colonização da Lua (um foco chinês) ou de Marte (como no plano da Mars One). (Mensageiro Sideral, 13/10/2014)

multipremiado (adjetivo)

Por conta da desocupação do Estelita, o cineasta Marcelo Pedroso compartilhou na rede o <multipremiado> curta “Em Trânsito”, sobre o modelo de desenvolvimento econômico de Pernambuco. (Sakamoto, 21/06/2014)

multiquilométrico (adjetivo)

Sei não, acho melhor parar por aqui. Ontem já passou, amanhã não chegou ainda, eu quero mais é hoje. E hoje me diverti muito no Parque Ecológico do Tietê, na zona leste, no penúltimo dia de minha jornada <multiquilométrica> em ao próximo aniversário da cidade. (Rodolfo Lucena, 11/01/2014)

multirrecordista (substantivo)

Até o mais famoso “coelho” de todos os tempos sofreu com a balada: o <multirrecordista> mundial Haile Gebrselassie, que prometera levar o grupo a 1h01min45 na meia maratona, abandonou depois do km 15.. (Rodolfo Lucena, 14/04/2014)

multitemático (adjetivo)

Em junho do ano passado, o até então obscuro Movimento Passe Livre conseguiu levar às ruas uma multidão de indignados que, em manifestações <multitemáticas> e apartidárias, se espalharam por todo o país. (Ricardo Setti, 18/01/2014)

multiverso / multitempo (substantivo)

Uma vez no espaço, Interstellar flerta algumas vezes com o imenso potencial apresentado pelos desafios do <multiverso> e do <multitempo>. (Ana Maria Bahiana, 27/10/2014)

Um dos primeiros aspectos que nos chamou a atenção foi a predominância de neologismos derivados com *multi-* relativos, sobretudo, ao esporte (*multicampeão*, *multiquilométrico*, *multirrecordista*, *multidistância* e *multiesportista*) e à astronomia (*multiverso*, *multitempo* e *multiplanetário*), áreas cuja diversidade que lhes é inerente propicia o emprego de um afixo que materializa, no plano linguístico, justamente a variedade.

No contexto em que surgiu o adjetivo neológico *multicausada*, percebe-se, com bastante clareza, o poder da economia linguística (ALVES, 1990: 28-9), pois, em vez de dizer “a agressividade, muitas vezes, tem diversas causas”, o autor do texto optou por empregar o prefixo e condensar a sentença “tem diversas causas” na unidade léxica *multicausada*.

Semanticamente, *multi-* atualiza noções quantitativas de “variedade”, “multiplicidade”, “diversidade”, “abundância” (ALVES, 1990: 20; 2000: 293-6; 2015: 54), estabelecendo relação

sinonímica com as formas “muitos”, “vários”, “diversos”. Assim, *manifestações multitemáticas* são as que se dão em torno de vários temas. *Multi-instrumentista* é a pessoa que toca diversos instrumentos diferentes. *Multiesportista* é o indivíduo que pratica diversos esportes. *Multipremiado* é quem recebeu vários prêmios, isto é, foi premiado diversas vezes. *Multirrecordista* é o atleta que bateu recordes várias vezes, ou seja, foi recordista em vários momentos. Do mesmo modo, *multicampeão* é quem foi campeão em diversas competições. *Jornada multiquilométrica* é aquela cuja extensão dura vários quilômetros. *Evento multidistância*, como o próprio contexto ajuda a explicar, é aquele em que as corridas são programadas para atingirem distâncias diferentes: maratona, meia-maratona, dez quilômetros e corrida para crianças. Ainda, *civilização multiplanetária* será a civilização humana se conseguir colonizar e habitar, simultaneamente, diversos planetas. Finalmente, *multiassassino*, a seu turno, é aquele que, como o contexto indica, cometeu chacinas, ou seja, matou diversas pessoas em diversas situações.

Da noção quantificadora, percebe-se que, em algumas unidades lexicais, o formante afixal adquire uma nuance de recursividade, isto é, indica que a informação veiculada pela base lexical repetiu-se diversas vezes. Nesse sentido, *multi-*, em alguns pontos, aproxima-se do prefixo *re-*. Vemos isso em *multipremiado* (premiado *várias vezes*), *multiassasino* (assassino em *diversas ocasiões*), *multirrecordista* (recordista por *diversas vezes*) e *multicampeão* (*várias vezes* campeão).

Chamou-nos, ainda, a atenção, o neologismo *multiverso*, criado, certamente, em analogia à palavra *universo*. Baseada em recentes pesquisas da Astronomia, a teoria do *multiverso* indica a existência de não apenas um, mas de vários universos, daí a substituição, na palavra, de *uni-* (um) por *multi-* (vários). Se há multiuniversos, ou *multiversos*, é natural que os tempos e espaços sejam, por sua vez, também múltiplos. Isso, portanto, leva à necessidade da criação neológica *multitempo*. Novas palavras para fatos novos. Eis, aqui, a precisão por nomear novas experiências (GONÇALVES, 2016: 12-4) impulsionando a criação lexical.

À luz dos critérios de prefixidade com os quais trabalhamos neste estudo, pode-se dizer que *multi-* é recorrente em função prefixal (1), não lexicalizável, até onde nossa pesquisa nos levou (3) e não análogo a nenhuma forma livre da língua (4). Atualiza noção quantificadora, prototípica dos formantes prefixais (GONÇALVES, 2016: 50) (5). No entanto, este formante é palavra prosódica (2) e pode estender seu escopo além das bases simples (6), como, por exemplo, em *multicampeão paraolímpico*, *multirrecordista mundial*, *multi-instrumentista norte-americana* etc.

Tabela 22 – *O elemento multi- e os critérios de prefixidade:*

Crítérios de prefixidade	Preenchimento do critério
Recorrência	X
não-acento	
não-lexicalização	X
sem forma livre	X
significados prefixais prototípicos	X
escopo limitado a uma base simples	

4.3.9. *Sub-*

Sub- é, com unanimidade, reconhecido como prefixo por todas as gramáticas e dicionários de língua portuguesa consultados nesta pesquisa. Segundo Cunha (2010: 609), a forma prefixal deriva da preposição latina *sub* “sob, no fundo de, debaixo de”. Registram as obras referenciais de nossa língua, além da forma latina *sub-* (presente em palavras como *subalterno* e *submergir*) e de seus alomorfes *su-* e *sus-* (presentes em *supor* e *sustentar*, por exemplo), também a forma vernácula *sob-* (verificada em *sobestar* e *sobpor*) e seu alomorfe *so-* (*soterrar* e *soerguer*, por exemplo).

Em seu estudo acerca dos prefixos do português, na seção específica sobre *sub-*, diz-nos Duarte (1999: 154) que, em latim, o formante prefixal atualizava dois significados básicos, a saber: “de baixo para cima” e “posição inferior”. Informa-nos ainda o autor que “sua introdução no português se deu por influência da língua culta”. Apesar do caráter erudito, *sub-* é mais produtivo para a criação lexical no português brasileiro contemporâneo que sua variante vernácula, a qual, a seu turno, não apareceu em nosso *corpus*.

Adiante, na mesma página, Duarte assevera que o formante, apesar de poder adjungir-se a bases léxicas verbais (cita ele os neologismos, verificados em seu *corpus*, *subalimentar*, *subclassificar* e *subnadar*) é, preferencialmente, um prefixo nominal, fato este confirmado por nós no presente estudo, segundo explanaremos abaixo.

Alves (2015: 25-7) ensina-nos que, contemporaneamente, do significado locativo de “posição inferior” atualizado primitivamente por *sub-*, deriva uma certa noção de pejoratividade, conferindo, à base lexical, caráter depreciativo, como atestam as formações *subdesenvolvido* e *submundo*. Diz-nos ainda a autora que, de “posição inferior” deriva também a ideia de “posição hierárquica inferior”, não raro tematizada pelo afixo em questão (*subchefe*, *subtenente* etc.). “Parte de um todo” é igualmente, segundo ela, noção atualizada pelo prefixo, por exemplo, em palavras como *subcategoria* e *subgrupo*. Reconhece ainda Alves (*op. cit.*: 39) que, atreladas a *sub-*, estão também as noções de “aproximação”, “quase” e/ ou “pouca intensidade”, como em *subdelírio* ou

subconsciente (“quase delírio” / “delírio pouco intenso”, “quase consciente”), e de “algo resultante ou consequente de alguma coisa”, como em *subproduto*. Como se pode ver, a natureza incrivelmente polissêmica de *sub-* faz com que este seja um afixo bastante complexo.

Nosso *corpus* revelou 21 unidades lexicais neológicas derivadas com este afixo. Dessas, a imensa maioria é composta por substantivos (17), sendo as demais adjetivos (3) e um verbo. Segundo lembra Duarte (1999: 154), o paradigma *sub-* + substantivo já era frequente em latim, o que, talvez, explique a maior incidência, em nossos dados, de associações do formante afixal a bases léxicas substantivas. Seguem abaixo alguns contextos ilustrativos:

subapreciado (adjetivo)

Como apreciador do atletismo –e da justa distribuição das coisas pelo mundo afora–, achei que esse esporte está <subapreciado> pelo Comitê Olímpico Brasileiro. (Rodolfo Lucena, 17/12/2014)

subcelebridade (substantivo)

Ao concordar com esta versão, o apresentador Roberto Justus fez o seguinte comentário em dezembro: “Porque não pode ser qualquer casting. Você não pode colocar lá <subcelebridades>, de baixo nível. Eu nem faria o programa assim. É o que o programa precisa, se olhar para o futuro, de uma coisa bem diferenciada”. (Maurício Stycer, 17/03/2014)

subcelular (adjetivo)

O livro incluía algumas imagens de microscopia em preto e branco mostrando toda a sorte de organelas celulares, desde os núcleos, passando pelas mitocôndrias, complexos de Golgi até os minúsculos ribossomos. Meu pai conhecia essas estruturas, mas já não estudava biologia celular havia algum tempo, e duas décadas antes não era tão trivial obter imagens nítidas na escala <sub-celular>. (Teoria de Tudo, 29/10/2014)

subespecialidade (substantivo)

Lembrando ainda que dentro da área da pediatria existe uma <subespecialidade>, a hebiatria, que atende o adolescente, pré-determinada dos 13 aos 21 anos. (Blog do Pediatra, 29/10/2014)

subimprensa (substantivo)

Os porta-vozes do PT na imprensa e na <subimprensa> resolveram inventar um Aécio Neves violento, que não respeitaria nem uma mulher. (Reinaldo de Azevedo, 21/10/2014)

subindicador (substantivo)

Outra adaptação foi a exclusão do <subindicador> “docentes estrangeiros” da avaliação de internacionalização das universidades. Isso porque a quantidade de docentes de fora do país ainda é tão pequena no Brasil que o resultado praticamente não se alterava. Não fazia sentido manter esse critério. (Abecedário, 08/09/2014)

subintelectual (substantivo)

Outra grande ideia será acabar com estacionamentos para aumentar as ciclovias. Por quê? Ora, porque algum <subintelectual> soprou aos ouvidos do companheiro que esse negócio de carro é um atraso, entendem? (Reinaldo de Azevedo, 18/07/2014)

subjornalismo (substantivo)

Façam um exercício: comparem o que os black blocs e outros violentos dizem do jornalismo livre com o que vai em páginas do <subjornalismo> governista-petista, financiadas pelo governo federal e por estatais. (Reinaldo de Azevedo, 17/02/2014)

submunição (substantivo)

As munições cluster consistem em bomba numa cápsula, lançada do ar e que explode antes de chegar ao chão. A cápsula abre e espalha centenas de <submunições> nos alvos. (Coluna Esplanada, 18/05/2015)

sub-representação (substantivo)

Outro golpe na luta pela emancipação das mulheres foi o discurso de Lawrence Summers, presidente da Universidade de Harvard, EUA, em janeiro de 2005, sobre a <sub-representação> das mulheres nos departamentos de ciência e engenharia. (Regina Navarro, 01/11/2014)

subtrama (substantivo)

Moraes já desdobrou a história principal em várias camadas, com diversas <subtramas> e personagens, sem didatismo exagerado e cobrando atenção do espectador – características nem sempre presentes na teledramaturgia da Record. (Maurício Stycer, 01/10/2014)

subtrecho (substantivo)

De acordo com o Ministério dos Transportes, há muitos trechos de rodovias que já estão liberados para o tráfego mas não aparecem como “concluídos” na lista do governo porque restam “pequenos <subtrechos>” em obras. (Reinaldo de Azevedo, 07/04/2014)

subvalorizar (verbo)

Para citar apenas três exemplos, Aécio Neves (PSDB), Eduardo Campos (PSB) e Dilma Rousseff (PT) <subvalorizaram> em milhões de reais três imóveis que têm. (Coluna Esplanada, 09/07/2014)

Semanticamente, verificamos que as noções de depreciação, desvalorização e pejoratividade encontram-se fortemente presentes nos neologismos *subimprensa*, *subintelectual*, *subjornalismo* e *subcelebridade*, surgidos em contextos de política e de entretenimento. Algumas vezes, a depreciação é marcada de modo tão claro que convivem, no mesmo contexto, as formas prefixada (depreciada) e não prefixada (neutra) das bases léxicas, como a se referirem, do ponto de vista do autor, a coisas completamente diferentes (*imprensa* e *subimprensa*; *jornalismo livre* e

subjornalismo). Outras vezes, a depreciação é reforçada por expressões do próprio texto, as quais, com o afixo, estabelecem relação sinonímica (*subcelebridade* e “de baixo nível”). Nestes casos, verifica-se que os neologismos estão carregados de parcialidade, desempenhando, pois, no afã de rebaixar, discursivamente, algo ou alguém, função expressiva/discursiva (SANDMANN, 1992: 27-8) ou atitudinal (GONÇALVES, 2016: 21-4), quase sempre não reconhecida, pelos estudiosos, como passível de ser desempenhada pelos prefixos.

As noções de “algo pouco”, “com pouca intensidade” ou que “parcialmente se realiza” foram verificadas nos neologismos *subapreciado*, *subvalorizar* e *sub-representação*, que se referem, respectivamente, à pouca apreciação dada ao atletismo pelo Comitê Olímpico Brasileiro, ao pouco valor atribuído, pelos principais candidatos à Presidência da República nas eleições de 2014, a seus imóveis e à representação insuficiente de mulheres nos departamentos de ciências e engenharias.

Por sua vez, nos neologismos *subtrecho*, *subtrama*, *submunicação*, *subespecialidade* e *subindicador* predomina a noção partitiva. Os neologismos apresentados são partes de algo maior, menos importantes se vistos isoladamente, mas sem que lhes tenha sido atribuído qualquer traço de pejoratividade.

Subtrechos são partes ainda menores dos, por sua vez, pequenos trechos de rodovia. Aqui, ao que nos parece, importa ao Ministério dos Transportes destacar não apenas que o *subtrecho* é parte do trecho, mas sobretudo a pequenez dos *subtrechos* em obras (e nesse sentido a escolha por *sub-* cabe muito bem), como algo insignificante dentro do contexto maior das rodovias já transitáveis. *Subtrama* é uma parte da “história principal”. *Submunicação* são as diversas partes de que é formada a cápsula de municação, divididas para atingir diferentes alvos. *Subespecialidade* refere-se, no contexto, à Hebiatria, uma das divisões da grande área da Pediatria. Finalmente, *subindicador* é um dos indicadores menores com que se avalia a qualidade de uma instituição universitária.

Além dos neologismos acima arrolados, os quais atualizam, devido ao prefixo, noção partitiva, gostaríamos de chamar a atenção para a unidade lexical neológica substantiva *subsubsubárea*, surgida em nosso *corpus*, em que a recorrência de *sub-* representa não apenas uma novidade morfolexical como também uma tentativa inusitada de representar, linguisticamente, as cada vez mais frequentes divisões e subdivisões das grandes áreas científicas.

Se me perguntassem no que eu sou especialista, eu teria de explicar minha tese de doutorado (a ser defendida em breve) e dizer que sei um pouco mais do que a média das pessoas numa <subsubsubárea> da biologia. (Novo em Folha, 23/06/2014)

A única unidade lexical prefixada por *sub-* que guarda, de certo modo, a noção locativa de inferioridade é o adjetivo neológico *subcelular*, que se refere ao universo biológico existente abaixo

do nível da célula. A bem da verdade, *subcelular* não é, exatamente, um lugar abaixo da célula em si, o que justificaria dizer que o afixo atualiza significado locativo tal e qual, mas tudo o que existe dentro dela, num nível de observação ainda menor que o da célula, no qual se podem ver suas partes. No entanto, a imagem projetada pelo autor do contexto é, sem dúvidas, a de uma escala em que o nível celular é ponto de partida para que se “desça”, metaforicamente, a um nível ainda inferior, o *subcelular*. Por essa razão pode-se afirmar que, neste caso, o prefixo guarda, ainda que bastante metaforizado, significado locativo.

Finalmente, no que tange aos critérios de prefixidade, verifica-se que *sub-* é forma recorrente em função prefixal (1) e semanticamente prototípica (5). Não se verificou qualquer caso de lexicalização do afixo em nossos dados, muito embora isso seja perfeitamente possível na língua (3), conforme nos lembra Gonçalves (2016: 99), numa frase como “já que o chefe não se encontra, posso falar com o sub”. Em virtude disso, alguns dicionários da língua portuguesa, como o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, atribuem entradas separadas para o prefixo *sub-* e para o substantivo de dois gêneros e dois números *sub*, designativo de alguém “hierarquicamente inferior”. Devido a esse reconhecimento e registro na referida obra lexicográfica, não consideraremos o quarto critério como possível de ser preenchido por este formante, uma vez que há, na língua, forma livre análoga derivada, neste caso, do prefixo.

Apesar de, preferencialmente, associar-se a bases léxicas simples, percebe-se que *sub-* pode estender seu escopo para além das bases imediatamente a ele adjungidas (6), como, por exemplo, em *sub-representação das mulheres nos departamentos de ciência e engenharia* e *subjornalismo governista-petista*.

Quanto ao estatuto fonológico do formante, Schwindt (2001), em seu estudo, após a realização de alguns testes cuja explanação extrapolaria o escopo deste trabalho, aloca-o entre os prefixos fonologicamente legítimos (2) ou PLs, ainda que reconheça a diversidade morfofonológica deste elemento, o qual, a despeito de ser PL, não se assemelha inteiramente a outros PLs, como *re-*, *dis-* e *a-*, mais prototípicos da classe afixal. Por tudo isso, vê-se que *sub-* preencheu três dos seis critérios de prefixidade.

Tabela 23 – O elemento *sub-* e os critérios de prefixidade:

Crítérios de prefixidade	Preenchimento do critério
Recorrência	X
não-acento	X
não-lexicalização	
sem forma livre	
significados prefixais prototípicos	X
escopo limitado a uma base simples	

4.3.10. *Sem-*

De modo geral, as gramáticas do português registram a forma *sem* apenas como preposição essencial da língua portuguesa, derivada da preposição latina *sine* (CUNHA, 2010: 587), não fazendo qualquer referência à função prefixal desempenhada por este elemento em formações como *sem-terra* ou *sem-teto*, já imensamente conhecidas dos falantes.

Na contramão dessa tendência está Silveira Bueno (2014: 87), que reconhece *sem-* como prefixo vernáculo, destacando que ele “pode se unir a substantivos (...); ou pode dar às palavras caráter de adjetivo: ‘Os trabalhadores sem-terra reivindicam a reforma agrária’; ‘Eles são sem-vergonha’”. Do mesmo modo, Azeredo (2010: 453) inclui, na lista de prefixos de sua *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*, a forma *sem-*, destacando-lhe o significado de “privação” em palavras como *sem-vergonha* e *sem-sal*.

Entre os linguistas, o caráter prefixal de *sem-* é, quase com unanimidade, reconhecido (ALVES, 1990: 17; 2000: 245-6; SANDMANN, 1992: 37; DUARTE, 1999: 184; GONÇALVES, 2012: 159, entre outros).

As obras lexicográficas, a seu turno, têm sido mais reticentes quanto a considerar o elemento *sem-* como prefixo. Apenas a título de exemplo, verificamos que o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, apesar de diferenciar a preposição *sem* do formante *sem-* confere, a esse último, o título de elemento de composição, atualizando as ideias de “privação”, “exclusão”, “negação”. Destaca, ainda, a obra que o emprego de *sem-* na formação de compostos iniciou-se no século XIX.

Ainda que não seja demasiadamente produtivo para a criação lexical, encontramos 19 neologismos formados com o elemento *sem-* em nosso *corpus*. Alves (1999: 17) e Duarte (1999: 184) referem-se, em seus respectivos estudos, à tendência de associações de *sem-* a bases substantivas em analogia a *sem-terra*, criação com a qual dialogam as unidades lexicais neológicas que têm surgido no português brasileiro da atualidade. Tal fato confirmou-se também em nossos

dados. Verificamos, na esteira de *sem-terra*, adjunções do formante a substantivos comuns (*sem-sinal*, *sem-jato*, *sem-direitos*, *sem-saúde*, *sem-benesses*) e próprios (*sem-Constituição*, *sem-Noé*).

OS <SEM-SINAL>

A ausência de sinal de celular até nos pontos mais movimentados de metrópoles, que irrita consumidores, motivou o vereador carioca Marcelo Queiroz a criar o Movimento dos <Sem-Sinal> ou (21) 98156-8064 – para receber denúncias. (Coluna Esplanada, 27/05/2014)

Eike é agora um <sem-jato>, mas ainda mantém um último objeto voador de sua ex-frota: um helicóptero. (Lauro Jardim, 18/01/2014)

Sabe o que você é? Um <sem-direitos>, um <sem-Constituição>, um <sem-Código Penal>, um <sem-poder público>, um <sem-ONG>, um <sem-movimento-social>. (Reinaldo de Azevedo, 03/07/2014)

Quero protesto para mostrar que não somos de tudo idiotas, o protesto dos que já nasceram sob a lona ou o plástico preto de beira de estrada, os sem-terra, os sem-teto, os <sem-saúde>, os removidos, os refugiados, os clandestinos, os <sem-BNDES>, os <sem-benesses>, os pós-nadas e os <sem-tudo>. (Xico Sá, 02/02/2014)

Agora repare comigo no choro sincero dos boleiros da Copa. Hoje vi até um uruguaio derramando lágrimas que fariam do rio da Prata um dilúvio dos <Sem-Noé>. (Xico Sá, 25/06/2014)

A novidade morfolexical encontrada em nosso estudo, ao que parece, insere-se nas criações léxicas com bases sintagmáticas (*sem-movimento social*, *sem-poder público*, *sem-Código Penal*) e acronímicas (*sem-ONG*, *sem-BNDES*), bem como nas associações do afixo a bases pronominais indefinidas (*sem-tudo*), demonstrativas (*sem-isso*, *sem-aquilo*) e interrogativas (*sem-o-quê*).

Haddad passou a flertar abertamente com os movimentos do <sem-isso> e <sem-aquilo>, que ajudaram a elegê-lo, sim. (Reinaldo de Azevedo, 18/07/2014)

Você acorda, leitor amigo, e se pergunta, antes mesmo de lavar o rosto para se livrar dos humores do sono: “Hoje haverá manifestação dos <sem-o-quê>”? (Reinaldo de Azevedo, 03/07/2014)

Apesar de havermos encontrado unidades lexicais neológicas de bases pronominais, percebe-se que estão elas todas substantivadas, o que confirma a preferência de *sem-* por ambientes substantivos. No entanto, verifica-se também que em sentenças como “Eike é agora um sem-jato”, o prefixo imprime à base substantiva “jato” função qualificadora, prototípica dos adjetivos, a Eike. Tal fenômeno, segundo dissemos acima, já fora percebido por Silveira Bueno (2014: 87), que nos oferece, entre outros exemplos ilustrativos, a frase “Eles são sem-vergonha”.

Semanticamente, percebe-se que o prefixo *sem-* atualiza, em todos os neologismos recolhidos, a ideia de “desprovido de algo” / “falta”, que, aliás, é um dos significados possíveis atualizados pela preposição *sem* em seus diversos contextos de uso. Nesse sentido, é interessante, no primeiro contexto arrolado acima, notar a relação textual sinonímica entre *sem-sinal* e *ausência de sinal*, que ajuda a reforçar e clarificar a semântica do afixo.

A despeito de ser monossêmico (GONÇALVES, 2012: 159), as unidades lexicais neológicas derivadas com *sem-* podem ser encontradas em contextos de uso diversos: denúncia social (numa sociedade desigual como a nossa, há os *sem-tudo*, isto é, os miseráveis, desprovidos de qualquer direito ou bem material); sátira (são tantos os movimentos sociais e os protestos por eles organizados que não sabemos mais sobre o que se protesta: *sem-isso*, *sem-aquilo*, *sem-o-quê?*); ou humor (Eike Batista, por ter perdido parte de seus bens, entre eles seu jato, virou um *sem-jato*).

Quanto aos critérios de prefixidade, por fim, verifica-se que *sem-* é recorrente na função prefixal (1), é forma tônica (2), é análogo à forma livre prepositiva *sem* (4), atualizando, portanto, significado prepositivo (5) e pode escopar, além de bases lexicais simples, também sintagmas, como visto acima (6). Apesar de correspondente a uma forma livre, os empregos prepositivo e prefixal deste elemento encontram-se bem demarcados em nossa língua, de modo a podermos afirmar que, enquanto prefixo, *sem-* não se lexicaliza (3), haja vista ao fato de o afixo ser, em verdade, resultante da gramaticalização da forma livre e não o contrário.

Tabela 24 – O elemento *sem-* e os critérios de prefixidade:

Crítérios de prefixidade	Preenchimento do critério
recorrência	X
não-acento	
não-lexicalização	X
sem forma livre	
significados prefixais prototípicos	X
escopo limitado a uma base simples	

4.3.11. *Quase-*

O uso prefixal de *quase-* praticamente não se encontra registrado nas gramáticas e dicionários da língua portuguesa. A forma *quase*, derivada do latim *quasi* (CUNHA, 2010: 535), é considerada, pelas obras de referência, apenas em seu emprego adverbial, muito mais comum que o prefixal. As exceções ficam por conta de Pereira (1933: 226, *apud* ALVES, 2000: 296) e do *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Enquanto a *Gramática Expositiva* de Pereira

atribui a *quase-* um caráter prefixal em formações como *quase-suicida*, Houaiss prefere considerar esse emprego como de caráter composicional. Em nota, a obra lexicográfica traz, como exemplos, *quase-delito*, *quase-contrato* e *quase-posse*.

Entre os linguistas, Alves (1990: 21-2; 2000: 296-8) reconhece *quase-* como prefixo e descreve algumas criações lexicais em que o formante foi empregado. Nas palavras da autora:

A manifestação do significado “proximidade” revela-se no prefixo *quase-*, ao qual os gramáticos e os lexicógrafos da língua portuguesa raramente atribuem características prefixais. Não é ainda muito produtivo, embora seu emprego esteja se tornando mais constante nos últimos anos, ao integrar itens lexicais neológicos com bases substantivas e adjetivas. (ALVES, 1990: 21-2)

Em nosso *corpus*, verificamos 18 unidades lexicais neológicas, de bases nominais substantivas (17) e adjetivas (1), derivadas com o prefixo *quase-*. Em todos os neologismos, o formante prefixal assumiu o significado de algo que se encontra “muito próximo a”. A proximidade semantizada por *quase-*, destaca Alves (2000: 298), é muito maior que aquela já verificada em *semi-*. Assim, os substantivos neológicos *quase-acerto*, *quase-amigo*, *quase-descompasso*, *quase-ditadura*, *quase-lógica*, *quase-mãe*, *quase-monopólio*, *quase-morte* e *quase-poema*, por exemplo, e o adjetivo neológico *quase-pária* indicam que os referentes em questão estão muito próximos de serem o que é tematizado por suas bases, o que, dependendo do significado dessas bases, pode dar ao neologismo um caráter valorativo ou desvalorativo.

Hoje, ele persegue canetas, lápis e cadernos dos pobres. Novo Homem. O único <quase-acerto de Agnelo> em mais de 3 anos. Ou: Quem aperta os gatilhos no Distrito Federal? (Reinaldo de Azevedo, 07/02/2014)

Estava prestes a escrever que Isaías é “um brasileiro comum”. Mas, me detive assim que lembrei que o meu <quase-amigo> não tem celular. O que é uma invejável em nossos tempos. (Rodolfo Martino, 09/10/2014)

Tirando este <quase-descompasso da instituição Parada>, existe um outro muito mais difícil de resolver, o descompasso dos LGBTs que não se sentem identificado com a parada. (Blogay, 03/05/2014)

A democracia pode ser usada para sua própria destruição, como inúmeros exemplos históricos atestam. Não custa lembrar que o partido nacional-socialista foi eleito na Alemanha, na década de 1930. Na América Latina temos diversos casos de regimes autoritários nascidos de democracias frágeis. Foi o caso do governo Allende no Chile, ou do caudilho Chávez mais recentemente, na Venezuela. O país já vive sob uma <quase-ditadura> em que opositores são presos arbitrariamente. Como sabemos, o presidente Lula acredita que há “excesso de democracia” nesse país, onde a liberdade individual é item cada vez mais escasso. Para alguns, a democracia não passa de uma farsa necessária para tomar o poder. (Constantino, 23/10/2014)

Há uma espécie de “salvo-conduto que lhe permite, diante dos mais diversos públicos, trafegar sem restrições pelos mundos da retórica, dizendo uma coisa e o seu contrário, construindo verdades de ocasião e exercendo, como já se apontou, o seu notável talento para a <quase-lógica>”. (Constantino, 01/09/2014)

Eu fui embora às 13h. e deixei a P. lá sozinha. Médio sozinha porque ela estava conversando com o povo da internet. Às 15h ela sairia do hospital e a outra <quase-mãe> dela, que tem carro, buscaria. (Vigilantes da autoestima, 17/02/2014)

Armentano apresenta tanto argumentos lógicos como estudos de caso para sustentar seu ponto de vista. Um caso mais recente citado pelo autor é a acusação de monopólio envolvendo a Microsoft. O governo acusou a empresa de abusar de seu <quase-monopólio no sistema operacional de computadores>, para integrar seu browser numa “venda casada”. (Constantino, 11/04/2014)

Embora já exista mais aceitação na ciência sobre o assunto, muitos médicos ainda não gostam ou não se sentem à vontade para tratar ou até mesmo de comentar das experiências de <quase-morte>, mesmo sabendo que elas acontecem. (Mauricio Tuffani, 27/06/2014)

Esse tive tempo de abrir e folhear, de me deter em um ou dois artigos maiores (o sobre Michael Jackson é assustador, mais pelo que diz de nosso tempo do que por outra coisa), em alguns pequenos, verbetes, <quase-poemas em prosa>, iluminações. (Inácio Araújo, 24/03/2014)

A delinquência intelectual e moral da política externa brasileira tem poucos paralelos no mundo — situa-se abaixo, hoje, de estados <quase-párias>, como o Irã e talvez encontre rivais à baixura na Venezuela, em Cuba e na Coreia do Norte. (Reinaldo de Azevedo, 24/09/2014)

Finalmente, quanto aos critérios de prefixidade, verificamos que *quase-* é elemento recorrente em função prefixal (1), ainda que pouco produtivo. É palavra prosódica (2), análogo ao advérbio *quase* (4), o que faz com que atualize significado adverbial, prototípico de prefixos (5).

No caso específico deste formante, assim como verificado em *não-*, o escopo é muito importante para diferenciar *quase* advérbio de *quase-* prefixo. Enquanto o advérbio pode tomar por escopo verbos, como em “hoje quase fui ao cinema”, o prefixo tem buscado escopar nomes. Algumas vezes, porém, acreditamos que em virtude de sua natureza adverbial, podemos ver que *quase-* estende sua influência semântico-gramatical além da base léxica nominal a que imediatamente se adjunge (6), como em *quase-poemas em prosa*, *quase-descompasso da instituição Parada*, entre outros.

A despeito de não havermos verificado casos de lexicalização de *quase-* (3) durante o desempenho da função prefixal (não é possível dizer, por exemplo, em português: *“(tenho amigos e quase” [=quase-amigos])), falar em lexicalização deste elemento é muito difícil, uma vez que nos parece, neste caso, haver, em curso, um processo de gramaticalização do advérbio e não o contrário.

Isso faz com que *quase-* preencha três dos seis critérios de prefixidade com os quais trabalhamos neste projeto.

Tabela 25 – *O elemento quase- e os critérios de prefixidade:*

Crítérios de prefixidade	Preenchimento do critério
recorrência	X
não-acento	
não-lexicalização	X
sem forma livre	
significados prefixais prototípicos	X
escopo limitado a uma base simples	

4.3.12. *Hiper-*

Diferentemente de outros formantes estudados nesta pesquisa, o caráter prefixal de *hiper-* encontra-se fartamente registrado em todas as gramáticas e dicionários de língua portuguesa consultados. Diz-nos Cunha (2010: 338) que *hiper-* deriva do grego *hypér*, de significado locativo “em cima de, em posição superior”. Algumas palavras, ainda vivas no português, como *hipérbato*, formaram-se no grego; outras, como *hipermetria*, criaram-se já nas línguas modernas. Destaca ainda o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* que é sobretudo nas linguagens da medicina, da química e da matemática que *hyper-* apresenta maior produtividade.

Além de semantizar ideia locativa, as obras de referência, no geral, conferem a *hiper-* caráter semântico de “excesso”, “exagero” ou “abundância” (COUTINHO, 1976: 179; CUNHA & CINTRA, 2008: 101; BECHARA, 2009: 369; SILVEIRA BUENO, 2014: 85). Estes significados intensivos, aliás, têm sido os únicos a serem atualizados pelo afixo nas criações lexicais do português brasileiro contemporâneo, razão por que Alves, em seus vários estudos acerca dos formantes prefixais de nossa língua (1990: 19; 2000: 160-2; 2015: 35-6), a despeito do significado locativo primeiro do elemento, entende *hiper-* como prefixo de intensidade, ao lado de *super-*, *ultra-*, *mega-* entre outros. Nas palavras da autora:

A partir dos anos 1980, *hiper-* tem sido bastante empregado para construir unidades lexicais da língua comum, imprimindo-lhes características atributivas “de grandes dimensões”, em caso de substantivos, e o caráter adverbial de “muitíssimo, imensamente”, quando prefixado a adjetivos. (ALVES, 2015: 36)

Em nosso *corpus*, recolhemos 14 unidades léxicas neológicas formadas com o prefixo *hiper-*.

Dessas, 6 são de bases substantivas, 7 de bases adjetivas e 1 de base verbal (*hiperreagir*), o que parece confirmar o fato de que, de modo geral, os prefixos intensivos tendem a apresentar menos restrições morfológicas, podendo associar-se a várias classes de palavras.

Entre os adjetivos, destacam-se os de base participial, que constituíram a maioria das formações com essa classe (*hiperacelerado*, *hipercodificado*, *hiper-habitado* e *hiperlotado*).

Existe uma grande expectativa sobre a possibilidade de os dados do Planck confirmarem certas polarizações da radiação cósmica de fundo que indiquem que o Universo passou mesmo por um processo de expansão <hiper-acelerada> nos seus primórdios, fenômeno conhecido como “inflação cósmica”. (Mensajeiro Sideral, 15/12/2014)

É claro que, com a internet, as pessoas estão escrevendo para seus próprios grupos, dentro de seus próprios campos simbólicos. Se conseguirmos atuar na filtragem e tradução de determinadas informações <hipercodificadas> de e para esses grupos, teremos a beleza de conseguir democratizar mais conhecimento. (Sakamoto, 26/02/2014)

Por fim, esse “Homem das Multidões” trata de pessoas solitárias em um mundo <hiper-habitado>. Quanto mais gente em torno, maior a solidão. (Inácio Araújo, 08/08/2014)

A solidão do goleiro no estádio <hiperlotado> talvez só possa ser comparada à de Michael Collins, atravessando o lado oculto da Lua, sem qualquer contato com a Terra, com o abismo do espaço-tempo projetado ao fundo de sua pequena e frágil nave espacial. (Scientific American, 27/06/2014)

A maioria dos substantivos neológicos derivados com *hiper-* são abstratos (*hipervelocidade*, *hiperindicação*, *hipernacionalismo*). No entanto, há formações substantivas concretas, como *hipercarro*.

Um grupo de astrônomos da Universidade Venderbilt, nos Estados Unidos, encontrou 20 estrelas numa condição conhecida como <“hipervelocidade”>, em que os astros atingiram a velocidade de escape da Via Láctea e são ejetados dela. (Mensajeiro Sideral, 10/01/2014)

Existe uma <hiperindicação> até mercadológica de uma questão que nem tem suporte na literatura científica. Isso porque a maioria das pessoas tem ‘deformidades’ discretas e muitas delas não necessitam de um tipo de tênis especial, o tênis neutro é o suficiente. Elas não precisam de um calçado pronador ou supinador porque não são desvios significativos. (Rodolfo Lucena, 28/02/2014)

Guriev agora alerta sobre o esgotamento do modelo Putin baseado em exportações de commodities, corrupção, renacionalização e falta de transparência. Conselhos de cabeças sofisticadas e independentes como Guriev são fora de ordem no Kremlin. Para ele, a ocupação da Crimeia, as manobras de desestabilização na leste da Ucrânia e o <hipernacionalismo> são parte de diversionismo, que a curto prazo deve funcionar. (Caio Blinder, 21/04/2014)

A LaFerrari FXX K é o mais novo <hipercarro> da escuderia italiana. (...) Fato é que a LaFerrari FXX K é mais uma

obra prima dos engenheiros da marca. Baseada na já lendária híbrida LaFerrari, a máquina é alimentada por um motor V12 6.2 e um elétrico. Juntos, os motores despejam arrasadores 1.050 cv de potência, com torque igualmente pesado de 91,7 kgfm. Informações como velocidade máxima e desempenho no teste de 0 a 100 km/h ainda não foram divulgados. Mas, se serve para dar um gostinho do que a FXX K será capaz de fazer, a Ferrari confirmou ao pessoal do Top Gear que o supercarro foi mais rápido que a LaFerrari na pista de Maranello. (Búfalos TV, 05/12/2014)

Apesar de formar palavras da língua comum, percebe-se que algumas criações lexicais com *hyper-* continuam circunscritas a contextos científicos, sobretudo de astronomia. Além das acima arroladas, destacamos também, como exemplos, *hipernova* e *hiperaglomerado*.

Contudo, no caso de estrelas muito, muito maiores que o Sol, como Eta Carinae, especula-se que a explosão seja ainda mais violenta — uma <hipernova>. (Mensageiro Sideral, 10/07/2014)

Essas medidas mostram que <hiperaglomerados> fluem para centros gravitacionais específicos, separando diferentes regiões do espaço como rios que, com nascentes próximas, correm com suas águas para direções distintas, em ilhas e continentes da Terra. (Scientific American, 05/09/2014)

O caráter de novidade de algumas unidades lexicais, conforme comentamos antes, continua a ser materializado na língua escrita por meio das aspas (“*hipervelocidade*”). Essa tendência dos textos jornalísticos, já verificada por Alves (1990: 83) nos anos 90 do século passado, faz-se presente também, por diversas vezes, nos textos virtuais dos blogs jornalísticos.

Em todos os neologismos estudados nesta pesquisa, o prefixo *hyper-* intensifica o significado da base léxica a que se adjunge, não raro redundando, essa intensificação, na noção desvalorativa de exagero ou excesso, como se pode ver em *hipernacionalismo* (nacionalismo em exagero), *hiperindicação* (excesso de indicações de tênis especiais a pessoas que não necessitam realmente deles), *hyper-habitado* (mundo habitado por gente em demasia), *hyperlotado* (estádio ocupado por gente em demasia) e *hipercodificado* (informações com codificações em excesso). Além desses exemplos, o verbo neológico *hiperreagir* também indica excesso na reação a determinadas ações.

Derreter-se na presença do parceiro. Durante o flerte, as pessoas mostram uma grande sensibilidade para os comportamentos do parceiro. Muitas vezes <hyper-reagem> ao que ele está dizendo: riem exageradamente das suas graças, ficam muito indignadas quando ele relata uma ofensa que sofreu etc. (Ailton Amélio, 24/03/2014)

Outros casos registram uma intensificação que, ainda que não chegue a ser exagerada, revela-se mais intensa, por exemplo, que a tematizada por *super-*. Uma prova disso é o neologismo *hipernova*, resultante de uma explosão cósmica “mais violenta” que a que origina uma supernova. Em *hiperacelerada*, temos uma expansão que se dá com velocidade altíssima, mas sem qualquer

noção desvalorativa de exagero. O mesmo se dá com a *hipervelocidade* das estrelas (altíssima, mas sem noção de exagero) e com *hipercarro*. Esse último neologismo, aliás, é interessante, pois, por se tratar de substantivo concreto, imaginar-se-ia tratar de um carro excessivamente grande, o que é desmentido pelo contexto em que surge a unidade léxica. Um *hipercarro* é um carro incrivelmente possante e veloz, não de grandes dimensões.

Como já verificamos a propósito de *super-*, por terem seus significados atrelados às bases léxicas, os prefixos intensivos, não raro, forçam, nos contextos em que surgem os neologismos deles derivados, o aparecimento de expressões que lhes reforçam o sentido (ALVES, 2009a; 2009b), indicando ao leitor quais aspectos da base são, de fato, intensificados. Vimos, quanto a isso, que a *hipernova* é fruto de explosão *violenta*; que o *hipercarro* é intensificado justamente por ser *alimentado por um motor v12 6.2 e um elétrico*. Ainda, as pessoas *hiperreagem* quando *riem exageradamente* das graças do parceiro ou se *indignam* com o mal que lhes aconteceu; a expansão *hiperacelerada* é uma “*inflação cósmica*” etc.

Por fim, no que tange aos critérios de prefixidade, verifica-se que, mesmo pouco produtivo, *hyper-* é partícula recorrente em função prefixal (1), não lexicalizável em nosso *corpus* (3), não-análoga a nenhuma forma livre da língua portuguesa (4) e de significado intensivo, prototípico de advérbios (5). Contudo, é palavra prosódica (2) e, ainda que não com muita frequência, pode escorar sintagmas (*hipercarro da escuderia italiana*) (6). Este formante preencheu, portanto, quatro dos seis critérios de prefixidade.

Tabela 26 – O elemento *hyper-* e os critérios de prefixidade:

Crítérios de prefixidade	Preenchimento do critério
recorrência	X
não-acentos	
não-lexicalização	X
sem forma livre	X
significados prefixais prototípicos	X
escopo limitado a uma base simples	

4.3.13. Mal-

O caráter prefixal de *mal-* não é unanimemente reconhecido pelas obras de referência da língua portuguesa. Entre os gramáticos consultados, apenas Coutinho (1976: 178), Silveira Bueno (2014: 86) e Azeredo (2010: 453) registram *mal-* em suas listas de prefixos. Cunha (2010: 402) reconhece apenas o emprego adverbial de *mal*, forma derivada do latim *māle*, e Houaiss (versão

eletrônica) classifica *mal-* como elemento de composição latino.

Semanticamente, carrega as noções de “oposição a bem” (SILVEIRA BUENO), de algo feito “de modo irregular ou diferente do que devia ser” (CUNHA) ou “mau êxito” (COUTINHO). Duarte (1999: 166) registra alguns outros significados para este formante, como “intensidade” (*malferir* significa “ferir gravemente”) e “negação” (*maldisposto* significa “não disposto”). Alves (2000: 191), por sua vez, não concorda com a afirmação de que *mal-* é um prefixo que semantiza propriamente uma negação. Para ela, “significa, antes, que o valor semântico expresso pela base não se revela de modo suficiente ou adequado (...)”. Mais do que negação em si, *mal-*, ao opor-se a *bem-*, atualiza a noção de “não suficiência” da ideia expressa pela base léxica.

Recolhemos, em nosso *corpus*, 14 unidades lexicais neológicas formadas pela adjunção de *mal-* a bases adjetivas majoritariamente participiais (13). A exceção ficou por conta de *mal-alocação*, de base substantiva derivada com o sufixo nominal *-ção*. Além do paradigma *mal-* + participípio, lembra-nos Duarte (1999: 167) que o paradigma *mal-* + substantivo em *-ção* é comum nas formações com este elemento (*malformação*, *malversação* etc.).

Lee abomina o socialismo, o protecionismo comercial disfarçado de regionalismo, as políticas econômicas intervencionistas, que produzem apenas <mal-alocação> de capital e corrupção. (Constantino, 15/04/2014)

malcalibrado

Há controvérsias. Muitos acham que o comunismo é apenas a idealização da inveja, e conquista corações por motivos menos nobres e mais prosaicos – talvez o ressentimento diante de alguém mais bem-sucedido em uma economia livre de mercado. Mas é inegável que há uma parcela atraída por uma sensibilidade <mal-calibrada> diante das injustiças do mundo. (Constantino, 25/08/2014)

maldisfarçado

E passarei ao largo de suas referências ao BBB, porque estas são frutos de sua inveja <mal-disfarçada> do sucesso alheio. (Constantino, 08/03/2014)

maldigerido

Você tem algo <mal-digerido> nas oíças e no coração perdido. (Xico Sá, 20/02/2014)

mal-aproveitado

A foto de Galisteu é um clássico erótico da nossa educação sentimental. Não podemos, porém, esquecer de lembrar a grandeza da galega. Vai muito além disso. É uma excelente apresentadora <mal-aproveitada> pela tv brasileira. (Xico Sá, 01/05/2014)

malresolvido

Mônica é uma paixão <mal-resolvida> de adolescência no interior fluminense, quando Zezinho, como era chamado à época, nem sonhava com o jornalismo esportivo. (Xico Sá, 24/03/2014)

maldiagramado

Que para cada mulher <mal-diagramada> que pegamos, Deus nos manda duas divas logo depois de feita a caridade. (Xico Sá, 18/01/2014)

malmantido

Um curto-circuito, sinal evidente de instalação velha e <mal-mantida>, jogou os terminais na treva, imobilizou os 65 elevadores e 67 escadas rolantes, e transformou bom número dos 84 banheiros em pocilgas sufocantes. (Xico Vargas, 06/11/2014)

malpensado

Argumentava-se que a igreja antiga necessitava de reparos, não tinha capacidade de abrigar muitos fiéis etc. e demoli-la foi rápido. Precisaram de décadas para reerguer a nova. É isso que provavelmente acontece com mudanças <malpensadas>, feitas de repente. (Thais Nicoleti, 24/11/2014)

Em todos os contextos, percebe-se que *mal-* atualiza a noção aventada por Alves (2000: 191) de não plenitude do significado expresso pela base léxica, o qual, a seu turno, não é, em maior ou menor grau, suficiente. Assim, *malrresolvida* é a paixão que não está plenamente resolvida; *maldigerido* expressa algo que não foi plenamente digerido; *malmantido* refere-se à fiação elétrica mantida com poucos reparos, e assim por diante. Algumas vezes, essa não suficiência, tematizada pelo prefixo, é explicitada por elementos do contexto, como em *mudanças malpensadas*, que são “feitas de repente”, sem planejamento.

Finalmente, quanto aos critérios de prefixidade, verificamos que *mal-*, a despeito de ser pouco produtivo para a criação lexical, é recorrente em posição prefixal (1) e atualiza semântica adverbial (5). No entanto, é palavra prosódica (2), apesar de o Acordo Ortográfico em vigor determinar o uso do hífen apenas quando as bases léxicas iniciam-se em vogal, *l-* ou *h-*. Nesse sentido, é interessante observar que, apesar das regras explícitas quanto à ortografia, os autores dos neologismos preferiram manter o hífen, o que reforça o fato de *mal-* ser, de fato, palavra prosódica. Além disso, apresenta forma livre correspondente (4), o advérbio *mal*.

Não verificamos, ainda, casos de lexicalização (3) do elemento em questão enquanto desempenha a função prefixal. Contudo, no caso específico deste formante, não é difícil pensarmos, dada a forte relação morfossintática e semântica entre a forma livre adverbial (*mal*) e o prefixo (*mal-*), em momentos de lexicalização do elemento afixal, em que ele se confunde com o advérbio. Se tomarmos, a título de exemplo, uma frase como “aquela casa é bem-construída” e a ampliarmos

dizendo “aquela casa é bem-construída e esta, mal” (= malconstruída), temos aí o prefixo lexicalizado. Ou seria o próprio advérbio que é empregado? Por essa razão, não consideraremos o preenchimento do terceiro critério como possível neste caso.

No caso da extensão do escopo, em *mal-alocação de capital*, percebe-se que o afixo escopa o sintagma inteiro (*alocação de capital*) e não apenas a base lexical imediatamente adjungida a ele. Por esse motivo, consideraremos que *mal-* pode escopar, além de palavras, também sintagmas (6).

Tabela 27 – O elemento *mal-* e os critérios de prefixidade:

Crítérios de prefixidade	Preenchimento do critério
recorrência	X
não-acento	
não-lexicalização	
sem forma livre	
significados prefixais prototípicos	X
escopo limitado a uma base simples	

4.3.14. *Extra-*

O formante *extra-* é, com unanimidade, reconhecido como prefixo por todas as gramáticas e dicionários consultados neste trabalho. Cunha (2010: 281) diz-nos que o formante prefixal deriva da preposição latina *extrā* “fora, além de”, por sua vez derivada de *exter* “externo”. Em português, complementa Cunha no mesmo verbete, “ocorre em formações populares, particularmente com a noção de 'muito bom', 'de muito boa qualidade' etc.” A presença do afixo preferencialmente em formações não eruditas parece estar ligada, segundo nos informa Maurer Jr. (1951: 127-8, *apud* DUARTE, 1999: 174), ao seu emprego tardio, já no período do latim vulgar, do qual derivam as línguas modernas como o português.

No *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de Cunha (*op. cit.*: 281), temos também a informação de que *extra-*, não raro, é utilizado, na língua, “como vocábulo independente, substantivado, em contextos específicos (...)”. A mesma informação também encontra-se registrada na *Gramática de Silveira Bueno* (2014: 86). A ampla possibilidade de lexicalização deste prefixo é atestada ainda por Alves (2015: 38), que nos lembra de seu emprego adjetival em sintagmas como *horas extras* e *gasto extra*. Os dicionários de língua portuguesa, aliás, registram, em entradas diferentes, a forma “extra” como prefixo e como adjetivo (HOUAISS: versão eletrônica).

Em seu estudo mais recente acerca dos prefixos do português brasileiro, Alves (2015: 27-8; 37-8) confirma o que Cunha já dissera, isto é, que *extra-* pode atualizar tanto o significado locativo

original da partícula, como em *extraterreno* (que está fora / além da Terra), quanto intensificar a base léxica a que se associa, materializando a ideia de algo “muito bom” (*extraordinário*). O caráter intensificador da partícula, a bem da verdade, é resultante da metaforização do sentido locativo, pois algo “muito bom” é algo que vai “além” do comum. Esse mesmo processo de metaforização dos significados locativos primários de posição física superior ou inferior, ao que parece, é o que dá origem a quase todos os elementos do domínio prefixal intensivo do português (*super-*, *hiper-*, *ultra-*, *sub-* etc.).

Em nossos dados, recolhemos 11 unidades lexicais neológicas nominais derivadas com o prefixo *extra-*, o que confirma a afirmação de Duarte (1999: 174) quanto à preferência do elemento por bases adjetivas e substantivas. Dos 11 neologismos, 5 são adjetivos (*extralongo*, *extra-amoroso*, *extragrande*, *extrapolítico* e *extrassolar*) e 6 são substantivos (*extracampo*, *extrafolha*, *extrapoder*, *extraCopa*, *extrarregra* e *extraEvangelhos*).

Os dois filmes que, como acontece praticamente todos os anos, polarizam as disputas ainda são Gravidade e 12 Anos de Escravidão. Trapaça foi um destaque dos Globos mas está perdendo o fôlego ao longo do período <extra-longo> (por causa das Olimpíadas de Inverno) de campanha. (Ana Maria Bahiana, 18/02/2014)

Os principais caminhos que são usados para iniciar relacionamentos amorosos são os seguintes: (a) Transformar um relacionamento <extra-amoroso> que já existe em um relacionamento amoroso (por exemplo, flertar com uma colega de escola ou de trabalho) (Ailton Amélio, 01/06/2014)

Na hora de dormir, os assentos recebem a cobertura <extra> de um colchão e a cama é preparada com edredons acolchoados e travesseiros <extra-grande> pelos comissários de bordo. (Todos a Bordo, 21/10/2014)

A amigos, ambos justificam a ruptura com a surpresa com os ataques dos dois lados. Lula e Aécio tinham uma excelente relação <extra-política> até antes da campanha. (Coluna Esplanada, 05/11/2014)

A luz proveniente delas será colhida por dois espelhos dentro do satélite, e os dados devem também revelar muitas outras coisas, como a descoberta de planetas <extrassolares> e a presença de asteroides ainda não contabilizados em nosso sistema planetário. (Mensagem Sideral, 16/01/2014)

Se eu entendi bem, a Fifa puniu o jogador da mordida <extra-campo>, com base em imagens vistas depois. (Carla Rodrigues, 12/07/2014)

“A submissão dos trabalhadores a situações inadmissíveis de labor, seja em razão da jornada extenuante, não registrada nos controles de jornada e paga ‘por fora’ ou <extra-folha>, seja em função da inexistência de garantias mínimas e básicas de trabalho, como o fornecimento de água potável e instalações sanitárias nas frentes de trabalho, ou ainda em razão do exercício de atividade altamente perigosa sem treinamento/capacitação adequados, para mencionar apenas algumas das irregularidades afirmadas no relato fiscal, se encaixa no conceito de trabalho análogo à escravidão”.

(Sakamoto, 22/02/2014)

TRIO <EXTRA-PODER> (tít.)

Engana-se quem pensa ser apenas mais uma entre as dezenas de Frentes Parlamentares do Congresso para gritar por sua demanda. A Coalizão Parlamentar pela Reforma Política Democrática, lançada ontem, tem a chancela da OAB, da CNBB e do MCCE. O trio é o poderoso lobby dos advogados, da Igreja e dos magistrados que avalizaram e conseguiram aprovar a Lei Ficha Limpa. (Coluna Esplanada, 23/04/2014)

Para fugir do conceito ‘elefante branco’ <extra-Copa>, o governo do DF tem alugado o estádio nacional para shows. (Coluna Esplanada, 05/04/2014)

Não é só o generoso empréstimo <extra-regra> de R\$ 2,7 milhões para a amiga apresentadora de TV Val Marchiori que complica a vida do presidente do Banco do Brasil, Aldemir Bendine. (Coluna Esplanada, 23/10/2014)

Tudo isso leva a esmagadora maioria dos historiadores a avaliar que ao menos essa passagem de Josefo é autêntica e representa uma menção <extra-Evangelhos> a Jesus. (Darwin e Deus, 16/04/2014)

Apesar de a maioria das formações neológicas ser substantiva, boa parte delas, em virtude do emprego do prefixo *extra-*, exercem função adjetiva no âmbito dos sintagmas nominais que integram (ALVES, 2015: 28). É o que se pode ver claramente, por exemplo, em *menção extraEvangelhos*, *empréstimo extrarregra*, *trio extrapoder* e *mordida extracampo*.

Quanto à semântica do formante, verifica-se que, nas criações lexicais recolhidas do *corpus*, prevalece a noção de algo que está, fisicamente ou não, “além de” ou “fora de”. Assim, *relacionamento extra-amoroso* é o não oficial, que acontece “por fora” deste; *relação extrapolítica* é a relação de Lula e Aécio além do âmbito político; *planetas extrassolares* são os que se encontram além da influência do Sol, fora do Sistema Solar; *mordida extracampo* é aquela que ocorreu fora do campo de futebol; *jornada extra-folha* é aquela, como o próprio contexto define, “paga por fora”, ou seja, cuja remuneração não se encontra na folha de pagamento oficial; *trio extrapoder* representa, como explicitado no texto, a Igreja, os advogados e os magistrados que, a despeito de não ocuparem cargos legislativos, influenciam (e muito) o contexto político do país; *extraCopa* indica o momento depois da Copa do Mundo de futebol; *empréstimo extrarregra* é o empréstimo ilegal, fora das regras próprias para esse tipo de transação; e, finalmente, *menção extraEvangelhos* refere-se à menção acerca da existência de Jesus em texto que não compõe o cânone bíblico. Como se pode ver, pois, o emprego de *extra-* se dá, muitas vezes, em contextos que tematizam situações não oficiais, “de bastidores”, não raro até ilegais.

Apenas nos adjetivos *extralongo* (*período extralongo*) e *extragrande* (*travesseiros extragrande*) verifica-se o emprego intensificador do afixo “muito longo” e “muito grande”.

A lexicalização de *extra-*, já o dissemos antes, continua um fato presente no português brasileiro contemporâneo, conforme se vê em *cobertura extra*.

Finalmente, quanto aos critérios de prefixidade trabalhados nesta pesquisa, verifica-se que, ainda que pouco produtivo para a criação de novas unidades lexicais, *extra-* é um elemento recorrente em função prefixal (1), o qual atualiza significados prototípicos (5). Quanto ao escopo, em todos os exemplos acima arrolados, não se verificou adjunção de *extra-* a sentenças ou sintagmas, limitando-se o prefixo a escopar bases lexicais simples (6). Fonologicamente, verifica-se que o formante é palavra prosódica (2), altamente lexicalizável (3), de modo a que as próprias obras lexicográficas registrem uma entrada para o prefixo *extra-* e outra para o adjetivo análogo (4). Três, portanto, foram os critérios preenchidos pelo formante.

Tabela 28 – O elemento *extra-* e os critérios de prefixidade:

Critérios de prefixidade	Preenchimento do critério
recorrência	X
não-acento	
não-lexicalização	
sem forma livre	
significados prefixais prototípicos	X
escopo limitado a uma base simples	X

4.3.15. *Co-/Com-*

Cunha (2010: 157) classifica o elemento *co-* como uma das formas assumidas pelo prefixo *con-*, derivado, por sua vez, da preposição latina *cum* “com”, que pode designar, segundo ele, “companhia”, “contiguidade” e “sociedade”.

Diante de *-b*, *-m* e *-p*, *con-* assume a forma *com-* (*combater*, *comemorar*, *compor*); já antes de *-r*, *con-* transforma-se em *cor-* (*corroborar*); se, porém, vogais e consoantes líquidas (CÂMARA JR., 1975: 230) seguirem-se ao prefixo, tem-se *co-* (*colaborar*, *coagir*); por fim, a forma original *con-* reserva-se apenas às formações cujas bases iniciam-se pelas demais consoantes (*conviver*, *conter*).

Além dos significados “companhia”, “contiguidade” e “sociedade”, presentes em todas as obras gramaticais nas seções dedicadas ao formante prefixal em questão, Bechara (2009: 366) registra também “concomitância”. Em Azeredo (2010: 452), encontram-se as ideias “posição junto a” e “ao lado de” como atualizáveis por *co(n)-*. Rocha Lima (2010: 252), por sua vez, agrega ao significado do prefixo “reunião”. Este último gramático, aliás, registra em sua obra também a forma

latina *cum-*, a qual, segundo ele, “figura em raras palavras portuguesas (*cúmplice*, *cumprir*)”, chamando a atenção para o fato de que, nas formações com *cum-*, “já se perdeu o sentimento de derivação”.

Em nosso *corpus*, figuram dez neologismos derivados com o formante. Em oito deles, o prefixo assumiu a forma *co-* (*co-atribuir*, *co-criador*, *co-escrever*, *co-fundador*, *co-headliner*, *coorganizador*, *co-presidente* e *co-roteirista*) e, nas duas unidades lexicais neológicas restantes, a forma assumida pelo afixo foi *com-* (*com-carro* e *com-partido*).

A grande maioria (oito) desses neologismos é, como se pode ver, substantiva, com destaque para a formação *co-headliner*, de base léxica substantiva estrangeira. As duas criações restantes são verbos. Seguem abaixo os contextos em que apareceram os neologismos supracitados.

O linguajar tijolal e monótono, recheado de velhos lugares-comuns, igualzinho ao dos partidos de esquerda de quando eu era estudante e tinha 18 anos de idade, muito antes da queda do Muro de Berlim, mostra entre várias coisas o desconhecimento dos “camaradas” guatemaltecos em relação às alianças do PT, porque o tempo todo <co-atribuem> o triunfo ao microscópico PCdoB — e não a aliados poderosos, e conservadores, do lulopetismo, como o PMDB e o PP. (Ricardo Setti, 06/11/2014)

Desde ontem até o dia 18 de março, a rede vai reunir no Projac, sua central de estúdios no Rio, nomes como David Bernioff e Daniel Weiss, criadores da série “Game of Thrones”, Gideon Ralf, autor de “Homeland” e Mark Gatiss, <cocriador da série “Sherlock”>, em palestras e workshops especialmente para roteiristas e autores renomados da emissora. (Outro Canal, 12/03/2014)

Em 2004, Pharrell <co-escreveu> com Gwen Stefani seu mega-hit “Hollaback Girl”, que o The Neptunes produziu no primeiro álbum solo da cantora, “Love. (Radio UOL, 05/04/2014)

Jonathan Aron, <co-fundador> e sócio da BR Motorsport, também comentou sobre o novo parceiro de negócios. “Nós vemos isso como uma oportunidade para apoiar a indústria brasileira, aumentando a quantidade de produtos que fabricamos no Brasil à medida que ajudamos a economia, criando empregos”, finalizou. (Infomoto, 19/09/2014)

Ainda não está confirmado, mas dá para presumir que os dois primeiros artistas da lista são aqueles que fecharão cada dia de evento no palco principal 1. Sendo assim, pergunto: um festival que tem Jack White e Pharrell Williams como headliners (e Calvin Harris, Robert Plant, Skrillex, Smashing Pumpkins e Foster the People como <co-headliners>) está convidando exatamente que tipo de público? (Pablo Miyazawa, 17/11/2014)

O debate, iniciado às 17h45, durou 1 hora e 49 minutos. Foi transmitido pelo SBT e pelos <coorganizadores> — o portal UOL, o site do jornal Folha de S. Paulo e a rádio Jovem Pan. (Ricardo Setti, 01/09/2014)

Dilma em mais uma “consulta” ao <co-presidente Lula>, em Salvador (Foto: Margarida Neide / Agência A Tarde / Agência O Globo). (Ricardo Setti, 06/12/2014)

Uma retrospectiva de Riccardo Freda que começa pode confirmá-lo mesmo como mestre do cinema popular. O Cavaleiro Misterioso, com Gassman fazendo um jovem e aventureiro e sedutor, claro, Casanova é um achado. Com Monicelli e Steno como <co-roteiristas>. Há coisas ali, a sério, que depois a gente veria em Brancaleone. (Inácio Araújo, 02/07/2014)

<COM-CARROS> — A nova geração de sem-terra que invadiu a fazenda da Araupel quer fechar a unidade da indústria de Quedas do Iguaçu, que gera 2 000 empregos diretos e indiretos, porque ela exporta peças de madeira para os Estados Unidos (Foto: Cristiano Mariz). (Ricardo Setti, 02/08/2014)

A indústria de invasões promovidas por ditos sem-teto, mas <com-partido>. (Reinaldo Azevedo, 01/12/2014)

O primeiro aspecto que nos chama a atenção a respeito dos neologismos derivados com *co-*, é que boa parte deles encontra-se em contextos que tratam dos universos artísticos da música e da televisão (*co-headliner*, *co-roteirista*, *cocriador*, *co-escrever*, *coorganizador*). Isso se deve, talvez, em razão de serem áreas nas quais, não raramente, estabelecem-se parcerias de trabalho, de modo que o “trabalhar junto” acaba por ser materializado pelo prefixo.

Nesse sentido, é interessante, no contexto em que aparece o verbo neológico *co-escrever*, ser empregada, junto com o prefixo, também a preposição correspondente *com*, de modo a enfatizar a parceria dos artistas na escrita da música: *Pharrell co-escreveu com Gwen Stefani seu mega-hit (...)*. Segundo Alves (2015: 32) essa coocorrência de prefixo e preposição é comum nos verbos derivados com *co(m)-*.

Outro aspecto que salta aos olhos é a preferência do falante pela hifenização, de modo que *corroteirista* aparece na forma *co-roteirista*, fazendo desaparecer o alomorfe *cor-*, que deveria ter sido empregado neste caso.

Percebe-se também que as duas unidades lexicais formadas com *com-* diferenciam-se daquelas derivadas pelo alomorfe *co-*. *Com-partido* e *com-carros* não surgem espontaneamente, mas em oposição a *sem-teto* e *sem-terra*, por sua vez já consagradas criações derivadas com o antônimo de *com-*, *sem-*. Nos dois contextos, percebe-se uma crítica aberta ao MTST: as pessoas do movimento, teoricamente, não possuem casa nem terra, mas são membros de partidos políticos e contam com carros à sua disposição.

Quanto à semântica do afixo, está presente, principalmente, a ideia geral de “parceria”, em ações desenvolvidas conjuntamente por mais de uma pessoa ou em cargos ocupados, simultaneamente, oficial ou extraoficialmente, por dois indivíduos (*coorganizador*, *co-escrever*, *co-atribuir*, *co-roteirista*, *co-fundador*, *co-presidente* etc.). Nas criações lexicais com o alomorfe *com-*, por outro lado, não se tem a atualização de “parceria”, mas de “posse” ou “pertencimento”. Indivíduos *com-carros* são aqueles que possuem automóveis e os *com-partido* são os integrantes de partidos políticos.

Finalmente, no que concerne ao preenchimento dos critérios de prefixidade, percebe-se que *co-* e *com-* não apresentam homogeneidade de comportamento. Os dois alomorfes são recorrentes na posição prefixal (1), sendo *co-* mais produtivo que *com-*. No entanto, *com-* é palavra prosódica e *co-* é forma átona (2). Apesar disso, ambos não são lexicalizáveis (3) enquanto desempenham a função prefixal¹⁶, atualizam significados prototípicos (5) e, por serem alomorfes de *con-*, possuem correspondência com a preposição *com* (4). Por fim, quanto ao escopo, percebemos que ele pode se estender além da base léxica imediatamente adjungida ao prefixo *co-* (6), como em *cocriador da série Sherlock* ou *co-presidente Lula*. No caso das formações com *com-*, não se verificou extensão do escopo para além da base.

Tabela 29 – O elemento *co-* e os critérios de prefixidade:

Crítérios de prefixidade	Preenchimento do critério
recorrência	X
não-acento	X
não-lexicalização	X
sem forma livre	
significados prefixais prototípicos	X
escopo limitado a uma base simples	

Tabela 30 – O elemento *com-* e os critérios de prefixidade:

Crítérios de prefixidade	Preenchimento do critério
Recorrência	X
não-acento	
não-lexicalização	X
sem forma livre	
significados prefixais prototípicos	X
escopo limitado a uma base simples	X

4.3.16. *Trans-*

O formante *trans-*, originado da preposição latina *trans* “através de” / “para além de” (CUNHA, 2010: 644), pode assumir também as formas *tra-* (*traduzir*), *tras-* (*traspasar*), *tres-* (*tresnoitar*) e *tre-* (*trejeito*).

¹⁶ A rigor, essa afirmação só pode ser aplicada integralmente a *co-*, uma vez que o emprego prefixal de *com-* é mais raro, além de indicar um possível processo de gramaticalização em curso na língua, o que, por si só, excluiria possibilidade de se falar em lexicalização de *com-*.

É considerado como prefixo por todas as gramáticas consultadas nesta pesquisa (COUTINHO, 1976: 178; CUNHA & CINTRA, 2008: 100; BECHARA, 2009: 368; ROCHA LIMA, 2010: 255; AZEREDO, 2010: 453; SILVEIRA BUENO, 2014: 86), podendo atualizar os significados “através de”, “além de”, “passar de um lugar para outro” (*transportar*) e “intensidade” (*tresloucar*). Duarte (1999: 159-60), por sua vez, registra também, ligado ao prefixo, o traço semântico “mudança”, por exemplo, na palavra *transsexual*.

Quanto ao uso, diz-nos Câmara Jr. que se trata de um prefixo “sem produtividade” (1975: 232), ao passo que Duarte (op. cit.: 160) nos mostra que a maior concentração de formações com *trans-* encontra-se nas áreas de especialidade (*transplanetário*, *transesterilização*, *transaminação* etc.), seguindo o padrão *trans-* + *nome*, sendo raríssimas formações neológicas com bases verbais.

Recolhemos, em nosso *corpus*, 10 neologismos formados com *trans-*, sendo sete substantivos e três adjetivos.

Do total de unidades lexicais neológicas criadas com o prefixo, em sete delas ele atualizou seus significados tradicionais de algo que está “além” ou que passa “através de”. É o caso dos adjetivos *transpacífico* e *transplutano* e dos substantivos *Transcarioca*, *transgênero*, *transmídia*, *transnarrativa* e *transvisão*.

A mudança ainda não havia sido feita pois as rotas <transpacíficas> exigem aeronaves capazes de voar por longos períodos, caso uma das turbinas falhe, utilizando somente os demais motores disponíveis, até alcançar um aeroporto emergencial. (Todos a Bordo, 28/11/2014)

A descoberta de objetos transnetunianos, ou <transplutano>, como o corpo 1992 QB1, o primeiro depois do próprio Plutão, foi possível pelo refinamento das observações astronômicas com equipamentos mais eficientes, como as câmeras CCD que aumentaram a sensibilidade dos registros fotográficos, coisa que os antigos filmes recoberto com sais de prata não podiam fazer. (Scientific American, 07/03/2014)

Na de infraestrutura para o Rio, a prefeitura promete inaugurar a <Transcarioca>, corredor expresso de 39 quilômetros que ligará a Barra da Tijuca ao aeroporto internacional Tom Jobim. (Olímpicos, 02/01/2014)

Na Suécia, a sigla LGBT se refere à comunidade lésbica, gay, bissexual e <transgênero> (diferentemente do Brasil, onde estão inclusos travestis e transexuais). (Blog de Tec, 30/07/2014)

Temática da <transmídia>: uma novela ganha repercussão na internet em decorrência do sucesso da trama. (Fábio TV, 01/11/2014)

Alguns colegas apontaram – com razão – que Guardiões é um filme <transnarrativa>, (...). Ou seja, é um filme que prescinde de história, que se segura num fiapo de trama sem nenhum compromisso com fazer sentido ou apresentar grandes contornos dos personagens e seus dilemas. (Ana Maria Bahiana, 04/08/2014)

“Para não cair no lugar comum, construí uma <‘transvisão’> do modernismo, busquei ângulos que quebrassem ainda mais a arquitetura de Niemeyer”. Essa mesma <“transvisão”> permeia todas as séries da obra, com Mello transitando entre diferentes linguagens com a mesma intensidade. (Entretempos, 21/11/2014)

O neologismo adjetival *transplutano*, ao que tudo indica, foi criado por analogia ao também adjetivo, já dicionarizado, *transnetuniano* e surgiu em contexto de língua especializada. Neste caso, *trans-* assume o significado de “além”, pois a unidade lexical designa um corpo celeste localizado além do planeta anão Plutão.

No caso de *transpacífico*, o prefixo significa “através de”, pois o contexto nos fala de aeronaves capazes de voar “longos períodos”, podendo realizar rotas através do extenso Oceano Pacífico, ou seja, rotas transpacíficas.

Um filme *transnarrativa*, por sua vez, como explica a autora do neologismo, Ana Maria Bahiana, é um filme “que prescinde de história”. Nessa criação lexical, portanto, *trans-* adquire os traços semânticos “prescindir de”, “abandonar”, decorrentes da ideia de “ir além”. Nota-se ainda que, a despeito de ser substantiva, a base léxica “narrativa”, pela adjunção ao prefixo, exerce função adjetival na determinação de “filme” (ALVES, 1990; 2000).

Uma novela de temática *transmídia*, como nos ensina o contexto, é aquela que deixa o âmbito na televisão e repercute também na internet, ou seja, é aquela que atravessa mídias diferentes. Aqui, *trans-* atualiza, pois, a ideia de “atravessar” num sentido mais metafórico, não físico. A mesma ideia, mas no plano espacial, está presente, porém, em *Transcarioca*, nome do corredor expresso que passará através da cidade do Rio de Janeiro, atravessando-a e ligando “a Barra da Tijuca ao aeroporto Tom Jobim”.

Pelo contexto em que aparece o neologismo *transvisão*, percebe-se que, decorrente do significado “ir além”, o prefixo atualiza, neste caso, ideia de “intensidade” e “rompimento”, pois a *transvisão do modernismo* quebra “ainda mais a arquitetura de Niemeyer”. Vê-se, pois, que os traços “intensidade” e “quebra” por intermédio de uma intensa “transição em diferentes linguagens” relacionam-se semanticamente a *trans-*.

A conhecida unidade léxica *transgênero* designa os indivíduos que se identificam plenamente com o gênero oposto ao sexo biológico de seus corpos. Neste caso, o afixo atualiza significado de “mudança”, decorrente da ideia de “atravessar” gêneros diferentes. No sintagma “comunidade (...) transgênero”, é visível que *trans-* exerce função recategorizadora (ALVES 1990; 2000), permitindo ao substantivo “gênero” adjetivar o também substantivo “comunidade”.

As evoluções no modo de entender as complexidades da sexualidade humana têm feito com que as palavras *transgênero* e *transsexual* ganhem destaque na atualidade, não sendo raros, em virtude do aparecimento recorrente dessas unidades lexicais, contextos em que o prefixo lexicaliza-

se. Devido à truncação de *transgênero* e *transsexual*, o conteúdo semântico das bases léxicas transfere-se ao afixo, que passa a ser usado como forma livre. É justamente nesse sentido que podemos entender os neologismos substantivais *Transcidadania* e *transfobia* e o neologismo adjetival *transfóbico*, recolhidos do *Blogay*, blog dedicado à temática LGBTTT.

Apesar de ter lançado ideias interessantes, como o plano de saúde integral LGBT e o <Transcidadania> (nenhum dos dois implementados), o governo Haddad foi responsável por graves retrocessos, especialmente o fechamento do Autorama [local de encontro gay no estacionamento do Parque Ibirapuera] (nem o Serra e o Kassab tinham conseguido a façanha) e o encerramento do Programa Operação Trabalho, que garantia um benefício para algumas LGBT em situação de vulnerabilidade, a maioria transexuais e travestis. (Blogay, 24/07/2014)

Com o trabalho “Trasposição”, os alunos Amanda Caleffi Secco, Gabriela Nunes de Almeida, Rafael Perecin Foltram e Thais Lee tornaram visíveis as <trans> que estão no mercado de trabalho para além do chavão da prostituição, empresas que empregam transgêneros e também a <transfobia> velada e aberta, além de questões como o banheiro a ser usado. (Blogay, 29/01/2014)

Esse quadro de violências homo/lesbo/<transfóbicas>, quando não resultam em mortes de LGBT, podem produzir deficiências, contribuindo para aumentar o contingente de novas pessoas com deficiência no Brasil. (Blogay, 24/01/2014)

No primeiro contexto, é possível verificar a lexicalização do prefixo na designação dos indivíduos transsexuais (“as trans”). A partir dessa ressemantização da forma *trans-*, criaram-se *transfobia* (aversão a transsexuais), violência *transfóbica* (violência ocasionada em virtude da aversão a transsexuais) e *Transcidadania* (programa governamental que confere direitos de cidadãos aos indivíduos transsexuais e transgêneros). Essa recente mudança semântica verificada no emprego de *trans-* atesta claramente o dinamismo da língua na materialização das modificações ocorridas na realidade extralinguística. De fato, longe de constituir um sistema abstrato com regras inflexíveis, a língua é um grande acervo de usos e reusos de que o falante se apropria constantemente para expressar suas ideias, pensamentos e sentimentos e denominar novas realidades. Ousamos dizer, no que se refere especificamente a *trans-*, que a tendência geral do momento é que o afixo seja cada vez mais atualizado com seu novo significado “transsexual”.

Por fim, quanto ao preenchimento dos critérios de prefixidade, verificou-se que *trans-* é elemento recorrente (1), passível de atualizar significado espacial prototípico “além” (5), ainda que esteja se ressemantizando, como vimos acima. Ademais, o formante toma por escopo apenas bases léxicas simples (6). Contudo, é palavra prosódica (2) e fartamente lexicalizável (3) em referência a transsexuais.

Em verdade, temos percebido que essa lexicalização do formante prefixal na designação de

indivíduos transsexuais tem feito surgir, ainda que não tenhamos encontrado registro nos dicionários de língua geral elencados para este estudo, o substantivo *trans* (vi várias *trans* hoje no parque) e o adjetivo *trans* (Renata é mulher *trans*. Pedro é homem *trans*). Isso nos leva a crer que já há, no português brasileiro contemporâneo, formas livres análogas ao prefixo dele derivadas. Em virtude disso e levando-se em consideração a tendência, cada vez mais frequente segundo acreditamos, de restringir o uso do prefixo a contextos que tratem da temática transsexual, consideraremos o quarto critério como não preenchido pelo formante *trans-*, o que o leva a ocupar, no *continuum* de prefixidade, posição medial.

Tabela 31 – *O elemento trans- e os critérios de prefixidade:*

Crítérios de prefixidade	Preenchimento do critério
recorrência	X
não-acento	
não-lexicalização	
sem forma livre	
significados prefixais prototípicos	X
escopo limitado a uma base simples	X

4.3.17. Narco-

Narco- é classificado por todas as obras lexicográficas e gramaticais do português como elemento erudito de composição. Cunha (2010: 446), a seu respeito, diz-nos que é derivado do grego *nark-*, de *nárkē*, “torpor”, “adormecimento”. Ainda segundo o autor, formações com *narco-* são mais frequentes nas linguagens científicas (*narcótico*, *narceína*, *narcose* etc.).

Apesar de tradicionalmente restrito às áreas de especialidade, Alves (2006: 139; 2010: 70) tem registrado recorrentes formações neológicas com *narco-* em língua geral (*narcocorrupção*, *narcodólar*, *narcoeconomia*, *narcoexportador*, *narcogoverno* etc.), razão por que, em seu entender, o elemento está se tornando um neoprefixo no português brasileiro contemporâneo. Nos neologismos veiculados pela autora, percebe-se que o formante atualiza a ideia de “drogas”, significado bem diferente do erudito “torpor”. A origem disso é, segundo Cunha & Cintra (2008: 129) e Gonçalves (2016: 93-7), o fenômeno da recomposição, já explicitado anteriormente, no qual um elemento erudito ressemantiza-se e passa a formar palavras em língua corrente, razão por que é entendido pelos autores citados como pseudoprefixo. No caso de *narco-*, ocorreu primeiro a truncação da unidade léxica *narcótico* (droga) e a concentração de seu conteúdo semântico em *narco-*, que passa, então, a significar “drogas”. A proliferação de criações lexicais com este

elemento evidencia o crescimento do comércio e da utilização das drogas ilícitas em nossa sociedade (ALVES, 2010: 70).

Recolhemos 7 unidades lexicais neológicas formadas pela associação de *narco-* a bases léxicas substantivas: *narcocidade*, *narco-futebol*, *narcoguerrilha*, *narcoguerrilheiro*, *narco-literatura*, *narco-novela* e *narcoterrorista*.

Na expressão de Krause, Iguala é uma <“narcocidade”>, na qual políticos e policiais não estão meramente associados ao tráfico de drogas, mas são o crime organizado. (Caio Blinder, 11/11/2014)

No fim dos anos 80 e começo dos 90, o Nacional praticamente pertencia à Pablo Escobar. Por sua vez, narcotraficantes famosos eram donos de outros clubes. Miguel Rodríguez mandava no Deportivo Cali e “El Mexicano”, no Millonarios. Os criminosos eram fãs de futebol, iam às partidas, construíam campos e estádios e davam altos prêmios aos jogadores. Por outro lado, exigiam resultados e chegavam às vias da violência, mas, até então, nunca contra os jogadores. Quando o Nacional perdeu um clássico do <“narco-futebol”> para o Cali, Escobar mandou executar o árbitro na saída do estádio. (Sylvia Colombo, 13/06/2014)

Uma rara foto dos principais comandantes da <narcoguerrilha das Farc>: Alfonso Cano (de barba), foi morto em novembro de 2011 com o auxílio de réus colaboradores, o mesmo ocorrendo com "Mono Jojoy" (de boina), em setembro de 2010. (Ricardo Setti, 29/12/2014)

A Colômbia, nosso vizinho ao norte, com colossais gastos militares para espremer os <narcoguerrilheiros das Farc> (amiguinhas do PT) e tudo, foi o segundo país que mais cresceu NO MUNDO no primeiro trimestre, em comparação ao mesmo período de 2013 — 6,4% —, ficando apenas atrás da China, e a previsão de crescimento para o ano feita pelo governo, que é considerada conservadora por diferentes círculos, é de 4,7%. (Ricardo Setti, 05/09/2014)

Pergunta – Sua geração criou um gênero, a <narco-literatura>?

Velázquez – Com “A Virgem dos Sicários” (lançado aqui pela Companhia das Letras), Fernando inventou a <narco-literatura>. (Sylvia Colombo, 26/03/2014)

Quase todos os livros que foram produzidos pelo fenômeno da violência é lixo. Existem grandes exceções, mas em geral existe uma super-exploração do tema, em livros de pseudo-jornalismo e as chamadas <narco-novelas>. (Sylvia Colombo, 26/03/2014)

O projeto de quem tratou os <narcoterroristas das chamadas “Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia”>, as Farc, como grupo político legítimo no cenário colombiano, e não como os bandidos, sequestradores e assassinos que são, mostrando por eles mais consideração do que com os governos democráticos, mas “de direita”, de Bogotá. (Ricardo Setti, 05/01/2014)

De modo geral, nos neologismos registrados acima, *narco-* atualizou apenas o significado recente, observado por Alves (2006; 2010), relativo ao mundo das drogas. Assim, uma *narcocidade*

é aquela em que suas autoridades chefiam o tráfico de drogas. Um *narcoguerrilheiro* e um *narcoterrorista* são bandidos que atuam nas *narcoguerrilhas*, ou seja, nas guerras entre facções do tráfico e o poder governamental. *Narco-literatura* e *narco-novela*, por sua vez, são a literatura e um subgênero desta, a novela, cujo tema principal é o comércio irregular de drogas. Por fim, o neologismo *narco-futebol* designa os times financiados por grandes traficantes da América Latina.

A estranheza com relação às formações neológicas criadas com *narco-*, ou seja, o sentimento do falante de que se trata efetivamente de criações lexicais, materializa-se linguisticamente, em alguns contextos, por meio das aspas. Nota-se ainda que, em algumas formações, o elemento aparece ligado às bases por hífen, o que, normalmente, não ocorre nas composições neoclássicas. Isso parece ser mais um indício de que o uso prefixal de *narco-* afasta-se cada vez mais do emprego tradicional desse elemento, enquanto base presa.

Finalmente, com relação à maior ou menor prefixidade do formante, verificamos que se trata de forma recorrente em função prefixal (1), não lexicalizável (3) e não correspondente a nenhuma forma livre da língua (4), apesar de guardar relações com o substantivo *narcótico*, de quem é a forma reduzida. Todavia, *narco-* é palavra prosódica (2), não atualiza significados prototípicos dos prefixos (5) e, como se pode ver em *narcoguerrilha das Farc* ou *narcoguerrilheiros das Farc*, o escopo também sintagmas (6).

Tabela 32 – O elemento *narco-* e os critérios de prefixidade:

Crítérios de prefixidade	Preenchimento do critério
recorrência	X
não-acento	
não-lexicalização	X
sem forma livre	X
significados prefixais prototípicos	
escopo limitado a uma base simples	

4.3.18. *Contra-*

O elemento *contra-*, fartamente registrado nos dicionários e gramáticas do português, é classificado por todas as obras por nós consultadas como elemento prefixal de origem latina análogo à forma livre prepositiva *contra*. Sua origem, segundo Cunha (2010: 176) é a preposição latina *cōtra*, a qual significava “em oposição a”, “em lugar de”, “diante de”. Ainda no mesmo verbete, diz-nos o autor que *contra-* é semanticamente análogo ao prefixo *anti-*, de origem grega, destacando, contudo, que a partícula latina é menos produtiva na língua portuguesa que o afixo

grego. Isso se confirma nesta pesquisa, pois enquanto *anti-* formou 105 neologismos, com *contra-* há apenas seis.

As ideias de “oposição”, “posição oposta ou contrária”, “direção contrária”, “situação fronteira” e “proximidade funcional” são as noções tradicionalmente associadas a este formante pelas gramáticas. Alves (2015: 52) registra também, no âmbito de sua análise sobre o formante, a ideia de “o que complementa, o que completa” ou “o que se dá em troca”, fornecendo como exemplo a palavra *contrapartida*.

Quanto a seu uso, Silveira Bueno (2014: 86) diz-nos que *contra-* pode se lexicalizar quando em companhia de *pró-* na expressão “os prós e contras”. Duarte (1999: 180) lembra-nos que, em latim, o elemento era usado na formação de verbos (*contradicere*, *contrafacere*, *contraponere*). Apenas no latim medieval, segundo ele, é que o formante passou a unir-se também a substantivos e adjetivos, padrão que, hoje, é, ainda de acordo com o autor, o mais forte no português.

De fato, dos seis neologismos formados com *contra-*, não verificamos um em que o formante houvesse se associado a base léxica verbal. Há apenas formações substantivas (*contra-contra-argumento*, *contra-inteligência*, *contra-narrativa* e *contra-tuitação*) e com adjetivos derivados de substantivos (*contra-hegemônico* e *contrassexual*).

O mesmo pode ocorrer no 'rolezinho'. Ao dizer que pessoas vestidas de certa forma não podem acessar determinado local, pode haver preconceito ou mesmo racismo se a vasta maioria das pessoas que se vestem daquela forma são negras e pardas. O *contra-argumento*, no caso, é que pessoas negras, mestiças etc que se vestem de forma 'adequada' (o que quer que isso signifique) podem acessar tal local. O <*contra-contra-argumento*> é que pouquíssimas pessoas daquela etnia ou raça de fato se vestem da forma aceita pelo shopping e logo, são a exceção que reafirmam a regra. (Para Entender Direito, 14/01/2014)

Haverá serviço de inteligência e <*contra-inteligência*> nas capitais e interior. É consenso entre militares e no governo que parte desses grupos perdeu a legitimidade e, se continuarem com badernas e invasões, eles entrarão na ilegalidade. (Coluna Esplanada, 05/08/2014)

[...] O filme desafia espectadores a reconhecer a necessidade urgente por <*contra-narrativas*> que façam justiça à diversidade e humanidade do povo árabe e à realidade e riqueza de sua história e cultura. (Orientalíssimo, 20/10/2014)

Momentos antes do 'tuitação' que Malafaia prometia, a página da presidente no Facebook lançou o <'*contra-tuitação*'> com a hashtag #MenosÓdioMalafaia. (Hashtag, 12/09/2014)

E por fim mas não menos interessante, o Cordão Carnavalesco Boca de Serebesqué, também da perifa (Guaianazes e Lajeado, na zona leste), para promover um carnaval <“*contra-hegemônico*”> e a “cultura de resistência pulsante nas periferias de São Paulo”. (Seres Urbanos, 06/03/2014)

Um pênis de borracha, um vibrador, uma prótese, um suplemento. Um consolo, como se diz na linguagem popular. É a partir desse objeto que Beatriz Preciado começa aquilo que se tornou seu texto mais famoso e mais instigante, o Manifesto <contrassexual>; práticas subversivas de identidade sexual, tradução livre para o título de seu primeiro livro, lançado em 2000 na França, onde ela vive e trabalha; na Espanha, onde nasceu, em 1970; e nos EUA, onde se formou. (Carla Rodrigues, 25/08/2014)

Em todos os neologismos acima arrolados, *contra-* atualizou, em alguma medida, seu significado tradicional de “oposição” e/ou “ser contrário a”, derivando, a partir desse traço de significado, em alguns contextos, a ideia de algo “paralelo” ao oficial ou ao normalmente aceito.

Contra-inteligência é um serviço paralelo e oposto ao serviço de Inteligência Oficial. Neste caso, portanto, além de “oposição”, o formante, pela associação à base léxica e pela inserção em contexto específico, semantiza também a ideia de algo que corre em paralelo em relação a outra coisa.

Na formação neológica *contra-contra-argumento*, o prefixo adjungiu-se a base léxica não neológica, por sua vez, derivada com o mesmo *contra-*. Aqui, o neologismo designa oposição a um contra-argumento, ou seja, oposição a um argumento que, a seu turno, já havia sido lançado para combater outro argumento. Temos, assim, semantizada a oposição da oposição.

Contra-tuitaço é um neologismo prefixal de base léxica também neológica, que significa oposição a um “tuitaço”, ou seja, a um protesto virtual realizado pela rede social Twitter, do qual participam muitos “tuiteiros” que se manifestam em massa contrária ou favoravelmente a algo. No caso, o *contra-tuitaço* foi organizado pelos internautas para se opor a um “tuitaço” já previamente conclamado pelo pastor Silas Malafaia. Confirma-se, aqui, o caráter extremamente dinâmico da internet, que se faz ambiente propício para a renovação lexical constante.

De modo semelhante às unidades léxicas neológicas analisadas antes, em *contra-narrativa* e em *carnaval contra-hegemônico* há a designação, respectivamente, de uma história oposta e paralela às histórias que normalmente retratam os povos árabes, e de um carnaval contrário e paralelo ao carnaval hegemônico. No contexto em que surge o neologismo adjetival, há clara relação sinonímica entre *contra-* e a ideia de uma “cultura de resistência”, pois o carnaval *contra-hegemônico* é “cultura de resistência pulsante nas periferias de São Paulo”.

Chama-nos a atenção, por fim, a formação *contrassexual*, que denomina “práticas subversivas de identidade sexual”, tais como objetos de uso íntimo. Neste caso, o elemento *contra-* sai da oposição paralela e cai na ideia de “subversão”, por associar-se à base adjetiva *sexual*, por si só subversiva. Neste caso, é curioso verificar que o neologismo é inteiramente metafórico, pois *contra-* não se opõe, estritamente falando, ao adjetivo-base, ou seja, *Manifesto contrassexual* não é, como deveria ser, um manifesto contra o sexo, mas é sim, ao que nos parece, em defesa de práticas sexuais que por sua vez, são subversivas, contrárias às “usuais”. Isso tudo nos mostra que, por mais

que descrevamos a língua e seus elementos, ela sempre nos surpreende com criações originais, na busca constante por exprimir ideias e pensamentos da melhor maneira, lançando mão do menor número possível de recursos numa verdadeira “economia linguística” (ALVES, 1990). Numa única unidade lexical (*contrassexual*), condensa-se, assim, todo um raciocínio (*práticas sexuais consideradas contrárias às “normais” / “usuais”*).

Finalmente, quanto à relação entre *contra-* e os critérios de prefixidade, verificamos que o elemento é recorrente (1) em formações da língua, atualiza significado prototípico (5) e escopa apenas bases simples (6). No entanto, é palavra prosódica (2) e correspondente à forma livre prepositiva *contra* (4). Apesar de análogo a uma preposição, percebe-se que, nos contextos em que surge como prefixo, *contra-* não se lexicaliza (3). Isso pode ser atestado, por exemplo, na estrutura **“existem narrativas e contra”* (= *contra-narrativas*), a qual não é própria de nossa língua.

Tabela 33 – *O elemento contra- e os critérios de prefixidade:*

Crítérios de prefixidade	Preenchimento do critério
recorrência	X
não-acento	
não-lexicalização	X
sem forma livre	
significados prefixais prototípicos	X
escopo limitado a uma base simples	X

4.3.19. Vice-

Vice- é, segundo Cunha (2010: 676), elemento derivado da preposição latina *vice* “em lugar de”, “que substitui a”. Diz-nos ele que, apesar de existir em algumas formações do latim tardio (*vicequaestor*), é no latim medieval, porém, que ocorre com bastante frequência (*vicecomes*, *viceconsul*, *vicedecanus* etc.). Atualmente, conclui o verbete,

o pref. ocorre quase sempre precedido de hífen, para designar aqueles indivíduos que substituem outros, temporária e/ou regularmente, em cargos diversos, na ausência do titular do cargo, ou, então, como seu assistente imediato (...).

Câmara Jr. (1975: 232-3), além de destacar a produtividade do formante, em justaposição a bases léxicas, para indicar “aquele que é substituto eventual numa determinada função (ex.: vice-presidente) ou tem delegação para até certo ponto exercê-la (ex.: vice-rei)”, informa-nos também que, da forma latina *vice*, derivou-se, no português, a palavra *vez*.

Todas as gramáticas tradicionais consultadas consideram o elemento como prefixal e registram, além de *vice-*, o alomorfe *vis-* (*visconde*). Quanto aos significados registrados por essas obras, prevalecem as ideias de “substituição”, “no lugar de”, “imediatamente abaixo num cargo ou função” e “posição abaixo” (COUTINHO, 1976: 178; BECHARA, 2009: 368; CUNHA & CINTRA, 2008: 100; AZEREDO, 2010: 453; ROCHA LIMA, 2010: 256; SILVEIRA BUENO, 2014: 86).

Destacam Alves (1990: 26) e Gonçalves (2016: 100) que *vice-* é um prefixo fartamente lexicalizável, não sendo raras as ocasiões em que surge independentemente de uma base léxica.

Registramos, em nosso *corpus*, seis unidade lexicais neológicas formadas com *vice-*: *vice-cacique da Tekoa Pyau*, *vice-colocado*, *vice-conciliador*, *vice-coordenador do curso de administração pública*, *vice-ministro da Cultura* e *vice-Miss Bumbum 2012*.

A Terra Indígena Jaraguá é a menor do país, com 1,7 hectare. Nela vivem cerca de 700 pessoas, em duas aldeias. “O homem branco, quando passa aqui perto, diz que parece uma favela, mas não é. É uma aldeia indígena”, explica Nelson Soares, <vice-cacique da Tekoa Pyau>. (Sakamoto, 19/04/2014)

Gisele, que em maio passado também entrou para a lista das 100 mulheres mais poderosas do mundo (em 89º lugar) segundo a revista, encabeça o ranking das modelos com folga de R\$ 90 milhões em relação às <vice-colocadas>. (Peça Única, 18/08/2014)

As articulações eleitorais e o bom trânsito em setores e suprapartidário indicam que Beto Albuquerque (PSB) será o <vice-conciliador> se Marina vencer a eleição. (Coluna Esplanada, 07/09/2014)

A ideia da FGV, explica Marco Antonio Carvalho Teixeira, <vice-coordenador do curso de administração pública>, é permitir que estudantes de todo o país possam concorrer às vagas da FGV. (Abecedário, 05/06/2014)

O <vice-ministro da Cultura>, Hossein Noushabadi, foi a público para enviar furioso alerta à atriz. (Um Brasileiro no Irã, 20/05/2014)

Zé Luiz e Thiago Rocha vão ganhar a companhia de Vinícius Vieira (Gluglu), Babi Rossi (ex-Panicat) e Andressa Urach (<vice-Miss Bumbum 2012>). (O Buxixo, 27/04/2014)

Em primeiro lugar, nota-se que o ambiente em que aparecem formações com este afixo é predominantemente substantival. Dos seis neologismos recolhidos, quatro são de bases substantivas, que nomeiam cargos e funções hierárquicas e títulos obtidos (*miss*, *ministro*, *cacique* e *coordenador*) e dois neologismos são adjetivos substantivados (*conciliador* e *colocado*).

Apesar de adjungir-se a bases léxicas simples, nota-se facilmente que, à semelhança de *ex-*, *vice-* pode estender, com bastante frequência, seu escopo muito além da palavra base, como em

vice-ministro da Cultura ou mesmo em *vice-coordenador do curso de administração pública*. Esse fato ajuda-nos a entender, por exemplo, a criação de uma unidade léxica como *vice-conciliador*.

Se atentarmos bem, perceberemos que, à exceção desse neologismo, em todos os outros o prefixo atualizou seus significados prototípicos de “substituição”, “em plano mais baixo”, “em segundo lugar” etc. Assim, um *vice-cacique* é um substituto do cacique, um *vice-colocado* é alguém que ocupa o segundo lugar de um ranking, uma *vice-Miss Bumbum* é uma moça que foi a segunda colocada neste concurso, um *vice-ministro* é um substituto do ministro e assim por diante.

No entanto, não se pode entender um *vice-conciliador* como alguém que ocupe essa posição quando o conciliador principal não a pode exercer. Pelo contexto, nota-se que, se Marina houvesse ganhado as eleições, seu vice-presidente, Beto Albuquerque, acabaria por tomar para si o papel de conciliador entre tendências, partidos e indivíduos conflitantes, assegurando a ela uma forte base aliada. Ora, neste caso, podemos então compreender a unidade léxica neológica, em sua forma plena, como *vice-presidente conciliador*.

Sabemos que *vice-* é um formante capaz de escopar elementos que se encontram muito além da base léxica justaposta e que é facilmente lexicalizável, sobretudo quando se adjunge a substantivos designativos de cargos políticos (*presidente, governador, prefeito* etc.). Sendo assim, não é difícil de imaginar que, seguindo a tendência, a base léxica justaposta *presidente* tenha sido apagada e o prefixo tenha se unido ao segundo elemento do sintagma, sobre o qual também lançara antes sua influência semântico-gramatical, formando, assim, o neologismo *vice-conciliador*.

Finalmente, quanto à posição de *vice-* no *continuum* de prefixidade, constatamos que se trata de um elemento bastante recorrente (1), principalmente em contextos políticos e empresariais da grande imprensa. Vê-se também que atualiza semântica prefixal prototípica (5), pois os traços semânticos “posição abaixo”, “em segundo lugar” e, por consequência, “o que substitui” são metaforizações de uma noção primordial de espaço.

Nota-se, contudo, que *vice-* é menos prefixal se se considera o fato de ser palavra prosódica (2) e de ser fartamente lexicalizável (3). Esse último fato levou os dicionários de língua portuguesa, de modo geral (cf. HOUAISS: versão eletrônica), a registrarem, em entrada separada, o substantivo de dois gêneros *vice* (“após o Impeachment, o vice assumiu o governo”), forma livre derivada do prefixo e que já se pode considerar análoga a ele (4). Além disso, nota-se a capacidade de *vice-* de escopar também sintagmas e frases, além de bases lexicais simples (6).

Tabela 34 – *O elemento vice- e os critérios de prefixidade:*

Crítérios de prefixidade	Preenchimento do critério
recorrência	X
não-acento	
não-lexicalização	
sem forma livre	
significados prefixais prototípicos	X
escopo limitado a uma base simples	

4.3.20. *Meta-*

O formante *meta-*, em todas as obras lexicográficas e gramaticais consultadas, é classificado como prefixo, derivado da forma grega *meta*. Cunha (2010: 423), a respeito deste afixo, diz-nos que “expressa as ideias de comunidade ou participação, mistura ou intermediação e sucessão”. Destaca ainda o dicionário que seu emprego, desde sempre, tem sido principalmente em formações das línguas de especialidade.

Em Bechara (2009: 369), encontramos, também associado a *meta-*, o significado de “mudança” (*metamorfose*). Cunha & Cintra (2008: 101), por sua vez, lembram-nos de que o elemento pode atualizar ainda a ideia de “posterioridade” (*metátese*), razão por que, em Silveira Bueno (2014: 85), há o registro dos traços semânticos “além de” e “depois de” como materializáveis por *meta-*.

Elemento de baixa produtividade no português brasileiro contemporâneo, apesar de consagrado como prefixo pela tradição, formou, em nosso *corpus*, apenas seis unidades lexicais neológicas, cinco com bases simples substantivas: *metadiscussão*, *metamaratona*, *metamodernismo*, *metapesquisa* e *metassonhos*; e uma com base sintagmática de valor substantivo: *metaqualquercoisa*.

O blog ficou interessado em entender os trabalhos do americano e do italiano Lorenzo Vitturi, cujo livro “Dalston Anatomy”, já tão falado aqui, mostra que muitas vezes o processo para chegar à fotografia final é tão ou mais importante do que a própria imagem em si. Não só. A intersecção com outros suportes artísticos, como a escultura, é fascinante. Empurram as barreiras da fotografia para limites ainda mais amplos. Como disse Colberg, trata-se de discutir a própria fotografia. Há quem goste e há quem ache essa <meta-discussão> uma chatice. Cada um no seu quadrado. (Entretempos, 23/06/2014)

Outro estudo analisou os dados de 177 pesquisas (<“metapesquisa”>) realizadas nas décadas de 60, 70 e 80, que investigaram as semelhanças e diferenças em 21 atitudes e comportamentos sexuais de homens e mulheres. Participaram destas 177 pesquisas um total de 128 363 pessoas, sendo 58 553 homens e 69 810 mulheres. (Ailton

Amélio, 02/03/2014)

Não encontrei no dicionário definição de <metamaratona>, mas, conhecendo o prefixo, dá para ter uma ideia do significado: trata-se de uma maratona sobre uma maratona. (...) Eis senão quando o museu Stedelijk resolveu fazer um seminário intensivo sobre a momentosa temática “A percepção do mundo pela geração dos anos 1980, bombardeada pela mídia social onipresente e pelo culto às celebridades”. Já se viu que o assunto é profundo. Mais ainda a turma envolvida: o simpósio de 12 horas, intitulado <metamodernismo>, teve a presença de 600 filósofos, pensadores e artistas do mundo todo. (...) E você, já fez uma <metamaratona>? Ou <metaqualquercoisa>? Acho que o mais comum é termos <metassonhos>, sonhos em que sonhamos estar sonhando; os quadrinistas gostam de fazer histórias em quadrinhos sobre histórias em quadrinhos, em que os personagens de histórias em quadrinhos acham que estão numa história em quadrinho. (Rodolfo Lucena, 28/11/2014)

Os contextos em que surgiram as unidades lexicais neológicas formadas com *meta-* evidenciam que o elemento assume, primordialmente, o significado filosófico de “aquilo que fala sobre/a respeito de”, utilizando, para esse “falar sobre”, a própria coisa em si, a qual se torna, ao mesmo tempo, assunto e veículo da discussão.

Uma *metapesquisa* é uma pesquisa feita com o intuito de investigar os dados de outras pesquisas (ou uma pesquisa sobre outra pesquisa). Uma *metamaratona*, como o próprio autor do texto indica ao definir o prefixo, é uma maratona sobre outra maratona, isto é, para falar sobre uma maratona anterior utiliza-se o mesmo recurso da maratona. Um *metassonho*, por sua vez, é um sonho no qual sonho que estou sonhando, ou seja, é um sonho dentro de um sonho, um sonho que necessita do espaço onírico para ocorrer. E, finalmente, *metadiscussão*, no contexto, é uma discussão sobre a fotografia, que se serve de seu próprio processo de produção para realizar-se. Em outras palavras, discute-se a teoria da fotografia fotografando.

Disso resulta que os produtos finais das criações lexicais com *meta-* são, algumas vezes, associados à grandeza numérica ou à profundidade filosófica. No primeiro caso, tem-se a *metapesquisa* (a qual envolve os dados de 177 outras pesquisas e mais de 100.000 pessoas!) e o *metamodernismo* (evento sobre o modernismo que reuniu nada menos que 600 filósofos e artistas do mundo). No segundo caso, tem-se o próprio tema da *metamaratona*, intrincado, difícil, profundo: “A percepção do mundo pela geração dos anos 1980, bombardeada pela mídia social onipresente e pelo culto às celebridades”.

A grandiosidade dos eventos materializados linguisticamente com *meta-* e seu caráter, de certo modo, culto, restringe as formações com esse afixo ao âmbito das artes e da filosofia. Diante de tantos neologismos “sérios” criados com *meta-*, portanto, uma palavra como *metaqualquercoisa* revela uma tentativa de sátira, evidenciando que o autor do blog tem noção dos usos mais específicos do afixo em questão, mas deseja “rebaixá-lo” ao uso comum, tirá-lo do ambiente filosófico que lhe é próprio.

Quanto aos critérios de prefixidade, verifica-se a recorrência (1) do formante em várias palavras de nossa língua em seus diversos campos de especialidade, como *metalinguístico*, *metafísica*, *metacarpo*, *metonímia*, *metáfora* etc. *Meta-*, além disso, não é partícula lexicalizável (3) e não é correspondente a nenhuma forma livre no português (4). Entre seus significados, verificamos, em nosso estudo, que *meta-* atualiza a ideia de “assunto”, nesse sentido comutável com a preposição *sobre* (*metapesquisa* = pesquisa *sobre* a pesquisa) e, portanto, prototípico dos formantes prefixais (5). Contudo, é forma tônica (2) e pode escopar, por exemplo em *metaqualquercoisa*, sintagmas (6). Dos seis critérios de prefixidade, quatro foram preenchidos por este formante.

Tabela 35 – *O elemento meta- e os critérios de prefixidade:*

Crítérios de prefixidade	Preenchimento do critério
recorrência	X
não-acento	
não-lexicalização	X
sem forma livre	X
significados prefixais prototípicos	X
escopo limitado a uma base simples	

4.3.21. *Eco-*

O formante *eco-* origina-se do grego *oîcos* / *oîkos* “casa” “habitação”, “bens”, “família” (COUTINHO, 1976: 187; BECHARA, 2009: 378) e está presente, por exemplo, na formação das palavras *economia*, *ecologia* e *paróquia*. Silveira Bueno (2014: 82) arrola *eco-* entre os radicais gregos registrados em sua gramática, formadores, portanto, de compostos. Do mesmo modo, em todas as obras lexicográficas consultadas nesta pesquisa (cf. Referências Bibliográficas), *eco-* é igualmente classificado como elemento formador de compostos eruditos.

Apesar de *eco-* ter sido sempre maciçamente presente em cultismos da linguagem científica, atualmente, este elemento tem sofrido o que Gonçalves (2016: 93-7) e Cunha & Cintra (2008: 128) chamam de recomposição: a palavra “ecologia” trunca-se e sua carga semântica transfere-se metonimicamente a *eco-* que, pois, passa a ser empregado em formações neológicas de língua geral surgidas em contextos que falam da preservação do meio ambiente e da necessidade de sermos ecologicamente corretos (*ecotaxa*, *ecovia*, *ecoturismo* etc.).

Para Alves (2006: 139; 2010: 70-1), que considera este uso do formante, cada vez mais recorrente, como prefixal, a abundância, no português, de formações do tipo *ecobesteira*, *ecobife*,

ecoproduto, *ecobrigão* e *ecoxiia*, presentes nos *corpora* utilizados em seus estudos, materializam, no plano léxico, a preocupação da sociedade de hoje, muito mais que das sociedades de outrora, com a questão da sustentabilidade na relação homem-natureza.

Nossos dados revelaram cinco unidades lexicais neológicas formadas com *eco-*: quatro de bases substantivas (*ecoagência*, *ecodólar*, *ecojornalista* e *ecoterrorismo*) e uma de base adjetiva substantivada (*ecochoato*).

Na semana passada, o Núcleo de <Ecojornalistas> do Rio Grande do Sul (NEJ/RS) publicou em duas partes um extenso material sobre a atuação da ex-diretora-presidente da Fepam: “O modo Ana Maria Pellini de agilizar licenças ambientais” (sexta-feira, 26.dez); e “O modo Ana Maria Pellini de agilizar licenças ambientais – parte 2? (sábado, 27.dez). No primeiro texto, a repórter Eliege Fante, da <Ecoagência> do NEJ/RS, ressaltou que Pellini, no período em que foi diretora-presidente da Fepam, teria tentado não cumprir as etapas do processo de licenciamento ambiental, como a exigência dos estudos de impacto ambiental para atividades de silvicultura. (Mauricio Tuffani, 29/12/2014)

No caso dos recursos, eles combinaram numa única unidade de medida, o <eco-dólar>, a grana — que basicamente diferencia ricos e pobres — e a disponibilidade de recursos naturais (entre renováveis e não-renováveis). (Mensageiro Sideral, 24/03/2014)

Separar o joio do trigo é crucial, portanto. O professor se diz decepcionado com meu “preconceito”, mas creio se tratar de um mal-entendido. Ataquei o ambientalismo justamente como seita, ou seja, aqueles que usam o meio-ambiente, ou mais especificamente o <ecoterrorismo>, para atacar sempre o modelo capitalista de livre mercado e demandar sempre mais intervenção estatal. (Constantino, 02/07/2014)

Hahaha! Pô, a esquerda é sisuda demais, se leva a sério demais. Precisa levar uns sustos de vez em quando para ficar esperta. Queria ser uma mosquinha para ver a cara dos padrecos lá da Pastoral da Terra e do Cimi. O Stédile vai ficar vermelho de raiva. E os indígenas então... vão fritar! Kkkkkk. Sem contar os <ecochoatos>. A gente mala do Greenpeace, ISA, esse povo que não aguenta ver uma jabuticabeira dando sopa que já vai abraçando. Isso sem falar na esquerda que sobrou no partido. Sim, Miriam, sobrou esquerda no partido sim, são alguns mas tem... Vai todo mundo ficar bege! (Sakamoto, 22/11/2014)

As ideias de “ecologia”, “ecologicamente correto” e “preservação do meio ambiente e recursos naturais” estão, de certo modo, presentes em todos os neologismos mencionados acima. Em *ecochoato* e *ecoterrorismo*, as bases léxicas de valor negativo, em combinação com *eco-*, materializam a ideia de que há, atualmente, um excesso de preocupação com o meio ambiente, o qual produz um forte patrulhamento no sentido de evitar qualquer ato que possa vir a prejudicar a natureza (o que o blogueiro Rodrigo Constantino chama de *ecoterrorismo*). Esses superpreservadores do meio ambiente são, muitas vezes, exagerados, e acabam por tornarem-se chatos, ou melhor, *ecochoatos*.

Ecoagência e ecojornalista, por sua vez, são neologismos que não carregam qualquer traço de exagero ou pejoratividade, designando simplesmente uma agência voltada para a divulgação de notícias sobre as questões ambientais na qual trabalham jornalistas especializados neste ramo da comunicação.

Por fim, na unidade léxica *ecodólar* há, como o próprio contexto deixa claro, a combinação entre dois recursos que sustentam qualquer civilização: o dinheiro (*dólar*) e os recursos naturais (*eco-*). Há, aqui, portanto, estreita relação sinonímica entre o formante e o trecho “disponibilidade de recursos naturais (entre renováveis e não-renováveis)”.

Nenhuma obra lexicográfica, gramatical ou linguística, como vimos, atribui a *eco-* caráter prefixal, à exceção de Alves (2006; 2010). Os exemplos trazidos por ela, somados aos que aqui apresentamos, atestam que o elemento em questão é recorrente (1) em formações da língua geral nas quais prefixa uma base léxica, não se lexicaliza (3) e não apresenta forma livre correspondente (4)¹⁷. No entanto, é palavra prosódica (2), não atualiza significados prototípicos de prefixos (5) e pode, em alguns casos, estender sua influência gramático-semântica além da base a que imediatamente adjuge-se (6) como em “ecojornalistas do Rio Grande do Sul”.

Tabela 36 – O elemento *eco-* e os critérios de prefixidade:

Crítérios de prefixidade	Preenchimento do critério
recorrência	X
não-acento	
não-lexicalização	X
sem forma livre	X
significados prefixais prototípicos	
escopo limitado a uma base simples	

4.3.22. *Bi-*

Bi- é, segundo Cunha (2010: 88) e Câmara Jr. (1975: 231), prefixo latino, uma das formas assumidas pela partícula *bis-* em unidades léxicas como *bicolor*. Seu significado quantificador é bastante claro, já existindo desde o latim: “duas vezes”.

Bechara (2009: 366), juntamente com as formas *bis-* e *bi-*, registra, em sua gramática, o alomorfe *bin-* (*binóculo*) como possibilidade de realização deste prefixo, a que atribui a atualização

¹⁷ Lembramos que o substantivo “eco”, referente à “repetição de um som que se dá pela reflexão de uma onda sonora por uma superfície ou objeto” (HOUAISS: versão eletrônica), não pode ser considerado análogo ao formante *eco-*, pois, a despeito de serem homófonos, enquanto este é oriundo do grego e, originalmente, significava “casa”, aquele é derivado do latim *echo* “som” (CUNHA, 2010: 234). No português contemporâneo, as duas formas têm usos bem discriminados entre si.

dos significados “dois” e “duplicidade”. Da mesma forma, Rocha Lima (2010: 252) entende *bis-* / *bi-* como sendo prefixo latino, cuja semântica seria, para ele, a de “repetição”. Em edição recente da *Gramática de Silveira Bueno* (2014), é possível encontrar as formas *bis-* e *bi-* tanto entre os radicais (*op. cit.*: 83) quanto entre os prefixos latinos (*op. cit.*: 85). Na obra, também estão registrados os significados “dois” e “repetição”. Cunha & Cintra (2008: 122), a seu turno, entendem *bis-* / *bi-* não como prefixo, mas unicamente como radical latino de significado “duas vezes”. Posição semelhante assume Azeredo (2010: 451-2) para quem *bi-*, como *penta-*, é um numeral “de comportamento gramatical análogo ao dos prefixos”, mas que não é incluído, por ele, em sua lista de afixos.

Entre as obras linguísticas, Duarte (1999: 119-20) e Gonçalves (2016: 50) incluem *bi-* entre os prefixos do português. O primeiro autor, inclusive, destaca que, contemporaneamente, a forma *bi-* suplantou, em produtividade, *bis-*. De fato, em nosso *corpus*, recolhemos apenas neologismos criados com *bi-*, razão por que, nestas considerações analíticas, levaremos em conta apenas essa forma.

Nos cinco neologismos criados com *bi-*, o formante quantificador adjungiu-se a bases substantivas concretas (*bicombustível* e *biturbo*) e a adjetivos (*bicausal*, *bicilíndrico* e *bi-vice-campeão [do Mundial]*), conforme demonstram os contextos abaixo.

A versão com os grafismos de pista conta com o mesmo motor monocilíndrico de 291,6 cm³, capaz de atingir 26,53 cv as 7.500 rpm, abastecida somente com gasolina, diferente dos outros modelos <bicombustíveis>. (Infomoto, 28/04/2014)

O belíssimo Mercedes AMG Vision é outro esportivo insano que integra o time de máquinas de Gran Turismo 6. A montadora alemã apresentou o carro em novembro do ano passado, no Salão de Los Angeles. O modelo foi feito a pedido do próprio criador do jogo, Kazunori Yamauchi, para comemorar os 15 anos da série. Em sua versão real, ganhou um motor V8 <biturbo> de 577 cv de potência. (Búfalos TV, 27/01/2014)

Qual é a causa e qual é o efeito: o amor produz os comportamentos que aparecem nos relacionamentos amorosos e sexuais ou estes dois tipos de relacionamentos produzem o amor? Provavelmente há uma relação <bicausal> entre esses fenômenos: tanto os sentimentos e pensamentos amorosos produzem os comportamentos amorosos, como relacionar-se de forma amorosa produz o amor. (Ailton Amélio, 01/07/2014)

O “side-by-side” RZR S 800 da Polaris é equipado com motor <bicilíndrico> de 760 cm³ de arrefecimento líquido e injeção eletrônica capaz de gerar 52 cavalos de potência. (Infomoto, 22/08/2014)

Como a seleção brasileira é a atual bicampeã olímpica e também <bi-vice-campeã> do Mundial, você acredita que há uma cobrança interna das próprias jogadoras para conquistar o título este ano? (Olímpicos, 23/09/2014)

Duarte (1999: 120) destaca que as formações neológicas com *bi-* normalmente inserem-se

mais nas línguas de especialidade que na língua geral. De fato, nossos dados apontam que, das cinco unidades lexicais neológicas prefixadas por este elemento, três surgem em contextos ligados ao universo da engenharia automotiva, como termos que designam equipamentos próprios de automóveis.

Na maioria dos neologismos encontrados, *bi-* atualizou seu significado quantificador tradicional. *Biturbo*, *bicilíndrico* e *bicombustível* designam o automóvel que possui, respectivamente, dois turbos, dois cilindros e pode ser abastecido com dois tipos diferentes de combustíveis. Já *bi-vice-campeã* é a seleção brasileira de futebol que foi, por duas vezes, vice-campeã na Copa do Mundo. No caso específico de *bicausal*, percebe-se, pelo contexto, que a ideia de duplicidade, original de *bi-*, acaba derivando “reciprocidade” ou “mutualidade”, pois, no caso, o sexo alimenta o amor e o amor alimenta o sexo, ou seja, a relação é bicausal, em que um fator causa o outro.

Nos contextos em que apareceram os neologismos designativos do universo automotor, o fato de o veículo contar com dois turbos, dois cilindros ou poder ser abastecido com dois tipos de combustíveis confere-lhe superioridade em relação aos demais. São contextos positivos, em que *bi-* agrega, pois, ideia de valorização.

A despeito de ser substantivo, o neologismo *bicombustível* exerce função adjetival, determinando o também substantivo “modelo” em “modelo bicombustíveis”, evidenciando que este elemento também pode, à semelhança de *anti-*, *pós-*, *pré-* e outros, desempenhar a função recategorizadora dos formantes prefixais (ALVES, 1990; 2000).

Curiosa, por sua vez, é a unidade léxica *bi-vice-campeã*, pois, nela, *bi-* adjunge-se a uma base que, por sua vez, já fora derivada com o prefixo *vice-*. A despeito de haver um acúmulo de prefixos, não há, entre eles, interferência semântica, visto que ambos atualizam significados diferentes. Neste contexto nota-se, ainda, que o escopo do prefixo pode ir, em verdade, além da base léxica imediatamente justaposta, abrangendo o sintagma: *bi-vice-campeã do Mundial*.

Finalmente, no que se refere à posição de *bi-* no *continuum* de prefixidade, verificamos que se trata de partícula recorrente (1) em posição prefixal, que atualiza significado quantificador (5) o qual, segundo Gonçalves (2016: 50) é, também, prototípico dos prefixos. Por outro lado, *bi-* é forma tônica (2) e lexicalizável (3), sobretudo, na atualidade, para referir-se aos indivíduos bissexuais (“sou bi” = “sou bissexual”) e em contextos esportivos (“meu time foi bi no ano passado” = bicampeão). Além disso, pode escopar, como vimos no parágrafo anterior, sintagmas (6).

A frequente lexicalização do afixo fez com que o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* registrasse o substantivo masculino de dois números *bi*, como sinônimo de *bicampeão* e *bicampeonato*, formado a partir do truncamento dessas palavras prefixadas. Por isso, não consideraremos o quarto critério como possível de ser preenchido neste caso. Dois dos seis critérios

foram, portanto, satisfeitos por este elemento.

Tabela 37 – *O elemento bi- e os critérios de prefixidade:*

Crítérios de prefixidade	Preenchimento do critério
recorrência	X
não-acentos	
não-lexicalização	
sem forma livre	
significados prefixais prototípicos	X
escopo limitado a uma base simples	

4.3.23. *Inter-/Entre-*

De modo geral, a forma erudita *inter-* é classificada pelas obras lexicográficas de nossa língua como prefixo. Cunha (2010: 361) diz-nos que sua origem é a forma adverbial-prepositiva latina *īter*, cujo significado era o de espacialidade intermediária “entre”, “no meio de”. Ainda segundo o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, o prefixo *inter-*, no latim, podia unir-se tanto a verbos (*interdīcēre*) quanto a nomes (*intercolumnium*; *intercalāris*). Na passagem do latim vulgar para o português, *inter-* evoluiu para *entre-*, forma vernácula que, na fase antiga da língua, era mais fecunda que sua correspondente erudita (*entreabrir*, *entremeio*, *entrefino*), apresentando, como alomorfes, as formas, inexistentes no português brasileiro contemporâneo, *antre-* (*antrerromper*; *antrecosto*), *ontre-* (*ontredito*; *ontremeio*) e *untre-*. (*op. cit.*: 361).

Entre as gramáticas tradicionais, quase todas registram as formas *inter-* e *entre-* juntas na classe dos prefixos latinos (COUTINHO, 1976: 177; BECHARA, 2009: 367; ROCHA LIMA, 2010: 254; AZEREDO, 2010: 452; SILVEIRA BUENO, 2014: 86), oferecendo-nos, entre outros exemplos do emprego desses formantes, as unidades lexicais *entressafra*, *entrechoque*, *entrelinha*, *entreter*, *entreato*, *entrever*, *intercalar*, *interamericano*, *interplanetário*, *interferir*, *interregno* e *intercâmbio*. Diferindo da maioria, Cunha & Cintra (2008), por sua vez, separam *inter-* de *entre-*, dando a esse o estatuto de prefixo (*op. cit.*: 99) ao passo que aquele é tido por eles como pseudoprefixo (*op. cit.*: 129).

Em geral, as gramáticas acompanham as obras lexicográficas quanto à semântica espacial intermediária que é tradicionalmente conferida a *inter-* e *entre-*. Azeredo e Bechara, porém, acrescentam à ideia de “posição intermediária” a noção de “reciprocidade” que, ao que parece, lhe é derivada por metáfora.

Alves (2015: 23) registra para *inter-*, além de “posição intermediária” e “reciprocidade”,

também a ideia de “relação entre”, por exemplo, no sintagma competição *internacional* (competição entre as nações). Já no que se refere a *entre-*, destaca a autora (*op. cit.*: 32) que o afixo pode assumir as noções de “temporalidade intermediária” (*entressafra* = período situado entre duas safras) e, em construções verbais, “um pouco, não totalmente” (porta *entreaberta* = porta só um pouco aberta).

Duarte (1999: 137) destaca que o prefixo *inter-* pode unir-se, com menor frequência, tanto a verbos (*interagir*) quanto a substantivos (*intersubjetividade*), mas é o padrão *inter-* + *adjetivo* que tem se mostrado mais produtivo no estágio atual de nossa língua (*intercontinental*, *interescolar* etc.). Essa informação é confirmada também por Alves (2000; 2015), que demonstra a preferência do formante a adjetivos derivados com o sufixo *-al* (*intereleitoral*, *intereclesial*).

Quanto a *entre-*, Duarte (*op. cit.*: 183) diz-nos que, além de ser menos fecundo que seu correspondente erudito para formar novas unidades léxicas no português, é mais frequente em associações com bases verbais (*entrelaçar*, *entreouvir*, *entrever*, *entreabrir*, *entrecruzar*) do que com bases nominais (*entredentes*, *entreperna*). Além disso, a ideia, atualizada por ele, “um pouco, não totalmente” diferencia-se dos significados possíveis trazidos por *inter-*.

Confirmando a tendência observada por Alves e Duarte, *inter-* foi, em nosso *corpus*, mais produtivo que *entre-*. Enquanto aquele formou quatro unidades lexicais neológicas, esse derivou apenas uma. Por outro lado, os três neologismos formados por *inter-* são substantivais, o que contraria as observações dos autores supracitados de que a tendência seria a formação de adjetivos com esse prefixo.

interclasse

Cidades como o Rio de Janeiro, que têm praia, estão mais acostumadas à convivência <interclasses>, mas nem sempre de forma pacífica, a bem da verdade. (Sakamoto, 27/11/2014)

interprograma

O Canal Brasil entra em 2014 renovando sua faixa de <interprogramas>, programetes que costuram a programação. (Outro Canal, 20/01/2014)

interunidades

Alguns blogs replicaram o texto, que em 2009 chamou a atenção de Pedro Colombo Júnior, do programa de pós-graduação <interunidades> em Ensino de Ciências da Universidade de São Paulo. (Mensajeiro Sideral, 03/02/2014)

A ideia de “relação entre” (nem sempre amistosa), observada por Alves (2015), está mais fortemente presente nos neologismos *interclasses* (reforçada textualmente, ainda, por “convivência”, que antecede a palavra neológica) e *interunidades*. A ideia original de “posição intermediária, no meio de” atualiza-se principalmente em *interprogramas*, que designa programas televisivos

menores transmitidos no intervalos entre os programas mais significativos. Curioso notar, neste contexto, a relação semântica sinonímica estabelecida entre *inter-* e o sufixo *-ete*, os quais associam-se à mesma base léxica “programa”. Segundo Alves (1990:38), este sufixo tem sido usado, no português, em formações pejorativas. Nesse sentido, um *programete* é um programa não apenas de curta duração, mas, de certo modo, insignificante se comparado às transmissões principais da emissora, as de maior valor. Essa relação contextual confere a *inter-*, além dos sentidos já registrados pelas obras por nós consultadas, também a ideia de “menor importância, acessório” em virtude de poder designar algo que está entre duas outras coisas tidas como mais significativas.

Nota-se ainda que, em virtude da associação com *inter-*, os neologismos substantivais *interclasses* e *interunidades* exercem função adjetival às palavras “convivência” e “pós-graduação”, com quem formam os sintagmas, fato já registrado por Alves (1990: 24).

O substantivo *entre-eixos* foi, a seu turno, o único neologismo criado com a forma vernácula *entre-* em nosso *corpus*, o que, mais uma vez, contraria Duarte (1999). O significado tomado pelo afixo é, neste caso, a tradicional “posição intermediária”: motor colocado entre os eixos do carro, ou seja, em meio a eles.

John Z. DeLorean, um engenheiro norte-americano que fez carreira na GM, resolveu construir seu próprio carro em 1975, quando formou a John Z DeLorean Corporation (JZDC). Sua ideia inicial era produzir um carro com motor <entre-eixos>, suspensão independente, freio a disco nas quatro rodas e motor turbo quatro cilindros Ford e Citroën. (Búfalos TV, 12/03/2014)

Por fim, quanto aos critérios de prefixidade, verifica-se que tanto *inter-* quanto *entre-* são partículas recorrentes (1) em posição prefixal. Ambas são elementos tônicos (2) e atualizam significados próprios de prefixos (5). Pelos dados que temos, percebe-se que tanto um elemento quanto o outro tomam por escopo apenas bases simples (6). *Inter-*, porém, não apresenta, no português, forma livre correspondente (4), o que já não se verifica com *entre-*, análogo à preposição *entre*. Finalmente, quanto à possibilidade de lexicalização (3) no desempenho da função prefixal, percebe-se que a forma vernácula não se nominaliza (*“não consegui ler a ironia nas entre [= entrelinhas]”; *“algumas portas ficaram escancaradas, outras, porém, apenas entre [=entreabertas].”). Já no caso de *inter-*, a única possibilidade de lexicalização em nossa língua, até onde pesquisamos, é quando designa a equipe de futebol gaúcha Internacional: “hoje haverá jogo entre Palmeiras e Inter”. Neste caso, por metonímia, o significado do nome próprio passa ao afixo que, então, é empregado como forma livre. Os dois formantes preencheram quatro dos seis critérios de prefixidade.

Tabela 38 – *O elemento inter- e os critérios de prefixidade:*

Crítérios de prefixidade	Preenchimento do critério
recorrência	X
não-acento	
não-lexicalização	
sem forma livre	X
significados prefixais prototípicos	X
escopo limitado a uma base simples	X

Tabela 39 – *O elemento entre- e os critérios de prefixidade:*

Crítérios de prefixidade	Preenchimento do critério
recorrência	X
não-acento	
não-lexicalização	X
sem forma livre	
significados prefixais prototípicos	X
escopo limitado a uma base simples	X

4.3.24. *Poli-*

O *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (CUNHA, 2010: 507) classifica *poli-* como elemento de composição originário do grego *polýs*, cujo significado é “muito”, “diverso”. As mesmas informações encontramos também no *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*.

Entre as gramáticas, há acentuadas divergências quanto ao estatuto do elemento *poli-*. Coutinho (1976: 187) e Rocha Lima (2010: 277), à semelhança de Cunha, entendem-no como um radical grego, formador, portanto, de compostos. Silveira Bueno (2014: 82;85), a seu turno, inclui *poli-* tanto entre os radicais (*polis / polýs*) quanto entre os prefixos gregos (*poli-*). O mesmo faz Bechara (2009: 369; 378). Cunha & Cintra (2008: 129), por sua vez, entendem *poli-* como um pseudoprefixo, que já forma palavras também na língua geral e não apenas nas ciências e técnicas. Em todas as obras gramaticais, as ideias associadas a ele são: “muito”, “multiplicidade” e “coleção” (*poliglota, polígono, policromia, polissílabo, politeísmo, policlínica, polinésia*, entre outros).

Quanto às obras de análise linguística consultadas em nossa pesquisa, encontramos referências a *poli-* apenas em Alves (2000: 300-1) e Gonçalves (2016: 50), que o classificam como prefixo de caráter semântico quantitativo.

Registramos, em nosso *corpus*, três unidades léxicas neológicas derivadas com *poli-*: dois

substantivos (*poliamor* e *polivozes*) e um adjetivo participial (*polifacetado*).

No <poliamor> uma pessoa pode amar seu parceiro fixo e amar também as pessoas com quem tem relacionamentos extraconjugais ou até mesmo ter relacionamentos amorosos múltiplos em que há sentimento de amor recíproco entre todas as partes envolvidas. (Regina Navarro, 19/07/2014)

Por fim, “Digerindo Penas”, de Flávio Aquistapace (Editora Patuá), vai para a linha mais experimental. Ele tem <polivozes>, mas a principal tem o nome de Bruno Mantegão, um gay de 33 anos que imagina um reencontro com sua mãe. O livro mixa diversas formas literárias. A fragmentação do personagem é sintetizada da forma que o romance também é construído: em fragmentos. É inspirador um romance de estreia se propor a tantos desafios e conseguir ótimos resultados. (Blogay, 31/08/2014)

O mestre, o velho, tem a obrigação de ensinar e de treinar. Se não encontrar campo fértil, vá procurar noutro lugar. Os velhos não podem desistir nesse momento brasileiro. O jovem precisa estar bem preparado para o que der e vier. E o velho terá sido irresponsável se não o ajudar a ser crítico, <polifacetado>, aberto, responsável e honesto. (Nina Horta, 01/01/2014)

Nos três neologismos formados com *poli-*, percebe-se que o elemento atualiza as ideias tradicionais de “multiplicidade”, “variedade” e “coleção”, sem indicar quantidades exatas. O livro de Flávio Aquistapace tem *polivozes* justamente por ser, como o contexto afirma, fragmentado. *Poli-* relaciona-se, pois, à ideia de fragmentação, no sentido em que representa a junção ou coleção daquilo que foi fragmentado, no caso, das vozes que falam na obra.

A recente unidade léxica *poliamor*, materializando no plano léxico as rápidas mudanças da sociedade atual com relação aos relacionamentos amorosos, indica a possibilidade de um amor múltiplo, que se fragmenta e tem como alvo várias pessoas. Interessante notar que todo o contexto em que surge este neologismo serve-lhe de explicação, subordinando-se a ele, que se torna, portanto, no plano da análise textual, o tópico discursivo do texto (JUBRAN, 2006: 89-132).

Por fim, *polifacetado*, análogo a multifacetado, indica a diversidade de faces, isto é, de atributos que tem um indivíduo. A relação semântica inevitável que se estabelece entre *poli-* (*polifacetado*) e *multi-* (*multifacetado*) reforça-lhes a semântica quantificadora plural, tornando-os, assim, opostos a *uni-*, por exemplo.

Quanto aos critérios de prefixidade, verifica-se que o formante *poli-*, ainda que pouco produtivo, é recorrente (1) como prefixo em várias palavras da língua. Além disso, não apresenta forma livre análoga (4), não toma por escopo, até onde nossos dados apontam, unidades maiores que bases lexicais simples (6) e atualiza significado quantificador (5), compatível, segundo nos lembra Gonçalves (2016: 50), aos prefixos. Por outro lado, *poli-* é partícula tônica (2) e, ainda que não largamente lexicalizável, pode, em alguns contextos, ser empregada como forma livre (3), por

exemplo, com referência à Escola Politécnica da USP: “estudo na Poli” ou “os alunos da Poli demoram mais a se formar”. Quatro dos seis critérios de prefixidade são, portanto, preenchidos por este elemento.

Tabela 40 – *O elemento poli- e os critérios de prefixidade:*

Crítérios de prefixidade	Preenchimento do critério
recorrência	X
não-acento	
não-lexicalização	
sem forma livre	X
significados prefixais prototípicos	X
escopo limitado a uma base simples	X

4.3.25. Ciber-

O elemento *ciber-*, que forma unidades léxicas em contextos de informática, é, segundo atestam Alves (2006: 139; 2010: 70-1) e Gonçalves (2016: 85-8), originário da truncação da palavra inglesa *cibernetics* (cibernética), assumindo, em nossa língua, ideias como “digital” ou “virtual” (*ciberjogo*), “ocorrido em ambiente virtual” (*cibercrime*) e, por extensão, designando pessoas “antenas” ou “modernas” por utilizarem com frequência a internet (*ciberavó*).

A recorrência do formante em posição prefixal em diversas unidades lexicais neológicas (*ciberapresentador*, *cibercafé*, *ciberdetetive*, *ciberempresário*, *ciberguerra*, *ciberobra*, *cibertecnologia*, dentre outras) faz com que Alves, nos trabalhos supracitados, entenda-o como um neoprefixo em nossa língua.

Gonçalves, por sua vez, classifica *ciber-* como um *xenoconstituente*, isto é, um novo formante da língua portuguesa (não necessariamente prefixal) tomado de empréstimo ao inglês e criado, já nessa língua, a partir de truncações e abreviações de unidades léxicas. Com o tempo, diz-nos ele, esses elementos vão se conformando aos padrões morfológicos do português. Em suas palavras:

De fato, formativos como esses também se adjungem a bases vernáculas e, por isso mesmo, formam hibridismos e criam esquemas de formação de palavras que acabam se conformando aos padrões construcionais existentes na língua. (*op. cit.*: 86)

Verificamos, em nossos dados, três unidades lexicais neológicas substantivas, extraídas de blogs cujo conteúdo versa sobre informática, e formadas com *ciber-*. Em duas delas, as bases

léxicas são vernáculas, *ciberativista* e *cibermunicípio*, ao passo que em um dos neologismos a base também é estrangeira, *ciberbullying*, o que nos confirma o fato, descrito por Gonçalves, de que se trata de um elemento ainda em processo de conformação à morfologia portuguesa. Nota-se também, em *cibermunicípio*, a utilização, pelo autor do texto, de aspas, as quais evidenciam que o falante apresenta um “sentimento de neologia” (SABLAYROLLES, 2013), isto é, ele sente que a unidade léxica tem caráter de novidade na língua e reforça o novo por meio, neste caso, do aspeamento.

O fato é que ele parece não ter se orgulhado muito do que fez. Ou pode ser que ele só esteja com medo de represálias dos <ciberativistas>, já que o episódio repercutiu na web (mas ultimamente qualquer coisa tem repercutido, né? (Uol Tecnologia, 25/04/2014)

Um estudante do Estado americano de Delaware dedicou um período de dois anos, terminados nesta quinta (16), à elaboração de uma cidade virtual no popular game considerado educativo –e recentemente comprado pela Microsoft– “Minecraft”. A cidade foi intitulada “Titan City” e, segundo seu autor, Duncan Parcells, 19, é inspirada em Nova York – as Torres Gêmeas do World Trade Center lhe tomaram um ano e meio para fazer. Ele diz que sua criação não é uma reconstrução da cidade, apesar de muita gente achar que sim. O <“cibermunicípio”> foi feito usando a versão para o videogame Xbox 360 do jogo, mas transferido para o PC, já que, como disse Parcells em entrevista à BBC, esta oferece mais “oportunidades de construção”. (Blog de Tec, 17/10/2014)

Ainda na fase da “zoeira moleque” (que em alguns casos descambaram para o <ciberbullying>), um episódio divertido foi registrado em fevereiro de 2006. Na ocasião, uma bancária de Volta Redonda (RJ) foi convidada pelo cantor Bono para subir ao palco do Morumbi (SP), em um show do U2. Com isso, Katilce Miranda foi catapultada à fama e seu perfil no Orkut tornou-se ponto de encontro para (aparentemente todos) os usuários da rede social. (Uol Tecnologia, 24/01/2014)

Em todos os neologismos formados com *ciber-*, verifica-se que o elemento atualiza o significado “virtual”. *Cibermunicípio* é, como o próprio contexto afirma, uma “cidade virtual”, criada para o jogo Minecraft. *Ciberativista* é um ativista de causas sociais, que patrulha tudo o que é postado nas redes sociais, utilizando o ambiente digital para manifestar-se contra preconceitos e desigualdades. É, pois, um “ativista virtual”. Do mesmo modo, o *ciberbullying* é o bullying praticado no ambiente virtual da internet.

No que interessa ao preenchimento dos critérios de prefixidade, *ciber-* mostrou-se pouco produtivo para a criação lexical, ainda que recorrente (1) em posição prefixal, segundo apontam os estudos acima citados de Alves e Gonçalves. Além disso, é elemento não lexicalizável (3), visto que é partícula gramaticalizada, fruto da truncação de uma unidade léxica, e não apresenta forma livre correspondente (4). Até o presente momento, não verificamos casos em que *ciber-* houvesse escopado unidades maiores que bases léxicas simples (6). Por outro lado, é palavra prosódica (2) e atualiza significado adjetival mais específico de contextos de internet “virtual” (5), o que o afasta,

neste aspecto, do protótipo prefixal. A partícula preencheu, assim, quatro dos seis critérios de prefixidade.

Tabela 41 – *O elemento ciber- e os critérios de prefixidade:*

Crítérios de prefixidade	Preenchimento do critério
recorrência	X
não-acento	
não-lexicalização	X
sem forma livre	X
significados prefixais prototípicos	
escopo limitado a uma base simples	X

4.3.26. *Para-*

Segundo atesta Cunha (2010: 475), *para-*, considerado por ele elemento de composição, é originário do grego *para-*, de *pará*, “ao lado de”, “de parte de”, “que se documenta em numerosos compostos portugueses eruditos, alguns já formados no próprio grego (*parábase*, *paracêntese* etc.) e outros introduzidos na linguagem científica internacional, a partir do séc. XIX (*parabiose*, *paracarpo* etc.).”

De modo geral, as gramáticas tradicionais de nossa língua, bem como a maioria das obras lexicográficas, têm considerado o elemento *para-* como prefixo de origem grega (COUTINHO, 1976: 179; BECHARA, 2009: 369; CUNHA & CINTRA, 2008: 101; ROCHA LIMA, 2010: 257; SILVEIRA BUENO, 2014: 85; AZEREDO, 2010: 452; HOUAISS; AURÉLIO; MICHAELIS e AULETE), registrando, também, o alomorfe *par-* (*parêntese*, *paródia*). O significado atribuído pela tradição gramatical ao afixo tem sido o de “posição ao lado de”, “posição marginal”, “proximidade” (*paramilitar*, *paraliteratura*, *paradoxo*, *paradigma*, *paralelo*, *parasita*, *parônimo*, *paralogismo*, *paramnésia*). Bechara entende, a seu turno, que *para-* pode assumir, também, as ideias de “semelhança”, “defeito”, “vício” e “intensidade”.

Recolhemos, em nosso *corpus*, três neologismos formados pela associação de *para-* a substantivos, *paratleta* e *paralegal*, e ao adjetivo “consistente” (*paraconsistente*).

Bolsa Atleta é um direito conquistado por mérito no esporte. Defendemos nosso Clube, Estado e País... É o mínimo de retribuição que o governo pode fazer pelos <paratletas> e atletas do Brasil (Olímpicos, 30/01/2014)

<PARALEGAIS> (tít.)

É comemoração do deputado Eduardo Cunha (PMDB-RJ), em guerra com a OAB por causa do Exame e da carteirinha.

A Câmara aprovou, em fase terminativa (sem ir a plenário), o projeto de lei 5.749/13, que cria a carreira dos <Paralegais> – os que não passam no Exame mas podem trabalhar como assistentes de colegas. (Coluna Esplanada, 08/08/2014)

Formado em engenharia e em matemática pela UFPR (Universidade Federal do Paraná) e doutor pela mesma instituição em 1961, Newton da Costa concluiu dois anos depois a primeira formulação completa de uma lógica que admite contradições, rompendo com uma tradição aristotélica de mais de 2 mil anos. A ideia, que parecia ser maluquice ou mero desenvolvimento especulativo, enfrentou resistências e preconceitos no Brasil, mas em pouco tempo começou a ter repercussão em trabalhos de pesquisadores prestígio internacional. Essas resistências foram superadas à medida que sua lógica <“paraconsistente”> passou a ter aplicações em informática, como no desenvolvimento dos chamados sistemas especialistas, permitindo que dados contraditórios possam ser computados sem prejuízo do processamento. (Mauricio Tuffani, 16/09/2014)

A ideia tradicional de “algo que ocorre ao lado de outra coisa”, “à semelhança de” está presente, de certa forma, nas três unidades lexicais neológicas recolhidas. Um *paralegal* é, segundo podemos depreender do contexto, um advogado formado, atuante, que, porém, não possui ainda o registro obrigatório na Ordem dos Advogados do Brasil. Neste caso, o traço semântico de “posição marginal” está fortemente presente e se manifesta inclusive na relação textual entre *para-* e a função de “assistente de colegas”. Trata-se de um advogado secundário, um “paradvogado”, e não um advogado principal.

Do mesmo modo, um *paratleta* é um atleta paraolímpico, isto é, um atleta deficiente físico que concorre nas Paraolimpíadas, modalidades olímpicas disputadas por deficientes físicos que ocorrem sempre “ao lado” das Olimpíadas principais, assim que essas são finalizadas. A nosso ver, o neologismo *paratleta* resulta de pura analogia: de Olimpíadas derivou-se as Paraolimpíadas; se os atletas concorrem as Olimpíadas, nada mais natural que denominar *paratletas* aos concorrentes das Paraolimpíadas.

Finalmente, no caso do adjetivo *paraconsistente*, que denomina a lógica da contradição desenvolvida pelo matemático Newton da Costa, tem-se a ideia de uma lógica “alternativa”, que supera, no caso, a lógica clássica aristotélica, oferecendo outro modo de entender a questão, uma forma que ocorre “em paralelo” à lógica tradicional consistente, sendo esta, por sua vez, “paraconsistente”.

Apesar de pouco produtivo contemporaneamente para a criação lexical, *para-* é um formante recorrente em nossa língua (1), sobretudo, como podemos ver acima, em termos de especialidades científicas (lógica *paraconsistente*). Além disso, não é lexicalizável (3) e escopa apenas bases lexicais simples (6). Nota-se ainda que *para-* não apresenta forma livre correspondente¹⁸ (4) e atualiza, ainda que de modo fortemente metaforizado, semântica

¹⁸ Apesar de graficamente semelhante à preposição *para*, o prefixo *para-* não tem, com ela, nada em comum, nem na

originalmente espacial “ao lado de” (daí a ideia de algo marginal ou alternativo) ou temporal “simultaneamente”, “em seguida”. É, por fim, palavra prosódica (2). Dos seis critérios, o elemento *para-* preenche cinco, aproximando-se, neste trabalho, do protótipo prefixal.

Tabela 42 – O elemento *para-* e os critérios de prefixidade:

Critérios de prefixidade	Preenchimento do critério
recorrência	X
não-acento	
não-lexicalização	X
sem forma livre	X
significados prefixais prototípicos	X
escopo limitado a uma base simples	X

4.3.27. *Bio-*

De modo geral, *bio-* é classificado pelas obras lexicográficas e gramaticais da língua portuguesa como elemento de composição oriundo do radical grego *bíos* “vida” (CUNHA, 2010: 92; COUTINHO, 1976: 185; ROCHA LIMA, 2010: 272; SILVEIRA BUENO, 2014: 81; BECHARA, 2009: 374), que formou e forma compostos neoclássicos, sobremaneira, nas ciências naturais: *biologia*, *biogenia*, *bioquímica*, *biofísica*, *biodinâmica*, *biofobia* etc.

Cunha & Cintra (2008: 128), diferindo dos demais gramáticos, dizem-nos que, no português contemporâneo, o elemento *bio-* atua como pseudoprefixo, o que é confirmado por Gonçalves (2016: 95). Para esses autores, unidades lexicais modernas como *biocombustível* ou *biodiesel* são frutos de recomposição. Por metonímia, o significado de “biólogo” passa a *bio-*, que deixa, portanto, de atualizar a semântica clássica “vida”. *Biocombustível* não é entendido, pois, como “o combustível da vida”, mas como um combustível biológico, isto é, produzido através de recursos naturais e não agressivo ao meio ambiente.

Alves (2006: 139; 2010: 70-1) igualmente reconhece que o uso contemporâneo de *bio-* em formações neológicas do português do Brasil não é o mesmo que o dos compostos neoclássicos

---

origem nem no significado. Cunha (2010: 475) diz-nos que, enquanto *para-* advém do grego *pará*, *para* é forma vernácula proveniente do arcaísmo *pera*, que, por sua vez, criou-se a partir do latim *per ad*. Semanticamente, não existe também identidade entre as duas formas em nossa língua, como há entre *contra-* e *contra* ou *bem-* e *bem*, por exemplo. Ilari et al. (2015: 254-6) afirmam que a preposição *para*, em nossa língua, semantiza as ideias, principalmente, de “destino” (vou para Santos), “finalidade” (estudo para aprender) e “tempo dinâmico” (esse problema já vai para dois anos), além de ser uma das principais preposições dativas (dei o livro para Maria). Como vimos, o prefixo *para-*, por sua vez, quando surge, é empregado para semantizar ideias de “ao lado”, “simultaneidade”, “posição marginal” etc. Por todos esses fatores, não consideramos que prefixo e preposição sejam, nesse caso, formas correspondentes, apesar da matéria fônica idêntica.

especializados. Ensina-nos a autora que *bio-* surge, modernamente, a partir da truncação de “biologia”, cujo significado transfere-se ao elemento truncado, o qual, por sua vez, tem formado diversos neologismos como *bioarqueólogo*, *biocampeão* e *biopirata*. Essa recorrência do formante em palavras novas é, para ela, fator decisivo que nos permitiria classificá-lo como prefixo de nossa língua. Os esforços em torno da preservação do meio ambiente são, em seu entender, o gatilho que tem feito crescer as formações neológicas com este elemento.

Recolhemos três neologismos formados pela associação de *bio-* a bases léxicas substantivas: *bioassinatura*, *biocremação* e *bioquerosene*.

Ao captar a luz direta de um planeta, é possível analisar seu espectro e identificar a composição atmosférica, por exemplo. Sinais de oxigênio molecular, metano e vapor d’água seriam bons indícios de vida. E talvez fosse possível até buscar traços de moléculas ligadas diretamente à vida, como a clorofila. A astrobióloga Claudia Lage, da UFRJ, trabalha atualmente em modelagens dessas <bioassinaturas>. (Mensageiro Sideral, 04/06/2014)

Novas alternativas surgem para o destino do corpo após a morte. São métodos que se propõem a serem mais ecológicos, como a <biocremação>, ou possibilitar a reutilização dos tecidos, como a plastificação, mumificação ou criogenia (congelamento). [A biocremação] é um processo que ganha popularidade nos Estados Unidos. Ele se baseia em liquefazer o corpo, com hidróxido de potássio. A cremação ocorre com água e não fogo, por isso é chamado de “Flameless Cremation” (cremação sem fumaça). Os ossos, que não se tornam líquidos no processo, são cremados no processo normal. É mais ecológico, por soltar 75% menos dióxido de carbono na atmosfera e usa 30% menos energia, mas é mais caro. (Morte sem Tabu, 22/10/2014)

O secretário estadual de Meio Ambiente, Carlos Cavalcanti, diz estar em negociações avançadas com a Gol, companhia aérea que opera um dos três voos diários que chegam à ilha, para que ela passe a usar <bioquerosene> nos deslocamentos para Noronha. Esse combustível é menos poluente que o querosene utilizado hoje. (Brasil 2014, 25/07/2014)

Em *bioquerosene* e *biocremação*, percebe-se claramente que o formante agrega, aos neologismos, não necessariamente a ideia de algo relacionado à biologia, mas sim o significado de ser “ecologicamente correto”, “menos agressivo à natureza”. *Bioquerosene* é, como o próprio contexto indica, “menos poluente” que o habitual, daí o motivo de ele ser “bio”. *Biocremação*, por sua vez, é um método de liquefação de cadáveres “mais ecológico”, pois evita a liberação de dióxido de carbono em excesso na atmosfera. Por esse motivo, é uma cremação “bio”.

Em *bioassinatura*, porém, o formante volta a atualizar seu significado original “vida”. Uma *bioassinatura* é, pois, um indício de que haja vida em um planeta, ou, no mínimo, como diz o texto “moléculas ligadas diretamente à vida”. Este é um item lexical que pode, assim, ser entendido literalmente como assinaturas (marcas) de vida.

Como se vê, há, no emprego desse elemento em criações lexicais recentes, uma flutuação

semântica entre as ideias de “ecologicamente correto” e o significado tradicional “vida”, com preponderância para o primeiro sentido. Nenhum desses significados é, contudo, prototipicamente associado à classe dos prefixos (5), que, como lembramos, costuma atualizar semântica adverbial e prepositiva (CÂMARA JR., 1975; ROCHA, 2008) e de adjetivos “gerais” (SANDMANN, 1992). Além disso, a forma *bio-* é tônica (2) e lexicalizável (3), por exemplo, em uma frase como “Os alunos da Bio resolveram fazer greve” (Bio = Biologia, isto é, Faculdade de Biologia). Não se verifica, contudo, qualquer forma livre que lhe seja correspondente (4). Os trabalhos de Alves (2006; 2010) lembram-nos também de que se trata de um elemento recorrente em posição prefixal (1) e, segundo podemos perceber, apenas escopa bases simples (6). Como a maioria dos outros formantes, *bio-* encontra-se a meio caminho, entre a lexicalidade e a prefixidade.

Tabela 43 – *O elemento bio- e os critérios de prefixidade:*

Critérios de prefixidade	Preenchimento do critério
recorrência	X
não-acento	
não-lexicalização	
sem forma livre	X
significados prefixais prototípicos	
escopo limitado a uma base simples	X

4.3.28. Macro-

O formante *macro-* é, segundo atesta Cunha (2010: 399), elemento de composição originário do grego *makrós* (“grande”, “comprido”), “que se documenta em vocábulos eruditos, alguns formados no próprio grego, como *macróbio*, e muitos outros introduzidos, a partir do século XIX, na linguagem científica internacional”.

Como Cunha, Houaiss (versão eletrônica) e Aurélio (versão eletrônica) não reconhecem, em *macro-*, caráter prefixal, preferindo classificá-lo também como elemento de composição.

Entre as gramáticas, Coutinho (1976: 186), Rocha Lima (2010: 276), Silveira Bueno (2014: 82) e Bechara (2009: 377) alocam *macro-* entre os radicais gregos, ao passo que Cunha & Cintra (2008: 129) consideram este elemento um pseudoprefixo por, atualmente, formar também palavras fora da linguagem científica.

Entre os linguistas, Sandmann (1992: 37), por entender que *macro-* atualiza significado do adjetivo geral “grande”, considera este elemento um prefixo do português e Alves (2000; 2015) classifica-o como elemento prefixal de caráter semântico intensivo, razão por que o incluímos em

nossa análise.

No *corpus* considerado nesta pesquisa, recolhemos três itens lexicais formados pela associação entre *macro-* e bases substantivas: *macrobiologia*, *macrobioma* e *macrometrópole*.

Pesquisas de epigenética e de biologia de sistemas estão revelando mais e mais quão integrados são os organismos, da bioquímica à <macrobiologia>, e demonstrando funções celulares básicas finamente ajustadas. (Darwin e Deus, 18/12/2014)

Já não somos caçadores-coletores nômades, vagando por florestas, pântanos, estepes e desertos. Como seres urbanos perdemos o equilíbrio entre nosso micro e <macrobioma> original e ancestral, causando consequentemente uma pane em nosso sistema imunológico. (Planeta Autismo, 10/05/2014)

Um trabalho de pesquisa do CEM (Centro de Estudos da Metrópole) equiparou as duas bases de dados, mas apenas para a Região da <Macrometrópole> Paulista (veja a área na figura). Como moradia precária o órgão considerou habitações em favelas, cortiços e loteamentos sem serviços como coleta de lixo ou saneamento. (Seres Urbanos, 16/05/2014)

Apesar de poder formar palavras de língua não especializada (ALVES, 2015: 38), como podemos ver, *macro-* continua, preferencialmente, a formar termos de áreas científicas. Atualiza o significado original “grande”, podendo tanto ser algo de grandes dimensões (*macrometrópole*) como de grandeza metafórica, com nuances de “totalidade”, “integralidade”, “unidade maior entre as diversas partes”, “algo que está além do imediato”: *macrobioma* (totalidade dos microbiomas) e *macrobiologia* (biologia dos grandes seres vistos em sua unidade, inteireza e integralidade).

A noção, atualizada por *macro-*, de algo “maior”, que vai além do que está ligado à nossa percepção imediata, é reforçada pela relação opositiva entre o elemento *micro-* e o neologismo *macrobioma*: enquanto o microbioma é reduzido a nós e ao mundo dos micro-organismos que conosco convivem, o macrobioma abarca o micro e vai além, para todo o ambiente em que convivemos com outros seres, exteriores a nós.

Apesar de pouco produtivo, *macro-* é elemento recorrente (menos na língua geral e mais nas terminologias) (1), não apresenta forma livre correspondente (4), atualiza semântica qualificadora “grande” (5) e escopa apenas bases simples (6). Por outro lado, é palavra prosódica (2) e, ainda que não tenhamos verificado, em nosso *corpus*, casos de lexicalização do afixo, Alves (2000: 167) descreve alguns contextos em que *macro-*, assumindo a posição secundária no sintagma, formou compostos do tipo determinado + determinante: *planos macro*, *lente macro*, *função macro*. Trata-se, portanto, de um elemento lexicalizável (3).

Tabela 44 – O elemento macro- e os critérios de prefixidade:

Crítérios de prefixidade	Preenchimento do critério
recorrência	X
não-acento	
não-lexicalização	
sem forma livre	X
significados prefixais prototípicos	X
escopo limitado a uma base simples	X

4.3.29. In-

Existem, em português, dois elementos prefixais *in-*. O primeiro, derivado da partícula latina *in*, pode assumir também, a depender do ambiente fonético em que se encontre, as formas *i-*, *il-*, *ir-*, *e-*, *em-* e *en-* e significa, primordialmente, “dentro de” (CUNHA, 2010: 353). Em nossa língua, a preposição *em* deriva da forma prepositiva latina original. *Ilustrar*, *imbuir*, *imitir*, *irradiar*, *embarcar*, *enterrar* e *emalar* são algumas das palavras derivadas com este afixo.

O segundo prefixo *in-*, que nos interessa diretamente nesta pesquisa, é o de valor semântico negativo, o qual, por sua vez, também é derivado do prefixo latino *in-* (partícula, a seu turno, cognata do grego *aan-*). Cunha (op. cit.: 353) ensina-nos que, semelhantemente ao primeiro *in-*, o afixo negativo também apresenta alomorfes de acordo com o ambiente fonético determinado pela palavra base a que se associa (*i-*, *il-*, *im-* e *ir-*). Quanto ao seu uso, assinala o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* que, a despeito de formar palavras no latim, seu aparecimento é muito raro no português antigo (*inimicu* > *imigo*), tendo sido revisitado apenas a partir do século XIV, principalmente na criação de cultismos de inspiração latina (*imberbe*, *iníquo*, *inerte*, *inimigo* etc.). Ressalta ainda a obra lexicográfica que, enquanto *in-* é o prefixo negativo preferido dos termos eruditos, o formante *des-*, surgido entre o povo, é o “negativo popular” por excelência, o que explica, por exemplo, uma forma popular como *desinfeliz* ao lado da palavra culta *infeliz*. A mesma informação pode ser encontrada também em Bechara (2009: 367)

Unanimemente registrado como prefixo de origem latina pelas obras gramaticais (COUTINHO, 1976: 177; CUNHA & CINTRA, 2008: 99; BECHARA, 2009: 367; AZEREDO, 2010: 453; ROCHA LIMA, 2010: 254; SILVEIRA BUENO, 2014: 85) e linguísticas (CÂMARA JR. 1975: 232; ALVES, 1990: 17-8; 2000: 240-3; 2015: 45-7; SANDMANN, 1992: 65; DUARTE, 1999: 134-6; entre outras), *in-*, segundo todos esses autores, atualiza, na língua, as ideias de “negação”, “privação” e “carência”. Quando se une a adjetivos formados com o sufixo *-vel*, *in-* “atribui uma negação acrescida de função expressiva que pode ser parafraseada por 'que não é possível de ser'.

Assim, *irreversível* implica que 'não apresenta possibilidades de ser reversível'". (ALVES, 2015: 47)

Destaca Alves, no mesmo estudo (*op. cit.*: 45-6), que bases adjetivas, sobretudo as derivadas com *-vel*, têm sido as que, preferencialmente, o prefixo escolhe para associar-se. Mesmo quando adjunge-se a substantivos, diz-nos a autora que, normalmente, essas bases são derivações de adjetivos (*incompatibilidade*, *imprecisão*, *insegurança* etc.). Duarte (1999: 134) afirma que o padrão *in-* + *adjetivo* já era o mais comum no latim, tendo, portanto, passado ao português e nele prosperado.

Apesar de semanticamente análogo a *não-*, percebe-se que o prefixo *in-* apresenta maiores restrições gramaticais. Não nos parece possível, por exemplo, formações em que o elemento associe-se a bases substantivas concretas (**incaderno*, **inescola*, **inárvore*). Alves (1990: 18) diz-nos também que, diferentemente de *não-*, *in-* não se prefixa a bases de caráter humano (**inhóspede*). Sandmann (1992: 65), por sua vez, destaca o fato de não ser possível haver associações do formante a bases adjetivas de valor negativo (**imperigoso*, **inviolento*). Além disso, segundo ele, não se formam também verbos derivados com *in-*. Quanto a essa última restrição, percebe-se, porém, que, a despeito de serem menos frequentes, as adjunções de *in-* a bases léxicas verbais são sim possíveis, haja vista aos verbos *independar*, *inabilitar*, *indeferir*, *incapacitar*, dentre outros.

Pouco produtivo para a criação lexical, *in-* formou, em nosso *corpus*, apenas duas unidades léxicas adjetivas: *indetectável* e *indegolável*.

Assim, em 2006, desenvolveu-se o Princípio da Independência do Software em Sistemas Eleitorais que, aos poucos, passou a ser exigido em todos os países que usam voto eletrônico, fora o Brasil. Ele diz: Um sistema eleitoral é independente do software se uma modificação ou erro não-detectado no seu software não pode causar uma modificação ou erro <indetectável> no resultado da apuração ou na inviolabilidade do voto. (Ricardo Setti, 15/07/2014)

O filmaço do profeta Glauber já revela tudo. Da maneira mais simples: o discurso empolado de Sarney, o cabeça <indegolável> do clã, sobre imagens tão fortes quanto os presos decapitados do Maranhão de hoje. (Xico Sá, 08/01/2014)

A primeira coisa que notamos é que os dois neologismos adjetivais são de bases derivadas com o sufixo *-vel*, o que confirma as observações de Alves, referidas acima, sobre ser essa a tendência de formações com *in-*. O segundo neologismo (*indegolável*), contudo, parece não ter sido formado apenas pela adjunção do prefixo negativo a base lexical previamente existente (ou seja, pelo processo da prefixação), mas sim por derivação parassintética, isto é, pela associação simultânea de *in-* e *-vel* ao verbo *degolar*. Isto se verifica pelo fato de não haver, em português, a forma verbal **indegolar* nem se encontrar registrado, em qualquer dicionário consultado, o adjetivo *degolável*.

Nos dois neologismos encontrados, o formante prefixal atualiza ideia de “não ser possível de”, já mencionada por Alves (2015: 47). No primeiro contexto, o surgimento, lado a lado, de *erro não-detectado* seguido por *erro indetectável* mostra que, ainda que sejam ambas partículas negativas, a negação posta em efeito por *não-* (cf. seção 4.1.3.) é mais neutra que a operada por *in-*. Um *erro não-detectado* é, pura e simplesmente, um erro que não foi detectado por ninguém, ao passo que um *erro indetectável* é um erro que não pode ser detectado por ninguém, isto é, é impossível de ser detectado por qualquer pessoa. Essa sutil diferença semântica, no contexto, como se vê, é de vital importância.

Por fim, quanto à maior ou menor aproximação de *in-* ao protótipo de prefixo com o qual trabalhamos neste estudo, tem-se que, a despeito de ser pouco produtivo para a criação lexical, *in-* é recorrente (1) em palavras diversas da língua geral, átono (2), não lexicalizável (3), não correspondente a nenhuma forma livre (4), semanticamente prototípico (5) e, até onde podemos perceber, não estende seu escopo além de bases simples (6), o que o torna, até agora, o prefixo prototípico por excelência.

Tabela 45 – O elemento *in-* e os critérios de prefixidade:

Crítérios de prefixidade	Preenchimento do critério
recorrência	X
não-acento	X
não-lexicalização	X
sem forma livre	X
significados prefixais prototípicos	X
escopo limitado a uma base simples	X

4.3.30. Bem-

O *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* classifica *bem-* como elemento de composição originário do advérbio latino *bene*. Apesar de existirem formações consagradas em que o elemento encontra-se em forma átona integrado à base lexical (*benfazejo*, *benfeitor*, *benquerer*) ou na forma latina original (*benemérito*, *benevolente*), diz-nos Houaiss que na grande maioria das formações com *bem-*, este aparece unido à base por meio do hífen (*bem-acostumado*, *bem-afamado*, *bem-criado*, *bem-humorado*, *bem-vindo* etc.) por constituir, com ela, “unidade semântica”. Lembra-nos o dicionário, porém, que essa “unidade semântica” (que podemos, mais apropriadamente, chamar de lexicalização do sintagma formado entre *bem* e outra palavra) nem sempre é fácil de se perceber ou mesmo de se sistematizar.

Entre as gramáticas tradicionais, a de Coutinho (1976: 177) inclui *bem-* entre os prefixos de origem latina, mencionando que ele “denota bom êxito, tendência para o bem, excelência de uma qualidade” (*bem-aventurado*, *benfazer*, *benquisto*). Azeredo (2010: 453) também optou por incluir *bem-* em sua lista de prefixos. O mesmo faz Bechara (2009: 366), destacando que seu significado é “excelência de um fato ou ação” (*bendizer*). Silveira Bueno (2014: 83 e 85), por sua vez, inclui *bem-* na lista tanto dos prefixos quanto dos radicais de origem latina, evidenciando, com isso, que mesmo a classificação tradicional, algumas vezes, hesita em conferir a um elemento um estatuto unívoco.

Em nosso *corpus*, encontramos apenas duas unidades lexicais neológicas, formadas pela associação entre *bem-* e adjetivos participiais: *bem-treinado* e *bem-resolvido*.

Há, ainda, a questão da baixa qualidade da mão de obra. Se o Rio pretende seguir sua vocação turística, um setor de serviços eficiente é condição *sine qua non*. Os funcionários devem saber falar bem inglês e espanhol. Precisam ser bem-educados, <bem-treinados>. (Rodrigo Constantino, 15/07/2014)

Pense em uma mulher <bem-resolvida>, meu caro Sigmund. Melhor: uma mulher que sabia o que queria no calor da hora. Repare a enquadrada que ela dá em Virgulino. (Xico Sá, 08/03/2014)

Segundo Alves (2000: 151-2), contemporaneamente na língua portuguesa, as associações entre *bem-* e participios são as mais frequentes, não sendo, porém, as únicas possíveis. A autora registra, em seu trabalho, associações com adjetivos em *-nte* (*bem-pensante*) e em *-vel* (*bem-apresentável*) e a verbos (*bem-falar*). O padrão *bem-* + *particípio*, porém, parece ser a tendência para formações neológicas com este elemento.

Nas unidades lexicais neológicas recolhidas, *bem-* atualizou sempre o significado adverbial, já descrito pelas obras gramaticais, de ação concluída com excelência e cuidado, de modo pleno: *bem-treinado* e *bem-resolvido* denotam indivíduos que foram treinados com esmero e que resolvem suas questões psicológicas de modo plenamente satisfatório.

O próprio contexto em que surgiram os neologismos em questão, aliás, traz-nos elementos que reforçam a semântica de *bem-*. No primeiro, *bem-treinado* coexiste com “setor de serviços eficiente” e opõe-se a “baixa qualidade da mão de obra”. No segundo, a mulher *bem-resolvida* é aquela que “sabe o que quer no calor da hora”. Mais uma vez vê-se, como Alves (2009a) já percebera antes, que uma unidade lexical neológica quase sempre encontra, no contexto em que surge, elementos com que estabelece relações semânticas sinonímicas, antonímicas ou reforçativas.

Finalmente, quanto aos critérios de prefixidade, verificamos que *bem-*, apesar de pouco produtivo para a criação lexical, é recorrente em inúmeras palavras do português (1), conforme atestam as obras lexicográficas consultadas, e atualiza semântica adverbial (5). No entanto, é

palavra prosódica (2), uma vez que, nos neologismos recolhidos, não apareceu em forma átona aglutinado às bases léxicas. Além disso, apresenta forma livre correspondente (4), o advérbio *bem*.

Não verificamos, aqui, contextos explícitos de lexicalização (3) do elemento em questão enquanto desempenha a função prefixal. Contudo, à semelhança do que explicamos a propósito da análise de *mal-*, optamos, pelos mesmos motivos, por não considerar este critério como possível de ser preenchido pelo antônimo *bem-*. Se dissermos “ontem a lição foi malfeita, e hoje, bem” (= bem-feita), tem-se, em “bem”, o prefixo lexicalizado ou o advérbio empregado no contexto?

Quanto à extensão do escopo, nos neologismos *bem-treinado* e *bem-resolvido*, percebe-se que ele não vai além da base simples a que imediatamente adjunge-se o afixo. Todavia, lembra-nos Alves (2000: 151) que *bem-*, dada sua origem adverbial, desponta primordialmente em contextos morfossintáticos verbais (não se verifica, no português brasileiro contemporâneo, associações entre o afixo e substantivos) o que, como temos percebido em nosso trabalho, é fator que contribui para o alargamento do escopo.

Em verdade, se invertêssemos a ordem em que aparecem os neologismos no sintagma (“bem-treinados funcionários” e “bem-resolvida mulher”, ao invés de “funcionários bem-treinados” e “mulher bem-resolvida”), perceberíamos que *bem-* (à semelhança de *recém-* em “recém-empossado prefeito de São Paulo José Serra” acima analisado) estende facilmente sua influência léxico-semântica para além da base simples imediatamente justaposta, alcançando o resto do sintagma. Por esse motivo, consideraremos que *bem-* pode escopar, além de palavras, também sintagmas (6).

Tabela 46 – *O elemento bem- e os critérios de prefixidade:*

Crítérios de prefixidade	Preenchimento do critério
recorrência	X
não-acento	
não-lexicalização	
sem forma livre	
significados prefixais prototípicos	X
escopo limitado a uma base simples	

4.3.31. Tele-

Tele- é classificado por Cunha (2010: 627) e Houaiss (versão eletrônica) como elemento de composição originário da língua grega, cujo significado é “longe”, “ao longe”, “de longe”, “longe de”, “à distância”. Lembram os lexicógrafos que ele começa a aparecer com frequência em

formações da linguagem científica a partir do século XIX: *telescópio*, *telemetro*, *telefone*, *telégrafo* etc.

As gramáticas de língua portuguesa, em consonância com as obras lexicográficas, também costumam incluir o elemento *tele-* entre os radicais de origem grega, que formam compostos em nossa língua. O significado atrelado a ele tem sido sempre o de “longe” ou “distante” (COUTINHO, 1976: 188; SILVEIRA BUENO, 2014: 83; ROCHA LIMA, 2010: 278). Bechara (2009: 369), além do traço semântico “distância”, ensina-nos que *tele-* pode significar também “controle feito à distância”, como em *teleguiado*.

Cunha & Cintra (2008: 129), a seu turno, não alocam este formante entre os radicais gregos, mas sim o registram na lista dos pseudoprefixos. Como vimos anteriormente, para eles, um pseudoprefixo é uma base presa erudita que sai da linguagem científica, adentra a língua geral, ressemantiza-se e sofre uma espécie de recomposição (*op. cit.*: 128). Um item lexical como *televendas*, por exemplo, foi criado como amálgama entre os substantivos *telefone* e *vendas*, significando, portanto, “vendas realizadas via telefone” e não “vendas à distância”. Nota-se, nesse caso, que *tele-* adquire novo traço semântico, isto é, assume, por metonímia, o sentido de “telefone”, não mais atualizando seu significado clássico de “distância”. No entender dos gramáticos supracitados, essa deriva semântica faz com que ocorra aí uma recomposição.

Entre as obras linguísticas, muito pouco se tem falado a respeito de *tele-*. Em nossa busca, encontramos referências em Sandmann (1992: 79) e Gonçalves (2016: 93-7).

Sem deixar claro se considera *tele-* como um dos prefixos do português brasileiro contemporâneo, a seu respeito diz-nos Sandmann que

(...) como abreviação de *telefone*, *televisão* ou simplesmente com seu significado tradicional de “longe, distante”, entra em muitas formações, sem dúvida um testemunho da cultura da época: *telejogo*, *telefilme*, *teleprocessamento*, *telecompra*, *teletintas*, *telepizza*, (sic) etc., esses dois últimos, como muitas outras palavras com *tele-*, designativos de serviços de entrega, atendimento etc.

Gonçalves, por sua vez, na esteira de Cunha & Cintra, entende *tele-* como um dos prefixóides do português brasileiro contemporâneo, fruto de recomposição, já explicitada acima, sofrida pelo formante neoclássico. Oferece-nos, como exemplos, as palavras *telessexo* e *telepizza* (*op. cit.*: 95).

Em nosso *corpus*, encontramos dois neologismos substantivais formados com *tele-*: *telebarraco* e *teleculto*. Percebe-se claramente que em nenhum deles o elemento atualizou seu significado clássico de “à distância”, pois um telebarraco e um teleculto são, respectivamente, um barraco (isto é, uma briga espalhafatosa tão ao gosto de programas sensacionalistas) e um culto

evangélico transmitidos pela televisão. Não é à toa que os itens léxicos neológicos sugiram, pois, em blogs de conteúdo televisivo e comentários sobre esse universo.

Depois, Silvio Santos apostou em “Caso Encerrado Proibido”. Dra. Ana Maria Polo é jogada em vários horários, sem obter significativos índices de audiência. O SBT insiste em exibir o <telebarraco>, que deixa João Kleber envergonhado. (Fábio TV, 03/11/2014)

A Igreja Mundial do Poder de Deus, do Apóstolo Valdemiro Santiago, loteava 57 horas semanais da programação da Rede Brasil de Televisão. De segunda a sábado eram exibidos <telecultos> das 4:00h às 12:00h e aos domingos, das 4:00h às 13:00h. (O Buxixo, 10/09/2014)

Para Cunha & Cintra (2008: 128) e Gonçalves (2016: 93-7), estamos diante de recomposições, em que *tele-* atua como pseudoprefixo por abandonar o significado adverbial original e assumir a ideia de “evento transmitido pela televisão”. Tendo em vista a recorrência de formações com este elemento (1) registradas por Sandmann e Gonçalves, decidimos incluí-lo em nossas considerações analíticas, apesar de sua produtividade para a criação neológica ter se mostrado baixa.

Além de aparecer com recorrência em diversas formações neológicas, *tele-*, apesar de ligado às palavras “telefone” e “televisão”, não apresenta forma livre correspondente (4) e não se lexicaliza (3). Pelas formações neológicas que recolhemos, percebe-se que o formante não estende seu escopo além da base a que se associa (6). Porém, é uma palavra prosódica (2) e o significado que neologicamente assume afasta-se da semântica original “à distância” e aproxima-se das ideias “por meio do telefone” ou “por meio da televisão” (5), o que acaba por restringir, pois, a diversidade de contextos em que possíveis formações com este elemento poderiam surgir. Apesar de ainda guardar, a rigor, semântica adverbial (no caso, “televisão” e “telefone” são instrumentos pelos quais se transmite ou se realiza o evento veiculado pela base), lembramos que, para Sandmann (1992: 37), os prefixos caracterizam-se por serem, além de preposições e advérbios, também adjetivos “gerais”, o que faz com que surjam em muitos contextos. A limitação das formações em *tele-* a contextos ligados ao mundo da televisão ou dos serviços via telefone é, portanto, um indício de seu afastamento do protótipo. Mesmo assim, vê-se que o formante preencheu quatro dos seis critérios de prefixidade.

Tabela 47 – O elemento *tele-* e os critérios de prefixidade:

Crítérios de prefixidade	Preenchimento do critério
recorrência	X
não-acento	
não-lexicalização	X
sem forma livre	X
significados prefixais prototípicos	
escopo limitado a uma base simples	X

4.3.32. *Infra-*

Dentre todas as obras gramaticais consultadas neste trabalho (cf. Referências Bibliográficas), apenas as de Silveira Bueno (2014: 85) e Bechara (2009: 367) mencionam o elemento *infra-*, incluindo-o entre os prefixos latinos. Segundo esses estudiosos, *infra-* atualiza significado de inferioridade espacial, “abaixo”, “posição inferior”: *infraestrutura*, *infra-assinado*.

Câmara Jr. (1975: 232) lembra-nos de que este elemento é originário da preposição latina *infra* e equivale a *sub*. Segundo ele, *infra-* “tornou-se produtivo, em justaposição, na terminologia científica. Ex.: infravermelho, infrassom”, fato que é confirmado pelo *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, o qual registra, entre outras, as formações *infravioleta*, *infra-axilar*, *infrabasilar* e *infrasecção*, todas de língua especializada, nas quais o prefixo assumiu o significado “abaixo de”. Duarte (1999: 136) lembra-nos, porém, que a “posição inferior” atualizada por *infra-* pode aparecer também no plano moral, por exemplo, na palavra *infra-humano*, que denota algo, no dizer do autor, “abaixo do nível considerado padrão para o ser humano”.

Em nosso *corpus*, verificamos apenas uma unidade lexical neológica, fruto da associação de *infra-* ao substantivo *mundo*: *inframundo*.

Enquanto a maioria das bandas de black metal abordam o satanismo e temas negativos em suas letras, o Miasthenia prefere nos agraciar com uma verdadeira aula de história sobre as antigas civilizações ameríndias. No caso de “Legados do <Inframundo>”, quarto trabalho de estúdio desta banda brasileira, consta no encarte que “a temática foi inspirada na cosmologia mítica dos antigos Mayas, sobre a morte e o <inframundo> (Xibalbá), presente no livro sagrado do Popol Vuh e nas profecias de Chilam Balam de Chumayel”. (Heavy Nation, 22/12/2014)

Curiosamente, porém, contrariando a tendência geral de *infra-* a formar apenas termos das diversas ciências naturais, o neologismo *inframundo* designa, segundo podemos depreender pelo contexto, o “mundo dos mortos”, ou mundo “inferior” à Terra, que está sob a Terra, localizado nas entranhas da Terra, abaixo de nós, segundo a cosmogonia mítica dos antigos maias, que serviu de

inspiração para o álbum lançado pela banda de black metal Miasthenia. A semântica do elemento - “inferioridade espacial” - está, portanto, mantida.

Como se vê, *infra-* não é um elemento produtivo para a criação lexical nem recorrente em formações de língua geral (1). O *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*¹⁹, no entanto, registra aproximadamente 90 termos especializados formados com este elemento. *Infra-* é palavra prosódica (2), não lexicalizável (3), que atualiza semântica adverbial (5) e escopa, se tomarmos como referência a unidade lexical neológica que coletamos, apenas bases simples (6). As obras lexicográficas, de modo geral, registram, além do prefixo *infra-*, a forma livre adverbial *infra*, que surge para indicar um “trecho da mesma página, mais abaixo, ou de páginas posteriores” (HOUAISS: versão eletrônica). Ora, esse uso, porém, se de fato existe, é demasiadamente raro no estágio atual de nossa língua, razão por que não consideraremos, para preenchimento dos critérios de prefixidade, que *infra-* tenha, de fato, forma livre correspondente.

Tabela 48 – *O elemento infra- e os critérios de prefixidade:*

Critérios de prefixidade	Preenchimento do critério
recorrência	X
não-acento	
não-lexicalização	X
sem forma livre	X
significados prefixais prototípicos	X
escopo limitado a uma base simples	X

¹⁹ Versão online: www.academia.org.br/nossa-lingua/vocabulario-ortografico

5. OS ELEMENTOS NO *CONTINUUM* DE PREFIXIDADE

Em verdade, é possível construir graficamente, em vários *layouts*, um *continuum* de elementos diversos. Uma dessas formas de criação, bastante recorrente em obras que se utilizam do instrumento analítico em questão, é imaginar os elementos a serem analisados alocados em diversas posições num traçado reto. Cada extremidade deve ser preenchida com categorias diferentes. Os elementos que, por suas características, mais se aproximarem de determinada categoria, devem ser colocados mais próximos a ela. Assim, quanto maior o grau de proximidade entre um elemento e uma categoria, mais próximo do eixo correspondente ele estará.

Nesta pesquisa, nosso objetivo tem sido analisar os prefixos reais como mais ou menos próximos das características básicas de um prefixo modelar. Desse modo, nosso *continuum* deve ter, como eixo à esquerda, o prefixo prototípico, ideal, modelar. Por isso, essa extremidade será o eixo [+ prefixo]. Os formantes que serão alocados mais à esquerda do traçado serão, portanto, mais próximos do protótipo, com o qual compartilham um maior número de características.

Quanto mais prototípico é um prefixo, mais gramatical ele é, isto é, seu comportamento geral é o de um morfema e o processo formativo a que dá origem é, pois, mais derivacional. Porém, quanto menos prefixal um elemento é, mais lexical ele se apresenta e mais composicional é o processo do qual faz parte. Portanto, a extremidade direita do *continuum*, por sua vez, representará a categoria das palavras, sendo chamado eixo [+ palavra], conforme ilustrado abaixo.

[+ prefixo] _____ [+ palavra]

Imagem 6: *Continuum* entre prefixidade e lexicalidade.

Dos 45 elementos prefixais analisados, apenas *in-* (2%) preencheu todos os critérios de prefixidade por nós considerados. Por essa razão, *in-* é o formante localizado mais à esquerda na linha imaginária do *continuum*, junto ao eixo [+ prefixo], e coincide, portanto, com o protótipo construído.

5 prefixos (*exo-*, *re-*, *des-*, *para-*, *infra-*), por sua vez, que correspondem a 11% do total, preencheram cinco dos seis critérios. Ainda que estejam à direita de *in-* e não coincidam totalmente com o protótipo, sua posição é ainda bastante à esquerda no *continuum*, próximos ao eixo [+ prefixo] e ao protótipo prefixal, com o qual compartilham a imensa maioria de características.

Afastando-se desse eixo e do protótipo, mas pendendo ainda em sua direção, estão 14 prefixos (*anti-*, *mega-*, *neo-*, *pseudo-*, *multi-*, *hiper-*, *co-/com-*, *contra-*, *meta-*, *inter-/entre-*, *ciber-*, *poli-*, *macro-*, *tele-*), 31% do total, os quais satisfizeram quatro dos seis critérios considerados.

A maioria dos formantes (16 prefixos, que correspondem a 36% do total de afixos analisados), porém, preencheu três dos seis critérios de prefixidade, o que os coloca na metade da linha imaginária do *continuum*, a meio caminho entre o eixo [+ prefixo] e a gramaticalidade e o eixo [+ palavra] e a lexicalidade.

Os elementos *ex-*, *super-*, *mini-*, *micro-*, *ultra-*, *mal-*, *vice-*, *bi-* e *bem-* (20% do total) preencheram apenas dois dos seis critérios, razão por que se pode colocá-los mais à direita do *continuum*, mais próximos, portanto, da lexicalidade que do protótipo prefixal.

Verificamos, por fim, que nenhum formante prefixal deixou de preencher menos que dois critérios, não tendo, pois, sido verificado nenhum caso de coincidência absoluta entre um elemento e o eixo [+ palavra].

Abaixo, apresentamos, em imagem e por meio de uma tabela resumitiva, as considerações analíticas acima.

[+ prefixo] _____ [+ palavra]				
<i>in-</i>	<i>re-</i>	<i>anti-</i>	<i>sobre-</i>	<i>ex-</i>
	<i>des-</i>	<i>mega-</i>	<i>não-</i>	<i>super-</i>
	<i>exo-</i>	<i>neo-</i>	<i>pós-</i>	<i>mini-</i>
	<i>para-</i>	<i>pseudo-</i>	<i>pré-</i>	<i>micro-</i>
	<i>infra-</i>	<i>multi-</i>	<i>auto-</i>	<i>ultra-</i>
		<i>hiper-</i>	<i>recém-</i>	<i>mal-</i>
		<i>co-/com-</i>	<i>pró-</i>	<i>vice-</i>
		<i>contra-</i>	<i>semi-</i>	<i>bi-</i>
		<i>meta-</i>	<i>sub-</i>	<i>bem-</i>
		<i>inter-/entre-</i>	<i>sem-</i>	
		<i>poli-</i>	<i>quase-</i>	
		<i>ciber-</i>	<i>extra-</i>	
		<i>macro-</i>	<i>trans-</i>	
		<i>tele-</i>	<i>narco-</i>	
			<i>eco-</i>	
			<i>bio-</i>	

Imagem 7: Elementos afixais alocados no *continuum* de prefixidade.

Tabela 49: Os elementos prefixais e os critérios por eles preenchidos

Prefixo	Critério 1	Critério 2	Critério 3	Critério 4	Critério 5	Critério 6
<i>Ex-</i>	X				X	
<i>Exo-</i>	X		X	X	X	X
<i>Super-</i>	X				X	
<i>Sobre-</i>	X		X		X	
<i>Não-</i>	X		X		X	
<i>Anti-</i>	X		X	X	X	
<i>Pós-</i>	X			X	X	
<i>Pré-</i>	X			X	X	
<i>Mini-</i>	X				X	
<i>Auto-</i>	X		X	X		
<i>Mega-</i>	X		X	X	X	
<i>Recém-</i>	X		X		X	
<i>Pró-</i>	X		X		X	
<i>Re-</i>	X	X	X	X	X	
<i>Des-</i>	X	X	X	X	X	
<i>Micro-</i>	X				X	
<i>Semi-</i>	X			X	X	
<i>Ultra-</i>	X				X	
<i>Neo-</i>	X		X	X	X	
<i>Pseudo-</i>	X		X	X	X	
<i>Multi-</i>	X		X	X	X	
<i>Sub-</i>	X	X			X	
<i>Sem-</i>	X		X		X	
<i>Quase-</i>	X		X		X	
<i>Hiper-</i>	X		X	X	X	
<i>Mal-</i>	X				X	
<i>Extra-</i>	X				X	X
<i>Co-</i>	X	X	X		X	
<i>Com-</i>	X		X		X	X
<i>Trans-</i>	X				X	X
<i>Narco-</i>	X		X	X		
<i>Contra-</i>	X		X		X	X
<i>Vice-</i>	X				X	
<i>Meta-</i>	X		X	X	X	
<i>Eco-</i>	X		X	X		
<i>Bi-</i>	X				X	
<i>Inter-</i>	X			X	X	X
<i>Entre-</i>	X		X		X	X
<i>Poli-</i>	X			X	X	X
<i>Ciber-</i>	X		X	X		X
<i>Para-</i>	X		X	X	X	X
<i>Bio-</i>	X			X		X
<i>Macro-</i>	X			X	X	X
<i>In-</i>	X	X	X	X	X	X
<i>Bem-</i>	X				X	
<i>Tele-</i>	X		X	X		X
<i>Infra-</i>	X		X	X	X	X

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, tivemos como intuito estudar o comportamento morfolexical de formantes prefixais, considerados ou não como afixos pela tradição lexicográfica e gramatical. Para isso, formamos um extenso *corpus* de textos diversos veiculados, durante o ano de 2014, por conhecidos blogs jornalísticos ligados a grandes empresas de comunicação brasileiras (cf. capítulo 3). Deles, extraímos as unidades lexicais neológicas prefixadas, tomando os dicionários *Houaiss* (versão eletrônica), *Aurélio* (versão eletrônica) e *Michaelis* (versão online), além do software *Extrator de Neologismos*, como *corpora* de exclusão. Nos capítulos quarto e quinto, foram realizadas análises dos neologismos encontrados.

Tendo em vista a antiga controvérsia sobre ser a prefixação um fenômeno de composição (CÂMARA JR., 1969; 1975; ALMEIDA, 1967; 2009) ou de derivação (SAID ALI, 1964; BECHARA, 2009; CUNHA & CINTRA, 2008; ROCHA LIMA, 2010; SILVEIRA BUENO, 2014; BASILIO, 1989; ALVES, 1990; 2000; 2015), propusemos uma análise que, em vez de resolver inequivocamente esse problema pela consagração de um dos lados, encarasse-o sob outro viés, mostrando que essa incerteza classificatória é natural e até desejada, haja vista ao fato de nem todos os formantes a que chamamos prefixos comportarem-se gramatical e semanticamente da mesma maneira.

Como embasamento teórico para nossa análise, recorremos à teoria do protótipo (MARONEZE, 2011; GONÇALVES, 2012; CANÇADO, 2015), segundo a qual, grosso modo, é possível entender os comportamentos díspares entre elementos de uma mesma classe a partir de seu maior ou menor afastamento em relação a um elemento modelar, prototípico da classe, que reúna idealmente todas as características esperadas desse grupo linguístico. Para a construção do protótipo prefixal, realizamos uma busca em algumas das obras de significativos autores (cf. capítulo 2) que se debruçaram sobre os prefixos e a prefixação, com destaque para Alves (1990; 2000; 2015), Basilio (1980; 1987; 1989), Sandmann (1989; 1992) e Schwindt (2001), além dos clássicos linguistas Said Ali (1964) e Câmara Jr. (1969; 1975).

Da leitura desses estudos, chegamos, pois, a seis características principais dos ditos morfemas prefixais, que se transformaram em critérios, de igual peso, a serem preenchidos pelos elementos com os quais trabalhamos para que atestássemos sua maior ou menor aproximação à classe dos prefixos. O prefixo prototípico, se é morfema, deve ser forma recorrente à esquerda de bases léxicas, átono, não lexicalizável, não correspondente a nenhuma forma livre na língua, semanticamente correspondente a preposições, advérbios, adjetivos “gerais” e quantificadores e não passível de escopar nada além de bases léxicas simples. Pela relação entre protótipo e formantes prefixais reais chegou-se ao *continuum* de prefixidade explicitado no quinto capítulo.

Notou-se, no capítulo anterior, que dos 45 elementos prefixais produtivos para a criação lexical e analisados neste trabalho, 16 preencheram três critérios (o que corresponde à maioria deles), encontrando-se, portanto, exatamente no meio do *continuum*, entre a prefixidade e a lexicalidade. Se somarmos o número dos mediais ao dos que claramente pendem para a lexicalidade por haverem satisfeito apenas dois critérios, veremos facilmente que o resultado será maior que o da soma dos prefixos que se voltam para o protótipo (quatro ou mais critérios satisfeitos). Isso nos leva a pensar que, em verdade, a discrepância comportamental entre os chamados morfemas afixais é, talvez, maior do que os pontos em que esses elementos assemelham-se. Será mesmo possível, diante disso, falarmos em morfemas afixais? Se aceitarmos a existência dessa classe, será possível, ou mesmo viável, manter nela os formantes prefixais, como se fossem, de fato, análogos aos sufixos em seu caráter derivacional?

De modo geral, os prefixos não se mostraram, assim, em sua maioria, tão aparentados ao que se idealiza acerca da classe gramatical dos afixos. Se os critérios arrolados nesta pesquisa são algumas das características do que se espera encontrar num morfema afixal, ou seja, num elemento gramatical e não lexical, como podemos lidar com o fato de a maior parte dos formantes encontrar-se na metade do caminho, não sendo eles nem palavras plenas nem morfemas plenos? Como podemos lidar com o fato de tantos prefixos como *vice-*, *mini-*, *extra-* e *bi-* serem lexicalizados tantas vezes que já podem constituir base léxica para novas formações, como o neologismo *ex-vice*? Esses afixos são sentidos pelos falantes como itens lexicais com tanta naturalidade que, segundo vimos, obras lexicográficas importantes da língua geral já inseriram entradas separadas para os substantivos e adjetivos resultantes da lexicalização desses morfemas. Por outro lado, elementos como *in-*, *re-* e *des-* são tão próximos do que se idealiza de um morfema prefixal que poderíamos, inclusive, nos perguntar se pertencem, de fato, à mesma classe em que estão classificadas formas como *ex-*, *super-*, *mal-* etc.

Tudo isso, por si só, parece confirmar a afirmativa de Azeredo (2010: 452) de que não apenas alguns poucos prefixos, mas a prefixação em si, enquanto fenômeno, é de natureza intermediária entre a composição e a derivação. Não acreditamos, porém, que o caráter intermediário esteja no processo, como explica o gramático, mas na própria singularidade dos elementos a que chamamos prefixos: não se assemelham totalmente a unidades lexicais sem, contudo, identificarem-se plenamente com os afixos. Daí a maior parte deles estar, literalmente, no meio do *continuum*, e daí, também, a inutilidade das tentativas de delimitação absoluta entre a composição e a prefixação, que sempre se revelaram bastante infrutíferas.

Em verdade, as idiossincrasias de cada prefixo, visualizadas com maior clareza graças à análise via *continuum* desenvolvida aqui, chamam-nos muito mais a atenção do que a natureza do processo, impossível de definir enquanto algo consensual. Cada formante prefixal cria padrões

morfossintáticos variados, mais ou menos limitados, como [*recém-* + *adjetivo participial*]_{adj}, [*in-* + (*verbo* + *-vel*)_{adj}]_{adj} e assim por diante, que tentamos descrever sucintamente neste trabalho e que se encontram bem detalhados em Alves (2000).

A tendência, aliás, à formação de padrões que se repetem, critério sempre utilizado para diferenciar composição (pouco padronizada) de derivação (altamente padronizada), tem sido observada, contemporaneamente, também em formas neológicas compostas (ALVES, 1990: 48-9; GONÇALVES, 2016: 52-61), o que parece apontar para a necessidade de conduzir nossa reflexão teórica a fim de se chegar a um melhor entendimento, justamente, desses padrões morfológicos, que não só revelam as especificidades de cada afixo como também podem ser (e o são) gênese de novos padrões, que se criam em analogia aos mais antigos²⁰. Ora, isso tudo nos leva a crer, sem dúvidas, que os elementos prefixais e seus variados comportamentos morfossintáticos e semânticos, sempre mutáveis e renováveis, mais do que a essência do processo, constituem o verdadeiro destaque da prefixação.

Em diversos momentos da presente dissertação, porém, chamamos a atenção para o fato de que nosso objetivo sempre foi o de realizar não mais que um exercício exploratório, mostrando que uma análise por meio de um *continuum* de prefixidade não só é possível como bastante pertinente para o entendimento de elementos tão díspares que são os prefixos (GONÇALVES, 2012). Acreditamos, quanto a isso, que, com tudo o que já dissemos até aqui, cumprimos nosso intuito. Contudo, não queremos (em verdade nem podemos) dar a palavra final sobre isso. Estamos cientes de que mais critérios devem ser acrescentados (e certamente o serão) em estudos futuros, os quais virão a complementar, desenvolver ou mesmo substituir os aqui considerados. Tudo isso, obviamente, alterará profundamente a estrutura do *continuum* por nós apresentado e modificará necessariamente o entendimento que aqui se desenvolveu sobre cada formante prefixal e sobre a prefixação como um todo.

A bem da verdade, reconhecemos que cada um dos critérios é, em si, um *continuum* em potencial se lhes acrescentarmos subcritérios. Apenas a título de exemplo, observamos, durante a análise, que nem todos os elementos lexicalizam-se com a mesma frequência. *Ex-*, *super-* e *vice-* são prefixos que podem ser empregados como formas livres nominais em variados contextos, o que já não ocorre com *bio-* e *poli-*. Isso nos permitira considerar, no que concerne à lexicalização, como

²⁰ Nesse sentido, mostra-nos Gonçalves (2016: 42-4) o interessante caso dos neologismos formados com o sufixo *-ete* (*neymarzete*, *luanazete*, *angeliquete*), em que o afixo atualiza o significado de “fã incondicional de”. Essas formações foram criadas em analogia a *tiete*, vocábulo surgido, no final dos anos 1970, segundo nos lembra o autor, para designar, primeiro, admiradores do cantor Ney Matogrosso e, logo depois, admiradores de artistas de qualquer área. Tiete truncou-se, transferindo, metonimicamente, sua carga semântica a *-ete*, que, ao associar-se a substantivos próprios, cria um padrão novo na língua. Nesta pesquisa, o mesmo foi verificado em vários momentos, com destaque para as formações prefixadas por *trans-* (*transcidadania*, *transfóbico*) em que, a partir de *transsexual*, ocorre a ressemantização do prefixo e a criação do padrão [*trans-* + *base nominal*] com referência ao universo transgênero.

mais lexicais os primeiros elementos e mais prefixais os segundos. Neste trabalho, justamente por seu caráter inicial e exploratório, porém, consideramos todos esses elementos em pé de igualdade quanto ao preenchimento desse critério.

No âmbito da semântica, podemos observar a mesma diversidade. *Anti-* e *in-* foram considerados semanticamente prefixais, pelo preenchimento do quinto critério, pois atualizam ambos significado adverbial de negação. No entanto, entre eles, percebe-se que *in-* é mais prefixal que *anti-* por ter um significado mais lógico que lexical, visto que *anti-* semantiza ideia de “oposição”, a qual aponta, necessariamente, para um sujeito referencial que se oponha a algo. Essas particularidades semânticas foram, na medida de nossa capacidade analítica, consideradas na descrição de cada elementos prefixal, mas não puderam entrar como critérios para a composição do *continuum* por ultrapassarem o escopo deste trabalho.

A extensão do escopo aliás, sexto critério considerado nesta pesquisa, igualmente poderá, em estudos futuros, ser melhor explorada, pois os formantes, mais uma vez, não demonstraram o mesmo comportamento quanto a este critério. Percebemos que *ex-* e *vice-*, por exemplo, com muito mais facilidade que outros prefixos e em muitos mais contextos, podem escopar sintagmas e até sentenças (*ex-repórter de Gugu Liberato*; *vice-coordenador do curso de administração pública*), ao passo que outros, como *mini-* e *anti-* apenas o fazem em poucas situações (*mini-processadora de frutas*; *anti-exagero no álcool*). A rigor, se déssemos a este critério um peso maior que aos anteriores, poder-se-ia dizer que *ex-* e *vice-* são mais lexicais que *mini-* e *anti-*. No entanto, como já explicitado, havemos por bem, neste exercício exploratório, dar a todos mesmo peso.

Mesmo a recorrência do formante, considerada por Alves (1990) e Basilio (1989) como fundamental para se diferenciar processos derivacionais de composicionais, e verificada em todos os formantes analisados, não é a mesma em todos os prefixos. Uma análise mais quantitativa que envolvesse uma busca detalhada nos dicionários de língua poderia evidenciar, por exemplo, que um elemento é mais recorrente que outro, ou seja, formou mais palavras que outro, sendo, portanto, mais prefixal que aquele. Se incluíssemos ainda a produtividade para a criação lexical também como critério além da recorrência, por certo o aspecto de nosso *continuum* seria outro.

Como se vê, muitos estudos ainda poderão e deverão ser realizados, pois a seara de trabalho é imensa. A língua é viva, dinâmica e nos traz sempre novos elementos (ALVES, 2006; 2010) surgidos para acompanhar as novas criações, formas de pensamento, sentimento e preocupações da sociedade (GUILBERT, 1972; BARBOSA, 1981; BIDERMAN, 1978; 2001; GONÇALVES, 2016). Nesse sentido, vimos que os prefixos podem ajudar a nomear realidades, expressar pontos de vista carregados de humor e ironia e estruturar sintagmas e sentenças, influenciando na organização textual. Tudo isso, porém, em meio a uma marcante diversidade de comportamentos gramaticais e semânticos, que fazem com que os prefixos e a prefixação sejam temas de pesquisa sempre atuais e

instigantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

I – Obras linguísticas e gramaticais

ALVES, I. M. Derivação Prefixal. ALVES, I. M. & RODRIGUES, A. (Org.). *A construção morfológica da palavra*. São Paulo: Contexto, p. 17-56, 2015.

_____. A neologia do português brasileiro de 1990 a 2009: tradição e mudança. ALVES, I. M. (Org.) *Neologia e neologismos em diferentes perspectivas*. São Paulo: Paulistana, p. 63-82, 2010.

_____. Neologia e implicações textuais. *Atas do Congresso Internacional da Abralin* (v. 1). p. 1821-1825, João Pessoa: 2009a.

_____. Afixos marcadores de intensidade: sufixação versus prefixação. ALVES, I. M. et al. (Org.) *Os estudos lexicais em diferentes perspectivas* (v.1). São Paulo: FFLCH/USP, p. 62-72, 2009b.

_____. A observação sistemática da neologia lexical: subsídios para o estudo do léxico. *Alfa* 50(2). p. 131-144, São Paulo: 2006.

_____. *Um estudo sobre a neologia lexical: os microssistemas prefixais do português contemporâneo*. Tese (Livre Docência em Lexicologia e Terminologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____. *Neologismo. Criação lexical*. 1ª ed. São Paulo: Ática, 1990.

_____. A produtividade do prefixo *não-* no português contemporâneo. *Ciência e Cultura* 39(11). p. 1026-1028, 1987.

_____. Observações sobre a prefixação intensiva no vocabulário da publicidade. *Alfa* (24), p. 9-14, São Paulo: 1980.

ALMEIDA, N. M. de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 46ª ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

_____. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 20ªed. São Paulo: Saraiva, 1967.

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 3ª ed. São Paulo: Publifolha, 2010.

BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BARBOSA, M. A. *Léxico, produção e criatividade. Processos do neologismo*. São Paulo: Global, 1981.

BASILIO, M. Prefixos: a controvérsia derivação/composição. *Cadernos de Linguística e Língua Portuguesa*, v.1, p. 3-13, 1989.

_____. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

_____. *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. OLIVEIRA, A. M. & ISQUERDO, A. N. (Org.). *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. v. 1. 2ª ed. Campo Grande: Ed. UFMS, p. 13-22, 2001.

_____. *Teoria linguística* (linguística quantitativa e computacional). Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BOULANGER, J. C. Problématique d'une méthodologie dynamique d'identification des neologismes en terminologie. *Néologie et lexicologie*. Paris: Larousse, p. 36-46, 1979.

BUENO, F. da S. *Gramática de Silveira Bueno*. 20ª ed. São Paulo: Global Editora, 2014.

CABRÉ, M. T. La neología, campo disciplinar y aplicado: utilidad y problemas en el trabajo neológico de los Observatorios. ALVES, I. M. (Org.) *Neologia e neologismos em diferentes perspectivas*. São Paulo: Paulistana, p. 13-33, 2010.

CÂMARA JR. J. M. Ampliação e renovação lexical. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, p. 213-234, 1975.

_____. *Problemas de linguística descritiva*. Rio de Janeiro: Vozes, 1969.

CANÇADO, M. *Manual de Semântica: noções básicas e exercícios*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2015.

CARVALHO, N. M. Caminhos do neologismo no Brasil. ALVES, I. M. (Org.) *Neologia e neologismos em diferentes perspectivas*. São Paulo: Paulistana, p. 277-291, 2010.

_____. *O que é neologismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CASTILHO, A. de. O que se entende por língua e por gramática. *Nova gramática do português brasileiro*, 2ª ed., em preparo, 2015.

_____. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48ª ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 2009.

CEREJA, W. R. & MAGALHÃES, T. C. *Gramática reflexiva. Texto, semântica e interação*. São Paulo: Atual, 1999.

COUTINHO, I. de L. *Gramática histórica*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Imprensa do Livro Técnico, 1976.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

CUNHA, C. & CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DUARTE, P. M.T. *A formação de palavras por prefixo em português*. Fortaleza: EUFC, 1999.

GONÇALVES, C. A. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo: Contexto, 2016.

_____. Prefixação: composição ou derivação? Novos enfoques sobre uma antiga polêmica. *Matraga*. v. 19, n. 30. p. 142-167. Rio de Janeiro: jan/jun 2012.

GUILBERT, L. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.

_____. Théorie du néologisme. *Cahiers de l'Association Internationale des Etudes Françaises*, 25, p. 9-29, 1972.

ILARI, R. et al. A preposição. ILARI, R. (Org.) *Palavras de classe fechada*. São Paulo: Contexto, p. 163-310, 2015.

JUBRAN, C. C. A. S. Tópico discursivo. *Gramática do português culto falado no Brasil*. v. 1. Campinas, SP: Editora da Unicamp, p. 89-132, 2006a.

_____. Parentetização. *Gramática do português culto falado no Brasil*. v. 1. Campinas, SP: Editora da Unicamp, p. 301-57, 2006b.

KEHDI, V. *Morfemas do português*. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

LEITE GONÇALVES, S. C. & CARVALHO, C. S. Critérios de gramaticalização. LEITE GONÇALVES, S. C. et al. (Org.). *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola Editorial, p. 67-90, 2007.

LUFT, C. P. *Moderna gramática brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Globo, 2002.

MAIA, J. D. *Gramática. Teoria e exercícios*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2000.

MARONEZE, B. O. *Um estudo da mudança de classe gramatical em unidades lexicais neológicas*. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MONTEIRO, J. L. *Morfologia portuguesa*. 4ª ed. Campinas: Pontes, 2002.

OLIVEIRA, M. R. Interações na blogosfera. SHEPHERD, T. G. & SALIÉS, T. G. (Org.). *Linguística da internet*. São Paulo: Contexto, p. 157-179, 2013.

PEREIRA, C. E. *Gramática expositiva*. 83ª ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1952.

RAJAGOPALAN, K. Como o internetês desafia a Linguística. SHEPHERD, T. G. & SALIÉS, T. G. (Org.). *Linguística da internet*. São Paulo: Contexto, p. 37-53, 2013.

REY, A. Néologisme: um pseudoconcept? *Cahiers de Lexicologie*, n. 28, p. 3-17, 1976.

RIBEIRO, J. C. *Grammatica portugueza*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1914.

ROCHA, L. C. de A. *Estruturas morfológicas do português*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 48ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

SABLAYROLLES, J. F. Le sentiment néologique: une compétence qui s'acquiert et s'affine.

ALVES, I. M. et al. (Org.) *Os Estudos lexicais em diferentes perspectivas* (v. III). São Paulo: FFLCH/USP, p. 6-20, 2013.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

SANDMANN, A. J. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scienca e Labor/Ícone, 1989.

SCHWINDT. L. C. Morfologia. SCHWINDT. L.C. (Org.). *Manual de Linguística. Fonologia, Morfologia e Sintaxe*. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 109-154, 2014.

_____. O prefixo no português brasileiro: análise prosódica e lexical. *Delta*, v. 17, n. 2, São Paulo, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502001000200001&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 08-nov-2015.

II –Dicionários e vocabulários digitais

Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 2009.8

Novo dicionário Aurélio (versão eletrônica).

Dicionário Caldas Aulete (versão online). Disponível em: www.aulete.com.br. Acesso em: 06-jan-2016.

Dicionário Michaelis da língua portuguesa (versão online). Disponível em: www.michaelis.uol.com.br. Acesso entre: 01-mai-2015 e 20-jan-2017.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Nota explicativa. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5ª ed. Global: Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: 200.155.21.154/abl/media/Nota%20Explicativa.pdf. Acesso em: 07-jul-2016.